

Sob a Brisa do Mar

(Kate Kingsley)

Título original: **Ransom of the heart**



Personagens cheios de vida e coragem numa inesquecível aventura no Marrocos!

A ruína da bela e orgulhosa Danielle Valmont foi recebida com satisfação pela elite de Nova Orleans. Que Danielle agora achasse sozinha uma saída quando todos os caminhos se fechavam! Era uma justa punição para uma rebelde incurável.

Arturo De Leon ainda se ressentia da jovem aristocrata que o rejeitara numa noite em que havia sonhado com o amor. Mas a forte atração que ela lhe despertava instigou-o a protegê-la. Raptou-a e levou-a para uma longa e emocionante viagem ao Marrocos, a bordo de seu navio. E até mesmo para um experiente corsário foi uma surpresa ver a mulher amada demonstrar sua gratidão esfaqueando-o à queima-roupa!





Disponibilização do livro: **Nutri.Rosangela**

Digitalização: **Polyana**

Revisão: **Nádia**

A autora

Kate Kingsley adora escrever romances históricos. Nascida em Nova Orleans, atualmente vive em San Francisco, onde é voluntária em um hospital. Nos momentos de lazer, gosta de ler, pedalar e viajar pelo mundo com seu marido, um ator e locutor de televisão.

Copyright © 1991 by Karen Delk

Publicado originalmente em 1991 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos, são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Tradução: Míriam Martinho

Copyright para a língua portuguesa: 1992

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3 andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e Acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

Nova Orleans, 1824.

Danielle Valmont desceu a cortina da janela da carruagem e colocou o rosto por entre a abertura estreita, piscando ao sentir uma rajada de vento frio, vinda do rio Mississipi, situado a alguns quilômetros dali. Erguendo a cabeça, observou as familiares sacadas de ferro dominando a rua iluminada apenas pela luz bruxuleante de lanternas, em meio à densa névoa.

— Olhe, Yves — ela chamou o irmão, apreensivo por vê-la com a cabeça para fora da janela —, o salão de danças não está lindo?

Sorrindo de forma indulgente, ele espiou por sobre o ombro da irmã, concordando:

— Oui lindo!

Naquela noite, o salão de danças Orleans, iluminado internamente por velas em cada janela e, externamente, por festivas lanternas de papel, estava reunindo a aristocracia rural para o baile de máscaras de inverno.

Criados de libré agitavam-se para atender famílias inteiras que desciam das carruagens, algumas após um dia inteiro de viagem, desde suas fazendas. Vestidas de negro, matronas severas contrastavam vivamente com as filhas, exuberantes em sedas, tafetás e rendas, as faces refletindo o brilho da expectativa.

Mulheres de todas as idades, com suas saias armadas, tagarelavam alegremente, acompanhadas por cavalheiros que, em instantes, introduziam-nas no salão, sob as luzes de inúmeros candelabros de cristal.

Fora do prédio, escravos, ex-escravos e negociantes se amontoavam na rua estreita para espiar a elite de Nova Orlens, les bonnes familles.

Entre eles, os Valmont desceram da carruagem, Yves na frente, jovial em sua roupa de gala.

— Olhe, mamãe — murmurou uma jovenzinha nas proximidades —, é o senhor Yves, mais bonito ainda do que quando dançamos no baile do quadrarão, na semana passada.

- Oui, belo com seus cabelos loiros — confirmou a mãe, baixinho —, e devasso como sempre. E dizem que a irmã é da mesma espécie.

Felizmente, Yves não ouviu os comentários da mulher, preocupado em ajudar a irmã a descer da carruagem, após haver afastado o criado que se aproximara para atendê-los. Envolta numa capa negra, a moça loira e alta

provocou suspiros entre os circundantes, impressionados com sua beleza.

Danielle desceu devagar da carruagem, detendo-se por instantes no degrau, o rosto perfeito, parcialmente oculto pela meia máscara de cetim, as faces rosadas e o brilho nos olhos castanhos evidenciando-lhe o excitamento.

O irmão, orgulhoso, apressou-se em guiá-la para o interior do prédio, ansioso pela bebida que o aguardava na sala de jogos, após a longa e enregelante viagem desde Felicite, a fazenda dos Valmont.

— Bonsoir, madame Barrios — Yves cumprimentou uma austera matrona ao passarem pela entrada de mármore do salão, ornada com pesada estatuária.

Após expressão de espanto, a mulher os cumprimentou com frieza, acenando a cabeça e desviando os olhos com rapidez para fitar os convivas que vinham atrás deles.

Indiferente á reação da mulher ao vê-la retirar a capa preta, Danielle ajeitou com visível satisfação o vestido de veludo creme, de decote baixo, cintura alta, enfeitado com grinaldas brancas sobre uma anágua de renda preta de barra dourada. No colo alvo, trazia uma simples correntinha de ouro, mesmo material de que eram compostos os pequenos brincos.

Os cabelos loiros, presos na nuca, desciam-lhe, em cascatas volumosas pelas costas, completando-lhe a fascinante figura.

— Mon Dieu — exclamou Yves entre os dentes ao notar o vestuário da irmã, enquanto a arrastava para trás de uma estátua.

— Danielle Marie-Christiane Valmont! — ele sibilou, inclinando-se sobre ela, furioso. — Então é por isso que não tirou a capa desde nossa saída de casa? Sabia que não a deixaria sair vestida dessa forma!

— O que há de errado com o vestido? É lindo, e a última moda em Paris — ela replicou, alisando o veludo de cor creme.

— Lindo e impróprio. Mesmo tendo comparecido a poucos bailes, sabe que moças solteiras não usam veludo nem outra cor além de branco, muito menos anáguas pretas. O que as pessoas vão pensar?

O rosto aristocrático de Yves estava afogueado.

— O vestido é quase branco — ela insistiu teimosamente, nos olhos uma expressão um tanto perplexa. — Além disso, foi você que sempre disse que nós somos Valmont, portanto...

— Devemos levar a vida como bem entendermos — ele completou a frase, com ar arrependido. — Dieu, algumas vezes minhas palavras se voltam contra

mim. Olhe Dani, sei que não tenho sido um bom exemplo para você, mas não vai querer aquelas velhas fofoqueiras falando a seu respeito, vai?

— Já estão falando — ela replicou, erguendo o queixo com altivez.

— Não adianta discutir — Yves suspirou. — Venha, vamos voltar para casa.

— Não. — Danielle foi categórica. — Eu decidirei quando devo ir embora. Não vou perder o baile só porque você é reacionário. Não vim aqui para encontrar um marido? Pois bem, então devo vestir-me da forma mais atraente possível para impressionar os prováveis interessados.

— Não fale assim — protestou o irmão com veemência.

— Por que não? Primeiro, diz que preciso casar, depois me trata como a uma criança. Bem, não sou uma criança e também não vou embora.

— Certo, ficaremos — cedeu Yves, inesperadamente —, mas não diga que não a avisei sobre as fofocas.

Apesar da raiva, Yves não conseguia esconder o orgulho que tinha da jovem e bela irmã. Aos dezoito anos, alta e esbelta, de grandes olhos castanhos, emoldurados por longos cílios negros, e um sorriso encantador que revelava dentes alvos e perfeitos, ela se transformara numa beldade ao mesmo tempo devastadora e inocente, totalmente inconsciente do próprio poder de sedução.

Com todos os olhos do salão, em especial os masculinos, pregados no ousado decote do vestido de Danielle, ele a conduzia pelo recinto orando para que a noite não terminasse num duelo sangrento em defesa da honra dos Valmont.

Atingindo o salão de danças propriamente dito, reparou que uma fila de matronas, denominadas "princesas", encabeçada pela "rainha", a imponente Martine Arceneaux, todas formando a corte do baile de máscaras de inverno, aguardava-os entre murmúrios e cutucões.

— Olhe para aquele vestido! — sussurrou uma das "princesas" ao ouvido de madame Arceneaux. — É simplesmente indecente!

— É só um pouco ousado, Sylvie — replicou Martine, compassiva —, mas estou certa de que ninguém a aconselhou sobre como vestir-se. Desde a morte da mãe, a pobre criança não tem quem possa orientá-la.

— Tem razão, mesmo porque ela não pode contar com o libertino do irmão nesse particular. Quando penso como sua mãe era gentil e digna... Ficaria chocada se pudesse ver como a família degenerou.

— Está falando de minha melhor amiga, Solange Valmont? Ela era extrovertida e orgulhosa. Muitas de suas qualidades parecem haver passado para

a filha.

Neste ínterim, Yves e Danielle se aproximaram das matronas, sob os olhares curiosos dos circundantes, ansiosos para ver como a rainha do baile de máscaras, juíza incontestada da sociedade de Nova Orleans, iria tratar o par recém-chegado.

Com sua usual altivez, Danielle abriu o leque de rendas negras, encarando as mulheres que a examinavam bem como ao irmão.

— Yves, Danielle, que bom vê-los aqui! — cumprimentou-os Martine, aproximando-se dos jovens num gesto de inequívoca solidariedade. Não permitiria que as crianças de Solange passassem qualquer embaraço;

— O prazer é nosso — respondeu Yves, inclinando-se numa reverência, um imenso alívio estampado no rosto. Em seguida, beijou a mão que a mulher lhe oferecia enquanto Danielle se abaixava, levemente, num gesto de cortesia.

— Bonsoir, madame Arceneaux — ela respondeu, consciente dos olhares que a despiam. — Fico feliz de vê-la novamente.

— Está adorável, querida — disse a matrona, mirando-a, de cima a baixo, com uma inescrutável expressão no rosto.

— Merci. Angelique já chegou?

— Oui... e Augustine também. Deve lembrar-se dele, naturalmente. É meu segundo filho, apenas um pouco mais jovem que seu irmão.

Madame Arceneaux convocou os filhos, do outro lado do salão, dirigindo-se depois à orquestra, silenciosa desde a chegada de Danielle.

— Música, sil vous plait.

Angelique, gorducha mas atraente, cruzou o salão, onde estivera dançando com o irmão para atender ao chamado da mãe.

Toda de branco, parecia uma senhora, embora dois anos mais jovem que Danielle. Criada dentro dos padrões apropriados para uma jovem da aristocracia crioula, comportava-se de acordo, à espera do casamento que os pais logo lhe arranjariam.

Ao ver a amiga, os olhos negros de Angelique se arregalaram por trás da meia máscara rosa.

— Oh, Danielle, que vestido lindo! Está adorável, não é, Augustine?

— Trèsjolie, mademoiselle Valmont! — exclamou o jovem esbelto ao lado de Angelique.

— Sempre a invejei, Danielle, por sua ousadia e formosura — declarou Angelique, com franqueza ingênua.

— E sempre foi a favorita entre as amigas de minha irmã — acrescentou Augustine, entusiasmado, completando em seguida:— Pode dar-me o prazer de sua primeira dança, mademoiselle! Se seu irmão não se opuser, é claro.

— Dê tempo a ela, Tintin — brincou Angelique, antes que Yves pudesse responder qualquer coisa. Depois, voltando-se para a amiga, completou; — Não tire os olhos dele, Danielle. Vai tentar assinar todos os espaços de seu cartão de dança. Não deixe ninguém colocar o nome duas vezes,

— E quanto a mim? — Uma voz masculina se fez ouvir. — Quero dançar todas as valsas com ela.

— Vincent Gauthier, não pode fazer isso! — Angelique cumprimentou um dos mais fortes pretendentes de Danielle com uma repreensão. — Assim ninguém mais terá chance de dançar com ela.

— É exatamente o que pretendo — replicou, bem-humorado, o jovem elegante a sua frente. — Não se importa se lhe roubar a prerrogativa da primeira dança de Danielle, não é, Yves?

Ao receber a aprovação de Yves, Vincent guiou Danielle para o centro do salão, antes que algum rival se aproximasse.

— Espere, Dani — chamou Angelique. — Deixe seu cartão comigo. Preciso garantir que Tintin será o próximo a dançar com você ou ele ficará deprimido o resto da noite.

Com um sorriso, Danielle soltou a fita que prendia o cartão de dança a sua cintura e o jogou para a amiga.

Vincent lançou um olhar irritado para Angelique e, em seguida, rodopiou com Danielle até o centro do salão, indiferente a tudo mais além de sua presença.

Na sacada superior que se debruçava sobre o imenso salão de baile, Arturo De Leon, recostado em uma balaustrada com uma das pernas sobre o corrimão polido, balançava-a preguiçosamente, sonolento com o calor gerado pelas milhares de velas e pelos dançarinos rodopiando a seus pés.

Sem conter um bocejo, observou Yves Valmont parar num canto pouco iluminado do salão para beber de um frasco prateado, antes de seguir para a sala de jogos. Incomodado, esticou-se, flexionando os ombros largos.

Já teria descido até o salão, em busca do olhar caloroso de uma jovem matrona, não fosse o marido da mesma que, por certo, o perseguiria pelo resto da

noite. Já havia pensado em sair para tomar ar fresco, mas a preguiça o impedia de mover-se.

Letargicamente, soltou o lenço verde em volta do pescoço com uma das pontas, limpou a sobancelha. Sacudindo a cabeça, ergueu a máscara de cetim amarelo até a testa, desarrumando os cabelos negros que lhe caíam pelos ombros, emprestando um ar ainda mais dissoluto à aparência já pouco usual.

Puxando um relógio do colete, verificou, aborrecido, que era apenas meia-noite. O baile acabara de começar. Repôs o relógio no lugar e passou a vasculhar os bolsos da jaqueta azul refletindo por que, afinal, insistia em comparecer àquelas festas.

Mesmo sem o valor do suborno, que sempre pagava para poder ter acesso ao recinto, o preço da entrada era exorbitante. Por outro lado, considerava as salas de dança entediantes, a música fúnebre e as moças crioulas nada além de virgenzinhas super protegidas. Enfim, só podia ser realmente o prazer de chocar a elite local que o fazia comparecer a todos aqueles "velórios".

Por um instante, divertiu-se com a idéia de ir em busca de sua última conquista, uma serviçal risonha, de madeixas crespas, e curvas tentadoras. Enquanto mudava de posição mais uma vez para melhor apreciar o baile, encontrou finalmente o que procurava dentro dos bolsos.

— Havana? — ele perguntou a Denis LeBlanc, um jovem crioulo que conhecia das mesas de jogo, oferecendo-lhe um maço de couro que continha grossos cigarros escuros.

— Merci — agradeceu o homem.

Acima do salão e dos olhares de censura da elite, os dois companheiros partilharam do mesmo ritual de cheirar e apreciar os respectivos cigarros, cortar-lhes a ponta com uma pequena faca prateada, acendê-los e dar uma longa e prazerosa tragada.

De repente, um exuberante rodopiar de tecido branco e negro no salão abaixo chamou a atenção de Arturo, que se inclinou sobre a balaustrada, com súbito interesse.

— LeBlanc... — Ele cutucou o amigo, imerso em pensamentos. — Quem é aquela moça lá embaixo? E como não a havia visto ainda?

— Ah, aquela é Danielle Valmont, debutando — respondeu Denis, com voz arrastada.

— Ouvi falar dela várias vezes desde que cheguei, na semana passada, mas a imaginava muito diferente.

— Como assim? — perguntou o amigo perscrutando, divertido, o rosto maravilhado de Arturo.

— Valmont a manteve tanto tempo escondida no campo que supus tratar-se de um tipo mais... não sei bem... mais rústico.

— De certa forma, não deixa de ser.

— Então a conhece?

— Costumava vê-la quando ia jogar cartas em Félicité, mas nos últimos anos Yves a afastou do convívio mundano, super protegendo-a. Agora está à caça de todos os homens solteiros que possam se candidatar a pretendentes da irmã.

— Você é um deles?

Denis deu uma gargalhada, dizendo:

— Não, apesar de toda a inteligência e beleza de Danielle.

— Também é inteligente?

— Sim. Lembro-me dela discutindo sobre escravidão com monsieur Soulé, o promotor. Parece que alforriou a única escrava que tinha, aos dez anos de idade. Felizmente só possuía uma a quem libertar. Soltar escravos não é boa tática para arrumar maridos na Louisiana.

— Como não a vi entrar? — perguntou-se Arturo, que mal ouvira a conversa do amigo.

— Estava ocupado com a moça ruiva na despensa — zombou Denis.

— Tem razão, Rita... Você gostaria dela — afirmou De Leon, absorto na contemplação de Danielle. — Ela é magnífica, não?

— Tem certo estilo, embora, com dinheiro, até mesmo piratas, ou melhor... desculpe-me De Leon, corsários como você possam adquirir sofisticação.

Arturo ignorou a alusão mordaz a sua profissão, os Velhos olhos azuis presos a cada detalhe da cena que se desenrolava abaixo.

— Ela tem mais que estilo, LeBlanc — retrucou o corsário. — Ela tem beleza, cabelos dourados e pele acetinada. Só lhe falta mesmo o cartão de dança.

Abruptamente, ele se empertigou. Arrumou a gravata, colocou a máscara no rosto e penteou os cabelos e o bigode com os dedos. Já descia as escadas rumo ao salão de baile quando comentou com o amigo, que permaneceu na balaustrada, observando-o:

— Não vou mais perder tempo com conversas, Denis. Quero me apresentar à moça que, com sua inteligência, saberá apreciar um homem viajado como eu.

Ouvi dizer que garotas do campo aprendem depressa a arte da paixão.

Com um sorriso malicioso, De Leon abriu caminho pelo salão apinhado, indo postar-se atrás de Danielle e seu par exatamente quando a orquestra iniciava uma nova música.

Dando um tapinha no ombro de Vincent, que enlaçava possessivamente a cintura de Danielle, Arturo cumprimentou a moça com uma inclinação de cabeça.

— Esta dança é minha, mademoiselle Valmont.

— Um momento, monsieur. Seu nome está no cartão de danças da senhorita? — objetou Vincent, visivelmente contrariado.

— Claro — afirmou o corsário, tomando gentilmente o braço de Danielle e livrando-a do antigo par. — Por que não vai ver por si mesmo?

— Quem é você? Como sabe meu nome? — Danielle inclinou o rosto mascarado na direção do estranho, ao mesmo tempo que pousava uma das mãos no ombro forte e o fitava com curiosidade. — Já nos encontramos antes? É um dos amigos de meu irmão?

— Não nos encontramos antes, mas deveríamos tê-lo feito. Quanto a seu irmão, sim, eu o conheço. Mas vamos deixar de conversas. Dancemos apenas.

Apesar do físico avantajado, Arturo não fez má figura, deslizando com a moça e exibindo sua habilidade em uma série de passos intrincados.

Danielle, entretanto, não resistiu à vontade de fazer-lhe outra pergunta.

— Seu nome está mesmo em meu cartão de danças, senhor?

— Que acha? — Ele sorriu para ela.

— Creio que não. — Ela lhe retribuiu o sorriso, uma expressão divertida no rosto.

— Bem, eu poderia ter assinado seu cartão, mademoiselle, mas essas formalidades me parecem pura perda de tempo, tempo que preferi aplicar na dança com a moça mais bonita do baile.

Danielle enrijeceu o corpo ao perceber que o estranho a puxava mais e mais contra si, os lábios sensuais perigosamente próximos dos dela.

— Por favor, monsieur... — ela começou.

— Capitão. Capitão De Leon — ele se apresentou.

— Por favor, capitão De Leon, não me aperte tanto. O pedido não só não foi atendido como provocou até reação inversa à esperada. Apertando-a ainda mais junto a si, Arturo exclamou:

— Não vai querer que nos percamos um do outro, não é, querida? Dançamos tão bem juntos.

Danielle não pôde deixar de rir, entregando-se aos braços do corsário e à musica inebriante com a mesma leveza dos passos que davam no salão. Quando a orquestra parou. De Leon a levou, até uma cadeira vazia, do outro lado do recinto, longe de Vincent que já os avistara entre a multidão.

— Sente aqui enquanto vou buscar uma bebida. Um suco de frutas, um ponche talvez...

Danielle se acomodou na beira da cadeira, imaginando quem poderia ser aquele estranho tão ousado, que a mascara a impedia de reconhecer. Era bonito e elegante, com os brocados e o traje vistoso. Será que já o tinha encontrado antes? Suas reflexões foram interrompidas pelo burburinho de um grupo de mulheres às suas costas, a quem madame Dufren se dirigia com voz exaltada.

— Que par! Um patife e uma órfã teimosa. Yves Valmont pode pensar que tem conseguido proteger a irmã enquanto se entrega à vida devassa, mas se engana. Garanto-lhes que anda por aí sem acompanhante. Costumava visitar seu professor, o falecido monsieur Douet, imaginem, e até compareceu a seu enterro. Filhas de boas famílias de Nova Orleans não vão a funerais. Quem ela pensa que é? — A mulher fez uma breve pausa para respirar e continuou: — Isso sem falar que a vi montando aquele cavalo preto, em pêlo, e ainda com um desses mascates na garupa.

Embora não fosse de se incomodar com mexericos, Danielle estava prestes a intervir na conversa do grupo e desacatar madame Dufren, quando De Leon retornou com duas taças de ponche.

— É um patife, capitão De Leon?

— Algumas pessoas parecem pensar que sim — ele respondeu, divertido.

— Por acaso ó um pirata?

— Um corsário, mademoiselle, talvez um contrabandista, mas nunca um pirata. Por que pergunta?

— Por nada. Foi só algo que ouvi.

— Entendo — ele respondeu, olhando de relance para as costas largas de madame Dufren. — Creio ter ouvido algo também.

Suspirando, ele se inclinou em direção a Danielle, perguntando:

— Meu destino é ser alvo de fofocas, e já que vai partilhá-lo comigo, não quer me chamar apenas de Arturo?

— Tudo bem... Arturo. — Danielle sorriu.

— Venha então, ma belle, vamos dançar mais uma vez e dar-lhes outro motivo para futuras.

Sob o brilho dos candelabros, Danielle e Arturo formavam um belo casal, rodopiando no salão sob o olhar invejoso das mexeriqueiras. O corsário, radiante com seu lindo prêmio, sorria mantendo a cabeça inclinada, próxima a de Danielle, prendendo-a firmemente pela cintura.

Num dos rodopios, ela vislumbrou o rosto irado do irmão e temeu pelo fim da música. Tão concentrado em observá-la, Yves até pisou no pé da parceira com quem dançava.

Quando a música terminou, o rapaz aproximou-se do casal e, segurando a irmã pelo braço, declarou com rispidez:

— Meu nome é o próximo no cartão de danças de minha irmã.

— Como desejar, monsieur Valmont. Foi um prazer, mademoiselle — respondeu Arturo, beijando a mão de Danielle e desaparecendo em meio à multidão.

Segurando a irmã pelos braços, Yves indagou, exalando um forte cheiro de conhaque:

— Por que está perdendo tempo com um pirata?

— O capitão De Leon é um corsário.

— É um pirata, um degolador e um sedutor de mulheres honestas. Se fosse um cavalheiro, eu o desafiaria para um duelo.

— Não fui seduzida, e você não vai desafiar ninguém para um duelo. Não vou ser mais uma desculpa para as confusões em que se mete quando está bêbado.

— Seja razoável, Dani — adalou-a Yves, preocupado que alguém pudesse ouvi-los. — Assim, vai deixar Vincent zangado. Sei que não o ama, mas ele é um bom partido. Por que não pega seu cartão com Angelique e fica sabendo quem está realmente em sua lista de pares?

Danielle obedeceu o irmão, espantando-se ao ver o cartão já todo preenchido. Seguindo a ordem da lista, dançou com uma série de admiradores até voltar aos braços de Vincent, que em momento algum deixara de observá-la.

— Fico feliz que tenha me honrado com mais esta dança, mademoiselle, principalmente quando tem tantos outros pretendentes a sua espera — disse o rapaz, com ironia ressentida.

Danielle sentiu uma ponta de irritação que logo controlou, replicando, com um suspiro:

— É um prazer para mim também, monsieur Gauthier. Perdendo a reserva, Vincent a puxou para mais perto de si e confessou:

— Oh, Danielle, temos só mais uma dança juntos. Não consigo apreciar a festa, vendo-a disputada por tantos admiradores.

— Então, vamos usufruir de nossos momentos juntos, Vincent — replicou Danielle, encerrando a conversa.

Quando a música terminou, Gauthier deixou Danielle nos braços do par seguinte e foi juntar-se a Yves, ambos bebericando ponche fortalecido com conhaque, que Yves despejava do frasco de bolso. Ambos se entretinham na contemplação da beleza da moça, que seguiu pela noite entre danças, risadas e conversas. Só um pouco mais tarde decidiram ir à sala de jogos, com andar cambaleante, enquanto não chegava a vez de Vincent dançar novamente com Danielle.

O próximo par da moça, um americano desajeitado, após pisar-lhe os pés uma dúzia de vezes e desculpar-se mais outras tantas, convidou-a para sentar-se enquanto ia buscar bebida.

Foi nesse momento que Arturo reapareceu à frente de Danielle. Inclinando-se, tomou-lhe as mãos e puxou-a de volta ao salão.

— Certamente seu irmão não vai querer esta dança — ele afirmou.

— Meu irmão não, mas há outra pessoa me aguardando — ela protestou timidamente, tentando avistar o último parceiro.

— O americano já dançou o que pôde — retrucou Arturo, com um risinho.

Danielle quis objetar, mas viu-se prisioneira da intensidade do olhar do corsário. Com esforço, desviou os olhos e concentrou-se no brinco de ouro que Arturo usava na orelha esquerda, em sua tez bronzeada e nas minúsculas linhas nos cantos dos lábios, encimados por espesso bigode. Por segundos, imaginou aquela boca carnuda sobre a sua, enrubescendo com o pensamento. Como se pudesse ler-lhe a mente, De Leon sorriu, abraçando-a com mais força.

Da sacada, Yves Valmont notou que a irmã voltara a dançar com o pirata e decidiu interferir naquela situação vergonhosa. Com o rosto aristocrático afogueado pelo excesso de álcool e raiva, desceu as escadas e tentou abrir caminho entre a multidão, mas os passos trôpegos o impediram de prosseguir. Em vez disso, ficou parado fitando enraivecido o casal que rodopiava alegremente entre os demais pares.

Ao terminar a música, Danielle pousou as mãos no peito de Arturo e o empurrou delicadamente, declarando:

— Preciso ir. A próxima dança é de Vincent.

— Ele não vai se importar que dance comigo de novo. Está lá em cima, bêbado. É triste ver o que o ciúme causa a um homem.

A orquestra recomeçou, e Arturo arrastou outra vez Danielle para dançar.

— Por favor, deixe-me ir. Meu irmão vai ficar irritado comigo.

Não creio que costume obedecer seu irmão, mademoiselle. Parece-me do tipo de mulher que manda no próprio nariz.

— Sem dúvida, capitão, e, no momento, o que mais desejo é afastar-me do senhor. Yves andou bebendo e fica muito agressivo nessas condições.

— E teme que ele me desafie para um duelo? Não acredito que o faça.

— Ele já o teria feito se o senhor fosse um... um cavalheiro.

Arturo deu uma sonora risada diante da frase.

— Não creio que esteja em perigo, senhorita. Na verdade, o único a correr riscos aqui sou eu. Duelos são perda de tempo e energia, mas, se tiver de lutar por você, eu o farei. Só não duelo por estúpidas questões de honra.

A voz possessa de Yves, chamando a irmã, interrompeu os galanteios do corsário.

— Venha comigo, Danielle — ele vociferou, cambaleante, agarrando-a pelo braço.

Com uma careta, Arturo aquiesceu em soltar Danielle sem protestar, fazendo uma mesura.

— Bonsoir mais uma vez, mademoiselle. Espero que possamos nos ver novamente e terminar esta dança,

— Não haverá outra vez, De Leon. Afaste-se de minha irmã! — esbravejou Yves, colocando a mão no cabo do punhal que trazia à cintura.

Arturo estreitou os olhos, mas não fez qualquer movimento no sentido de pegar a espada, preferindo observar o rosto tenso e pálido de Danielle, que temia pelo resultado daquela discussão.

Os demais convidados observavam nervosamente os dois homens.

— Não há razão para derramamento de sangue, Valmont. Sua irmã é adulta o suficiente para saber escolher as próprias companhias — retrucou o corsário,

embora mantivesse a calma.

— Minha irmã é...

— Capaz de decidir sozinha o que fazer, Yves — interrompeu-o Danielle, furiosa, deixando os dois homens perplexos com a firmeza da afirmação. — E, neste momento, eu escolho ir para casa.

Sem mais uma palavra ou sequer um olhar de relance, ela deu as costas aos dois e marchou para fora do salão, seguida de perto, momentos depois, pelo desconcertado irmão.

CAPITULO II

A brisa desalinhava os cabelos de Danielle, em pé no pequeno-balcão do quarto de onde costumava apreciar os jardins de rosas de Felicite. Minúsculos ramos começavam a brotar nos arbustos, anunciando a primavera.

Entretanto, apesar da vista primorosa e do calor do sol nos ombros, ela fitava a paisagem sem vê-la, preocupada com o irmão que a esperava na sala de jantar para o café da manhã.

Embora Yves tivesse seus defeitos, como beber demais, jogar e farrear, adorava-o, sendo inteiramente correspondida em seu afeto.

Havia algumas semanas, contudo, que o despreocupado Yves andava taciturno, desaparecendo no estúdio após o jantar, andando inquieto para cima e para baixo, acompanhado de uma garrafa de bourbon. Horas depois, tarde da noite, Danielle podia ouvir seus passos trôpegos escada acima, a caminho do quarto. No dia seguinte, aparecia com olheiras profundas, imerso em silêncio. Quando tentava perguntar o que estava acontecendo, ele assumia um ar fingidamente jovial e lhe dizia para não se preocupar.

Na verdade, desde o baile de máscaras, havia um mês, as relações entre os dois andavam estremecidas. Yves não lhe perdoara a saída dramática, que, segundo dizia, embaraçara-o frente a todos, e vivia atormentando Danielle sobre a necessidade de casar-se.

De repente, o tilintar de pratos na mesa de jantar obrigou-a a sair do devaneio. Abrindo a porta envidraçada que dava para a sacada, entrou no quarto contemplando-se de relance no espelho. Tinha de descer. Já de saída, contudo, olhou para a máscara de cetim negro pendurada em uma das pontas do espelho e, num impulso, pegou-a, acariciando-a enquanto sorria. A lembrança dos braços de

Arturo De Leon, enlaçando-a pela cintura, a fez rodopiar pelo quarto, cantarolando uma canção.

Só parou ao deparar-se com o próprio reflexo no espelho. Sentindo-se culpada, recolocou às pressas a máscara no lugar, prendeu os cabelos num coque e desceu as escadas, pronta para um novo confronto.

— Bonjour, Danielle — cumprimentou-a Yves, a boa aparência disfarçando a forte dor de cabeça, embora não lhe ocultasse os olhos injetados e um leve tremor nas mãos.

— Bonjour, Yves. — Danielle se inclinou para beijar a face bem escanhoadada do irmão, dirigindo-se em seguida para seu lugar na mesa. Uma empregada surgiu da despensa e serviu uma xícara de café aromático a sua patroa, repetindo o gesto com o dono da casa.

— Merci beaucoup, Lydie — agradeceu Danielle enquanto observava o olhar irônico que o irmão lançava a seu vestido azul.

— Está linda, hoje, ma petite. Vai a algum lugar?

— Vou fazer compras com Angelique.

— Boa idéia — comentou Yves bebericando o café.

— Bem, se vai sair com mademoiselle Arceneaux, não precisarei lhe dizer que deve se comportar como uma dama.

— Não mesmo — ela respondeu com um sorriso um pouco forçado.

— Bien — ele replicou sorridente, perscrutando a expressão da irmã em busca de uma chance de perguntar-lhe como fora a visita de Vincent na noite anterior. Como não visse nada de convidativo nos olhos da moça, depositou o guardanapo sobre a mesa e disse, levantando-se: — Tenho de ir agora. Vou mostrar a fazenda ao supervisor. Mais tarde conversamos.

Danielle estava terminando o café quando ouviu o som de uma carruagem adentrando a aléia e, segundos depois, antes mesmo de os criados alcançarem a entrada, o de uma batida na porta, acompanhado da voz animada de Angelique.

— Bonjour, Zeme — ela cumprimentou a antiga ama dos Valmont. — Danielle se encontra na sala de jantar? Hum, algo está cheirando tão bem. Sobrou café?

Sem tomar fôlego, dirigiu-se à sala de jantar, onde também bombardeou Danielle com seu falatório desenfreado.

— Olá, Dani. Pronta? Precisamos nos apressar. Oui, café, por favor, Lydie. Algo de errado — ela continuou, acomodando-se numa cadeira em frente a

Danielle. — Parece cansada,

— Não dormi bem.

— Ah, querida, você e Yves continuam discutindo? — perguntou a garota, tirando as luvas. — Nunca vi família tão encrencada como vocês, Valmont, nem mesmo a minha.

— Há algo de errado com Yves, Angelique. Às vezes fica fora por dias, deixando-me aflita. E quando retorna, aborrece-me tanto que não vejo a hora de vê-lo partir outra vez.

— Com que ele a aborrece? Vincent Gauthier?

— Oui. — Danielle balançou a cabeça. — Inclusive, estranhei não ter perguntado nada sobre a visita de Vincent ontem à noite.

- Oh! — exclamou Angelique com um gritinho de entusiasmo. — Vincent esteve aqui? E ele lhe propôs casamento outra vez?

— Não teve tempo. Estava muito ocupado me perguntando sobre os outros pretendentes.

— Oh, não! E o que lhe disse?

— Nada. Não quero provocar um duelo.

— Entendo. Mas um duelo não seria... romântico? — Com um suspiro, a gorducha amiga de Danielle serviu-se de um sonho, que se pôs a mastigar com prazer. — Hum... deve ser maravilhoso ter um homem apaixonado por você a ponto de se lançar num duelo para provar o quanto a ama.

— Não é tão maravilhoso quando ele quer saber cada movimento que você faz — respondeu Danielle, surpresa com a declaração da amiga. — O ciúme de Vincent estraga tudo.

— Ele é ciumento porque a ama — solidarizou-se Angelique, arregalando os olhos ao ouvir o relógio da sala de estar bater as horas. Limpando o açúcar dos lábios, exclamou: — Dez horas? Como pode ser tão tarde? Vamos, precisamos nos apressar. Não precisa chamar um empregado para acompanhá-la. Trouxe Chantal comigo.

Vestindo a capa azul-escura e um chapéu da mesma cor, Danielle acompanhou Angelique até a carruagem aberta que as esperava, onde Chantal lhes cobriu as pernas e os pés com mantas de lã.

— Nem vai acreditar, Dani — a garota sussurrou ao ouvido da amiga enquanto se acomodavam lado a lado —, mas estamos indo ao Mercado dos Piratas, em Barataria.

— O Mercado dos Piratas? — perguntou Danielle, incrédula.

— E sua mãe não se incomoda que vá até lá?

— Mamãe não sabe aonde vou — riu Angelique. — E Bruno e Chantal não dirão nada. — Inclinou a cabeça na direção dos dois escravos sentados no banco da frente da carruagem. — Este passeio é uma desculpa para eles namorarem. Estão apaixonados. É tão...

— Romântico? — emendou Danielle, rindo.

— Sim. É excitante... ousado. Pensa que só você pode ser arrojada, querida? Além disso, nunca teve vontade de visitar o tão afamado Mercado dos Piratas?

— Oui — respondeu Danielle um tanto hesitante.

— Très bien — Angelique entusiasmou-se. — Então, é exatamente para onde iremos.

A medida que a carruagem avançava, chacoalhando na River Road, a garota crioula voltou a confidenciar com "a amiga:

— Tinha certeza de que viria comigo, Danielle. De fato, você é uma das razões por que quis ir ao mercado. Acha que ele estará lá?

— Quem? — Danielle franziu a testa intrigada.

— O pirata... Capitão De Leon, naturalmente.

— Não. Yves disse que o navio do capitão partiu na manhã seguinte ao baile.

— Que pena, ele é tão interessante — comentou Angelique, desanimada, mas logo entusiasmou-se outra vez. — Está apaixonada pelo capitão? Por isso não quer se casar com Vincent?

— Só o vi uma vez, Angelique — protestou Danielle.

— Uma vez é o suficiente — declarou a outra esperançosa. — Acho-o tão impetuoso e excitante... Acredita que seja tão mau quanto dizem?

— Não — retrucou a amiga, secamente.

— Se não está apaixonada pelo capitão, Danielle, por que não ama Vincent? Ele a ama e é um dos homens mais bonitos de Nova Orleans. O fato de ele ser mais baixo que você não tem importância. Ele é bom, educado, rico e....

— Ele é realmente tudo isso — interrompeu-a Danielle, mudando de assunto e procurando manter a conversa longe de sua vida amorosa até chegarem ao mercado.

A carruagem parou um instante na barragem do rio. Várias outras já aguardavam ali pela travessia de balsa que os levaria para a outra margem, onde seguiriam por estradas enlameadas, ladeadas por árvores cobertas de limo, rumo a Barataria.

Ao alcançarem seu destino, depararam-se com um alegre burburinho.

O famoso Mercado dos Piratas não passava de uma clareira, em um pântano, cercada de ciprestes, onde as mercadorias à venda ficavam em exposição. No terreno alagadiço, grupos de coches se dispunham em círculo e, destes, senhoras com chapéus de aba larga ou sombrinhas para protegê-las do sol despachavam escravos em busca de mercadorias que queriam examinar mais de perto.

Alguns dos objetos eram despojos de guerra; outros, itens importados inacessíveis em lojas americanas.

Senhoras mais corajosas, as bainhas das saias deixando rastros no lodaçal, seguiam escoltadas por cavaleiros em meio à confusão. Cautelosamente, os compradores contornavam cavaletes de madeira, escolhendo atalhos entre sacos contendo especiarias raras, empilhados ao lado de cestas de vime transbordando de limões, limas, cocos e abacaxis.

Por toda parte, veludos, cetins e sedas se encontravam expostos desordenadamente sobre caixotes e barris. Ao longo de uma espécie de corredor, vendedores haviam improvisado tendas com cobertores amarrados a estacas. No solo úmido, marinheiros de pele bronzeada depositavam finos tapetes turcos sobre os quais espalhavam candelabros de prata, caixas de ouro, toda sorte de gemas e pedras preciosas, pentes de marfim, leques de pena de avestruz e peças íntimas femininas. Do outro lado do corredor, cofres de madeira com dobradiças de bronze exibiam uma estonteante série de rendas, fitas e enfeites. Aqui um barril de louça holandesa; acolá, o quadro de um velho senhor recostado em uma cadeira. Por toda parte, havia mercadorias trazidas por corsários protegidos por cartas de marca, assinadas por governadores de várias ilhas caribenhas.

Dos limites da clareira, ecoavam gritos dos espectadores de uma briga de galos, em volta de um poço raso, batedores de carteira avançavam aos encontros com a multidão e, na orla do mercado, velhas encarquilhadas anunciavam poções e encantamentos para obter saúde, riqueza, amor e vingança,

Os odores oriundos da barraquinha de peixes e de um caranguejo sendo cozido ameaçavam sobrepujar o aroma das frutas e dos temperos.

Angelique torceu o nariz, mas apeou da carruagem com ar decidido, abrindo

a sombrinha.

— Venha, Danielle, vai ser divertido. Pode até ficar enlameada, mas pense só em tudo o que vai conseguir encontrar.

— Pneumonia? Malária? — zombou Danielle, descendo da carruagem e quase perdendo a bota na lama.

— Não... toda a espécie de pechincha.

Rindo, a jovem Arceneaux ergueu a saia o mais que pôde e abriu caminho rumo a um vendedor de penas e plumas exóticas.

Motivada pelo entusiasmo da amiga, Danielle a seguiu em busca de terreno mais firme. Ao alcançá-la, já a encontrou barganhando com um marinheiro vesgo o preço de um chapéu de aba larga.

— Veja, senhorita, se comprá-lo, ficará tão bonita quanto eu — brincou o homem, tirando o próprio boné tricotado e colocando o chapéu na cabeça para deleite de Angelique que caiu na risada. Em seguida, passando a mercadoria para a moça, convidou-a a experimentar.

Sem se fazer de rogada, Angelique colocou o chapéu na cabeça, perguntando:

— Então, como estou?

— Na verdade, o chapéu lhe assenta muito mais do que em mim, senhorita. Por isso, vou fazer-lhe um desconto.

Deixando a amiga às voltas com suas negociações, Danielle encaminhou-se para a barraca seguinte, onde se deixou ficar na contemplação de uma prataria finamente acabada até que uma voz familiar a chamou.

— Mademoiselle Valmont, pois não? Que bondade honrar nosso humilde mercado com sua presença.

Embora só houvesse escutado aquela voz uma vez, não poderia enganar-se sobre a identidade de quem a possuía. Voltando-se, viu a figura alta e esguia de Arturo De Leon, no corredor entre as barracas, ainda mais bonito do que quando o conhecera.

Vestido à moda dos bucaneiros, o pirata usava calça marrom, justa nas pernas e enfiada em botas de cano alto, com a camisa de cambraia branca aberta no peito, revelando pêlos crespos sob uma jaqueta de couro. No pescoço, um lenço de seda verde; na cintura, presas por fita de seda amarela, várias pistolas e, no vão das costas, uma faca de aspecto ameaçador.

Os cabelos negros e espessos lhe chegavam aos ombros, e um brinco

dourado reluzia na orelha esquerda. Os olhos azuis a miravam com alegria, acompanhado de um grande sorriso de dentes alvos que contrastavam com o bigode negro e a pele bronzeada.

— Capitão De Leon! — exclamou Danielle com um sorriso radiante.

— Venha, chere, deixe-me vê-la — ele disse, tornando-lhe uma das mãos e trazendo-a para a luz do sol. — Fiquei triste quando deixou o baile, antes da retirada das máscaras, mas vejo que valeu a pena esperar para revê-la. É mais bonita do que imaginei.

Danielle corou, soltando a mão, embaraçada com as palavras lisonjeiras do corsário.

— Bonjour, capitão. Que surpresa encontrá-lo aqui.

— Mas como? Depois da fuga do baile pensei que havia vindo a Barataria especialmente para me ver.

Aproximando-se, o capitão procurou os olhos de Danielle, parcialmente ocultos pelo chapéu de aba larga, fazendo-a desviar o rosto e recuar um passo.

— Achei que era melhor não...

— Não nos vemos mais?

— Não haver derramamento de sangue — corrigiu-o Danielle.

— Choraria se meu sangue fosse derramado?

— Choraria mais se fosse o de meu irmão — ela retrucou, um pouco aborrecida com a proximidade daquele homem que a fazia sentir-se indefesa. — Não costumo chorar por qualquer um.

— Mas não sou qualquer um, senhorita. — Arturo sorriu confiante.

— Oh, Danielle, olhe só o que comprei! — interrompeu-os Angelique, que vinha correndo na direção da amiga, equilibrando a sombrinha e uma imensa caixa de papelão, sem perceber a presença do corsário. Ao vê-lo, estacou de súbito, um sorriso amarelo nos lábios. A má fama de De Leon deixava-a assustada. — Bonjour...

— Angelique, deixe-me apresentar-lhe o capitão Arturo De Leon — apressou-se em dizer Danielle. — Capitão, minha amiga, mademoiselle Angelique Arceneaux.

— Angelique... um nome tão charmoso quanto a moça que o leva — galanteou Arturo, fazendo uma mesura. — É um prazer, mademoiselle Arceneaux. Bem-vinda a Barataria.

— Como vai, capitão? — ela disse com um risinho nervoso.

— Me chame apenas de Arturo, por favor — continuou De Leon, procurando conquistar a simpatia da moça que, para seu pesar, havia lhe interrompido a conversa com Danielle.

Esquecendo o medo, Angelique desandou a falar sobre o Mercado dos Piratas. Quando parou para tomar fôlego, olhou a clareira enlameada a sua volta e perguntou hesitante:

- Não mora aqui, mora, Arturo?

— Quando estamos no porto, sim. — O corsário se postou entre as duas moças, oferecendo-lhes os braços. — Agora, as damas me darão a honra de mostrar-lhes o local? Fora do mercado, não há muito o que ver. Barataria já teve melhores dias, mas ainda a chamamos de lar.

Guiando-as em meio às barracas, passou por uma cervejaria improvisada onde uma garota dançava e seguiu para fora da clareira, próxima ao rio. Distante da multidão, libélulas esvoaçavam, e podia ouvir-se o grasnado de um ganso selvagem a distância.

- Como podem reparar, trata-se apenas de uma pequena vila em pleno pântano. — Arturo apontou para um série de cabanas, construídas sobre palafitas, meio ocultas pela vegetação cerrada. — Não há muito que ver, mas, pelo menos, tenho chance de ficar a sós com as senhoritas mais adoráveis de Nova Orleans.

— Mera, Arturo — respondeu Angelique, ao contrário de Danielle que, sem ligar para as lisonjas do capitão, aproximou-se da água.

Angelique protegeu os olhos contra o sol com a aba do chapéu, enquanto inspecionava a minúscula vila do outro lado do braço do rio.

— É tão simples. Sempre pensei que havia mansões aqui, construídas com o dinheiro das pilhagens.

A mansão de Jean Lafitte ficava por aqui, mas foi destruída pelo fogo há muitos anos. Alguns dizem que mudou para o Texas, onde vem se dando bem. Quem sabe? De qualquer forma, agora quem mora aqui são meus homens, pais de família que quando estão em terra simplesmente caçam e pescam por estas redondezas.

— Que vida monótona para piratas. Pensei que assassinassem pessoas, pilhassem cidades e... — A voz de Angelique morreu na garganta quando se deu conta do que estava prestes a dizer.

— Assassínatos, pilhagens e o que mais? — provocou-a Arturo.

— Oh, nada. — Angelique enrubesceu até a raiz dos cabelos, desviando o rosto e mudando de assunto. — Já matou alguém, capitão?

— Ninguém que não merecesse — retrucou De Leon, acrescentando com um sorriso malvado: — Não se preocupe. Nunca molestaria uma dama tão adorável quanto você. Só mato as feias.

— Entendo — murmurou Angelique, olhando-o de soslaio. De repente, todavia, engasgou, apontando o rio lamacento por onde o que parecia um enorme tronco vinha deslizando. — Que é aquilo?

Arturo seguiu seu olhar, observando o "tronco" desaparecer entre a vegetação aquática. Sorriu condescendente.

— É um crocodilo, um dos grandes, mas inofensivo. Alheia ,à conversa, Danielle recostou-se numa árvore para observar um par de pelicanos voando bem próximos à superfície da água na direção de alguns ciprestes. Feliz, tirou o chapéu e deixou a brisa desalinhar-lhe os cabelos, indiferente aos olhares de admiração que o pirata lhe lançava. Inesperadamente, perguntou-lhe:

— Qual é o nome de seu navio, capitão De Leon?

Arturo também se recostou no tronco, aproximando o rosto do de Danielle que rapidamente desviou o olhar.

— Chama-se Madalena, em homenagem a uma das mulheres de minha vida.

— Que romântico! — exclamou Angelique.

— Oui. — Arturo concordou com um sorriso divertido, murmurando depois ao ouvido de Danielle: — Deveria vir conhecê-lo, chérie.

— Merci — ela agradeceu, endireitando-se ligeiramente. — Onde ele está hoje?

— Sendo preparado para a próxima viagem.

— Para onde vai desta vez? — indagou Angelique, aproximando-se, ansiosa por participar da conversa.

Arturo a olhou entre divertido e aborrecido, aproveitando para oferecer-lhe um dos braços bem como o outro a Danielle, para levá-las de volta ao mercado.

— Para onde os tesouros estão. Agora, tenho certeza de que não querem perder nem mais um segundo do famoso Mercado dos Piratas.

Afagando a mão de Danielle, pousada em seu braço, ele comentou baixinho:

— Espero que volte logo a Barataria... para ver o Madalena, senhorita, ou, quem sabe, a mim.

— Nem sei se virei ver seu navio, capitão — retrucou Danielle, embora um sorriso lhe pairasse nos lábios.

— Você parte meu coração, mocinha — respondeu o corsário, com uma sonora gargalhada.

Ao adentrarem novamente no burburinho do mercado, Angelique deteve-os para anunciar:

— Se me dão licença, preciso ir ver se aquela peça de tecido rosa ainda está à venda. Quanto mais penso nela, mais tenho certeza de que preciso comprá-la para o próximo baile. Foi bom encontrá-lo, capitão De Leon.

A garota estendeu a mão para Arturo, que a beijou polidamente.

Foi uma honra ter sua visita hoje, mademoiselle Arceneaux. Espero que a senhorita e mademoiselle Valmont voltem em breve.

— Adoráramos — replicou Angelique encantada, em seguida deixando-os finalmente a sós.

— Fitas! Lindas fitas de cetim para seus cabelos, mademoiselle, por apenas um penny o metro — anunciou um marinheiro quando Arturo e Danielle passaram em frente a sua barraca.

— Não quer ver se gosta de alguma? Adoraria dar-lhe um presente — disse De Leon, guiando-a para a barraca.

— Não poderia aceitar, capitão — replicou Danielle, incomodada com a proximidade do capitão.

— Mas eu insisto.

Pegando uma fita azul do mostruário, ele a segurou contra os cabelos loiros.

— Perfeito — ele anunciou. — Creio que vou comprar-lhe mais duas, uma amarela e outra rosa, para seu aniversário.

— Meu aniversário já passou, capitão. Foi no dia 2 de novembro. Comprarei eu mesma algumas fitas, merci.

— Como quiser, então — De Leon cedeu a contragosto.

Concentrada na escolha das fitas, Danielle não percebeu a troca de gestos e olhares entre o corsário e o marinheiro. Espantou-se quando este último lhe informou o preço das peças.

— São dois centavos, mademoiselle.

— Dois centavos? — ela indagou, perplexa, contemplando os três metros de fita que ia comprando. — Pensei que tinha dito que custavam um penny o metro.

- Oui, mademoiselle — respondeu o homem, com toda seriedade —, mas havia me esquecido da promoção de hoje. — São apenas dois centavos, especialmente para a mademoiselle.

O marinheiro estendeu a mão e, enquanto Danielle vasculhava a bolsa em busca de moedas, piscou sorridente para De Leon.

A manobra passou despercebida à jovem Valmont, mas não a Vincent Gauthier, que os observara do outro lado da clareira.

Entretido com a briga de galos, Vincent só se deu conta da presença de Danielle quando a contenda terminou pôde espiar a sua volta, por entre as pessoas que se aglomeravam em torno do poço.

Esfregando o pescoço com vigor, como que para despertar, o jovem crioulo mal podia crer no que presenciava. De braços dados com Arturo De Leon, Danielle seguia de barraca em barraca, retribuindo os sorrisos que recebia do pirata e olhando-o com óbvia fascinação.

Com a raiva lhe embrutecendo as feições aristocráticas, Vincent avançou pelo campo enlameado na direção da moça, gritando-lhe o nome em alto brado.

— Vincent! — Danielle o cumprimentou, os olhos arregalados de surpresa. — Bonjour! Não esperava vê-lo aqui.

— Isso é óbvio — ele esbravejou, olhando para Arturo, que o fitou friamente, sem sequer se dar ao trabalho de soltar o braço de Danielle.

— Que está fazendo aqui? — continuou o jovem, em tom acusador.— Não é lugar para uma dama, muito menos para minha futura esposa. — E então, voltando-se para o corsário, sibilou: — Eu lhe agradeceria muito se tirasse as mãos de cima dela, De Leon.

— Nunca disse que casaria com você, Vincent Gauthier — protestou Danielle antes que Arturo respondesse.

— Não... e nem precisaria. Isto... isto está mais do que claro — gaguejou Vincent, constrangido pela veemência de Danielle.

— Apenas para você e meu irmão — ela retrucou de pronto, deixando-o ainda mais embaraçado.

— Parece que hoje mademoiselle prefere minha companhia, mon ami —

sugeriu Arturo com um sorriso afetado.

— Ela não sabe o canalha que você é, De Leon. É jovem e ingênua. Agora, se não me deixar levá-la para casa, neste exato momento, serei forçado a defender-lhe? Honra em um duelo.

Pegando o cabo da espada ameaçando desembainhá-la, Vincent insistiu de forma arrogante:

— Amanhã de madrugada.

— Por que esperar, Gauthier? Posso derrotá-lo tão bem agora quanto mais tarde.

— Chega, já é o suficiente! — explodiu Danielle, encarando os dois homens, desconfortavelmente consciente da atenção que a cena estava atraindo. Emper-tigando-se, dirigiu-se ao jovem crioulo. — Vincent, pode acompanhar-me até a carruagem de Angelique? — Com ar altivo, voltou-se para o corsário. — Capitão De Leon, obrigada por ter me mostrado os divertimentos do Mercado dos Piratas. Hoje, entretanto, um duelo não constará entre eles.

CAPITULO III

Com o sol de primavera excepcionalmente quente queimando-lhe o rosto, Arturo De Leon seguia pela Estrada do Rio rumo à casa de Jaime Montera. Irritado, não parava de praguejar contra o amigo que o convencera a fazer aquela viagem e contra a carruagem barulhenta, escolhida nos estábulos de Herbert.

A lembrança de que se deixara convencer por Montera a levar carga legal no Madalena e o humor instável da égua que puxava o cabriole também contribuíam para seu péssimo estado de humor.

Para completar, o animal que a princípio arrastara o cabriole languidamente sob o calor intenso ficara arisco sem nenhuma razão aparente, começando a trotar com rapidez e, de súbito, estacando por completo.

— Pestel! — gritou Arturo no limite da paciência, sacudindo as rédeas. — Ande, Giddap, Circe ou seja lá qual for o seu nome, maldito animal!

A égua, contudo, não deu atenção às imprecações do pirata e, quando se dignou a mover-se, foi apenas para sair da estrada na direção da barragem do rio, onde parou sob a sombra de uma árvore frondosa e começou a pastar.

Exasperado, o capitão tirou o chapéu panamá e enxugou a testa com a ponta do lenço que tinha em volta do pescoço. Colocando um dos pés sobre o

banco de madeira, contemplou a estrada crestada pelo sol, feliz por não ver viva alma que pudesse testemunhar aquela indignidade. Prometeu dar uma palavrinha com Herbert quando retornasse a Vieux Carré, isto é, se conseguisse convencer a voluntariosa Circe a levá-lo de volta.

Além da barragem à direita, Arturo podia ouvir o gentil bater das águas do Mississipi contra a margem e, do outro lado da estrada, o canto de pássaros nas imensas árvores de uma floresta. Embalado por estes sons e pelo calor, começou a relaxar e refletiu que Montera poderia esperar um pouco mais por sua chegada. Ali era bem agradável. Talvez, afinal, a égua tivesse mais juízo do que parecia possuir.

Examinando os arredores preguiçosamente, percebeu que parara próximo aos portões de Felicite, a fazenda dos Valmont, cuja casa era considerada uma das mais graciosas ao longo do rio Mississipi.

Curioso, tentou avistar a construção por entre a espessa cortina de árvores, do outro lado da estrada, mas não conseguiu.

Com certeza havia sido construída no recôndito da propriedade, bem no fim da alameda que observava da posição onde estava.

Então era ali que Danielle Valmont levava sua vida reclusa.

Recostado no banco do cabriole, permitiu-se lembrar a moça que não encontrava já havia três semanas, desde a visita ao Mercado dos Piratas. Já conhecera e conquistara o coração de muitas mulheres, algumas tão belas quanto a jovem crioula, mas nunca nenhuma lhe deixara impressão tão forte. Talvez fosse a postura altiva, o temperamento determinado, o ar aristocrático de menina mimada...

Mas não, refletiu com um sorriso, Danielle não era mais uma menina, embora continuasse mimada. A palavra correta para defini-la era ingênua, e ingenuidade era um problema perfeitamente solucionável se pudesse administrar-lhe algumas aulas de "maturidade". Tragando o charuto que começara a fumar quando a égua o levara para a barragem, lançou anéis de fumaça contra o céu, imaginando que tipo de estudante a moça não seria.

Absorto nesses pensamentos, assustou-se com a repentina movimentação da carruagem, levada pela égua em busca de novas pastagens.

Determinado a aproveitar toda a chance possível de retomar a viagem interrompida, agarrou as rédeas com firmeza e com o charuto entres os dentes gritou:

— Allons

Surpreso, o animal deu alguns passos, parou novamente e depois começou a trotar na direção do braço de rio que marcava os limites de Felicite, atravessando uma ponte de madeira estreita que os levaria ao encontro tardio com Jaime Montera.

Em seu quarto em Felicite, Danielle tentava, inutilmente, ler o livro de poesias que Vincent lhe dera. Ansiosa pela chegada do irmão, que não lhe dirigia uma palavra havia três dias, não conseguia concentrar-se na leitura do pequeno volume.

Desolada, lembrou-se do fatídico dia, havia três semanas, em que Vincent a trouxera de volta para casa, após o encontro no Mercado dos Piratas. Em seu cavalo, ele acompanhou em silêncio a carruagem com os dois escravos, sentados na boleia. Espiaram-no de soslaio vez ou outra, uma Angelique de olhos permanentemente arregalados de medo por haver sido pega em flagrante delito, e ela própria, fervendo de raiva contra a possessividade do pretendente.

Ao chegarem a Felicite, ele amarrara o cavalo nos fundos da carruagem antes de abrir a porta para Danielle. — Venha, mademoiselle Valmont, eu a acompanharei — ele declarou em tom formal.

Depois, de forma mais branda, dirigiu-se a Angelique:

— Se esperar um momento; mademoiselle, eu a levarei para casa pessoalmente.

Acompanhando Danielle até a porta, despediu-se com ar magoado:

— Voltarei logo. Temos muito que conversar. Morta de medo, Danielle foi direto para o estúdio do irmão, passando pelos olhares interrogativos de Zeme e Lydie que a aguardavam no salão de entrada. Lá chegando, tentou ensaiar o que dizer para Yves quando a inevitável confrontação ocorresse.

Não teve de esperar muito. Em pouco tempo, a porta do estúdio foi escancarada, e o irmão entrava com as feições transtornadas de raiva. Provavelmente havia encontrado com Vincent na Estrada do Rio, e este lhe informara sobre o ocorrido.

Ainda vestido com roupa de montaria, ele avançou sobre o tapete oriental, deixando uma trilha de lama. Postou-se diante de Danielle, o ar arrogante e seu odor peculiar, uma mistura de cigarro, cavalos e uísque... muito uísque.

— Danielle Marie-Christiane Valmont! Como ousou levar Angelique Arceneaux para o Mercado dos Piratas?

— Foi ela quem me levou — respondeu Danielle com calma.

— Não acredito nisso — ele continuou vociferando. — E agora? O que vou dizer à mãe dela?

— Como assim? Não fizemos nada de errado.

— Ah, é claro — retrucou Yves com sarcasmo. — Você nunca faz nada de errado, mas constantemente sou informado sobre suas escapadas. Sua reputação está ficando suja! Sabe o que andam dizendo? Que é selvagem e cabeça-dura!

— Deve ser mal de família, meu irmão querido...

Com muito custo, Yves conteve a ira, os lábios crispados de tensão, os punhos se abrindo e fechando involuntariamente. Sentando-se numa cadeira de couro, fechou os olhos com expressão cansada como se sufocado pelo peso da responsabilidade de guardar a irmã, responsabilidade que carregava desde os dezoito anos.

Na verdade, sempre tivera dificuldade em discipliná-la, e atualmente sua tarefa vinha se tornando cada vez mais difícil.

— Se pelo menos me escutasse, Yves — ela tentou dialogar.

— Escutar o quê? — ele quase gritou, abrindo os olhos para encará-la. — Mais argumentos? Nunca deveria tê-la deixado convencer-me a lhe arrumar um professor. Deveria tê-la enviado para o convento das ursulinas, onde aprenderia algo útil, como cozinhar ou bordar.

— O que isso tem a ver com o que estamos discutindo?

— Tudo — ele declarou enfático. — Excesso de educação estraga uma moça. Ficou muito presunçosa, Danielle. Mas isso vai mudar. De agora em diante, chega de oratória. Você precisa crescer.

Ela ergueu o queixo, desafiadora. Yves já havia decidido sua culpa sem mesmo escutá-la. Então que pensasse o que bem entendesse. Já deveria saber que era impossível dialogar com ele.

Yves se recostou na cadeira contemplando os cabelos lindos da irmã, a tez alva, a figura frágil que o vestido azul acentuava, contrastando com as maçãs do rosto afogueadas, os olhos castanhos cheios de ira e desafio.

— Sente-se — ele ordenou, indicando uma cadeira em frente à dele. — Temos muito o que conversar ainda.

Quando ela aquiesceu, Yves continuou, escolhendo com cuidado as palavras:

— Vincent está extremamente magoado. Já pediu você em casamento três vezes nos últimos meses e você sempre o recusa. Ele é o último de seus pretendentes, já que espantou todos os outros. Após o episódio de hoje, não sei o

que fará. E nem posso desafiar De Leon para um duelo. Segundo Vincent, você estava flertando abertamente com ele.

— Não estava flertando com ninguém!

— Vincent pensa que estava, e é o que interessa. Tem esperado por você desde criança, mas sua paciência está se esgotando.

— Pensei que iríamos discutir o Mercado de Piratas, não casamento — afirmou Danielle friamente. — Se terminou...

Levantou-se sem esperar resposta, saindo do estúdio.

— Ainda não terminei! — esbravejou Yves, seguindo-a até o hall. — Ouça-me bem, Danielle, eu a proíbo de sair de Felicite. Só terá permissão para sair de casa quando aprender a se comportar como uma dama.

Ela desistiu de argumentar. Lançou um olhar gélido ao irmão antes de se virar e subir as escadas, galgando os degraus com raiva. Bateu a porta do quarto com tanta violência que fez os cristais do lustre tilintarem e Yves e Zeme estremecerem.

— Não se aborreça, monsieur - disse Zeme em tom conciliador. — Lapetite maitresse é teimosa como uma mula, mas acaba obedecendo.

— Ela vem de uma longa linhagem de mulas, Zeme — Yves respondeu melancólico —, mulas de raça, campeãs.

O jovem crioulo pegou o chapéu de uma mesa próxima à porta e comentou por sobre o ombro enquanto partia:

— Conheço os truques de Dani, Zeme. Diga-lhe para descer para o jantar. Não estarei aqui.

Como previsto, Danielle passou a tomar as refeições no quarto, embora Yves realmente estivesse fora. De fato, as saídas diárias do irmão para a cidade foram se transformando em noitadas, e as noitadas em verdadeiras temporadas fora de Felicite. Notícias dele só chegavam à fazenda por meio de boatos, entristecendo a jovem Valmont.

Naquele momento, entretanto, sentindo a brisa per fumada, vinda dos impecáveis jardins abaixo da sacada do quarto, e observando a tarde ensolarada, Danielle só pensava em cavalgar um pouco. Retirando um traje de montaria castanho-avermelhado do armário e buscando, em vão, um chapéu com penacho da mesma cor, trocou de roupa depressa e desceu as escadas em direção aos estábulos com Zeme em seu encalço.

— Onde pensa que vai, mademoiselle! — perguntou, ofegante, a velha

escrava, os pés descalços levantando poeira à medida que andava.

— Cavalgar.

Acelerando o passo, a gorda senhora conseguiu a façanha de se postar em frente a Danielle, obstruindo-lhe o caminho.

— Não pode sair de casa. Monsieur Yves não quer.

— Meu irmão não está em casa, Zeme — replicou Dani, contornando a velha ama e fazendo um gesto para o cavaleiro que a encarava com olhos assustados —, e além disso não vou sair de Felicite. Hyppolyte, sele Péril para mim, s'il vous plaît.

— Mas, mademoiselle... — tentou protestar o adolescente.

— Sele Péril — ela repetiu. — Responderei a meu irmão por você.

A contragosto, o rapaz a obedeceu entre resmungos. Quando a viu montada, entretanto, arrumou coragem para lembrá-la de outra ordem de Yves.

— Espere um minuto, mademoiselle. Preciso selar Bek para acompanhá-la, como quer monsieur Yves.

— Não será necessário — respondeu Danielle. — Não vou deixar a fazenda.

— "Oui, petite maîtresse, é necessário — interferiu Zeme com firmeza. — Monsieur Yves disse várias vezes para não deixá-la cavalgar sozinha.

— Não preciso de acompanhante em Felicite, Zeme — insistiu Dani entre os dentes.

— Mademoiselle talvez não, mas Polyte ficará em apuros se não acompanhá-la.

Danielle deu um sorriso maroto.

— Tudo bem, então. Se ele conseguir me alcançar, que me siga.

Dito isto, partiu num galope, passando pela fileira dupla de cabanas de escravos rumo ao campo aberto. Olhando para trás de relance observou que Hyppolyte desistira de persegui-la, levando o cavalo que acabara de selar de volta à baia.

Ao se aproximar do braço de rio que delimitava Felicite, Danielle guiou o cavalo até um grupo de árvores ao lado da Estrada do Rio, desmontando e deixando o animal beber na beira da água.

— Magnifique, mon ami — ela murmurou, acariciando o cavalo enquanto este bebia —, está respirando como se nem tivesse corrido.

Danielle gargalhou quando ele retribuiu o elogio cutucando-a com o nariz molhado e começando a comer a relva tenra a seus pés.

— Após um aperitivo, nada melhor que uma boa refeição, não é? — ela brincou com a montaria, espreguiçando-se em seguida e, depois, dobrando o corpo de modo que os braços ficaram pendurados.

Percebendo o próprio reflexo na água, sorriu diante da imagem. Estava corada e despenteada, mas finalmente feliz de novo após vários dias de tristeza.

— Que é isso, Péril? — ela perguntou, espiando à volta e deparando-se com um emaranhado de arbustos de amoras pretas.

Amarrando o cavalo numa árvore, foi experimentar uma das frutas que estavam maduras e doces.

Péril relinchou com insistência, e Danielle voltou para seu lado, após colher um punhado de amoras. Sentando-se sob a sombra da árvore, dava duas amoras para o animal a cada uma que ingeria, detendo-se, todavia, um pouco depois, apesar dos gentis cutucões de Péril com a cabeça, pedindo por mais frutas.

— Acabou, meu querido — ela riu, acariciando-lhe o nariz aveludado. — E não adianta tentar me convencer do contrário com esses seus grandes olhos tristes.

Ao seguir para a margem do rio para lavar as mãos, Danielle ouviu uma voz masculina vinda da estrada, falando numa língua desconhecida e em francês. Procurando esconder-se atrás das árvores, espiou por entre as folhagens para ver do que se tratava.

— Allons, ma belle Circe. És mui formosa, cara mia. Vamos lá!

Arturo De Leon tentava encorajar a égua que puxava uma carruagem aberta a ir mais depressa. Embora sua atenção parecesse estar voltada para o animal, os olhos azuis captaram um vislumbre da moça atrás das árvores. Então, comentou em voz alta:

— Você é linda, chère Circe, mas não tão linda quanto Danielle Valmont.

Com um brusco puxão nas rédeas, Arturo fez a égua parar enquanto perscrutava, ansioso, o agrupamento de árvores onde vislumbrara a mulher de seus sonhos.

Com um sorriso arrependido, Danielle procurou afastar-se das folhagens que lhe prendiam as roupas, limpando as mãos meladas com um lenço de renda e lamentando haver sido pega deleitando-se com amoras como uma criança.

— Bonjour, mademoiselle — disse Arturo com um sorriso um tanto

constrangido. — É um pouco embaraçoso ser surpreendido falando com um cavalo.

— Bonjour, capitão De Leon. Sempre fala com sua égua desta forma?

— Ela não é minha. Na verdade, nos encontramos apenas hoje. Mas, como as mulheres, reage melhor a palavras de amor do que a insultos. E o que está fazendo nesta tarde adorável, mademoiselle!

— Estava apenas... ah... cavalgando — gaguejou Danielle, escondendo as mãos, manchadas do suco das frutas atrás das costas.

— Cavalgando... Entendo.

Arturo ergueu uma das sobrancelhas ao atentar para o incomum traje de montaria de Danielle, sua expressão culpada e os lábios manchados de roxo. Vasculhando as redondezas, tentou ver se alguém acompanhava a moça.

— Está sozinha?

— Oui.

— Yves Valmont não insistiu para que alguém acompanhasse a irmã? — ele indagou com horror fingido.

— Exigiu, mas nenhum dos criados conseguiu me acompanhar.

De Leon caiu na risada.

— Seu irmão não deveria se preocupar com você. Pelo que tenho visto, ninguém consegue acompanhá-la, nem mesmo seus pretendentes. Agora, onde está seu cavalo, mademoiselle.

— Preso a uma árvore perto do rio.

. — Que tal deixá-lo por uns momentos e vir dar uma volta comigo?

— Lamento, mas não posso. — Ela desviou os olhos e Arturo franziu a sobrancelha, intrigado com a resposta.

— Não poderia, então, vir até minha carruagem para

48

conversarmos um pouco?

— Eu... eu não posso.

— Por que não? — ele indagou.

— Porque prometi a Yves que não deixaria Felicite — ela admitiu, ressentida.

— Naturalmente, deveria ter desconfiado. Ele descobriu sobre sua ida ao

Mercado dos Piratas e a proibiu de ir aonde pudesse me encontrar. Certo?

— Ele me pediu para não sair de Felicite — manter ela, sentindo uma ponta de aborrecimento diante da presunção do pirata.

— Bem, se não pode vir até mim, irei até você. Só preciso encontrar um lugar para amarrar esta égua.

Descendo da carruagem, ele guiou o animal até um chorão, perto da ponte.

Danielle o seguiu, vacilante, refletindo sobre a inconveniência de desobedecer as ordens do irmão. Concluiu que Yves não poderia censurá-la, uma vez que não prometera deixar de ver De Leon ou qualquer outra pessoa. Comprometera-se apenas a não deixar Felicite, e estava cumprindo a determinação. De qualquer forma, encontrar-se sozinha com um homem que Yves considerava perigoso a fazia sentir-se embaraçada.

Fora o brinco na orelha, contudo, Arturo em nada lembrava um pirata. O semblante sorridente do homem que amarrava as rédeas da égua no chorão não evocava nenhum perigo.

Na verdade, Arturo De Leon era o homem mais interessante que já conhecera, e não pretendia perder a chance de conversar com ele e conhecê-lo melhor.

— Voilà! Está bem presa — disse o corsário, voltando-se e oferecendo-lhe o braço. Sabe, mademoiselle, há melhores formas de transporte do que um cavalo.

— Como um navio? — Ela sorriu, esquecida dos temores.

— Oui, com certeza um navio — ele concordou. — Agora, venha, vamos saborear a brisa na ponte.

— Non, merci. — Ela se deteve, fazendo-o rir.

— Ah, sim, já ia me esquecendo. Não pode deixar Félicite. Bem, então vamos seguir a lei ao pé da letra.

O casal encontrou um local arborizado, fora da vista da estrada, e sentou, Danielle se recostando num grande carvalho, mantendo uma certa distância de Arturo. Este, que ansiara por se ver a sós com a moça desde quando a encontrara pela primeira vez, sorriu feliz com a inesperada oportunidade.

— Deve ser emocionante viajar num grande navio — começou Danielle, pouco à vontade com a maneira com que De Leon a olhava.

— Viajo para o Marrocos em breve. Talvez possa levá-la como camareiro. Se não usar chapéu, logo poderá passar por um pequeno africano.

— Não parece entender muito de mulheres, capitão, pelo menos não de damas.

— Engana-se, mademoiselle. Conheço muitas damas, ma petite, que me ensinaram uma infinidade de coisas, bem como eu a elas.

Danielle se retesou, lembrando-se das recentes informações que Lydie lhe passara sobre as conquistas amorosas do capitão. Contara-lhe que a jovem e bela madame Camille Marquette tentara matar-se após o baile de máscaras por amor ao pirata e que este, ao ser desafiado para um duelo pelo marido da dama, escolhera como armas cimitarras turcas, algo impensável para cavalheiros civilizados usarem. Por certo, o pirata sabia como manejá-las, refletiu Danielle, de súbito aborrecida e preparando-se para levantar.

— Não vá — Arturo pediu. — Vamos deixar de lado minhas conquistas e falar de outro assunto. Diga-me, frequentemente cavalga sozinha?

— Quando Yves não está por perto para impedir-me, sim — ela respondeu, recostando-se na árvore novamente, mas ainda sentindo um certo desconforto.

— Um irmão pode ser um grande problema para uma moça. Ele a trata como a uma criança?

— Oui, embora desde o ano passado não pense em outra coisa a não ser arrumar-me um marido.

— É no que pensam todos os pais e irmãos — observou Arturo, dando de ombros.

— Yves nunca foi como todos os pais e irmãos. Sempre disse que nós, Valmont, deveríamos viver como bem entendêssemos. E a idéia de casamento não me agrada.

— Não pretende se casar? — perguntou Arturo, surpreso. Mesmo tratando-se de Danielle, não esperava tal afirmação.

— Um dia, claro, mas quando estiver pronta e com alguém que eu goste — ela declarou, enfática. — Já tenho idade para tomar minhas próprias decisões, mas Yves insiste em não compreender isso. Tempos atrás ainda conseguíamos conversar, mas agora...

— Por que não consegue mais fazer valer seu ponto de vista?

Danielle suspirou, desanimada.

— Mal conseguimos falar sem entrar numa discussão. Às vezes, parece que ele quer me dizer algo, contar seus problemas. Crescemos muito separados. Agora ele some por dias e só sei de seu paradeiro por meio de boatos.

— De que tipo?

— Que ele gasta muito dinheiro com mulheres e jogo. O comum para homens solteiros em Nova Orleans.

— Sem dúvida — respondeu De Leon, mascando a ponta de um talo de grama.

— Se fosse só isso, tudo bem. O que me preocupa é o fato de beber muito, e quando fica alterado sempre se mete em brigas. Você viu seu comportamento no baile de máscaras. E me disseram que matou mais um homem num duelo em Dueling Oaks.

— Foi apenas o quarto, há três dias, no St. Anthony Garden.

— Que diferença faz? Qualquer dia, alguém poderá matá-lo. Este Yves que vive lutando por supostos atentados à honra não é o meu irmão.

Arturo franziu a testa, aborrecido. Esperava passar uma tarde agradável com uma moça divertida, e agora se sentia constrangido com a gravidade da conversa. Resolveu acalmá-la, desviando o assunto para coisas mais amenas. Sentou-se, encarando-a com um sorriso provocativo.

— Não se preocupe tanto, ma petite, senão vai ficar com a testa cheia de rugas. E você ainda é muito jovem para isso. Nem sequer é uma mulher feita.

— Sou uma mulher feita, capitão. Até mesmo você é capaz de reconhecer isso — ela retrucou, empertigando-se com orgulho.

— Oui, especialmente eu — ele murmurou com voz rouca, inclinando-se sobre ela. — É uma mulher, chérie, uma linda mulher.

Danielle se encolheu, agora muito consciente do isolamento em que estava com aquele homem misterioso que começara a lhe acariciar os lábios com a ponta dos dedos.

— Imagino como não seria divertido me tornar seu pretendente, Danielle, e tentar acompanhá-la. Bem que eu poderia ser o homem que, enfim, conseguiria capturá-la.

— Impossível — ela replicou, levantando de um salto.

— O quê? Eu raptá-la?

— Tornar-se meu pretendente — ela disse, baixando os olhos. — Meu irmão jamais permitiria que eu me casasse com um pirata.

Os olhos de Leon se anuviaram e, num impulso, ele se ergueu e a prendeu de encontro à árvore, o corpo pressionando o dela.

— O que há com você, Danielle? Não disse que só casaria com quem bem entendesse? Um pirata, ou melhor, um corsário não é bom o suficiente para seu marido? Diga-me, querida, o que estava fazendo por aqui sozinha? Tinha um encontro ou estava esperando por mim?

— Não tinha nenhum encontro! — ela explodiu, a raiva superando o medo.

— De qualquer maneira, não quero que volte para casa de mãos abanando — ele sussurrou, inclinando-se para beijá-la. Quando Danielle percebeu-lhe a intenção, lutou selvagememente para libertar-se, enrijecendo o corpo e desviando o rosto. Mas foi em vão. De Leon conseguiu beijá-la, a princípio com sofreguidão, depois suavemente, saboreando-lhe os lábios com gosto de amora.

O beijo durou apenas um segundo, um segundo que se assemelhou a uma eternidade e os fez perder completamente a noção de tempo.

Danielle estremeceu, pequena chama de desejo provocada pelos lábios masculinos logo se transformou numa paixão irrefreável.

Instintivamente, pressionou o corpo ainda mais contra o dele, permitindo que Arturo continuasse a beijá-la com avidez. Dominada pela excitação, mergulhou os dedos nos cabelos escuros, esquecida de qualquer restrição.

Surpreso com aquela resposta apaixonada, De Leon, a custo, parou de beijá-la e, embora ainda a mantivesse entre os braços, apenas tentou tocar-lhe o rosto docemente.

Caindo em si, Danielle recuou como se aquelas mãos que a seguravam queimassem sua pele. Logo a perplexidade foi substituída pela fúria.

— Não lhe dei licença para beijar-me — protestou, desvencilhando-se.

— Não vi razão para tal — De Leon contestou com suavidade, seguindo-a e procurando ignorar a excitação que ainda o tomava.

— Então não é um cavalheiro, monsieur.

A passos rápidos alcançou seu cavalo, desamarrou-o com gestos bruscos e montou-o. Antes de partir, encarou Arturo com uma expressão de desgosto, os lábios inchados num claro sinal do beijo recente. Indolente, Arturo aproximou-se alguns passos e declarou, sorrindo:

— Tem razão, mademoiselle. Há duas coisas que nunca consegui aprender: como ser um cavalheiro e como resistir a uma linda mulher.

— Não passa realmente de um grosseirão, monsieur — esbravejou Danielle, partindo num galope desenfreado em direção a Felicite.

— Um grosseirão? — De Leon riu meio sem jeito. — Não resta dúvida.

Entretanto, o sorriso foi morrendo em seus lábios enquanto contemplava a garota que partia. Pela terceira vez, Danielle Valmont lhe escapava.

E daquela vez sentia-se ainda mais inconformado. Ainda sentindo o doce sabor daqueles lábios, perguntava-se por que ela o impressionava tanto, ofuscando a lembrança de outras lindas mulheres, bem mais acessíveis.

Corada e irritada, Danielle dobrou a esquina da casa, entrando na aléia coberta, onde se deteve por alguns instantes, procurando acalmar-se. Como aquele homem ousara tratá-la como uma das mulherzinhas vulgares com quem estava acostumado a lidar? Diminuindo o passo, para não chamar a atenção de Hercules, um dos escravos que se ocupava em aparar a grama, pensou em algo que pudesse fazê-la esquecer o atrevimento do pirata. Lembrou-se, então, que o pequeno jardim de rosas criado pela mãe estava precisando de uma boa capinagem.

Sem anunciar a ninguém o seu retorno, rumou para lá. Encontrava-se agachada, entretida no trabalho de arrancar ervas daninhas, quando ouviu o som de cascos de cavalo. Levantou-se e olhou para trás, vislumbrou um homem magro cujo rosto trazia sinais de varíola. Montado numa égua baia, ele a observava com uma expressão indiferente.

—Alô — cumprimentou-a com sua voz anasalada, sem desmontar ou mesmo tirar o chapéu. Descuidado, também permitiu que a égua pastasse na grama tratada, próxima aos pés de Danielle.

— Bonjour — disse ela erguendo as sobrancelhas em desaprovação ao comportamento rude daquele homem. Só podia ser americano, pensou aborrecida.

— Esta é a casa de Valmont? — ele quis saber. Examinou a grande construção de dois andares, o par de escadas curvas que pareciam dois braços abertos dando boas-vindas e levando à entrada principal, situada bem no meio de uma imensa varanda.

— Oui. Aqui é Felicite, monsieur.

— Yves está? — perguntou o homem sem fazer menção de se apresentar.

— Monsieur Valmont não está — disse Danielle, subitamente apreensiva com a presença do homem.

Fazendo um gesto para Hercules, que se aproximou prontamente com a ceifadeira ainda nas mãos, declarou:

— Direi a ele que monsieur...

— Lynch, Jack Lynch — respondeu o estranho com relutância.— Diga-lhe

que. o sr. Lynch esteve aqui.

Embora curiosa a respeito do homem, Danielle preferiu dispensá-lo.

— Não se preocupe, senhor. Darei o seu recado.

— É a esposa dele? — Ele se mexeu na sela que rangeu sob seu peso.

— Não, irmã.

— Hum, você é uma coisinha muito linda.

— Merci — resmungou Danielle, desejando que Yves estivesse em casa para tratar de seus próprios negócios.

— Vocês, garotas crioulas, só gostam de elogios de sua própria gente, não é? — comentou o americano, com um risinho sarcástico. — Mas não se preocupe. Não vou incomodá-la mais. Apenas quero que não se esqueça de avisar seu irmão que estive aqui para lembrá-lo de cumprir sua promessa. Amanhã, neste mesmo horário, estarei de volta.

— Promessa?

— Não seja bisbilhoteira, moça. Apenas transmita o meu recado a seu irmão.

O homem já puxara as rédeas da montaria, pronto para partir, quando foi interceptado por Yves que, avistando-o de longe, correra a seu encontro. O rosto aristocrático estava afogueado de raiva.

— Parece que não vai precisar dar o recado, moça — disse o americano, desmontando e puxando a égua até onde Yves parara. Danielle não pôde ouvir a conversa, mas viu os gestos abruptos do irmão e o dar de ombros indiferente do estranho que montou novamente e por fim partiu, passando por Danielle sem sequer olhá-la.

Yves permaneceu na alameda, os punhos cerrados de raiva, sendo alcançado rapidamente por Danielle.

— Quem é esse sr. Lynch?

— Um americano. Encontro com ele vez ou outra.

— Nas casas de jogo? — sugeriu Danielle com cautela.

— O que sabe sobre... Não tem importância. Já deveria estar acostumado com sua curiosidade — brincou Yves, tentando ocultar a tensão. — Não se preocupe com ele. E não seja bisbilhoteira. Não foi isso que lhe disse o americano? É um bom conselho, siga-o.

Vendo que não havia conseguido tranquilizá-la, beliscou-lhe o nariz,

acrescentando:

— Precisa vestir-se para o jantar, Dani, e tirar essa horrível roupa de montaria. Comprei-lhe um vestido novo e estou ansioso para ver como lhe assenta.

De mãos dadas, os dois irmãos subiram as escadas em direção à entrada, enquanto as primeiras velas eram colocadas nas janelas para iluminar a noite que já vinha chegando.

CAPÍTULO IV

— Ah, De Leon! Deveria saber que o encontraria por aqui, desperdiçando tempo com mulheres.

Na sacada do bordel de madame Cecy, Arturo tirou o pé do engradado e deixou a cadeira voltar a pousar todos os pés no chão. Perscrutando a escuridão, procurou pela voz que o chamara.

— Existe melhor passatempo que uma mulher calorosa? — ele respondeu rindo ao avistar Denis LeBlanc, na rua, montado em seu cavalo.

— Jogo — replicou o jovem —, como o que haverá hoje à noite em Felicite.

— Na casa de Valmont? — Arturo imediatamente se interessou.

— Oui — respondeu Denis, preocupado com os dois homens que saíam do bordel e se postavam no parapeito da ponte próxima. Só se tranqüilizou ao perceber que se tratava de amigos do pirata.

— Valmont ficou um tanto irritado comigo na última vez que nos vimos.

— Yves não é de guardar ressentimentos, a não ser no que se refere à irmã.

— Não a vejo há semanas — disse Arturo, com uma careta.

— Então por que não vem comigo? Paul Brignac e Emile Letreau também virão.

— E quanto àquele americano?

— Lynch? É possível que apareça também — afirmou o rapaz sem esconder o desagrado. — É uma cobra, não?

— Sim. — Arturo se lembrou de uma noite, havia meses, quando Yves apresentara um recém-chegado, Jack Lynch.

— Nunca descobriremos se ele estava trapaceando — Denis comentou.

— E eu também desconfio que foi ele quem atirou em mim e roubou o que eu havia ganho no jogo.

— Foi o primeiro a sair.

— Isto não é uma prova. Não reparei se usava uma pistola.

— Não vai querer pôr isto a limpo hoje, vai? Denis já via sua noite de diversão ameaçada e começava a se arrepender do convite.

— Não se preocupe, vou apenas observá-lo.

— Très bien, De Leon — O jovem crioulo guiou o cavalo pela rua escura e suja. — Encontre-se com meu cavalariaço quando estiver pronto. Ele lhe arrumará uma montaria.

— Merci. — O pirata observou o amigo elegante rumando para a Estrada do Rio. Em seguida, chamou um homem que estava recostado em um poste perto do bordel.

— Jacques!

Jacques Foucher, imediato de Arturo, postou-se sob a sacada.

— Oui, Arturo.

— Busque Hector e o conduza de volta ao navio antes que se meta em outra briga. Aproveite e leve também nosso amigo Narcisse que está ali na esquina, conversando com aquelas moças. Estará mais seguro no Madalena do que com elas.

Arturo riu, observando o timoneiro flertando com as duas mulheres excessivamente pintadas.

— Oui, capitaine — respondeu Jacques, acenando para o companheiro, que obedeceu meio a contragosto.

Quase uma hora mais tarde, o corsário se encontrava nos estábulos de Denis, esperando que o cavalariaço do amigo selasse uma égua de aspecto sonolento.

— Pronto, capitão — disse o empregado, dando um tapinha de leve no flanco do animal. — Seja gentil com Hurricane, e ela o obedecerá sem problemas.

— Hurricane. Estou bem arrumado com um furacão... — resmungou Arturo, montando e partindo para Felicite.

— Mas, mademoiselle — protestou Lydie, seguindo a patroa até a sacada —, seu irmão insistiu que ficasse aqui em cima enquanto os cavalheiros estão na casa.

— Eu sei, porém preciso saber o que está acontecendo.

Havia pouco ela vira Jack Lynch chegando, e não teve mais dúvidas de que precisaria estar a par do que se passava.

— Vou ficar escutando pela janela e voltarei antes que se dêem conta da minha falta — Danielle tentou tranquilizá-la.

— Se Zeme perceber, ficaremos em apuros — predisse a empregada, o rosto amedrontado.

— Ela não vai descobrir. Pensa que estou com dor de cabeça. E então, vai me ajudar ou não?

Inclinando-se sobre o parapeito, Danielle agarrou um galho de árvore, próximo à sacada, e o puxou com toda força.

— Segure isto.

Lydie obedeceu, embora continuasse a argumentar:

— Isto não está certo, Dani. Alguma coisa pode lhe acontecer. Se alguém a vir vestida assim...

— Não esperava que eu fosse descer pela árvore de vestido de seda e anáguas! Ora, Lydie... — Danielle olhou para a calça e a camisa que roubara de Hyppolyte, ambas bastante curtas para ela. — Não se preocupe, Ninguém me verá. Devolverei as roupas antes que a dono perceba o sumiço. Agora, solte o galho.

A empregada obedeceu, encolhendo-se ao ver sua teimosa patroa balançando-se para alcançar o tronco da árvore.

— Voltarei logo. Espere por mim aqui — cochichou Danielle, já no tronco.

Chegando ao solo, ela avançou pelo gramado úmido de orvalho, passando de árvore em árvore rumo às janelas da biblioteca, onde se ouvia um zunzum de vozes masculinas.

Meio agachada, prosseguiu com rapidez sem deter-se nem mesmo ao ouvir um ruído próximo. De repente, entretanto, antes que tivesse tempo de parar, trombou com uma sólida figura masculina que, sob o impacto da colisão, soltou uma forte golfada de ar.

Prendendo pelos ombros o que supunha ser um escravo em fuga, Arturo De Leon resmungou ao recuperar o fôlego:

— Fique quieto, seu pequeno rufião. Entretanto, expondo o cativo à luz do luar, notou que havia algo errado. Para sua surpresa, o rosto enraivecido de

Danielle Valmont surgiu em meio à escuridão, acompanhado de um fio de voz indignado.

— Solte-me imediatamente, capitão — ela exigiu enquanto ele a arrastava para as sombras, fora do campo de visão de quem se encontrava na biblioteca. — Como... como ousa rastejar atrás de mim?

— Não era exatamente eu que estava rastejando, mademoiselle — De Leon a corrigiu, ainda lhe segurando um dos braços. — O que está fazendo aqui sozinha no escuro?

— Não é de sua conta — ela replicou num tom que esperava não trair seu nervosismo. — Moro aqui e posso ir aonde quiser.

- Sempre usa esses trajes?

O pirata recuou um passo para contemplar as canelas e o colo que a roupa curta e apertada deixava à mostra.

- O que está fazendo aqui, capitão De Leon? — indagou a jovem crioula, desvencilhando-se do pirata com um safanão.

— Vim jogar cartas com seu irmão, mas, antes mesmo de alcançar a casa, fui interceptado pela aparição magnífica de uma mulher formosa. Mas ainda não me respondeu o que estava fazendo, rastejando na escuridão.

— Não é de sua conta! — retrucou ela, irritada por ser objeto de riso.

— Talvez devesse perguntar a seu irmão.

— Oh, não!

— Estou surpreso com você, Danielle Valmont — continuou o capitão, cheio de ironia. — Espiando o próprio irmão. Onde já se viu?

— Arturo De Leon, você...

— Não diga nada de que possa se arrepender, chère — advertiu-a De Leon, enquanto a tomava pelo braço e a guiava para o outro lado do gramado. — Vamos, precisamos colocá-la de novo em casa antes que alguém mais a veja.

— Sou perfeitamente capaz de fazer isso sozinha, capitão.

— E como pretende realizar esta façanha, mademoiselle. Entrando pela porta da frente e passando por seu irmão e seus convidados?

— Não saí dessa forma, capitão — ela respondeu com aspereza, evitando revelar a verdade.

— Nenhum homem gosta de ouvir que é desnecessário — Arturo declarou, melodramático. — Precisa permitir que a acompanhe. Não posso entrar e deixá-la

aqui.

Danielle percebeu que ele não admitiria nenhuma contestação. A contragosto, deixou-se levar por Arturo, contornando a casa até as dependências dos empregados, atrás de umas bananeiras, onde se depararam com vários escravos, acomodados nos degraus mais baixos das escadas de suas cabanas, apreciando a brisa noturna.

Silenciosamente, retrocederam pelo mesmo caminho que haviam tomado antes, com Arturo vasculhando cada janela e porta em busca de uma entrada.

Ao alcançarem o jardim de rosas, abaixo da sacada do quarto de Danielle, ela interrompeu o passo e dispensou o corsário com um cumprimento formal.

— Bonsoir, capitaine, et merci. Já o incomodei o suficiente.

— De modo algum, mademoiselle — ele replicou, beijando a mão que ela estendera e mantendo-a presa entre as suas. — Mon Dieu, como está linda aqui entre as rosas, sob a luz da lua!

Com desdém, Danielle tentou, sem conseguir, libertar sua mão.

— Não perde a oportunidade de flertar, não é, capitão? Sua notável reputação é bem merecida. Bem, não sou do tipo de mulher com que parece estar acostumado.

— A que tipo se refere, mademoiselle!

— Damas — hesitou, mas a raiva levou-a a continuar: — Damas da noite, monsieur.

— Fico chocado por saber que conhece mulheres da vida. — Arturo arregalou os olhos num gesto teatral.

— Sei que homens como você, e provavelmente Yves também, visitam essas mulheres.

— Quem pode condenar um homem por querer acordar junto a uma linda mulher? Um dia entenderá esse fato, minha pequena.

O tom condescendente e o ar de falsa compreensão a tiraram do sério. Protestou tão alto quanto a situação permitia.

— Não fale assim. Não sou uma criança! — Virando-se, começou a afastar-se, mas Arturo alcançou-a. Segurando-a pelo pulso, obrigou-a a encará-lo.

— Você falou sobre as condenáveis damas da noite. Agora me diga, minha linda dama crioula, que espécie de mulher esperta pelas janelas em plena noite,

usando roupas de homem? E que espécie de mulher distribui beijos apressados em meio a arbustos de amora?

Danielle pôde sentir o rosto pegando fogo e agradeceu à noite pela escuridão.

— Seu grosseirão! — ela sibilou, fervendo de raiva. — Foi você que me beijou.

— Sim. E como lhe disse na ocasião — declarou o capitão, puxando-a mais contra si, de modo a que seus rostos ficassem perigosamente próximos —, sempre que surgir uma oportunidade de beijá-la, é o que pretendo fazer.

Balançando a cabeça, desesperada, procurou vencer a força dele e soltar-se.

— Não ouse...

O protesto soou pouco convincente, e Danielle também não teve chance de continuar. Os lábios de Arturo, quentes e suaves, capturaram os dela movendo-se com vagar e delicadeza, como se provassem uma exótica iguaria.

Já sem domínio dos próprios atos, Danielle fechou os olhos e abandonou-se à carícia, o corpo todo reagindo com uma intensidade inesperada.

De Leon afrouxou o abraço e começou a deslizar as mãos pelo corpo quente. Deteve-se nos seios, sentindo os bicos enrijecerem a seu toque.

Danielle estremeceu e, tomando-o de surpresa, conseguiu libertar-se e dar-lhe um sonoro tapa no rosto.

— Está muito enganado se pensa...

— Não, não estou — ele a interrompeu, massageando a face dolorida. — Você não passa de uma menina mimada em corpo de mulher. Não sei como sempre acabo me esquecendo disso. Bonsoir, Danielle.

Tremendo de raiva e emoção, ela marchou para casa. Escalou a árvore de volta à sacada do quarto, inconsciente de que De Leon a observava, escondido atrás de um velho carvalho.

Com a mão sobre o rosto avermelhado, De Leon ficou ali algum tempo, ponderando sobre a natureza incompreensível das mulheres. Amava-as, independente de idade, aparência ou estado civil. Era capaz de verdadeiras loucuras para desfrutar algumas horas de sua deliciosa companhia e apreciar-lhes a conversa, porém... jamais conseguiria entendê-las.

Contudo, era a si mesmo que gostaria de entender no momento. O que acontecia com ele para deixar-se abalar tanto por uma mulher? Havia saciado

seus desejos ainda aquela tarde com uma adorável loirinha, no entanto... Agora sentia que, se não possuísse a temperamental mademoiselle Valmont, não conseguiria ter paz. Sem mais humor para jogos de cartas, foi em busca de Hurncane e tomou a direção da cidade. O animal, fazendo jus ao nome, partiu em desabalada corrida pela estrada, quase derrubando-o. Talvez devesse voltar para Barataria por um período, ele pensou, no auge da irritação.

Isso, precisava manter-se longe de qualquer mulher por um bom tempo.

Ao acordar no dia seguinte a bordo do Madalena, o sol já estava alto, e a cabine, sufocante. Bocejando, ergueu-se e olhou pela portinhola do navio, sentindo a brisa soprar-lhe os cabelos. Nas docas, a movimentação era intensa com centenas de homens trabalhando na carga ou descarga de seus navios.

Do cais, pouco se podia ver do Mercado Francês, mas o burburinho e os gritos dos vendedores, assim como o som dos sinos da Catedral de St. Louis, chegavam perfeitamente.

Arturo se espreguiçou, saboreando o vento refrescante e a visão colorida que tanto apreciava. Que surpresas lhe traria aquele dia, pensou ainda sonolento. Uma batida na porta obrigou-o a voltar à realidade.

Félix Fontaineau, o velho cozinheiro do Madalena, enfiou a cabeça grisalha pela porta entreaberta.

— "Vossa Majestade" vai querer tomar café antes do almoço?

— Muito obrigado. Tomarei uma xícara no mercado.

— Posso trazer-lhe um bule cheio — replicou o cozinheiro.

Arturo sorriu afetuosamente para o velho ajudante.

— Um bule cheio daquele grude que você chama de café? Não, obrigado. Valorizo meu estômago. E pare de tentar bancar minha babá.

— Mais non— retrucou o homem, tirando um bilhete do bolso da calça bufante. — Não é possível bancar a babá de um rato de cais como você, que vive entrando em confusão. Tome, um garoto o trouxe.

Curioso, Arturo desdobrou o bilhete de imediato, deparando-se com uma graciosa caligrafia que dizia:

"Caro capitão, estou enviando este bilhete para agradecer-lhe a mais recente tentativa de ajuda. Tem demonstrado possuir bom coração. Por isso, permita-me pedir-lhe um grande favor: esqueça o que aconteceu na noite passada. Quando viajar pelo mundo, rezarei para que se lembre de mim somente com pureza. Adieu,

D."

A pequena raposa... Está me dispensando educadamente. Ah, não será assim tão fácil, decidiu Arturo, irritado.

— De uma admiradora? —perguntou Felix ansioso.

— De certa forma — disse Arturo, bufando. Quando chegou?

— A menos de uma hora. Um garoto, desses que circulam pela praça, trouxe-o.

— Entendo.

Sem perda de tempo, o capitão foi até a pia e lavou vigorosamente o rosto. Apressado, tirou roupas de um baú e vestiu-se depressa. Depois, subindo ao convés quase deserto, reencontrou Félix e foi obrigado a tomar uma xícara de café.

Enquanto sorvia a bebida, olhou na direção do mercado fervilhante, como se daquela distância pudesse reconhecer alguém. Quando pisasse em terra, iria direto para a Vieux Carré, em cujas redondezas deveria estar Danielle.

No adorável parque Place D'Armes, podiam-se escutar vozes um pouco distantes vindas do mercado, frequentemente sobrepujadas pelos gritos de uma mulher oferecendo seus doces, que trazia numa cesta sobre a cabeça.

Enquanto caminhava, Arturo vasculhava a multidão à procura do rosto de Danielle. Neste ínterim, avistou alguns de seus homens, reunidos sob uma árvore. Juntou-se a eles, embora não prestasse muita atenção ao que diziam, concentrado na busca da jovem Valmont.

Estava quase por desistir da procura quando por fim a viu saindo da catedral, acompanhada de uma empregada. Usava um delicado vestido azul e um chapéu de palha muito claro que lhe emprestava uma aura de frescor e leveza, apesar do intenso calor.

Parando por instantes nos degraus da escadaria, Danielle arregalou os olhos e engoliu seco ao perceber a presença do pirata. Após o encontro da noite passada, não se considerava preparada para encará-lo tão cedo. De fato, só esperava reencontrá-lo após a viagem de De Leon.

Entretanto, ali estava ele, junto à tripulação de seu navio, os cabelos negros presos atrás da cabeça sob um chapéu panamá, o lenço verde no pescoço, as mangas arregaçadas revelando braços musculosos e bronzeados.

A princípio, ele não se moveu, rodeado pelos marinheiros e suas mulheres desalinhas, que tomavam cerveja e contavam histórias seguidas de muitas

risadas. Todavia, um pouco depois de tê-la notado, colocou a jaqueta e atravessou a praça em direção à catedral.

Tomada de pânico, Danielle se esforçou para agir, mas as pernas não queriam obedecer a seu comando. Quando venceu o torpor, começou a correr para a rua Chartres, arrastando Lydie consigo.

Ao vê-la fugir, Arturo interrompeu o passo, a irritação ameaçando dominá-lo. Mas sua vacilação durou pouco. Se ela queria brincar de gato e rato, não iria decepcioná-la. Com um sorriso sarcástico, passou a segui-la pelas calçadas, divertindo-se ao vê-la correr e quase tropeçar na saia quando olhava por sobre os ombros para localizá-lo.

De súbito, ela deixou a criada em frente a uma das lojas da rua comercial e sumiu em seu interior.

— Bom dia, mademoiselle Valmont! — cumprimentou-a o dono do estabelecimento, Victor Balliet, enxugando a careca com um lenço. — O que deseja? Hoje temos sedas da China, rendas da Bélgica, pentes de tartaruga de Portugal...

— Nada tão exótico, monsieur Balliet — ela respondeu, olhando de relance para fora da janela. — Apenas uma fita para enfeitar um vestido.

— Por aqui, mademoiselle — indicou o comerciante, guiando Danielle por um estreito corredor até os fundos da loja, onde uma infinidade de peças de tecido estavam empilhadas. Alcançando o balcão das fitas, deu passagem para a freguesa examinar os carretéis de todas as cores imagináveis, enquanto fazia suas conjecturas.

— O vestido que está costurando é para o baile de 4 de julho, tenho certeza. Por isso, eu lhe sugiro cetim azul. — O homem desenrolou um carretel de lustrosa fita azul, seguida de outra amarela, mais uma rosa e ainda outra verde.

— São lindas! — exclamou Danielle, enquanto a campainha da loja tocava pela segunda vez, provocando uma careta no senhor Balliet.

— Se me dá licença, mademoiselle, enquanto escolhe, vou atender o balcão.

Balliet rumou para a frente da loja, gritando por seu ajudante Mathieu.

Danielle ficou examinando as fitas e usando o leque com energia para minorar o calor.

— Que bom vê-la escolhendo fitas novamente. — A voz de Arturo soou tão próxima de seu ouvido que a fez voltar-se assustada.

— Bonjour, capitão De Leon — cumprimentou o pirata com voz trêmula.

— Acha que poderia escapar de mim tão facilmente? Não sou do tipo que se dispensa ou a quem se esnoba como a um idiota qualquer. Se está aborrecida comigo por ontem à noite, permita que me desculpe.

— Por favor, capitão...

— Parece que a ouvi dizer que está preparando um novo vestido para outro baile. Fazer compras e dançar são os únicos passatempos das mulheres ricas? Que desperdício! Conheço algo melhor com que uma linda mulher pode gastar seu tempo.

Arturo murmurou a última frase aproximando-se de Danielle para tocar-lhe uma mecha de cabelos que escapava do chapéu.

Ela recuou involuntariamente, para divertimento do corsário.

— Monsieur tem muita imaginação.

Danielle afastou a cabeça com um movimento brusco.

— Saiu cedo esta manhã.

— Fui à igreja. Arturo riu, irônico.

— Para confessar-se, eu presumo. Espero que não tenha dito toda a verdade ao padre Antônio. Ele está ficando velho, e um choque pode fazer-lhe mal.

— Recebeu meu bilhete?..— ela disse em voz baixa, ignorando a brincadeira.

— Oui, mas gostaria de algumas explicações.

— O que há para explicar? — ela perguntou, fingindo examinar as fitas. — Quero apenas que esqueça a noite passada.

— Vai ser difícil — ele replicou calmamente. — Não pode imaginar como me entristece não conseguir fazê-la apaixonar-se por mim.

Como ele se atrevia a zombar de assuntos que envolviam sentimentos? Mas o estava julgando por seus padrões. Era bem possível que De Leon contabilizasse sua vida amorosa da mesma forma que o fazia com seus negócios, anotando-os num livro de perdas e ganhos. Indignada, disse com desdém:

— Deve conhecer muitas mulheres que o ajudarão a esquecer o sofrimento, senhor.

— Nenhuma se compara a você, mon amour.

Monsieur Balliet retornou em tempo de ouvir o último galanteio do pirata de quem, aliás, costumava comprar a maior parte de suas mercadorias.

— Desculpe interromper a conversa, mademoiselle, mas já escolheu a fita?
— perguntou o comerciante, com olhar desaprovador.

Com o rosto tingido de escarlate, Danielle respondeu:

— Oui, monsieur Balliet. Quero vinte e dois metros desta fita azul clara, s'il vous plaît.

Após a escolha, seguiram todos para a frente da loja, onde Danielle assinou o recibo de compra, sob o olhai de Arturo, que se postara num canto.

Já ia sair quando De Leon colocou-se a sua frente na porta. Inclinando-se numa mesura exagerada, abriu-lhe a porta, acompanhando-a em seguida.

O comerciante observou-os partir com expressão preocupada. A conta dos Valmont havia muito estava atrasada, e corriam rumores de que as finanças da família iam de mal a pior. Dizia-se que lotes de Felicite estavam sendo vendidos para pagar as dívidas de Yves. Não teve coragem, todavia, de expressar sua apreensão à garota, principalmente na frente daquele patife, De Leon. Ninguém haveria de dizer que monsieur Balliet não tinha bom coração.

Na calçada, Arturo acompanhou Danielle, tirando-lhe o pequeno embrulho das mãos.

— Eu o levo para você — ele disse, cortês.

— Lydie o levará — retrucou Danielle, passando o pacote para a empregada que os observava com os olhos aflitos. Depois do que presenciara na noite anterior sob a sacada do quarto da patroa, a simples visão do pirata lhe provocava calafrios.

Se monsieur Yves descobrisse...

— Melhor irmos indo, mademoiselle — Lydie avisou, tentando guiar Danielle na direção da carruagem.

— Sem visitar os melhores pontos da cidade na companhia de um homem encantador? — Arturo divertiu-se observando o efeito de suas palavras. As duas pareciam querer esganá-lo.

— Se está se referindo a si próprio, non, merci — ela respondeu apressando-se a andar à frente dele.

— Entendo. — Ele a deteve pelo braço. — Morre de medo de apaixonar-se por mim, não é?

Danielle preparou-se para protestar, mas, ante o sorriso radiante do pirata, mudou de idéia. Yves não estava em casa, e voltar para Felicite naquele calor não lhe parecia uma alternativa agradável. Pretendia mesmo dar uma volta

pela cidade e bem que podia fazê-lo na companhia de Arturo.

— Três bien, aceito o convite, capitão, mas não posso me demorar muito.

— Então vamos aproveitar o máximo de nosso pouco tempo juntos.

Dando-lhe o braço, guiou-a na direção do rio, enquanto Lydie os seguia cheia de apreensão.

Passando por barris e fardos de algodão deixados na margem, pararam para contemplar a profusão colorida de mastros alinhados atrás do mercado.

Colocando Danielle a sua frente, Arturo se inclinou até que sua face roçasse a dela e apontou na direção de um navio.

— Vê aquele bergantim com uma dama espanhola como figura de proa? Aquele é o Madalena.

— Oh, mas é lindo! — exclamou Danielle com sincera admiração.

— Como não quis ir vê-lo em Baratária, trouxe-o para cá. Queria que o visse antes da partida.

— Para onde? — ela perguntou num impulso, traindo sua curiosidade.

— Primeiro para o Caribe, depois para o Marrocos.

— Será uma viagem muita longa?

— O suficiente para encontrá-la casada quando eu voltar. Por isso mesmo, venha, ma chère, vamos aproveitar a vida enquanto podemos.

Caminharam em silêncio até um café onde Danielle, entre um gole e outro da bebida, servida em sólidas canecas brancas, tomou coragem de perguntar:

— Por que chama o navio de Madalena!

— Como já lhe disse, trata-se de uma homenagem A uma das mulheres de minha vida: minha mãe — respondeu o pirata, sorridente.

Tentando disfarçar a surpresa, Danielle comentou:

— Madalena De Leon, soa tão delicado.

— Minha mãe sempre foi adorável comigo, mas delicadeza não é exatamente a palavra que combina com ela. Braveza, sim. Deve ser o temperamento espanhol, que pareço ter herdado. Quando ela se aborrece, todo mundo procura um lugar para se esconder.

— Até seu pai?

— Não o conheci, Danielle.

— Deve ter sentido muito sua falta, quando pequeno.

— Não realmente. Mamãe tem quatro irmãos que procuraram manter-me na linha. À medida que fui crescendo, derrotei a todos, menos meu tio mais velho, Juan, tio Mostacho, como costumava chamá-lo. Ele me pegou pelo pescoço e me jogou no chão. Sem golpes ou gritos, simplesmente ordenou: "Volte para o trabalho, Arturo".

— Você obedeceu?

— Sim, mas, no dia seguinte, fugi para o mar, tomando o primeiro navio mercante que encontrei. Após três anos, voltei, mas continuei a embarcar em um navio atrás do outro. Trabalhei até num baleeiro, porém não gostei do serviço.

Arturo fez uma careta.

— Então passou a perseguir navios e seus passageiros — provocou-o Danielle.

— Oui, mas não sou um assassino. Só mato pessoas no calor da batalha, ajudando-as a aliviarem-se da carga quando seus navios ficam avariados. Danielle não pôde conter o riso.

- Como se tornou um pirata?

— Pirata, não, mademoiselle, corsário — ele a corrigiu, exasperado. — Encontrei um rico financista, don Reynaldo, governador de uma ilha caribenha, cuja jovem e bela esposa, Felícia, teve a má idéia de apaixonar-se por mim. Quando o homem descobriu nosso relacionamento, quis matar-me, mas, como bom comerciante, pensou em outra estratégia: ofereceu-me um navio que havia confiscado, o Madalena, mais uma licença para que pudesse me armar em troca de metade de minhas pilhagens, por dois anos, para eu sair da ilha. Deixou claro também que, se não aceitasse a barganha, iria caçar-me e pendurar-me em algum mastro. Pareceu-me um bom negócio. A velha raposa! — Arturo deu uma gargalhada ao terminar o relato. — Livrou-se do amante da esposa e ainda tirou lucro da situação. Agradou a todos.

- inclusive a Felícia?

— Sim. O marido reconquistou-a com algumas jóias e, além do mais, já estávamos mesmo nos cansando um do outro. Acima de tudo, nenhuma mulher vale o Madalena.

Yves Valmont estava de péssimo humor quando dobrou a esquina e mergulhou no tráfego congestionado do mercado. Ao avistar a figura familiar de Lydie, sentada à sombra de uma árvore do lado de fora de um dos cafés, sem Danielle por perto, ficou transtornado.

— Lydie! — ele a chamou, provocando-lhe um inconfundível olhar de culpa.
— Onde está Danielle?

Tentando disfarçar o constrangimento, a empregada lhe deu um sorriso amarelo, dizendo:

— Por perto. Estou esperando por cia. Não precisa se preocupar, monsieur.

— Não estou preocupado — ele retrucou, esquadrinhando as redondezas em busca da irmã. Fechou o rosto ao avistá-la sentada num café aberto, na companhia de Arturo De Leon.

— Vá buscar a carruagem, Lydie — ordenou Yves, dirigindo-se para o café.

Com relutância, a empregada ergueu sua cesta e obedeceu o patrão.

Ao vê-lo aproximar-se, Arturo se levantou, cumprimentando-o cordialmente.

— Valmont, que surpresa inesperada!

— Disso não tenho dúvida, monsieur.

Danielle desistiu de dar boas-vindas ao irmão, ao deparar-se com seu olhar hostil.

— Estamos apenas tomando café — Arturo disse, apontando a xícara. — Não quer juntar-se a nós?

— Vim para levar minha irmã para casa.

— Para casa? — repetiu Danielle, aflita. — Mas acabei de chegar!

— Já ficou tempo suficiente para que todas as línguas de Nova Orleans comentem seu comportamento — redarguiu Yves, inclinando-se para puxá-la do assento.

Arturo avançou e bloqueou-lhe a passagem.

— Não há razão para uma cena, Valmont. Ela não está fazendo nada de errado.

— Talvez hoje não, mas no futuro... Todo mundo conhece sua reputação de mulherengo, De Leon. Já lhe pedi para manter-se afastado dela.

— Não há perigo, mon ami. Aparentemente, tenho mais respeito por ela do que você.

Yves corou de raiva, vociferando:

— Venha, Danielle!

Consciente de que mais uma vez estava sendo o centro das atenções, DAnielle concordou em partir, morta de vergonha.

Arturo aproveitou a audiência para fazer o papel de cavalheiro, beijando a mão da moça e murmurando:

— Até a próxima, pequenina.

— Não haverá próxima vez, De Leon — Yves assegurou, fitando-o com desprezo.

— Engana-se, mon ami — murmurou o corsário, confiante. Vou vê-la de novo em breve.

Já na rua, numa esquina à espera da carruagem, Danielle se desvencilhou do aperto de Yves, e os irmãos começaram a discutir.

— Como ousa humilhar-me dessa forma? — Danielle exigiu, vermelha de raiva enquanto cumprimentava com um aceno uma matrona que passava.

— Como você ousa oferecer-se para aquele pirata? — retrucou Yves, baixando a ponta do chapéu à guisa de cumprimento à mulher.

— Meu comportamento em relação a De Leon é irrepreensível, ao contrário do seu, de quem todos falam. Que há de errado em tomar café com o capitão, em plena luz do dia, num lugar público?

— Baixe o tom de voz — ele a repreendeu à medida que o coche da família se aproximava. — Agora, escute-me. Gauthier virá esta noite pedi-la em casamento mais uma vez, e você vai aceitar. Seu casamento com ele será uma grande jogada.

— Para você, talvez — resmungou DAnielle.

— Isso discutiremos mais tarde — Yves ajudou-a a subir no coche sem muita delicadeza. — De qualquer forma, aviso-a de que, se não der uma resposta apropriada a Gauthier, passará uma longa temporada no convento. A solidão do claustro ajudará a melhorar suas idéias.

Danielle lhe lançou um olhar fulminante, antes que se afastasse da carruagem já em movimento. Em voz suficientemente alta para que ele a ouvisse, declarou;

— Grave bem isto, Yves: não vai decidir meu destino sozinho!

CAPITULO V

Usando apenas uma camisola leve, Danielle penteava vigorosamente os cabelos, em pé no meio do quarto. De fora vinha o som animado de um charivari, a tradicional música nupcial da região, acompanhada por um festivo bater de sinos e potes somado a gritos e assobios.

Havia comparecido à cerimônia de casamento dos escravos e permanecera na festa até os noivos saltarem o riacho, uma tradição do povo da redondeza. Então voltara para casa com a firme intenção de dormir.

Todavia, quando se sentou na cama sob o mosquiteiro, sentiu-se incomodada pelo calor, pela música e pela dura decisão que tinha pela frente: ou casar-se com Vincent ou passar a vida num convento.

Como sempre, respondera com evasivas ao novo pedido de casamento de Gauthier e, desta vez, recebera um ultimato do rapaz.

— Espero por sua decisão desde os doze anos, Danielle — argumentara o jovem crioulo, com ar consternado.

— Ainda não me ama ou ama outra pessoa?

— Eu te amo, Vincent... como amigo — respondeu, temerosa de magoá-lo.

— Amizade é o suficiente para um começo. Depois aprenderá a amar-me como a amo, a não ser que esteja apaixonada por... aquele canalha do De Leon. Está?

— Claro que não! — protestou Danielle, chocada tanto com a acusação quanto com a própria veemência.

Vincent suspirou de alívio.

— Desculpe, tive medo de que... Bem, não importa. De qualquer forma, gostaria de ter uma resposta definitiva até o meu aniversário, 6 de julho. Se aceitar, colocaremos as alianças no próprio dia e poderemos nos casar no Ano-Novo. Que acha?

— Parece adorável — disse Danielle distraidamente, finalizando a conversa.

Agora, sob as cobertas, pensava nas duas semanas de liberdade que ainda lhe restavam. Depois disso, teria de amargar um confinamento do qual sairia apenas como noiva de Vincent Gauthier para viver o resto de seus dias como solteirona. Nenhuma das alternativas significava uma escolha.

Sentindo-se sufocada por aqueles pensamentos, foi até a sacada respirar ar fresco. Passaram-se muitas horas antes que o sono vencesse sua tristeza.

Danielle sorriu ao contemplar-se no espelho de parede. O velho vestido branco resplandecia como novo. Com a ajuda de Lydie e o toque delicado da fita azul-clara, comprada na loja do sr. Balliet, haviam conseguido um verdadeiro milagre.

Feito de gaze diáfana sobre cetim, o vestido, justo até a cintura, abria-se numa saia de pregas que deixava entrever a anágua da mesma cor da fita. As mangas eram curtas, e o decote, pronunciado, revelando o colo alvo de Danielle. Os cabelos cacheados e brilhantes também haviam sido ornados com fita, que os prendia no alto da cabeça, deixando-os descer em ondas sobre os ombros,

A expressão de seu rosto, contudo, não fazia jus à beleza do traje. Parecia cansada e tensa. Os olhos não refletiam a costumeira alegria, mesmo diante da perspectiva de participar do maior evento do verão, o baile do 4 de Julho, na casa de Lester Parker, um influente americano, numa das raras oportunidades em que nativos americanos e crioulos conviveriam socialmente.

A lembrança de que dali a dois dias teria de dar uma resposta a Vincent toldava-lhe o espírito. Sentia-se muito só e desamparada.

Para amenizar seu mal-estar, procurou na penteadeira a caixa de madeira que lhe servia de porta-jóias e vasculhou-a à procura do anel de opala que fora da mãe.

Embora a pedra de um vermelho iridescente não combinasse com a roupa, teve o efeito confortador de um talismã quando a colocou no dedo.

Às dez, pegou o leque de renda branca e desceu as escadas rumo ao saguão de entrada, onde Vincent já a aguardava, ansioso. Sorriu ao vê-la tão linda, o branco emprestando-lhe uma aura de inocência virginal, exatamente o que esperava de sua jovem futura esposa. Danielle parecia tão dócil...

Entretanto, dócil ela não seria nem um pouco naquela noite.

Enquanto a carruagem os levava, pelo lado americano da cidade, por ruas estreitas e sujas que levavam à casa de Parker, Danielle decidia que, se aquela festa fosse representar seu derradeiro momento de liberdade, nem Yves nem Vincent a impediriam de dançar e flertar com quem bem entendesse.

E assim o fez desde o primeiro momento em que pisou no salão.

Dançou primeiro com o anfitrião, depois com Yves e com o sempre fascinado Vincent. Mal se viu livre do pretendente, acabou nos braços de um adolescente de dezesseis anos, do Tennessee, que a princípio a segurou como se

fosse de porcelana, para logo apertá-la como se temesse que ela fosse lhe escapar.

Com ardor juvenil, o rapazola rodopiou com Danielle por todo o salão, arrancando-lhe uma sonora gargalhada.

Num dos exagerados rodopios, meio ofuscada pelo brilho dos candelabros, ela vislumbrou Arturo De Leon. Recostado no batente dos portões de entrada, era a imagem inconfundível de um belo e seguro capitão de marés bravios. A seda e o veludo das roupas realçavam os músculos fortes e o porte atlético.

Com o pulso acelerado, cumprimentou-o com um leve aceno de cabeça, feliz pelo fato de nem o irmão nem Vicent terem lhe percebido o gesto. Da mesma forma esperava poder desculpar-se com o corsário pela terrível cena que Yves os fizera passar no café.

— Tudo bem, srta. Valmont? — perguntou-lhe Martin Hannibel, seu jovem parceiro.

— Sim, apenas avistei alguém que conheço.

— Alguém que preferia não encontrar por aqui? — ele continuou com a voz desafinada dos adolescentes. — Se assim o for, posso acompanhá-la por toda a noite. Nós, americanos, sabemos ser cavalheiros.

— Obrigada, monsieur Hannibel — Danielle lhe sorriu com doçura —, mas tenho certeza de que não será necessário,

Quando a dança terminou, o rapaz, visivelmente encantado pela voz, o sorriso e o charme de Danielle, soltou-a e fez uma medida exagerada.

— Obrigado pela dança, srta. Valmont. Gostaria de sentar ou prefere um pouco de ponche ou outra bebida?

— Non, merci, é muito gentil — respondeu ela com um sorriso estonteante, deleitando-se com o efeito de seus encantos sobre o rapaz.

— Então posso ter a honra de uma outra dança? — propôs Martin timidamente enquanto a música recomeçava.

— Não seja tão ganancioso, rapaz — uma voz grave o interrompeu. — Já dançou com a moça mais bela da festa. Dê chance aos outros de dançarem também. Se me permite, mon ami...

Inclinando-se suavemente, Arturo cumprimentou Danielle e beijou-lhe a mão. Poderia me dar o prazer desta dança, mademoiselle?

— Oui, merci! Com licença, monsieur Hannibel. Martin também se inclinou, num cumprimento, mas pareceu desolado ao ver a moça nos braços do pirata.

Juntando-se aos demais dançarinos, o casal não percebeu a expressão desanimada do rapaz nem o olhar furioso de Vincent que já os avistara.

— Capitão, queria falar-lhe — começou Danielle imediatamente — e desculpar-me por aquele dia te...

— Não é preciso, ma belle — disse De Leon, admirando-lhe o decote.
— Melhor conversarmos sobre sua beleza. Quem poderia dizer que simples fitas azuis produziram tal efeito?

Corando, mas resistindo ao desejo de cobrir-se, ela agradeceu o cumprimento.

— Merci, capitão. Agora, diga-me, não deveria ter partido na semana passada?

— Nossa partida foi adiada.

O pirata não quis admitir que procurara pela moça no teatro e na Ópera Francesa e, por não encontrá-la decidira adiar a partida para poder comparecer ao baile do 4 de Julho.

De repente, com um brilho determinado nos olhos azuis, Arturo a guiou até as portas que permaneciam abertas para deixar entrar a brisa noturna.

— Não, por favor — protestou Danielle.

— Querida, não disse que queria falar comigo? Então vamos conversar um pouco em particular. Prometo comportar-me.

Ainda dançando, seguiram para o pátio. Embalados pela música e o perfume das flores, valsaram até os últimos acordes da canção. Então, com alguma relutância Arturo a soltou. Com sua jaqueta forrou um banco convidando-a a sentar. Tomando-lhe a mão entre as suas, comentou:

— Que anel adorável está usando hoje. É uma opala, não?

— Sim, pertenceu a minha mãe.

— Pensei que opalas trouxessem má sorte, principalmente em assuntos do amor, mas isso parece não ser verdade, não é? Inclinou-se levemente e aspirou o perfume dos cabelos de Danielle, fazendo-a recuar um pouco.

— Não me diga que é supersticioso, capitão.

— Só sobre algumas coisas — ele admitiu, com um sorriso maroto. — Sabe que uma cigana me ensinou a ler mãos?

— E o que a minha lhe diz?

— Que está triste.

— Não leu isso em minha mão — ela protestou, tentando, em vão, desvencilhar o pulso.

— Não, li em seus olhos. Que há de errado, ma peti? Yves ainda insiste no casamento?

Ela não respondeu, incapaz de discutir o assunto com o corsário.

— Ah! Danielle, aborrece-me vê-la tão triste — ele sussurrou, lutando contra o desejo de tomá-la nos braços e beijá-la. Fiel a sua palavra, apenas ergueu-lhe a mão e beijou a ponta dos dedos.

O gesto delicado, todavia, foi interrompido por uma voz irada.

— Mas que linda cena!

— Vincent! — exclamou Danielle, puxando a mão e pondo-se de pé.

— Saia do caminho, Danielle! — vociferou o jovem crioulo, rumando na direção de Arturo com as feições transtornadas.

Levantando-se do banco, Arturo procurou acalmá-lo.

— Não é o que está pensando, Gauthier. Estávamos >Tias conversando.

— Sozinhos, no escuro?

— Conversar no escuro pode ser uma maneira agradável de passar o tempo — brincou o corsário, numa inútil tentativa de desanuviar os ânimos do rapaz. — Devia tentar de vez em quando.

— Devia matá-lo, De Leon! — disse Vincent, avançando contra o capitão. — Não vejo nada de engraçado em encontrar Danielle passando tempo... novamente... com um canalha como você.

— Vincent! — Danielle revoltou-se, indignada. Ignorando-a, o rapaz continuou encarando De Leon com extrema arrogância.

— Conversarei com Danielle depois, mas nós já podemos marcar um duelo em Dueling Oaks.

— Nada aconteceu aqui que possa haver lhe ofendido a honra, Gauthier — replicou o corsário, procurando manter a calma, principalmente em consideração ao desespero estampado no rosto de Danielle.

Entretanto, a resposta insolente de Vincent pôs tudo a perder.

— O que você entende de honra, hein, seu patife?

— Bem... — começou o pirata, aproximando-se do rapaz —, realmente trata-se de um assunto um tanto quanto difícil...

De repente, Arturo desfechou um potente soco no queixo de Vincent que, escorregando na laje coberta de musgo, deslizou até a fonte, onde ficou estatelado por alguns segundos.

Voltando-se para Danielle, pálida pelo choque, Arturo zombou:

— Parece, chère, que o homem com quem vai se casar realmente a ama. Está pronto para duelar por você.

— Não quero que duela por mim nem por sua estúpida honra! — exclamou Danielle, sendo, entretanto, interrompida pela carga de Vincent sobre Arturo, de forma violenta que jogou os dois homens ao chão, onde rolaram, fazendo-a também perder o equilíbrio e cair.

Com os cabelos desgrenhados e a saia emaranhada, Danielle se pôs de pé num salto. Vendo-os engalfinhados numa luta violenta, procurou atingi-los com socos.

— Parem! Vocês perderam o juízo!

Os gritos e os sons do combate acabaram por atrair uma multidão de americanos. Com suas lanternas, eles rodearam os dois rapazes e começaram a fazer apostas, incentivando um ou outro, enquanto os representantes da aristocracia crioula olhavam pelas janelas com ar de profunda censura.

Puxando Danielle de lado, Lester Parker comentou, apreciando a luta:

— Não há nada que possa fazer, srta. Valmont, a não ser deixá-los brigar.

— Mas alguém pode morrer! Não pode obrigá-los a parar, monsieur!

— Não se preocupe — ponderou Parker, resistindo à idéia de interferir na luta —, De Leon vai parar antes de machucar o rapazinho.

— Por favor, monsieur — ela se voltou para Martin Hannibel que também havia se aproximado.

Apaixonado, o rapaz intercedeu junto ao anfitrião:

— Vamos lá, sr. Parker, eles já se divertiram o suficiente.

A contragosto, o outro americano resolveu apartar a briga, colocando-se entre os contendores. Agarrou Vincent, já cheio de hematomas e sangue, afastando-o de Arturo.

— Certo, rapazes, já foi o suficiente — impôs Lester Parker com a autoridade de anfitrião, apesar das vaias dos espectadores.

Martin não teve problemas em controlar Arturo. O pirata se afastava para um lado do pátio, enxugando o sangue do nariz com seu inconfundível lenço verde.

Finda a luta, a multidão também acabou por dispersar-se rapidamente. Só Vincent permanecia enraivecido, lançando olhares fulminantes para Arturo do outro lado do pátio.

— Deixe-nos terminar o que começamos, monsieur Parker — exigia o jovem crioulo.

— Por mais que deteste interromper uma boa luta, vocês têm de parar, rapazes. Estamos numa festa. Além disso, estão aborrecendo a jovem dama ali.

Arturo e Vincent lançaram olhares ressentidos na direção da moça despenteada.

Os americanos, percebendo que a discussão não lhes dizia respeito, decidiram retirar-se.

— Não devia ter interferido, Danielle — comentou Arturo, desapontado. — O que fiz foi por você, tentando ensinar alguns modos a Gauthier.

— Espancando-o?

— Ele me bateu também.

Naquele momento, Yves se juntou ao grupo, elevando ainda mais o tom da discussão.

— Chega, Danielle! — ele ordenou à irmã, que não o obedeceu, ocupada em censurar os dois brigões.

— Não chega, não! Onde já se viu, esses dois lutando como gatos selvagens?

— Mon Dieu, Valmont, sua irmã tem mesmo um linguajar engraçado — observou Arturo enquanto pegava a jaqueta, atraindo a fúria de Danielle.

— E você! Como pôde bater num menino? Ele é bem menor que você. Ainda por cima bateu sem avisar. Podia tê-lo ferido gravemente.

— Quem está me chamando de menino? — protestou Vincent.

— Sim, a quem está chamando de menino? — reclamou Arturo, apontando o nariz que sangrava. — Ingratidão a sua depois de tudo que fiz.

Praguejando em várias línguas, o pirata deixou a festa. Danielle resolveu fazer o mesmo, olhando desolada para o vestido que se transformara num amontoado de gaze rasgada e fitas soltas. Mancando, pois perdera o salto do sapato na queda, dirigiu-se para a saída.

Entretanto, antes que alcançasse as portas do salão, Vincent a interceptou, com Yves em seu encalço.

— Foi a última vez que me fez de idiota, Danielle — ele a acusou com os lábios inchados. — Não precisa mais me dar nenhuma resposta depois de amanhã.

Dito isto, o jovem crioulo marchou para fora da casa, acompanhado por Yves que, antes de seguir o amigo, ordenou a Danielle:

— Pegue suas coisas e nos encontre na carruagem. Verei se ainda posso consertar esta situação.

No interior da casa, o jantar começava a ser servido, e Danielle, desalinhada e aborrecida, procurou a dona da casa para desculpar-se pela saída apressada.

— Seu belo capitão tem o sangue quente, querida — confortou-a a sra. Parker, dando-lhe palmadinhas na mão. — Melhorará com a idade. Quando estiverem casados há tanto tempo quanto eu e Lester, você verá.

Confusa, Danielle não explicou que provavelmente não mais veria, o "seu capitão". Contendo as lágrimas, correu para a carruagem, à espera do irmão.

Na taverna da mãe, El Reposo de Los Marinos, Arturo tateou a mesa em busca da garrafa de rum que secara por completo.

— Vazia — ele resmungou. — Podia jurar que havia mais.

E havia, mon capitaine, há algum tempo — respondeu Jacques, com o típico sotaque cajun, o dialeto da Louisiana.

— Há muito tempo? — perguntou Arturo, soluçando e espantando um mosquito.

— O suficiente para que sua mãe esteja muito zangada com você. Não gosta de vê-lo neste estado. Não entendo espanhol, mas sei que estava dizendo palavras.

— Ela nunca se zanga comigo. — Arturo fez uma careta. Depois, pousando as mãos nos joelhos, acrescentou: — Só há uma coisa a fazer, amigo, e eu vou fazê-la.

Erguendo-se com dificuldade, o pirata cambaleou pelo chão de tábuas até o bar do outro lado da sala, com um sorriso bobo no rosto.

— Mais rum, tio, por favor.

Juan De Leon olhou de relance para o sobrinho, com ar consternado, e não parou de secar o copo que tinha nas mãos.

— Já bebeu demais, Arturo. Vá ver sua mãe, na cozinha, e depois, corra para cama. É do que está precisando.

Tropeçando, Arturo chegou até a porta de vaivém da cozinha e ficou observando a mãe, uma espanhola troncuda de rosto forte, de quem Arturo herdara a aparência sensual e os brilhantes olhos azuis. Com as mãos mergulhadas até o cotovelo na água ensaboada, Madalena empreendia sua luta diária.

Confiante e independente, Madalena o criara sozinha, assim como administrara a próspera taverna, às vezes com alguma ajuda dos irmãos, às vezes apesar deles. Ao avistar o filho atrás das portas, estreitou os olhos.

— Mi madre — disse Arturo, com voz pastosa, passando e fazendo uma medida desajeitada. Tropeçou nos próprios pés e bateu contra a pesada mesa da cozinha.

— Sente antes que caia, Turo — disse a mulher, secando as mãos no avental e limpando a mesa para colocar um prato com um enorme bife para o filho. — Tome, deixei no forno para você. Coma e volte para o navio. Não vai partir amanhã?

— Si. — Ele olhou para o bife com ar nauseado e comeu um pedaço.

— Que espécie de idiota bebe desse jeito antes de uma viagem? — censurou a mãe. — Que há com você, hijo? Trata-se de uma mulher, como disse Jacques?

— Jacques fala demais.

— Bem, é uma mulher? Será que se apaixonou desta vez?

— Apaixonado, eu? Não! — respondeu enfático, batendo os punhos na mesa. — Que elas me deixam louco pode ser, mas apaixonado nunca.

— Um grande problema tantas mulheres, mas basta uma para deixar um homem apaixonado — sugeriu Madalena com ironia.

— Si, uma mulher. — Arturo concordou melancólico. — E que temperamento ela tem! Queria um beijo antes de partir, e o que recebi? Insultos. Ela não pode fazer isso com Arturo De Leon.

Trôpego, pôs-se de pé e rumou para a porta.

— Onde vai, filho? — perguntou Madalena, recebendo a resposta do meio da escura noite de verão.

— Vou conseguir aquele beijo antes de partir.

A lua espiou entre as nuvens a caminhada incerta de Arturo pelos gramados de Felicite, após a viagem no lombo de um cavalo de tração, alugado por um preço exorbitante de um fazendeiro que rumava para o mercado com o

propósito de assegurar um estábulo.

Agora, sob a sacada da moça, o pirata se perguntava o que fazer em seguida, lamentando a idéia maluca que o levara até ali. Olhando para cima, percebeu que a porta de vidro estava entreaberta, para deixar entrar a brisa, e tomou sua decisão.

Já vivera situações muito mais perigosas do que escalar uma árvore.

Movendo-se com o cuidado exagerado dos bêbados, Arturo começou a escalada, não sem antes tirar a jaqueta e o colete, dobrá-los e, irracionalmente, depositá-los sobre o gramado molhado de sereno, com o chapéu por cima.

Ao chegar ao topo da árvore, depois de quase cair no meio do caminho, encarapitou-se no galho que se estendia na direção da sacada e tentou alcançar a balaustrada. Por um triz não foi ao chão, ficando dependurado alguns segundos enquanto recuperava as forças para uma nova tentativa.

Conseguindo, por fim, agarrar a balaustrada, atingiu a sacada. Em seguida, entrou no quarto da moça, carregado pelo cheiro acre de um repelente de insetos.

Deixando a porta entreaberta, Arturo pôde identificar, mesmo por detrás do mosquito, a bem-amada dormindo de costas, os cabelos cor-de-mel espalhados pelo travesseiro, a camisola aberta na altura do peito revelando parte dos seios.

Parecia tão etérea e bela que o corsário quis certificar-se de não estar sonhando. Para tanto, lançou-se em sua direção, tropeçando em uma cadeira que não vira no caminho.

Sobressaltada, Danielle se sentou e, de olhos arregalados, perscrutou a escuridão.

— Quem está aí?

— Não tenha medo, pequenina. Sou eu, Arturo — ele sussurrou com voz arrastada.

— Arturo! Que está fazendo em meu quarto? — ela perguntou, puxando as cobertas até o pescoço. — Enlouqueceu? Se Yves o pegar aqui, vai matá-lo!

— Então, ele não pode me ver, não é? — disse o pirata, indo ao encontro de Danielle, mas tropeçando no capacho de palha e desabando ao pé da cama. Levando Danielle e parte do mosquito junto.

— Está bêbado — ela sussurrou com raiva, puxando uma das pernas de debaixo dele.

— Talvez sim — ele concordou com um sorriso torto, apoiando-se num dos cotovelos e arrancando o mosquiteiro do rosto com a outra mão —, mas não a ponto de não ver o quanto você é bonita, mesmo no escuro.

— O que quer? Já se esqueceu que estou brava com você?

— Queria falar-lhe antes de partir. Não pude suportar a idéia de ir viajar sem fazer as pazes.

Subitamente exausto, Arturo se esticou na cama macia e perfumada, um dos braços apoiando a cabeça, o outro, sobre os pés de Danielle.

— Levante-se! — ordenou ela em voz baixa, cutucando o peito de Arturo com a ponta do pé.

Ele resmungou algo ininteligível e puxou as cobertas mais para perto de si. Decidida, Danielle levantou-se e tratou de expulsar o intruso.

— Vamos, levante-se. Já foi loucura suficiente ter vindo aqui.

— Oui, loucura — ele concordou, meio adormecido, sem mover um músculo.

Desesperada, ela se dirigiu para a porta da sacada, abrindo-a por inteiro enquanto dizia:

— Veja, está clareando. Precisa ir embora.

Tomando fôlego, Arturo se sentou na cama, contemplando a silhueta de Danielle contra a luz da lua, o corpo delgado através da camisola fina.

Com esforço, levantou-se, balançando, vindo a ser apoiado pela própria Danielle que, temerosa de outro possível tombo, desta vez no chão, abraçou-o pela cintura, levando-o até a porta da sacada.

De repente, o braço pousado sobre o seu ombro apertou-a com força, quase erguendo-a do chão. Chère — ele murmurou, o rosto bem próximo ao dela. — Preciso de um beijo, antes de partir.

— Você está louco — ela protestou, sem conseguir se desvencilhar.

— Oui, louco.

Logo Danielle sentia o gosto adocicado de rum dos lábios de Arturo sobre os seus, movendo-se com a força da paixão que sempre vinha à tona quando estavam juntos. Em vez de protestar, ela abraçou-o, sentindo a rigidez do corpo masculino contra o seu, transmitindo-lhe calor, deixando-a perigosamente excitada.

— Não vê como a quero, Danielle? E como me quer também? — ele murmurou com voz rouca.

— Não, não vejo, não quero, não aqui, não assim — ela respondeu quase em soluços, lutando contra o desejo que lhe roubava o bom senso.

— Venha comigo. Diga como você quer — ele pediu, segurando-lhe a cabeça e olhando-a fixamente nos olhos.

— O que... o que está dizendo?

Assustada, Danielle sentia o ardor de Arturo e a clara evidência de seu desejo.

— Não quer se casar com Gauthier, não é verdade?

— Depois desta noite, nem que quisesse poderia fazê-lo.

— Então, viaje comigo. Eu lhe darei dinheiro, jóias, uma linda casa em Tortuga. Eu lhe darei tudo o que uma mulher pode desejar.

— Tudo? — Ela recuou um passo para contemplar o rosto daquele homem que a enfeitiçava.

— Ah, não — ele riu baixinho, compreendendo rapidamente o que ela quisera dizer. Deixou os braços caírem ao longo do corpo. — Está pensando em casamento?

— Sim... e amor — ela disse com simplicidade mas logo percebeu que sua declaração era recebida como um inaceitável capricho.

— Juro que te amo, querida, mas nenhum homem em perfeito juízo quer perder sua liberdade. Além disso, não creio que deseje ca... casar com um pirata. — Ele soluçou.

— Muito menos fugir com um — ela retrucou, empertigando-se. — Detesto qualquer tipo de escândalo, monsieur.

— Escândalos podem ser muito divertidos — sugeriu Arturo, a voz enrolada. — Muito divertidos...

— Fora! Fora! — Danielle explodiu, enraivecida, empurrando-o para a sacada.

Percebendo que ainda estava muito bêbado, puxou o ramo da árvore para ajudá-lo a descer.

— Rápido, suma daqui!

— Como vou deixar você, querida, sem sequer mais um beijo? — Ele sorriu malicioso, já em cima do galho.

— Isto não sei, mas, quanto a descer, será do mesmo jeito que subi.

Dito isto, Danielle soltou o galho da árvore que ricocheteou no ar quase derrubando Arturo.. Resmungando, ele pousou no chão e se afastou enquanto ela fechava as portas e se deitava para lutar contra mais uma noite de insônia.

CAPÍTULO VI

O Madalena cortava as águas do Mississipi que cintilavam sob a luminosidade rubra do entardecer. À esquerda, depois atrás do navio e ressurgindo subitamente à frente, o sol parecia uma imensa bola de fogo a brincar com os tripulantes enquanto seguiam pelo curso sinuoso do rio.

Do tombadilho, Arturo observava a linha litorânea e a vegetação tropical e exuberante que acompanhava toda a margem.

Não importava quantas vezes já houvesse feito aquele trajeto, sempre que o navio chegava a English Turn seguindo rumo a Nova Orleans, sentia o coração bater mais forte. A tripulação compartilhava a mesma emoção. Retornando de uma viagem tranqüila ao Caribe, expressavam seu bom humor cantando modinhas enquanto trabalhavam.

Quando o Madalena venceu mais uma curva do rio, deixando Vieux Carré à vista, gritos de alegria se fizeram ouvir da proa. À medida que se aproximavam das docas, os marinheiros já conseguiam distinguir suas esposas e filhos que os aguardavam no cais.

O sol causticante havia se posto, o lar os esperava. Tudo era festa.

Apenas Arturo não conseguia compartilhar a alegria de seus companheiros de viagem. Mal o navio acabara de ancorar, já visualizara um rosto familiar em meio à multidão. Problemas e não prazer o esperavam.

Jaime Montera, parceiro na futura viagem ao Marrocos, encontrava-se no porto, um pouco afastado das de mais pessoas, pálido e carrancudo.

Rico mercador, Jaime era descendente de um soldado que havia sido destacado para uma guarnição em Nova Orleans durante a posse espanhola do território da Louisiana. Apesar de haver casado com a filha de uma das famílias francesas mais antigas do local, Montera havia permanecido espanhol até a medula, sempre separatista.

— Lá está Jaime — disse Arturo ao imediato. — Terá de checar com o capitão de porto quanto tempo poderemos ficar aqui.

Por pouco Jacques não deixava de cumprir a ordem. Assim que a prancha

do Madalena tocou o cais, Jaime Montera a escalou ansioso, quase jogando o marinheiro ao mar.

— Madre de Dios, já era tempo de você voltar, De Leon! — cumprimentou o pirata sem esconder seu nervosismo.

— Bonsoir, Jaime — replicou Arturo, recusando-se a falar espanhol. — Meus negócios em Tortuga demoraram além do esperado. Se soubesse, porém, que estava com tanta saudade, teria me esforçado para voltar antes.

Arturo sempre procurava dissipar a natural antipatia que nutria pelo mercador com brincadeiras. Na verdade, o acordo comercial entre eles só surgira pelo fato de Jaime ser primo de Diego Montera, um ex-camarada de De Leon.

Cansado da pirataria, Diego tornara-se um próspero mercador no norte da África, tendo inclusive se convertido ao islamismo. Agora temia que seus navios fossem atacados pelos antigos companheiros de pilhagem.

Para proteger-se, decidiu oferecer altas somas de dinheiro por especiarias trazidas do leste, e escolheu o ex-companheiro De Leon para incumbir-se da tarefa. O primo, Jaime Montera, fora encarregado de recrutar o corsário. Entretanto, apesar de haver aceito a proposta, a transação não agradava nem um pouco a Arturo.

— Venha, Jaime, vamos tomar um pouco de conhaque em minha cabine.

Nos aposentos do capitão, o espanhol falou sem rodeios:

— Pensei que tínhamos um acordo, capitão.

— Sim, devo levar uma carga, que você tratará de reunir...

— Já está tudo pronto. Tabaco e melado.

— Tão cedo? Sente-se, Jaime, deve ter trabalhado muito enquanto estive fora.

— Si— concordou o espanhol, mais calmo, sentando-se na cadeira que Arturo lhe oferecia.

— Bem, como dizia, devo levar a carga de Diego para o Marrocos — continuou Arturo, colocando uma garrafa de conhaque e dois copos sobre a mesa — e trazer especiarias que você venderá a seus compradores e cujo lucro dividiremos. Qual o problema então?

— O problema é que ainda não vi um centavo do dinheiro.

— É esse o problema? Não se preocupe. Você o terá. Vamos primeiro brindar a nosso sucesso.

Arturo ergueu o copo num brinde.

— E quanto lhe devo? — ele continuou, após saborear a bebida.

— Dois mil dólares — declarou Jaime, observando a reação de Arturo.

— Dois mil dólares? — exclamou o pirata, embora o rosto permanecesse impassível. Mesmo sem verificar os cofres, sabia que não possuía tal soma a bordo. Investira todo o dinheiro adquirido na viagem em sua fazenda Désir du Coeur, perto de Tortuga.

— Não tenho essa quantia aqui, Jaime. Terei de ir a terra para conseguí-la.

— Por meio de jogo, suponho — resmungou espanhol.

— Faz alguma diferença para você a forma como vou obter o dinheiro?

— Não. Hoje é terça. Mantenho nosso trato até sexta. Se não me trouxer o dinheiro, procurarei o capitão McNamara.

— Angus McNamara? — Arturo riu com desdém. — Seu Bonnie Mary é uma velha banheira enferrujada.

— Mas é digna de confiança, assim como seu capitão.

A insinuação pairou no ar enquanto o mercador se levantava para partir.

— Prefiro fazer negócio com você, De Leon. Diego gosta de você e, sabe lá Deus por que, também confia em sua palavra. A propósito, talvez lhe interesse saber que um de seus parceiros de jogo foi morto em um duelo enquanto esteve fora. Suponho que o conheça... Yves Valmont.

Arturo se ergueu de um pulo.

— Valmont está morto?! E quanto à irmã? Montera o olhou surpreso e satisfeito com o impacto que sua notícia teve sobre Arturo.

— A moça ficou na miséria — revelou demonstrando uma consternação que não sentia. — A fazenda, a produção, os escravos, os animais de criação, tudo teve de ser vendido para pagar as dívidas de jogo do irmão. Eu mesmo comprei o lindo cavalo negro que ela costumava galopar com tanta pompa.

— E onde está Danielle?

O mercador a custo reprimiu um sorriso de satisfação ante a evidente preocupação do corsário com a garota. Era bom conhecer a fraqueza do homem. Todavia, por Will considerar que Danielle, apesar da fama de rebelde, não se dava com piratas, decidiu não aprofundar-se no assunto. Enquanto se precipitava pela porta para evitar mais perguntas, apressou-se a dizer:

— Parece que o jovem Gauthier pretende desposá-la o mais rápido possível. Bem, até sexta, De Leon.

Completamente zozinho com as más notícias, Arturo foi para o convés esperar por Jacques. Por que, afinal, estava tão perturbado? Mais cedo ou mais tarde Danielle Valmont iria se casar, e tanto fazia se fosse com Vincent Gauthier ou com qualquer outro aristocrata de nariz empinado.

Além disso, precisava concentrar-se nos negócios. Perdera a oportunidade de rejeitar a proposta de Montero. Transportar carga era uma tarefa que contrariava sua natureza aventureira. Não havia perigo, nenhuma emoção.

A única e remota possibilidade de uma viagem daquele tipo tornar-se excitante seria se deparassem com um punhado de piratas em alto-mar.

Sua decisão, contudo, baseara-se nos lucros que obteria. Dois mil dólares constituíam um investimento de vulto. De qualquer forma, poderia facilmente triplicar ou mesmo quadruplicar a quantia naquela única viagem. Valia a pena suportar o aborrecimento e tentar levantar o dinheiro. Tinha bom crédito com muitos cidadãos respeitáveis de Nova Orleans, mas pouco tempo para transações comerciais.

— Como está nosso amigável capitão de porto? — Arturo cumprimentou o imediato assim que este subiu à prancha.

— Encantador como sempre — respondeu Jacques com um sorriso forçado. — Disse que só podemos ficar ancorados aqui até o sábado, quando o Delta Maid chega de Pensacola.

— É tempo suficiente para pegarmos a carga e partirmos sexta à noite.

— Exigirá alguns arranjos — ponderou o marinho. — Oui, mas não é impossível. Agora, diga a Felix para

aquecer água para um banho. Preciso estar em forma porque nossa ida para o Marrocos depende de meu desempenho em terra logo mais.

Com os cabelos ainda molhados e vestido só com a calça, Arturo acendeu a lanterna sobre a mesa e contou o dinheiro do pequeno cofre. Trezentos dólares a serem transformados em dois mil.

Felizmente, o vinte-e-um sempre fora seu jogo de sorte.

Naquele momento, Jacques bateu na porta e entrou. Assim que viu Arturo, sorriu.

— Hum, está perfumado como uma prostituta de dois dólares, Turo.

— Como sabe? Nunca teve dois dólares para gastar com uma mulher.

— Mesmo se tivesse, pagaria duas prostitutas de um dólar cada — replicou o marujo enquanto tirava uma camisa de um varal improvisado atrás da porta e a passava para o pirata.

— Há alguém esperando para vê-lo, capitão.

- Intrigado, Arturo pegou a camisa e a vestiu, enquanto aguardava Jacques trazer a visita.

— Merci, muita gentileza de sua parte atender-me, capitão — disse uma graciosa jovem negra, a voz baixa e modulada soando-lhe bastante familiar.

— É um prazer, mademoiselle — respondeu Arturo, esforçando-se para lembrar de onde a conhecia. De repente, lembrou-se. — Você é a empregada de Danielle Valmont... a que ela alforriou.

— Oui, meu nome é Lydie, monsieur — ela se apresentou, tomando o assento que Arturo lhe oferecia. Mademoiselle Dani ficaria muito irritada comigo se soubesse que estou aqui, mas precisava vir vê-lo. Precisa ajudá-la, capitaine.

— Ajudá-la? — O pirata deu uma gargalhada. — A ultima vez que tentei fazê-lo, fiquei com as marcas de sua delicada mãozinha em meu rosto. Por que o noivo não a ajuda? Gauthier planeja casar-se com ela, não é?

— Não é porque ele planeja casar com la petite maitresse que isto vai acontecer — Lydie protestou indignada. — Dani não tem noivo, capitaine. De fato, não tem ninguém.

Arturo, que andava pela cabine, deteve-se. Sentou-se numa cadeira em frente a Lydie, fitando-a com interesse.

— Ofereci-me para ajudá-la agora que encontrei emprego na loja de costuras de madame Lambert. Mas, apesar de tudo que fez por mim, mademoiselle Danielle não aceitará meu socorro nem a caridade de ninguém. A muito custo consegui que aceitasse o vestido de luto que costurei para a ocasião.

— Quais são os planos dela? — perguntou Arturo, mais calmo.

— Ela disse que procurará um emprego, mas está pálida, cansada, muito desanimada. Temo que fique doente. Nem sequer consegue chorar.

— E o que espera de mim? — De Leon suspirou. — Ela deixou claro, na última vez que nos vimos, que não queria mais nada comigo.

— Uma mulher pode mudar de idéia, capitão — replicou Lydie, enfática. — Pensei que, como ela não tem protetor, talvez o senhor...

— E quem vai me proteger dela? — perguntou Arturo com evidente amargura. A lembrança da rejeição na noite em que se arriscara a ser morto por

Yves só para encontrá-la ainda feria seu orgulho.

— Lamento — disse Lydie com a voz abafada e lágrimas nos olhos. Aborrecida, preparou-se para partir. — Errei em ter vindo aqui. Pensei que gostasse dela, que pudesse protegê-la do perigo.

— Que perigo?

— Bem, capitaine, minha senhora é impulsiva e generosa. Segue o coração, por isso alguns dizem que é selvagem. Agora, só porque foi ao enterro do irmão...

— Outro enterro! —ele exclamou, lembrando-se das fofocas, sobre o mesmo assunto que ouvira antes a respeito de Danielle.

— Oui. Também fui, mas permaneci do lado de fora do cemitério. Lá ouvi alguns homens comentando sobre mademoiselle, um deles dizendo que a teria de qualquer jeito.

— E onde ela está agora? — Arturo quis saber, a preocupação vencendo o ressentimento.

— Depois do leilão em Felicite, monsieur Soulé, o promotor, levou-a para sua casa de campo, onde ele e a família estão passando o verão. Eu a acompanhei, ocupando o quarto de empregada, mas, em breve, nós duas teremos de sair de lá. De minha parte, já arranjei um quarto para alugar, mas quanto a Danielle...

A voz de Lydie tremeu, desesperançada.

— Não sei o que fazer — respondeu Arturo, após um longo silêncio — porque ela não aceitará meu dinheiro... Talvez nem queira ver-me antes que eu parta de novo. De qualquer maneira, prometo-lhe que a protegerei como for possível.

— É tudo que lhe peço, monsieur. — Lydie sorriu e levantou-se. — Tenho certeza de que conseguirá solucionar todos os problemas entre vocês.

— É muito otimismo, em se tratando de Danielle — ele resmungou quando se viu sozinho com seu novo e inesperado problema. Danielle... Aquela moça o perseguia em sonhos e na realidade!

Aquela noite, nas salas de jogos de Nova Orleans, embora mal conseguisse se concentrar, Arturo conseguiu levantar um bom dinheiro. A cabeça não estava nas cartas, mas a sorte, felizmente, encontrava-se a seu lado.

Juntando os ganhos, voltou ao navio para depositar a fantástica soma na segurança do cofre da cabine. Apesar de cansado, trocou de roupa, vestindo um colete rústico e colocando uma cinta com pistolas, e rumou para El Reposo. Não

adiantaria tentar dormir, estava completamente sem sono.

No caminho para a taverna, sob o céu cortado por raios e ao som de trovões distantes, refletia sobre as ironias do destino. Nascera e crescera em bares e bordéis e passara toda a vida fugindo deles, mas, volta e meia, via-se retornando à zona portuária. Fora de seu navio e da fazenda Désir du Coeur, comprada recentemente e onde pretendia viver um dia, o porto era o único local que reconhecia como lar.

Ao dobrar a esquina próxima da taverna, Arturo notou um agrupamento de marinheiros do lado de fora de um dos salões. De repente, destacando-se em meio ao grupo, Jacques foi a seu encontro, visivelmente contrafeito.

- Turo, temos problemas.
- O que houve agora?
- Hector se envolveu em outra briga, a última de sua vida.

O imediato fez um gesto com a cabeça indicando a roda de marujos de onde, agora, o corpo de Hector estava sendo retirado para uma carruagem funerária.

— Droga, temia que isso acontecesse. Era um bom rapaz, mas de temperamento difícil. Cuidarei do enterro... Hector não tem família. — Arturo suspirou, consternado. — Agora terá de arranjar-nos um substituto para Hector, Jacques.

- Não vai ser fácil em tão pouco tempo, capitão.
- Faça o que puder.
- Tentarei, Turo, com a ajuda do bom Deus — animou o imediato, um tanto cético, partindo em busca de recrutas nos bares das redondezas.

Quando o capitão entrou na taverna lotada e abalada, tanto pela noite de verão quanto pelo calor das lâmpadas dispostas em todas as mesas, encontrou a família reunida. Em meio ao cheiro de cerveja, cigarro e suor, tio Juan trabalhava atrás do balcão, e seus irmãos cantavam e tocavam no palco que ficava no extremo da sala.

A canção desafinada era acompanhada pela clientela e as risadas das prostitutas.

Arturo pediu uma bebida ao tio Juan e foi em busca de uma mesa um pouco afastada do barulho e da aglomeração. Precisava pensar sobre o que faria com Danielle Valmont.

Mal havia se acomodado, Jack Lynch se aproximou da mesa. Trazia um copo

de uísque na mão e um sorriso untuoso no rosto marcado.

— Posso lhe dar uma palavrinha, capitão?

— Seja breve — concordou o corsário sem amabilidades. Ainda não podia provar que Lynch o roubara, mas, de qualquer forma, não o apreciava.

— Serei breve — disse o homem, sentando-se sem ser convidado. — Trata-se de uma proposta de negócio. Soube a respeito de Yves Valmont, não?

— Sim.

— Bem... ele deixou mais dívidas do que dinheiro. Os credores não encontraram nada em sua conta bancária para pagar aqueles que, como eu, tinham vales de jogo.

— O que tenho a ver com isso?

— Vai me dizer que Valmont não lhe devia? Devia para todo o mundo com quem jogava. — Lynch sorriu com sarcasmo. — Então, pensei numa maneira de conseguirmos nosso dinheiro de volta. Sua parte será fácil. Deixe-me explicar-lhe melhor meu plano. Arturo não sabia se irritava ou se divertia com a fala do homem. Estava para rejeitar a proposta quando Lynch foi quase derrubado da cadeira por um marinheiro bêbado.

Num átimo, o americano sacou, de dentro da jaqueta, uma pistola com uma pérola incrustada, e apontou-a para a garganta do bêbado.

— Des... desculpe. Foi um acidente — gaguejou o homem apavorado.

— Da próxima vez, olhe por onde anda, seu imbecil! — grunhiu Lynch. — Matei homens por muito menos.

Enquanto ameaçava o marinheiro, Jack não percebeu que dera chance a Arturo de reconhecer a pistola. Tratava-se da mesma arma usada pelo homem que o roubara havia um bom tempo.

Não havia se enganado: Jack Lynch era o ladrão que o atacara na noite em que se conheceram.

Por um instante, pensou em quebrar o pulha ao meio. Depois, entretanto, lembrou-se de que Madalena não tolerava brigas na taverna. Mas havia outra forma de vingar-se de Lynch e recuperar o dinheiro perdido.

— Qual é exatamente seu plano? — ele perguntou assim que o americano voltou a sentar-se.

— Bem, a irmã de Valmont...

— O que ela tem a ver com as dívidas do irmão? — protestou Arturo.

— Podemos raptá-la.

— Está sozinha no mundo. Ninguém pagaria um resgate por ela.

— Melhor que esteja sozinha. Assim não haverá investigações sobre o desaparecimento. Não precisamos de resgate. Minha idéia é levá-la para seu navio, por uns duzentos dólares. Depois você poderá vendê-la no próximo porto, como prostituta ou escrava. É bonita e lhe dará um bom lucro. Assim, consigo meu dinheiro de volta você também, e nós e os Valmont ficamos quites. Que acha?

Franzindo as sobancelhas, Arturo fingiu estudar a proposta. Que situação! Precisava salvar Danielle das mãos daquele inescrupuloso e vingar-se das trapagens de Jack Lynch. Além do mais, se não fosse o americano, seria outro escroque a tentar capturar a moça. Precisava agir rápido.

— Podemos fazer negócio, monsieur Lynch — ele disse por fim. — Desde que me traga a garota amanhã à noite.

— Amanhã? Quarta-feira? Mas ouvi dizer que só partiria na sexta...

— Decidi antecipar a partida — retrucou Arturo friamente.

— Não me dá muito tempo, mas vou tentar. — Lynch ergueu o copo para brindar o acordo.

Arturo retribuiu a saudação, mas acrescentou em tom casual:

— Só uma coisa, Lynch. Não aceito mercadoria danificada. A moça vem de uma fina família crioula e com certeza é virgem. Quero que permaneça assim.

Um forte rubor assomou o rosto do americano. Maldito pirata! Pensava em tudo. De qualquer forma, se queria obter duzentos dólares de Arturo De Leon, precisava seguir o acordo à risca.

No dia seguinte, a tripulação do Madalena se arrastava pelo cais, sob um sol escaldante, carregando pesados barris de melado e fardos de folhas de tabaco para o navio. O capitão de porto ficou horas se queixando por ter de encontrar estivadores extras para o trabalho, só interrompendo os protestos ao receber uma peça de ouro de vinte dólares.

Ao meio-dia, Jaime Montera havia sido pago, aceitando dinheiro com grande alívio. Agora, suas preocupações podiam voltar-se todas para a concorrência que surgira repentinamente com a viagem do Clara Corey para a África, na semana seguinte, também com o propósito de trazer especiarias. Para estimular Arturo a voltar primeiro que o outro navio, Montera até lhe ofereceu uma porcentagem extra nos lucros das vendas. O país inteiro estava faminto de especiarias, e Jaime Montera planejava ser o primeiro a fornecê-las.

Nas docas, Arturo concluiu alguns negócios e contratou um inglês, Harry Hinson, para substituir Hector. O londrino lhe pareceu competente e simpático.

À tarde, quando a mercadoria de Montera já fora toda carregada, o pirata permaneceu no navio pensando na noite que teria pela frente. Rascunhando os planos num bilhete, guardou-os no bolso e seguiu para El Reposo.

Lá chegando, atravessou o bar em direção à cozinha que devia estar deserta àquela hora. Tio Juan roncava em uma cadeira na varanda dos fundos, e Alejandro, o irmão mais novo de sua mãe, praticava lançamento de facas em um pedaço de madeira pendurado na parede da recepção.

— Turo, que está fazendo aqui? — cumprimentou-o Alejandro. — Pensei que todos os marinheiros ficassem atrás de mulheres quando em terra.

— Bem que tentei, tio, mas todas as putas estão apaixonadas por você.

O homem soltou uma gargalhada. Sentia-se envaidecido com a fama de mulherengo.

— Está me bajulando porque quer algo, não é?

— Modéstia sua, tio — brincou Arturo, em voz baixa, cuidando para não acordar Juan —, mas bem que poderia entregar este bilhete para mim. Não confio nos moleques de rua.

— Si— concordou o homem, admirando o bilhete — É bom saber ler e escrever. Deveria aprender. Este recado é muito importante, não? Para quem é?

— Para uma negra chamada Lydie.

— Si, que bela moça! Esteve procurando por você esta manhã.

Naquele momento, Juan abriu um olho, fechou-o e voltou a dormir sem se dar conta da presença do sobrinho.

— O que ela queria? — perguntou Arturo ansioso, puxando Alejandro de lado de modo a não acordar o outro tio.

— Deixou um recado muito esquisito, dizendo que elas estão sendo observadas. Ela é uma de suas mulheres? É uma mulher da vida?

— Nem uma coisa nem outra. É costureira na loja de madame Lambert.

— Não importa — declarou o homem com um sorriso maroto. — Gosto de todos os tipos de mulheres. Acha que posso fazê-la apaixonar-se por mim.

— Pode morrer tentando, tio — brincou Arturo. — Parece que ela já ama outra pessoa.

— Não custa tentar. — Alejandro deu de ombros. — Além disso, esta é

uma bela forma de morrer, não acha?

Rindo e sacudindo a cabeça, Arturo foi despedir-se da mãe, que aparecera em seguida, voltando ao navio só bem depois do pôr-do-sol.

O navio balançava ao sabor do vento, o casco fundo nas águas do rio por causa da carga pesada. Silenciosa, a tripulação a bordo aguardava a ordem de partida.

Nuvens escuras roubavam as estrelas do céu, iluminado vez ou outra por relâmpagos, seguidos de trovões, agora mais próximos. Uma tempestade estava prestes a cair.

No tombadilho, os marinheiros, apreensivos, contemplam as águas agitadas. Mas Arturo parecia calmo, aguardando a "entrega" de Jack Lynch.

Por fim, um pouco antes da meia-noite, uma carroça percorreu as docas e parou em frente ao Madalena. Lynch desceu apressado, subindo a prancha do navio a passos largos para ter com o pirata.

— Boa noite, capitão. Poderia me dar uma mão com o fardo lá na carroça?

No mesmo instante, o imediato e um outro marinheiro desceram do navio para pegar o imenso pacote.

Para alívio de Arturo, seu conteúdo não era facilmente discernível.

— Coloque-o em minha cabine, Jacques — ordenou o pirata, ignorando o olhar interrogativo do imediato. Voltando-se para o americano, avisou-o em voz baixa: — Espere aqui, Lynch, Acertarei meu débito com você assim que verificar o estado da carga.

Arturo seguiu à frente dos homens para abrir a porta da cabine. Pôs-se de lado para dar passagem aos marinheiros com o fardo, e então notou que era Harry Hinson, o marinheiro recém-contratado que ajudava Jacques. Sem razão aparente, ficou incomodado com a presença do rapaz, a apreensão aumentando ainda mais quando este, ao depositar o pacote no chão, comentou:

— Pronto, capitão. Aqui está a sua preciosa encomenda, sã e salva.

Arturo não fez comentários, virando-se abruptamente e indicando que depositassem Danielle na cama. Então, cortou a corda que prendia o pesado manto que envolvia a moça. Abriu o pacote deparando com um rosto pálido de lábios arroxeados. Ficou transtornado.

— Mon Dieu, o que aquele canalha fez com ela? Não está respirando!

Harry se inclinou sobre o corpo da moça e lhe escutou o coração.

— Não está morta, capitão. Parece que andaram dando um bocado de ópio. Não lhe fará mal. Só vai ficar respirando fracamente por um tempo.

— Ainda bem — disse Arturo, recuperando a calma.

— Pode ir.

Jacques esperou o inglês sair para perguntar ao corsário:

— Por que trouxe a moça a bordo, Turo?

— Para salvar-lhe a vida, mon ami.

— Quem a está ameaçando? O americano?

— Oui. Prepare-se para partir assim que eu der a ordem.

— Vamos levá-los conosco? — O imediato ficou confuso.

— Só a moça.

Um súbito entendimento iluminou o rosto do marinheiro, fazendo-o rir.

— Dizem que quem lava a cara no Mississipi sempre volta a banhar-se em suas águas. E se o americano tomar um banho completo, o que pode acontecer?

— Não sei — respondeu Arturo com um sorriso cruel —, mas não ficaremos aqui para descobrir, certo?

O pirata emergiu do convés inferior para encontrar Lynch esperando-o ansioso. Seu nervosismo o impediu de ver Jacques dirigindo-se à tripulação para transmitir as ordens de Arturo.

— Desculpe-me por ter levado tanto tempo — declarou o pirata com ironia.

— Ela está do seu agrado? Ouvi dizer que gosta muito de mulheres. Talvez vá querer ficar com esta em vez de vendê-la, não?

— Nunca se sabe — respondeu Arturo, bruscamente.

— E agora, vamos acertar nossas contas, monsieur

- É o que estou esperando. Eu também, monsieur, já há alguns meses. — A voz de Arturo tornou-se perigosamente ameaçadora. Lynch recuou um passo.

— De que está falando, De Leon? — ele perguntou, sem perceber que os marinheiros estavam erguendo a prancha do navio.

— Lembra-se da noite em que nos conhecemos, Lynch? — Os olhos de Arturo faiscavam à luz dos relâmpagos, que também iluminaram o deslizar da mão do americano em busca da pistola no interior da jaqueta.

— Não exatamente — Lynch riu, tentando disfarçar o nervosismo.

— Duvido que tenha esquecido. Era um jogo de cartas. Você saiu cedo. Fui roubado naquela noite por um homem mascarado...

O discurso de Arturo foi interrompido pelo ribombar de um trovão seguido da tempestade torrencial que já esperavam. Aproveitando a ocasião, Lynch sacou a pistola, sendo, entretanto, imediatamente desarmado por Arturo, que o agarrou pelo pulso.

— Um homem mascarado atirou em mim com uma pistola como esta — Arturo continuou, implacável, enquanto o navio começava a efetuar as manobras da partida e deixava lentamente o porto. — Na verdade, a pistola era esta aqui.

— Você está louco. Acerte as contas comigo e deixe-me ir embora — vociferou o americano, tentando desvencilhar-se da mão do pirata, ao passo que piscava para poder enxergar em meio à chuva.

Gotejante, mas aparentando indiferença, Arturo continuou:

— Bem, então, vejamos. Você me roubou quinhentos dólares, e eu lhe devo duzentos. Proponho-lhe, portanto, que deixemos as coisas como estão. Fico com Danielle Valmont, e estamos quites.

— Isto não é justo.

— Não? Então, que tal eu ficar com a moça e você com a vida? Fora!

Enquanto o Madalena iniciava sua lenta partida, Arturo levou Lynch até a amurada para que visse a crescente distância entre o navio e o cais.

— Veja, monsieur Lynch, se pular agora, ainda tem chance de alcançar as docas. Se não o fizer, devo lembrá-lo que o Mississipi é um rio traiçoeiro, já ceifou muitas vidas...

A uma curta distância do navio, na margem do rio, Lydie segurava o bilhete de Arturo em uma das mãos e, com a outra, puxava a capa para proteger-se da chuva fustigante. Ela ficou ali durante alguns minutos, observando o navio se afastar e orando para que tivesse tomado a decisão certa.

CAPITULO VII

O vento estava a favor do Madalena quando passou a foz do Mississipi, singrando as águas do golfo do México. A figura de proa, uma dama espanhola de mantilha branca, cabelos negros e lábios vermelhos, parecia espiar por entre a espuma o mundo a sua frente com olhos turquesa cheios de aventura.

A fúria da tempestade da véspera agora não passava de uma lembrança. O vento ameno enfunava as velas enquanto bandos de gaivotas circulavam pelo céu dourado e rosa da madrugada.

Em pé no convés principal, Arturo aspirava a brisa marítima e observava a tripulação trabalhando, puxando as cordas do mastro principal, numa atividade tão sincronizada que parecia formar um conjunto hábil e gracioso.

Jacques se juntou a Arturo e, após um momento de silêncio, declarou de olhos fixos em Harry Hinson:

- Não gosto dele, Turo.
- Nem eu, mon ami, mas tivemos sorte de encontrá-lo.
- Ele pareceu contente por haver trazido a moça a bordo, capitão. Disse que, como ele, você também acha as mulheres melhor carga do que tabaco e melão.
- Ele comentou isso com a tripulação?
- Não, mas todos sabem da presença da moça,
- Que mais ele disse?
- Que a moça é bonita e vai pegar um bom preço num bordel. Eu lhe disse para ficar de bico fechado, pois a garota estava sob sua proteção.
- Trê bien — resmungou Arturo, franzindo o cenho. — Agora fique de olho nele. Não é de confiança?
- Oui, capitaine, eu o mantere sob vigilância —concluiu o imediato ao partir, deixando De Leon imerso nas preocupações.

Entre todas, porém, o problema com o novo marujo era a menor. Possuía uma tripulação leal que saberia tratar um elemento inescrupuloso, caso agisse em desacordo com a segurança do navio.

Para a situação de Danielle não via uma solução tão simples. O Madalena não se encontrava equipado para receber uma dama, e os marinheiros eram avessos à idéia de ter mulheres a bordo. Além disso, por causa da concorrência com o Clara Corey, precisaria levá-la, sem escalas, direto para Tânger.

A lembrança da festa de Parker, quando ela o enxovalhara, embora houvesse lutado por sua causa, e a da rejeição insensível quando a procurara em Felicite, ainda não haviam se apagado. Por que, afinal, decidira aceitar o plano de Lynch?, perguntava-se.

De qualquer maneira, não tinha como voltar atrás. Cedo, Danielle acordaria,

e era aconselhável que estivesse por perto para enfrentar-lhe o medo e a fúria. Pelo menos até ficar a par sobre a pessoa que a levaria para o navio, toda sua ira se dirigiria a ele.

Parando na porta da cabine, Arturo contemplou o sono induzido da jovem Valmont, o rosto pálido e os cabelos claros contrastando com o vestido escuro que usava em sinal de luto. Contra a vontade, viu-se tomado por uma grande ternura. Por mais que tentasse ficar irritado com ela, recordando-se da maneira rude como ela o tratara em outras ocasiões, não conseguia.

Acariciando-lhe o rosto aveludado com as costas da mão, acabou por admitir os próprios sentimentos em relação à moça e resolveu levá-la para sua fazenda, em Tortuga, finda aquela viagem de negócios.

Dessa forma, ele a livraria de um casamento forçado, a prostituição, da escravidão, enfim, de uma vida de penúrias, protegendo-a com sua espada, mimando-a com toda sorte de riquezas.

Sabia que não seria fácil conquistá-la. Talvez levasse um bom tempo. Porém, nunca desejara tanto uma mulher como a Danielle e precisava tê-la em Désir du Coeur. Acreditava que, devido às circunstâncias, ela não chegaria a odiá-lo. Pelo contrário, iria sentir-se grata.

As fantasias do pirata se desvaneceram quando os olhos de Danielle começaram a tremular e ela gemeu, mudando de posição na cama. Arturo foi para perto do leito para que ela o visse assim que acordasse.

Dando um suspiro profundo, Danielle começou a piscar e, ainda meio zozna, procurou identificar o lugar onde estava.

No chão do quarto pequeno e estranho, havia um fino tapete persa. Numa das paredes alinhavam-se armários, do teto ao chão de madeira, só dando espaço para uma pequena janela. Abaixo dela, acolchoado por vários travesseiros, um baú servia de assento. No centro do aposento, uma mesa quadrada de carvalho maciço, ladeada por cadeiras maciças. Acima dela havia um lampião de cobre suspenso do teto.

Tudo parecia mover-se num balanço ritmado que a incitava a dormir novamente. Contudo, precisava descobrir onde estava.

Erguendo-se num cotovelo, passou a mão na cabeça latejante. Molhou os lábios ressecados e olhou mais atentamente a sua volta. O quarto estava realmente se movendo, e seu estômago era a maior testemunha daquilo. Gemendo enjoada, deitou-se novamente.

— Bonjour — cumprimentou-a Arturo com suavidade. — Pensei que ia

dormir o dia inteiro.

Danielle o fitou, perplexa, mas não fez menção de erguer-se, de levantar-se.

— Você? Onde estou?

— A bordo do Madalena, a caminho do Marrocos.

— Marrocos?! Isso é impossível!

A despeito da indisposição que sentia, pulou da cama, e os cabelos se soltaram, espalhando-se sobre seus ombros. Tonta, apoiou-se no espaldar de uma cadeira.

— Tome, beba isto. — Arturo lhe passou uma xícara com água.— Preferia lhe dar algo mais forte, mas me disseram que isto a fará sentir-se melhor.

— Mon Dieu, você me envenenou — ela resmungou e fez uma careta enquanto o líquido lhe descia pela garganta parecendo queimá-la.

— Não foi envenenada, mademoiselle. Disseram-me que foi apenas essência de papoula. O efeito passará logo, e ficará nova em folha.

Deitando-se novamente e recostando-se no travesseiro, perguntou:

— Não estamos realmente indo para o Marrocos, estamos?

— Oui, estamos viajando para o Marrocos desde a noite passada.

— Você me raptou? Não, mandou me raptar, certo? — ela o inquiriu com veemência, sem esperar pela resposta. — Pois vai ter de me levar de volta.

— Não posso.

Arturo suspirou e sentou-se na beira da cama, à espera do próximo movimento.

— Então, deixe-me no próximo porto.

— Não posso também.

— Não irei com você. — Ela sacudiu a cabeça, gemendo com a dor lancinante. — Fugirei na primeira oportunidade.

— No norte da África? — ele indagou, compreensivo, tomando-lhe a mão entre as suas. — E quando estiver em alto-mar, para onde pretende ir?

— O que quer? Dinheiro? — Danielle exigiu, puxando a mão com toda a força. — Mande um bilhete para monsieur Soulé. Ele pagará o que pedir. Era advogado de minha família e trata-se de uma pessoa de bem.

— Não quero dinheiro, chère.

— Então o quê? — insistiu, fitando-o com olhos cintilando de raiva.

Afastou-se apenas alguns centímetros, mas Arturo sentiu a barreira que erguia entre eles.

— Como ousou raptar-me? Foi só porque não quis fugir com você aquela noite, porque não cedi a seus avanços?

Arturo, que se julgava preparado para enfrentar a ira de Danielle, flagrou-se subitamente vulnerável à intensidade de sua rispidez.

— Devo lembrá-la de que meus avanços foram correspondidos? — ele replicou, segurando uma mecha dos cabelos dourados. — Por que não admite, ma petite, que é tão fascinada por mim quanto eu por você?

— Sua presunção é intolerável! — Ela o empurrou, sentindo-se desorientada. Parecia que o mundo desabava sobre ela e não havia meio de escapar das catástrofes sucessivas. — Pensa que só porque não tenho mais família pode simplesmente me raptar? Acha que o sumiço de uma Valmont passará despercebido? Minha reputação já foi abalada por sua causa, capitão. Mas agora está indo longe demais... Esta... esta indignidade é intolerável até para um homem de seu tipo.

A vida inteira Arturo convivera com insultos. Viviam numa sociedade altamente dividida, com a aristocracia crioula achando-se no direito de agir com uma superioridade arrogante. Mas um insulto vindo de Danielle...

Levantou-se num salto, o rosto vermelho de fúria.

— Indignidade? De que está falando? Só tem me causado problemas até hoje, Danielle. Mesmo assim, q do soube da morte de Yves, vim para ajudá-la.

— Raptando-me? — ela ironizou. — Boa desculpa para seu crime.

— Não cometi nenhum crime contra você, pelo menos não ainda — ele sugeriu, perdendo a cabeça puxando-a para fora da cama. Segurando-a pelos ombros, encarou-a de um modo que a fez estremecer. — Escute bem: não há mais nada para você em Nova Orleans. Estou lhe oferecendo vida nova.

— Não quero nenhuma vida nova. Imagine, uma vida nova com você. É o cúmulo!

— Pelo fogo do inferno, nunca encontrei mulher tão irracional! Não tem dinheiro, família, marido, nem perspectiva de um...

— Isso não é verdade — Danielle protestou com veemência, tentando desvencilhar-se. — Vincent...

— É verdade. Sempre esqueço. Suponho que mais dia, menos dia, você se casaria com Gauthier ou alguém como ele, ou ainda se tornaria sua amante.

— Nunca! — ela gritou.

— Que outras alternativas lhe sobram? Quer ser governanta dos filhos de outra mulher? Dama de companhia, talvez?

— Seria preferível em vez do inferno que estou vivendo — ela declarou com um suspiro, parecendo subitamente conformada. — Tenho passado por maus bocados. Por que não diz quais são seus planos a meu respeito e me deixa sozinha?

Ainda ressentido com as recentes acusações, Arturo foi cruel.

— Há várias possibilidades. Pode ser uma prostituta num bordel, ou no harém de algum sultão. Que acha? Ou então, tornar-se uma escrava. Dessa forma, ainda tenha chance de casar com um colono em alguma parte. Posso arranjar-lhe tudo isso, se não quiser ficar comigo.

— Tenho certeza de que sim, mas não me assusta. Não serei sua mulher.

— Sempre a bela e arrogante crioula, não é, Danielle? Não me lembro de ter pedido que se tornasse minha mulher, mas como tocou no assunto...

Entrelaçando os dedos em seus cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás, beijando-a selvagememente, sem amor ou ternura.

Determinada a negar ao pirata qualquer reciprocidade, Danielle enrijeceu o corpo e cerrou os dentes para impedi-lo de continuar a beijá-la. Respirando fundo, procurou resistir ao langor que ameaçava roubar-lhe a força de vontade.

De repente, Arturo a soltou, uma estranha expressão nos olhos.

— Não vou forçá-la, chère, mas tenho certeza de que acabará concordando comigo.

— Prefiro morrer primeiro — ela retrucou, desequilibrando-se um pouco com o balanço do navio.

— Que vergonha preferir a morte em vez de uma vida de aventuras. — Ele sorriu, a expressão inesperadamente suave.

— Saia! Saia da minha vista imediatamente! — gritou Danielle, perdendo a compostura.

— Voltarei mais tarde para pegar minhas coisas — ele disse após bater a porta e trancá-la. Não acreditava que Danielle fosse capaz de se atirar no mar, mas, apenas para impressioná-lo, poderia encenar tal tolice. — Posso deixar a

porta destrancada mais tarde, se prometer que nunca irá ao tombadilho sem mim. Pense sobre o assunto enquanto estou fora.

O som de uma xícara se estilhaçando na porta foi a resposta.

Já mais calmo, Arturo ponderou que sua passageira estava se comportando exatamente como previra. Com o tempo, acabaria aceitando seu destino e, talvez até mesmo apreciando-o.

Precisava armar-se de paciência e conformar-se em dormir na pequena cabine do imediato que, por sua vez, deslocaria algum de seus subalternos e assim por diante. De qualquer forma, aquele incomodo não duraria muito. Agora tinha de informar Jacques sobre os novos arranjos.

Danielle, por sua vez, depois da explosão de cólera, afundou na cama, desconsolada. No último mês, perdera o irmão, a casa e a liberdade. Só lhe restavam a dignidade e a honra, e estas pretendia manter a qualquer custo. Neste sentido, de duas coisas tinha certeza: Arturo nunca a faria chorar e nunca a transformaria em sua mulher.

De repente, o barulho do estômago faminto desviou-lhe os pensamentos. Não podia crer que o pirata quisesse dobrar-lhe a vontade obrigando-a a passar fome. Era necessário mais do que isso para dominá-la.

Esvaziando o bolso da saia, sobre a mesa, buscou alguma migalha de pão ou outro alimento. Foi inútil. Só conseguiu encontrar um pente, um leque de marfim trabalhado e uma pequena coleção de moedas. Não era muito dinheiro, mas poderia usá-lo em subornos.

Então lembrou-se do anel da mãe, uma das poucas coisas de valor que lhe sobraram. Guardara-o por não ser apropriado a um período de luto, mas agora ele lhe seria de muita utilidade.

Remexendo no fundo do bolso e com imenso alívio acabou por encontrá-lo.

Colocando-o no dedo, sentiu-se bem melhor, decidindo, inclusive, fazer um reconhecimento de seu cativeiro. Antes, contudo, lavou o rosto numa pia de água tépida. Ao vistoriar a cabine descobriu, atrás da pequena cortina parede, uma portinhola que dava para uma área deserta do convés, onde havia um corrimão. Além disso, a única coisa que se podia avistar era a vastidão azul do mar que se estendia até o horizonte onde se encontrava com o céu sem nuvens. Não havia qualquer sinal de terra.

Com extremo cuidado, soltou a peça de latão que prendia a portinhola e colocou o rosto na abertura, ouvindo, então, as vozes indistintas da tripulação que trabalhava com as velas. Esticando-se o mais que pôde para fora descobriu

que a cabine localizava-se a estibordo do navio, a meio caminho do convés principal. Era impossível, entretanto, discernir com precisão as atividades que se desencadeavam na proa porque a área da cabine parecia estar imersa no convés.

Recuando um passo, Danielle mediu primeiro a largura da portinhola, depois a sua própria, concluindo que, se livrasse das anáguas, poderia passar pela abertura estreita. Dava-lhe algum alento saber que possuía alguma autonomia. Uma voz melodiosa lhe cortou os pensamentos:

— Não tentaria sair pela janela, se fosse a senhorita. Não ia lhe adiantar de nada. Estamos em pleno mar.

Danielle se voltou rapidamente, deparando-se com um adolescente ruivo e simpático, cheio de sardas sobre o nariz, vestido com uma roupa usada e pequena que lhe deixava os antebraços e as canelas de fora.

— Seu café, senhorita — o rapaz anunciou de maneira formal, da soleira da porta, segurando uma bandeja coberta com uma toalha. — Patrick Ahern O'Reilly, a seu serviço.

— Merci, monsieur O'Reilly — Danielle agradeceu enquanto observava-o colocar a travessa sobre a mesa, um molho de chaves balançando na cinta.

— Pat, se preferir, senhora. Sou um simples caroteiro.

— Sente-se, Pat — ela o convidou, atacando o café com avidez. — Meu nome é Danielle Valmont.

— Eu sei — respondeu o rapazola, sentando numa cadeira próxima, ao passo que contemplava, incrédulo, a volúpia com a qual a moça devorava um grande prato de presunto, aveia e ovos mexidos.

— Desculpe-me, srta. Valmont — ele a interrompeu com delicadeza. — Deus sabe o quanto admiro uma mulher com bom apetite. Minha própria mãe é assim. Todavia, gostaria de aconselhá-la a comer mais devagar e apreciar os ovos, pois serão os últimos que verá até aportarmos em terras estrangeiras, a não ser que o capitão lhe ceda os dele. O Madalena possui uma ou duas galinhas, mas não são boas poedeiras.

— Tem razão — ela concordou um pouco constrangida, oferecendo um biscoito ao rapaz. — É que não jantei ontem à noite. Estava tão faminta.

— Mas era tão tarde quando a trouxeram a bordo. O capitão disse que não estava com fome.

— O que mais o capitão lhe contou? — ela perguntou casualmente, observando o rapaz partir o biscoito e cobri-lo com mel.

— Bem — respondeu o garoto, com a boca ainda cheia —, o capitão é um homem discreto, mas correm boatos de que a senhorita o convenceu a ajudá-la a livrar-se do horrível bêbado com o qual sua família queria casá-la. E que a senhorita lhe é muito grata por isso.

— Aquele mentiroso desprezível! — exclamou Danielle, indignada. — Acha que quis ficar trancada aqui nesta cabine sufocante?

— É para sua própria segurança. Uma dama não pode andar por aí num navio cheio de homens rudes, senhorita. Eles podem perder a cabeça. O capitão De Leon confia em mim e em Jacques para protegê-la.

-E quem é Jacques? — ela perguntou, oferecendo mais biscoitos para o camaroteiro.

— Jacques Foucher é o imediato que trabalha com o capitão há sete anos. Viveram muitas aventuras juntos.

— Como veio trabalhar com o capitão De Leon? Também estava atrás de aventuras?

Danielle se recostou na cadeira para ouvir a história, enquanto furtivamente guardava a faca de cortai' frutas no bolso.

— Não, senhora, não foi nada de excitante que me trouxe até o capitão — disse Pat, triste por não ter uma história glamurosa para contar. — Eu e meu irmão fomos trabalhar no canal, mas, depois de três meses, Kevin morreu de disenteria. Descobri que não tinha aptidão para cavar valas, e decidi partir. Mas Gus, o capataz, encontrou-me, num café, na zona portuária, e me disse que não poderia largar a companhia até reembolsá-la pelos gastos com o enterro de meu irmão. Porém eu sabia que nunca se consegue pagar uma companhia dessas, e propus saldar minhas dívidas assim que arranjasse outro emprego. Gus disse que era impossível e, conversa vai, conversa vem, tentou ajustar as contas dando-me uma bela surra.

O garoto se deteve para tomar fôlego, aproveitando para comer mais um biscoito.

— Gus anunciou sua decisão de me surrar bem no ouvido do capitão De Leon, que pretendia jantar com tranquilidade no café. Irritado, o capitão sugeriu a Gus, de forma muito civilizada, que em vez de lutar comigo, lutasse com ele. Quem vencesse teria meus serviços. Gus aceitou logo a proposta, mas quando estava tirando o casaco, Turo lhe deu um pontapé no traseiro, e nós dois saímos correndo. Isso é tudo.

— Entendo. Já vi De Leon lutar uma vez.

— Mesmo? — Pat olhou-a cheio de interesse, mas de decidiu deixar a conversa para depois e voltar ao trabalho

— Bem, talvez a senhorita não se incomode de coma essa história mais tarde. Agora preciso ver se o capitão está precisando de mim.

— Obrigada pela comida e pela companhia. Danielle agradeceu polidamente.

— De nada, senhorita — respondeu o garoto, corando, enquanto pegava a bandeja. — Obrigado pelos biscoitos. Fique à vontade e aproveite esta cama de penas. No castelo de proa são todas "café de burro".

— "Café de burro"? — Danielle olhou-o espantada.

— Sim, colchões de palha — explicou Pat, feliz por poder ensinar-lhe uma das gírias do navio. — O capitão também pediu para informá-la que há livros no armário, se desejar ler.

Quando o camaroteiro saiu, Danielle revirou o quarto à procura de um lugar para esconder a faca. Embora minúscula e frágil poderia ser-lhe bem útil, caso alguém tentasse violentá-la.

Por fim, decidiu esconder a arma entre a cabeceira da cama e a parede do navio, cobrindo o espaço com os travesseiros.

Em seguida, indo ao armário, procurou pelos livros de que Pat falara, encontrando, contudo, poucas alternativas agradáveis. Além de livros de náutica e astronomia, só havia quatro novelas de gosto duvidoso.

Escolhendo um dos romances, percebeu que se tratava de um livro juvenil sobre as proezas de um pirata de moral discutível.

Um lixo, avaliou, mas resolveu ocupar-se com ele para passar as horas. Não se deu conta de quando pegou no sono, acordando sobressaltada com a entrada de Arturo.

— Calma, mocinha, vim apenas pegar algumas porém, em vez de ir até os armários, puxou uma cadeira até perto da cama e sentou-se. Reconhecendo o livro que Danielle trazia nas mãos, comentou:

— Um de meus favoritos, mas não sei se apropriado para damas de fino trato — ele a provocou dando um sorriso encantador. — Além disso, pensei que damas reinadas considerassem estudar uma perda de tempo.

— O livro não tem nada de educativo, embora seja fácil entender por que o agradou — ela replicou, mordaz.

Arturo se endireitou na cadeira, fulminando-a com o olhar.

— Talvez me atraia porque foi o primeiro livro que li aos dezoito anos. Acho maravilhoso poder ler... qualquer coisa. Sou o único em minha família que se alfabetizou.

Em seguida levantou-se pondo a cadeira de lado com um gesto brusco e começou a recolher os pertences que ia levar consigo: mapas, instrumentos de navegação, caixa de barbear e um monte de roupas. Depois, batendo os pés, rumou para a porta, ante o olhar satisfeito de Danielle.

— Exatamente quando penso que está deixando de ser uma criança mimada, você sempre me mostra o quanto estou errado — ele declarou ressentido batendo a porta com força e trancando-a.

— Que inferno!

Furiosa, Danielle saltou da cama e começou a andar de um lado para outro. Que ousadia da parte do pirata bancar o ofendido, quando ele é que a havia raptado. Tomada de revolta, chutou a cadeira em seu caminho, machucando o pé com o impacto. Chorando de dor, pegou a cadeira e sentou-se imaginando quem seria o próximo visitante.

Horas se passaram até que a porta foi aberta outra vez para dar passagem ao camaroteiro com mais uma bandeja de comida.

— Trouxe seu almoço, senhorita — ele anunciou alegremente. — O cozinheiro preparou um delicioso linguado para a senhorita.

— Onde está o capitão, Pat?

— Lá em cima. Está com o rosto fechado como uma tempestade. Vocês tiveram alguma briguinha? — perguntou o rapaz timidamente.

— Não, não tivemos nenhuma briguinha! — ela deixou seu mau humor vir à tona, espantando o camaroteiro que se apressou em sair.

Arrependida, Danielle chamou-o de volta.

— Espere, Pat, desculpe-me, não devia ter gritado com você. Poderia dizer ao capitão De Leon que gostaria de vê-lo?

— Duvido que ele venha, senhorita. Está com um humor...

— Insista por mim, por favor.

Arturo estava perscrutando o mar do tombadilho quando ouviu que alguém o chamava com voz hesitante. Intrigado, virou-se para o rapaz que o fitava constrangido, tomando coragem para transmitir a mensagem de Danielle.

— Capitão, a srta. Valmont requisita sua presença na cabine dela.

— Dela?! — Arturo quase gritou, assustando o desafortunado mensageiro.

Pat deu um passo para trás, apesar de não estar na linha de mira do pirata irado.

— Estou apenas lhe transmitindo o que ela me disse, senhor — ele gaguejou.

— Eu sei.

Com esforço, Arturo se controlou, descarregando sua raiva no corrimão da amurada .

— Diga a mademoiselle Danielle que não desejo vê-la. Em seguida, dispensou o rapaz que, para seu espanto, não moveu um músculo.

— Algo mais, Pat?

— Sim, capitão — respondeu o camaroteiro com relutância, dando uma olhada de soslaio para Narcisse, o timoneiro, que estava escutando a conversa com interesse. Aproximando-se de Arturo, ele cochichou:

— A dama disse, senhor, que, se não for, ela gritará até chamar a atenção de todo o navio. Depois disse que contará como o senhor a raptou e a trouxe a bordo contra a vontade.

— Ela disse isso? — resmungou Arturo, pulando para o convés principal, rumo à cabine, com Pat em seu encalço.

Danielle esperava pelo pirata com um discurso afiado na ponta da língua, mas quando ele abriu a porta, com tanta força que quase a prensou contra a parede, não pôde evitar o susto e saltou para trás.

Fulminando-a com gélidos olhos azuis, ele indagou, ríspido:

— Precisa de alguma coisa?

— Oui. Quando vai me deixar sair? Já que não pretende permitir que eu desça no próximo porto, não pode manter-me trancada nesta cabine sufocante.

— Posso fazer o que quiser neste navio. Trate de lembrar sempre disso.

— Muito bem, é o dono do navio — ela tentou contemporizar —, mas prometeu que me deixaria sair em sua companhia.

— Não disse isso exatamente. De qualquer forma, seja o que for que tenha prometido, foi antes de haver me insultado... mais uma vez.

Com esforço, Danielle procurou manter um tom moderado.

— Preciso sair, capitão. Será que consegue se colocar no meu lugar? Cresci

ao ar livre, com o vento nos cabelos.

— Eu cresci num salão de bar, mademoiselle. Pobre, com um esfregão de assoalho nas mãos — retrucou Arturo friamente. — Uma pessoa pode se acostumar a tudo. Sugiro que aprenda a gostar desta cabine.

Com estas palavras, deu meia-volta, deixando a furiosa cativa a refletir sobre seu destino.

CAPITULO VIII

Os três primeiros dias de viagem transcorreram tranquilos, quase agradáveis, até que uma tempestade começou a se anunciar no céu cinzento, provocando uma grande movimentação dos tripulantes que corriam para recolher as velas e mudar o curso da embarcação.

O Madalena lutava bravamente para enfrentar a borrasca, mas não conseguia vencer a violência da natureza. Em meio ao som de raios e trovões, o navio balançava perigosamente num precário equilíbrio sobre ondas encapeladas. Lençóis de chuva varriam impiedosamente o convés e lavavam os embornais.

Da cabine, Danielle mal podia ouvir os gritos dos marinheiros na luta para manter o navio flutuando e em curso, embora observasse, consternada, a água espumante passando por baixo da porta.

Para desviar as preocupações da mente, decidiu resgatar os livros do pirata, guardados no armário agora ameaçado de inundação.

Tirando os sapatos e as meias, com água até os tornozelos, começou sua missão de salvamento. Um a um foi levando todos os livros para a cama.

Apesar de temer o escuro, decidiu apagar a lanterna por questão de segurança. Deitada na cama, rodeada pelos livros, podia ouvir a mobília da cabine deslizando, para cima e para baixo, algumas vezes batendo no leito. Momentos depois, escutou também o espelho do quarto cair e espatifar-se contra o lavatório.

Mesmo não sendo supersticiosa, rezou para afastar má sorte e pedir proteção.

— Tudo bem, senhorita? — a voz preocupada de soou em meio à escuridão. Segundos depois, Danie avistou, carregando uma lanterna e avançando aos solavancos em sua direção.

— O melhor possível dentro das circunstâncias. Obrigada.

— Ela se ergueu com dificuldade, brindando-o com um sorriso. De repente, ouviram um estrondo vindo dos porões. Arregalou os olhos, assustada. — Não vamos afundar, não é?

— Não neste estúpido temporal — ele a confortou. — Nem estamos fazendo água. O barulho que ouviu é da carga balançando, mas vamos redistribuí-la enquanto a tormenta não passa. Não tenha medo. O capitão já nos guiou por situações piores. Ele já sobreviveu a furacões.

— Ah, seu capitão... — ela disse entre os dentes.— Prende-me nesta cabine, carrega-me em meio a uma tempestade e me deixa para morrer.

— Ele tentou evitar a tempestade — o camaroteiro continuou a defender seu ídolo, endireitando-se quando o navio se aprumou. — Além disso, não vai morrer, senhorita.

Danielle pensou numa resposta, mas nada lhe ocorreu.

Em vez disso, afundou no colchão e suspirou com desdém. Porém Pat nem se deu conta daquela reação, deixando a cabine.

Quando sentiu que a chuva começava a serenar, Danielle levantou-se e reacendeu a lanterna. A situação da cabine não era nada alentadora. Havia água por todos os lados.

Prendendo a saia à cinta, pôs-se ao trabalho, recolocando o espelho danificado no lugar, enrolando o tapete ensopado e drenando água do chão com uma toalha que, por sua vez, torcia em um balde de madeira. Enquanto trabalhava, ensaiava mentalmente as "doces" palavras que diria ao capitão quando o reencontrasse. Entretanto, o reencontro demorou a acontecer. Na verdade, não via Arturo desde o dia em que despertara no Madalena, embora ele dormisse do outro lado do corredor. Toda noite escutava seus passos quando se recolhia, depois de verificar se a porta da cabine estava fechada. Ainda por muito tempo, sua única companhia seria Pat.

No dia seguinte, o camaroteiro e Jacques carregaram o tapete para secar ao sol. À tarde, a pedido de Danielle, Pat forneceu cera, com a qual ela removeu as marcas da mobília, e água para lavar a roupa de cama. Persuadido pela jovem, ele também poliu a lanterna de bronze sobre a mesa. Ao cair da noite, a cabine estava brilhante e cheirosa, livre do odor e dos estragos da umidade. Cansada após tanto trabalho, Danielle dormiu um sono profundo como nunca o conseguira desde que fora feita prisioneira.

Se Arturo ficara a par das mudanças na cabine, ela não conseguiu saber, pois Pat nada dizia. De fato, o rapaz preferia relatar-lhe notícias do mundo

exterior ou dos infundáveis jogos de dominó entre o segundo imediato e o carpinteiro do Madalena.

Ela sempre o convidava para partilhar as refeições ou para realizar algum trabalho. Sempre solícito, o camaroteiro apenas lhe recusava algum pedido quando o dever o chamava.

Assim, a vida de Danielle se resumia na maior parte do tempo a um solitário jogo com as cartas que encontrara no armário e a passeios pela cabine, alternados com paradas em frente à portinhola para respirar um pouco de ar fresco.

Algumas vezes, avistava um velho muito magro próximo à amurada da popa do navio. Mesmo se não usasse um avental gasto e manchado, ela o teria reconhecido como o cozinheiro, devido à vívida descrição que Pat fizera dele. Segundo o camaroteiro, Félix vivia ocupado, pois, além da cozinha, muitas vezes também era convocado para costurar velas e bancar o médico.

O cozinheiro parecia uma alma penada, com as roupas desbotadas e largas pendendo-lhe no corpo esquelético enquanto mancava pelo convés. Seu pomo de Adão chamava a atenção, projetando-se do pescoço enrugado, cuja pele, como a de toda a sua figura, encontrava-se crestada por anos de vida no mar. A cabeça brilhava sob os cabelos ralos, e o espesso bigode acinzentado ocultava em parte a boca tremula e desdentada.

Embora a cozinha ficasse depois das cabines, no lado do desembarcadouro do navio, ele frequentemente ia até a amurada de estibordo para jogar dejetos ao mar e dar olhadelas furtivas em direção à cabine de Danielle. Apesar da curiosidade, entretanto, o homem nunca se aproximou da portinhola e, de longe, por certo nunca conseguira distinguir a moça na abertura ensombreada.

A jovem Valmont reparara que, além do cozinheiro, outros homens, de passagem pelo convés principal, desviavam o olhar da portinhola da cabine ao simplesmente vislumbrá-la. Estranhando a atitude, perguntou a Pat o porquê daquela reação.

— Marinheiros são supersticiosos, senhorita. Acreditam que mulheres a bordo dão azar, por isso preferem negar sua presença, ignorando-a. Acham que dessa forma não lhes poderá fazer mal.

— Não poderia fazer-lhes mal, mesmo que quisesse — comentou Danielle desalentada.

— Eu e você sabemos disso, mas eles não são muito esclarecidos, entende?

Danielle teve de contentar-se com a resposta, mas estava cansada do

isolamento. Às vezes se perguntava se a raiva que nutria contra seu raptor não se constituía no único fator que a impedia de desesperar-se.

Uma manhã, percebeu um grande rasgo na manga da camisa azul de Pat e, ansiosa por alguma atividade, resolveu remendá-la.

Para tanto, solicitou agulha e linha ao rapaz.

Perto do meio-dia, ele voltou, vestindo uma camisa vermelha, com a azul em uma das mãos e uma pequena caixa de costura de cetim bordado.

— É adorável! Onde a encontrou? — exclamou ela, examinando a caixa.

— Pertence a Félix — respondeu Pat —, trazida da China, há anos, pelo capitão. Foi uma grande aventura, aquela viagem. Um dia lhe conto.

Ansioso para ficar mais tempo com Danielle, o camaroteiro decidiu encher de querosene a lanterna sobre a mesa enquanto ela costurava, furando os dedos tanto quanto o tecido. Como ninguém o chamasse, aproveitou para sentar-se e ter uma longa conversa com a moça, contando-lhe as novas informações sobre o cotidiano do navio.

Segundo ele, o capitão andava furioso como um leão ferido, para surpresa de todos, mesmo de Félix que o conhecia desde pequeno. Conjeturavam se o motivo era a tensão do comando ou a presença de uma mulher a bordo. De qualquer forma, a tripulação em geral vinha mantendo uma saudável distância da "fera".

Quando Danielle terminou o desajeitado remendo, examinou-o criticamente, mas Pat o adorou.

— Obrigada, senhorita. Há algo que possa fazer por você?

— Sim, há — ela respondeu, aproveitando a oportunidade.

&

— Há quase uma semana não tomo banho. Poderia arrumar-me um pouco de água?

— Bem, para mim, uma semana não é tanto tempo(— ele resmungou —, mas vou ver o que posso arranjar. Talvez uma esponja possa lhe ser útil. Pena que o capitão ande tão zangado, senão eu lhe pediria a banheira, 'emprestada.

— Banheira?

— Sim. O capitão De Leon também é fascinado por banhos. Creio que foi uma mania adquirida em sua viagem ao Japão. Bem, quando ele estiver mais calmo, tentarei conseguir a banheira emprestada. Por enquanto, terá de se contentar com uma tina de água quente.

— Ótimo, Pat. Após uma semana lavando-me com água fria do lavatório, será maravilhoso ter uma tina de água quente!

O rapaz retornou mais tarde com a água. Parecia embaraçado enquanto enrolava o tapete e colocava a grande tina de madeira no centro do assoalho encerado. Em seguida, partiu rapidamente.

Ainda rindo do constrangimento do garoto, Danielle colocou toalhas ao redor do balde, cobriu a janela e escorou a porta com uma cadeira para impedir que alguém entrasse sem aviso.

Feito isso, despiu-se e experimentou a água com o pé. Estava muito quente e, a princípio, ficou encolhida, tentando acostumar-se à alta temperatura, posteriormente. Em poucos instantes, porém, já se sentia à vontade torcendo a esponja sobre os ombros, deleitando-se com a água que lhe escorria pelo corpo.

Repetiu o processo várias vezes até que a água esfriasse, e nem se importou por não poder ensaboar os cabelos. Pat levava apenas um pedaço de sabonete de aparência suspeita, e a lavagem dos cabelos teria de esperar.

Ao deixar a tina, Danielle se enrolou numa toalha de indeterminada e passou a lavar a camisa, o vestido e, por último, as anáguas pretas. Após esfregá-las, pendurou-as nas cadeiras para secar, enquanto pegava uma das camisas que Arturo deixara na cabina quando de sua saída intempestiva. A camisa lhe cobriu todo o corpo, deixando-lhe apenas parte das pernas de fora. Após enxugar o assoalho e recolocar o tapete no lugar, sentia-se relaxada e refrescada. Então sentou-se na cama para desembaraçar os cabelos. Nesse momento, entretanto, ouviu barulho na fechadura, e, num salto, agarrou a anágua na cadeira mais próxima e a colocou em frente ao corpo, correndo para a porta.

— Não ainda, Pat. Não estou completamente vestida.

— O quê? — Arturo gritou, começando a bater na porta. — O que aquele fedelho tem feito? Ah... eu sabia que estava gastando muito tempo por aqui. Eu o estrangularei com as próprias mãos!

Preocupada com os golpes desferidos na porta que ameaçavam derrubá-la, Danielle decidiu retirar a cadeira que a escorava, afastando-se da entrada quando Arturo entrou, como um furacão, com um brilho feroz no olhar. Como havia deixado cair a anágua, Danielle contava apenas com a leve camisa para cobrir sua nudez.

Em sua fúria, Arturo não pareceu dar atenção à vestimenta precária de sua prisioneira, mais preocupado em chutar a tina colocada ao lado da cama. Com o impacto, esta deslizou até um canto, espalhando água por toda a parte.

— Que diabo está acontecendo aqui? — ele perguntou com voz dura, ainda mais nervoso com a dor que agora sentia no pé.

— Estava tomando banho — retrucou Danielle do outro lado do quarto —, não que isso seja de sua conta.

— Um banho? Então é por isso que está tão quente aqui — ele resmungou, esfregando o dorso do pé machucado no calcanhar do outro pé.

— Como ousa entrar aqui desse jeito? — Danielle o enfrentou, a indignação fazendo-a esquecer-se de seu traje improvisado. — Há dias não aparece nem para ver se estou viva ou morta e, agora, invade minha privacidade dessa formal!

— Sei que está viva e, pelo visto, vivendo muito bem. Passaram os enjôos?

— Só me senti mal durante a tempestade. Erguendo a anágua do chão e segurando-a com um riso maroto, Arturo ironizou:

— Isto me parece familiar, chère. Era a que usava quando nos encontramos pela primeira vez, não?

— Merci — ela murmurou, arrancando-lhe a peça da mão.

Arturo preferiu ignorar o gesto abrupto, vistoriando a cabine, bastante impressionado com as modificações.

— O que fez com minha cabine?

— Limpei-a. Estava precisando de uma boa faxina.

— Não sabia que, além de linda, era também prendada — elogiou ele, voltando-se para examiná-la dos pés à cabeça e detendo-se nas pernas desnudas.

— Saia daqui! — gritou Danielle, embaraçada, brandindo o pente contra o pirata de forma tão ameaçadora que lhe provocou uma sonora gargalhada.

— Mon Dieu, chère, minha camisa nunca pareceu tão bela! — ele brincou sem esconder a sincera admiração.

— Eu disse para sair! Não, espere — ela mudou repentinamente de idéia. Precisava falar com o pirata. Fechando a porta da cabine, acrescentou: — Gostaria que me esclarecesse alguns pontos.

— Pois não, ma petite — ele concordou, aproximando-se.

Por prudência, Danielle se afastou, declarando:

Exijo que me fale sobre seus planos a meu respeito. — Para agora ou mais tarde?

Deixe de brincadeiras. O que pretende fazer comigo quando chegarmos ao Marrocos?

— O que prefere? O Mediterrâneo é um lugar muito romântico.

— Ora, seu...

— Bem, então virá comigo para Tortuga, como combinamos antes.

— Combinamos?! O que planeja? Vender-me em troca de um bom lucro?

— Não costumo rejeitar um negócio lucrativo, mas fique tranqüila, não pretendo vendê-la. Disse-lhe que não a trouxe aqui por dinheiro.

Arturo enxugou a testa com a ponta do lenço.

— Não acha que está muito quente? — ele perguntou, mudando de assunto.

— Já que está vestida, por que não abre a portinhola?

Sem lhe responder, Danielle sentou-se na cama, preocupada em descobrir por que o pirata a havia capturado.

— Não compreendo. Se não quer um resgate, não tenciona vender-me e não me deseja como sua mulher, o que pretende?

— Posso reconsiderar a última hipótese — ele brincou enquanto abria a portinhola — se isso a fizer feliz.

— Não estava insinuando nada! — ela exclamou, erguendo-se da cama de um salto.

— Você pode dizer o que quiser, minha querida, mas vive trazendo o assunto à baila!

— Ora, seu patife presunçoso e insuportável!

— Oui. E você é tímida demais e muito bem-nascida para convidar-me para a sua cama. Deixe-me ajudá-la a superar essas dificuldades.

Arturo atravessou o quarto na direção de Danielle, vacilando ao vê-la recuar dois passos a cada um que ele dava.

— Acredite-me, capitão, não tenho intenção de ser sua mulher, nem de qualquer outro homem — ela afirmou, com altivez.

— Que desperdício! — ele murmurou, notando que a encurralara contra a cama.

— Fique longe de mim! — ela avisou, um princípio de pânico na voz.

— Eu o faria se pudesse — ele respondeu bem próximo dela, uma expressão sombria no rosto.

— Não me toque!

— Não posso evitar — ele sussurrou, tentando alcançá-la.

Danielle se reclinou na cama, uma das mãos buscando a faca, que emergiu com violência de debaixo do travesseiro, para atingir a manga da camisa do pirata.

Com um grito de dor, ele lhe agarrou o pulso para impedir um novo golpe e puxou-a para si.

Danielle continuou lutando ferozmente. No calor da batalha, deixou cair a faca que deslizou pelo assoalho e foi parar aos pés de Jacques. Na soleira da porta, o imediato se curvou para pegar a arma.

Atraído pelo barulho, o corpulento marinheiro apressou-se para ver o que se passava na cabine. Por detrás do capitão, pôde vislumbrar o rosto da moça, afogueado e cansado de tanto lutar.

— Escutei barulho de briga, Turo, por isso vim ver do que se tratava. Está tudo bem, não?

— Tudo, exceto pelo arranhão desta gata — replicou o pirata calmamente, voltando-se para encarar o imediato, com Danielle ainda presa pelo pulso, golpeando-o com a mão livre. — Fui esfaqueado com uma faca de cortar frutas — ele continuou, mostrando o ferimento no braço esquerdo, enquanto jogava Danielle na cama com tanta força que a fez engasgar. — Veja se não tem outras armas. E diga para Pat não ser tão descuidado.

-Não é culpa dele — ela apressou-se a dizer, sacudindo a cabeça enquanto se aprumava na cama e cobria-se com uma manta. — Pat não sabe que peguei a faca.

— Quietá! — vociferou Arturo. — Fale só quando lhe dirigirem a palavra. Entendeu?

Fulminando-o com o olhar, ela silenciou.

— Melhor assim — o capitão falou num tom mais moderado, segurando o lenço contra o corte que sangrava abundantemente. — Danielle, quero que entenda uma coisa. Sou sua única proteção entre minha tripulação. Em terra, meus homens são amáveis pais de família... Em alto-mar, tendem a esquecer as boas maneiras e podem se tornar rudes e cruéis. Agora, se me atacar outra vez, eu a entregarei aos leões. Por mais que goste de você, não pretendo morrer em suas mãos. Estamos entendidos?

Ela aquiesceu com um gesto, olhando, de relance, para o imediato. Rubro,

Jacques contemplava a porta, como se quisesse desaparecer por ela, uma das mãos apalpando o assobio preso ao pescoço por um cordão.

— Três bien — Arturo prosseguiu bruscamente. — Use o restante da água para lavar o sangue. Mandarei Pat vir pegar a tina daqui a pouco.

Danielle o olhou, por um longo tempo, atordoada.

— Qual o problema agora? — perguntou o capitão, irritado.

— Na... nada — ela gaguejou, dando um suspiro entrecortado. — É que... quando trouxeram Yves para casa, pela última vez, também havia sangue, tanto sangue...

Apesar da dor que ela lhe infligira, Arturo sentiu um impulso de solidariedade, que apressou-se a conter.

- Então, tenho certeza de que vai querer livrar-se desta lembrança tão desagradável o quanto antes. — E, dando-lhe as costas, disse ao imediato: — Vamos, Jacques?

— Oui, mon capitaine.

O corpulento marinheiro seguiu para a porta sem esconder o alívio. Antes de partir, Arturo fez uma *mesura** formal para Danielle.

Ela ouviu a fechadura sendo trancada e compreendeu que acabara de perder sua última chance de liberdade. Enjoada, limpou o sangue do assoalho e depois sentou-se na cama, mais desolada e solitária do que nunca.

Mesmo quando Pat foi pegar a tina, não conseguiu dizer nada. Sentindo-se traído no caso da faca, o rapaz também não estava disposto a manter uma conversa. De fato, Pat ficara refletindo sobre as causas do ataque ao capitão, não conseguindo, em sua imaturidade, entender as razões de Danielle. Estaria ela tão infeliz que decidira agredir De Leon? Ou havia sido realmente raptada como dissera? De qualquer forma, concluiu, continuaria prisioneira no navio por um bom tempo.

A garota precisava se conformar com o próprio destino. Se agisse de forma desesperada outra vez, além de envolver outras pessoas, pioraria sua situação.

Com aquele ato intempestivo, fizera-o ouvir uns bons palavrões do capitão De Leon e só por sorte não fora punido. A maioria dos outros chefes de navio costumava usar o açoitamento como castigo em tais casos.

Felizmente, Arturo, apesar do mau humor dos últimos tempos, exigira-lhe apenas que guardasse silêncio sobre o incidente, cobrando o mesmo de Jacques e

Félix.

O resto da tripulação não deveria saber que ele fora ferido, principalmente por uma mulher armada com uma faca de cortar frutas.

Após receber cuidados de Félix e trocar a camisa, o capitão voltara imediatamente a seus deveres como se nada houvesse acontecido.

Por sua vez, Danielle decidira esquecer o incidente, vestindo a anágua e o vestido úmido e amassado, escovando os cabelos até que brilhassem, como se estivesse se preparando para uma recepção.

Depois do jantar, espiou pela portinhola, grata pela suave brisa noturna. Estava condenada a passar os próximos meses naquela cabine asfixiante e, depois, sabia Deus o que a aguardava.

Pela primeira vez, questionou a sabedoria de suas ações, embora ceder aos caprichos de Arturo ainda lhe parecesse intolerável.

Embora estivesse pensando nele, surpreendeu-se quando, um pouco mais tarde, viu-o entrando na cabine, o braço esquerdo quase imóvel.

— Posso entrar? — ele perguntou, com uma reverência teatral.

— Oui — respondeu a moça, cautelosa, perguntando-se se o brilho nos olhos do pirata se devia a alguma febre ou ao rum que, pelo cheiro, parecia haver bebido. Nem o banho nem a barba escanhoada lhe davam uma aparência mais gentil. A blusa branca de mangas largas também não conseguia lhe disfarçar o curativo no braço.

— Vim fazer-lhe uma visita formal, mademoiselle. Posso inclusive deixar a porta aberta, caso o prefira.

— Quanta bondade...

— Você merece — ele respondeu, contraindo o rosto de dor ao fazer um movimento mais brusco com o braço ferido.

— Lamento por seu braço... — desculpou-se Danielle num impulso.

— Estou disposto a esquecer o que aconteceu. Não consegue entender que a tirei de Nova Orleans para seu próprio bem? Mas eu entendo, ainda está cansada e assustada. Sentiu necessidade de defender-se.

Ele se deteve, por um momento, aguardando algum comentário que não veio, e então continuou:

— Para acalmá-la, resolvi dar-lhe uma arma melhor do que uma faca de cortar frutas.

Com um floreio, ele depositou uma pistola nas mãos de Danielle. A arma com cabo de pérola era a de Jack Lynch.

Surpresa, ela levou alguns instantes para conseguir balbuciar:

— Por que está me dando isto?

— Porque me agrada. Sou o senhor do Madalena e nele, faço o que me agrada. Sabe como usá-la?

— Costumava atirar com as armas de Yves, mas ele sempre as carregava para mim. Está... está carregada?

— Sim, mas só dá um tiro de cada vez, por isso a aconselho a não desperdiçar nenhuma bala comigo.

— Não seria desperdício se fosse para me defender.

— Não tenciono feri-la, chère, apenas ficaria agradecido se recebesse o beijo que se recusou a me dar esta tarde — ele declarou, sem rodeios, embora não fizesse qualquer menção de tocá-la.

— Se não ouvi mal, disse que seria uma visita formal, capitaine — lembrou-o Danielle.

— E é, mas certamente uma dama pode dar um beijo discreto em um cavalheiro, principalmente quando não quer que o cavalheiro tente algo indiscreto.

Por que ele tinha sempre de provocá-la? Por que sempre conseguia tirá-la do sério a ponto de... a ponto de agora despertar-lhe o impulso de lhe apontar a arma?

— Pode ser o senhor deste navio, mas apenas eu respondo por mim. Como lhe disse hoje à tarde, mantenha-se longe.

— E como lhe disse à tarde, não consigo ficar longe de você — ele declarou, enlaçando-a com um braço, e com o outro mantendo afastada a mão com que ela segurava a arma.

— Por que, Danielle — ele murmurou com voz rouca de desejo, os lábios de encontro aos cabelos dourados- Você sempre resiste?

Antes, porém, que ela pudesse responder, Arturo a soltou. Ele oscilou um instante, tropeçou numa saliência do assoalho e acabou desabando no chão.

— Socorro — gritou Danielle, lutando para desvencilhar a saia de debaixo do corpo de Arturo e correndo para a porta.

— Alguém, por favor... socorro!

— O que aconteceu, mademoiselle — Jacques perguntou aflito, aparecendo

no corredor.

— O capitão, acho que está doente.

O homem examinou-a de cima a baixo, notando a arma que ela ainda segurava. Em seguida, passou por ela, o semblante carregado, dando-lhe uma amostra do que a esperaria, caso algo acontecesse a Arturo.

— Não... não fiz nada, monsieur — ela assegurou depressa. — Ele simplesmente desmaiou a meus pés.

O imediato se ajoelhou próximo ao corpo inerte de Arturo e o virou. Pesadas olheiras, evidenciando dor e fadiga, emolduravam os olhos cerrados do pirata. A boca estava relaxada, e ele roncava suavemente. Ao sentir-lhe o hálito de bebida, Jacques recuou.

— Turo, Turo — ele resmungou, sacudindo a cabeça de modo desaprovador. — Ele não está doente, mademoiselle, apenas bêbado.

— Foi o que pensei, mas levei um susto.

— Nosso capitão não deveria beber. A bebida o torna imprudente.

— Isso eu já tive oportunidade de constatar — concordou Danielle, recebendo um olhar cúmplice do imediato.

— Ele ficará bom, ou melhor, quase bom pela manhã — disse o homenzarrão, desatando a rir enquanto arrastava Arturo para fora da cabine.

Parando na soleira da porta com seu fardo, olhou para a arma que ela ainda carregava.

— Foi Arturo quem lhe deu isso?

Mordendo o lábio com receio que ele lhe tirasse a arma, Danielle fez um relutante gesto de concordância.

— Acho bom que a guarde, mas não para usar no capitão, oui — advertiu-a Jacques. — E não se preocupe, mademoiselle. Cuidarei para que ele não a perturbe mais esta noite. Bonsoir.

CAPITULO IX

— Maldito Turo, nunca deveria beber — maldisse Félix Fontaineau enquanto vasculhava a cozinha em busca de um vidro. Ao encontrá-lo, puxou a tampa com os poucos dentes que lhe restavam e despejou o pó numa xícara de café fumegante.

Ao ouvir um resmungo de mau humor vindo do convés, franziu a testa e derramou uma dose extra do conteúdo do vidro, tampando-o em seguida.

Colocando a xícara numa bandeja junto com outra e um prato de biscoitos, acrescentou melado ao café antes de levá-lo para o capitão. No caminho, seguiu refletindo que Arturo não era o único culpado pelo lastimável estado em que se encontrava. Onde Jacques o havia achado? Na cabine da mulher. Ainda não a vira, mas pelo jeito tratava-se de uma megera. Em apenas uma semana de viagem já fizera De Leon perder a cabeça várias vezes, esfaqueara-o, e sem dúvida era o motivo da bebedeira.

Balançou a cabeça com tristeza. Embora a manhã estivesse calma, outra tempestade se avizinhava. Provava-se assim, concluiu, que levar mulheres a bordo dava mesmo azar.

— Que quer? — Arturo perguntou quando o cozinheiro avançou pelo convés em sua direção. Com a roupa amassada e o braço tão dolorido quanto a cabeça, o pirata mantinha os olhos avermelhados no mar enquanto dava ordens à tripulação de forma impaciente. O calor excessivo da manhã colaborava para piorar seu estados de espírito.

— Trouxe-lhe café e biscoitos, Turo — respondeu com calma, balançando a travessa ao passo que subia ao tombadilho.

— Não precisa gritar — disse Arturo. — E leve isso embora. Não quero nada.

— Vai se sentir melhor depois de comer — disse o velho em tom imperativo. — Tome isto também.

— O que é?

— Café.

— E que mais? — perguntou o pirata, aceitando a xícara e bebericando o conteúdo com cautela, o que não o impediu de empalidecer ainda mais quando a estranha mistura lhe desceu pela garganta abaixo. Rápido, correu para o convés principal e, inclinando-se na amurada, vomitou até que mais nada lhe restasse no estômago.

— Por Deus, fui envenenado — ele grunhiu, apoiando-se no corrimão. — Se eu morrer, vai ser o responsável, Félix.

— Depois desta manhã, não creio que a tripulação me enforcasse, capitão. Pelo contrário, acho que receberia uma medalha — respondeu o cozinheiro, com complacência, recolhendo a xícara de Arturo e lhe passando outra. — Agora, beba esta. Não vai lhe fazer mal. Depois, tente comer algo.

— Devia ter adivinhado que ia fazer isto comigo.

— Oui, devia. Contudo, já que minha poção não o matou, provavelmente vai curá-lo.

Observando o velho partir, Arturo comeu um biscoito e bebericou o café, já se sentindo um pouco melhor. Nem sequer piscou quando o timoneiro tocou o alarme anunciando a tempestade que se aproximava. Sua atenção estava voltada para a coberta de proa a estibordo.

Apesar de todos os esforços em contrário, continuava pensando em Danielle Valmont.

Ela o insultara, atacara e, ainda assim, insistia em procurá-la, sentia uma incontrolável vontade de vê-la, de... Será que não haveria fim para aquele tormento? A chegada de Jacques tirou-o de suas reflexões. — Todos os reparos posteriores à última tempestade foram completados? — perguntou Arturo, finalmente mostrando-se amigável.

— Todos menos alguns vazamentos. Dazet vem trabalhando o mais depressa que pode. É um bom carpinteiro, mas com todos esses vagalhões... — Ele deu de ombros expressivamente. .

— Eu sei, mon ami, e tempestade de hoje vai ser pesada — ele concordou enquanto perscrutava o céu.— Pesada demais para a tripulação dar conta. Acho que devemos parar em algum lugar para fazer os reparos necessários.

— Tortuga? — Jacques sugeriu, esperançoso.

— Não com essa carga a bordo. Acabaríamos nos chocando com Gibbs ou Gilbert e suas gangues de cortadores de garganta. Creio que Nassau é o lugar mais seguro.

— Não há tantos piratas por lá, é certo, mas existem muitos navios no porto. Poderia correr o boato de que o Madalena leva um carregamento valioso.

— É possível — concordou Arturo —, mas até lá já teríamos partido. Não será tão arriscado pegar água, suprimentos e dar uma noite de folga aos homens antes de partirmos para o Marrocos. Além disso, temos uma dianteira sobre o Clara Corey que não será difícil manter. Se for o caso, poderemos deixar de fazer escala nos Açores.

— Oui — Jacques concordou, um tanto vacilante, enquanto o capitão examinava os mapas com o timoneiro e determinava a mudança de curso.

Era um bom plano, pensou De Leon, por todas as razões que mencionara ao timoneiro e por mais uma especial. Iria desembarcar a relutante passageira cm

Nassau. Danielle insistira para que a deixasse no primeiro porto. Pois agora iria fazer-lhe a vontade.

Embora não pudesse se comparar a Nova Orleans, Nassau era uma cidade cosmopolita, um ponto de encontro para comerciantes, viajantes e diplomatas. A população fixa de colonos e mercadores da ilha de New Provklence oferecia uma vida social sofisticada. Quem sabe Danielle encontrasse um marido pouco preocupado com dote.

— Quem é? — perguntou Danielle quando Arturo bateu na porta.

— Arturo. Quero falar com você.

— Bem, eu não quero falar com você. Ignorando-a, o pirata colocou a chave na porta, mas, para sua surpresa, ela não abriu. Começou então a esmurrá-la, percebendo que fora escorada com uma cadeira.

— Vá embora. Já lhe disse que não quero conversar.

— E eu lhe disse para deixar-me entrar.

Preocupada com os tremores que os socos provocavam na cabine, Danielle resolveu segurar a cadeira, usada como barreira para assegurar-se de que não cederia. Só relaxou ao ouvir a chave sendo recolocada na fechadura e os passos do pirata desaparecendo a distância em meio a uma torrente de palavrões.

Sorriu diante do pequeno triunfo, mas logo foi tomada de apreensão ao considerar sua situação. Sabia que um confronto, com De Leon era inevitável, e quanto antes acontecesse, melhor. Se conseguisse manter a calma, talvez pudesse vencer a próxima batalha e, quem sabe, até a guerra. Assim sendo, resolveu liberar a porta e esperar pela volta do capitão.

Entretanto, ele só regressou por volta do meio-dia, quando a espera e o calor já haviam lhe desgastado — Danielle, deixe-me entrar ou quebrarei a porta — ele avisou sem preâmbulos.

— Entre, então — ela respondeu, contendo a irritação. Cautelosamente, Arturo abriu a porta, preparado para desviar-se de uma bala ou de uma xícara. Todavia, o que o atingiu foi uma onda de calor insuportável.

A cabine parecia um forno, apesar da portinhola aberta.

Sentada em uma cadeira, abanando-se com um pequeno leque de marfim, Danielle estava pálida, os cabelos presos num coque, escurecidos pela transpiração excessiva; a gola do vestido preto deixava à mostra o colo alvo por onde desciam filetes de suor que se acumulavam entre os seios, molhando o tecido de seda.

— Por que me trancou do lado de fora? — exigiu o pirata, parado na soleira da porta.

— Por que me trancou aqui dentro? — ela revidou, contudo não obteve resposta.

Arturo suspirou fundo e levou alguns instantes para voltar a falar.

— Disse-lhe que queria vê-la, falar com você.

— Então esta é mais uma de suas visitas formais?

— Não — ele respondeu confuso, pois não se lembrava do que acontecera na noite anterior. Entrou na cabine e começou a abrir e fechar a porta para ventilá-la. — Nossa, como está quente aqui!

— Então saia — ela o convidou secamente. — Eu o faria se pudesse.

— Lamento que não possa deixar a cabine, mademoiselle — colocou Arturo, decidido a manter a calma e a minorar o desconforto de Danielle. — Já que precisa permanecer aqui, não gostaria de trocar essa roupa pesada?

— E vestir o quê? Sua camisa? Devo lembrá-lo das conseqüências desastrosas de minha última tentativa neste sentido? — ela replicou, com um pouco do antigo bom humor.

— Poderia andar nua se quisesse. Ninguém iria vê-la. Danielle enrubesceu.

— Pelo contrário — ela o contestou. — Apesar do confinamento, muita gente passa diariamente diante daquela portinhola. Não, obrigada. Prefiro manter-me vestida.

— Talvez haja outro jeito — ponderou ele, abaixando-se diante do baú e retirando os travesseiros que o cobriam. Depois de abri-lo com uma pequenina chave que tirou do bolso da calça, vasculhou o móvel e retirou dois vestidos: um amarelo com fitas verdes e outro, azul-claro com laços de cetim vermelho.

— Mesmo se ficarem um pouco grandes serão mais confortáveis do que esse seu vestido.

Danielle gostou das roupas, porém freou a vontade de aceitá-las.

— Fruto de suas pilhagens, capitão? Não gostaria de usar roupas de suas vítimas inocentes.

— As donas dessas roupas não foram vítimas inocentes. Posso assegurar-lhe que apreciaram muito minha companhia... como eu a delas.

— Também não usarei refugos de suas amantes — ela retrucou, disfarçando o estranho sentimento que lhe causava imaginar Arturo nos braços

de outra mulher.

— Seja razoável, querida. Só quero o seu bem. Ela sorriu com amargura.

— Mas quem ousaria duvidar disso, capitão? Apenas me raptou, me fez prisioneira nesta cabine sufocante e espera que eu acabe morrendo de calor... Merci, capitão, acho preferível que deseje o meu mal!

— Se morrer, não será de calor — ele esbravejou mas de teimosia. Cansado daquela discussão inútil, o coração parecendo querer saltar do peito, Arturo declarou:

— Vai ou não vai querer os vestidos?

— Não e não! Quantas vezes preciso dizer?

— Nem mais uma vez! — exclamou o corsário, a custo controlando a ira enquanto recolocava os vestidos no baú. De cara amarrada, saiu batendo a porta.

Divertida, Danielle ouviu os passos do homem se perderem no corredor, mais satisfeita ainda ao constatar que ele se esquecera de trancar a porta. Abriu-a cautelosamente e espiou o corredor. Arturo devia estar fora de si, pois deixara até a escotilha aberta.

Como não havia ninguém à vista, ficou na soleira da porta deleitando-se com a brisa que também penetrou a cabine. Momentos depois, mantendo a porta apenas ligeiramente entreaberta, deixou-se ficar usufruindo da corrente de ar. Em seguida, retornou à cabine sufocante.

Arturo chamou Pat com um gesto e o levou para um canto, onde suas vozes não poderiam ser ouvidas por Danielle.

— Vai polir este convés hoje à tarde, Pat?

— Sim, capitão, como ordenou. Ninguém entrará ou sairá das cabines enquanto estiver em meu posto — o garoto assegurou.

— Ótimo. E diga a Danielle que a trarei para o convés hoje à noite. Quanto menos os homens a virem, melhor.

Enquanto o camaroteiro descia pelo corredor para dar as boas novas à moça, Arturo refletia que aquela era a única atitude razoável a tomar. Apesar da raiva que ela lhe provocava, condoía-se de deixá-la confinada naquele calor infernal. Jamais se perdoaria se ela contraísse alguma febre tropical e morresse.

Ao escurecer, Arturo foi à cabine, encontrando Danielle a sua espera. Cumprimentando-a friamente, guiou-a até o convés principal, onde a brisa lhe acariciou o rosto e lhe desalinhou os cabelos, inebriando-a de frescor. Sons de acordeão e da voz de um tenor vinham da proa, onde os marinheiros ficavam após

o jantar, recostados no mastro ou no canhão, desfiando cordas para fazer estopa usada em vedação. De onde ela estava, entretanto, não era possível distingui-lhes as feições.

— Ah! — ela suspirou deliciada, caminhando até a amurada do navio para contemplar a noite. O mar estava calmo, cintilando ao luar. Inúmeras estrelas salpicavam o céu aveludado, e Danielle examinou-as, tentando em vão orientar-se. Contentou-se então em apenas saborear o passeio.

— Venha, Danielle. Vamos caminhar um pouco antes de você descer.

Em silêncio, ela lhe tomou o braço e eles seguiram pelo compartimento das cabines até o mastro principal, perto da popa. Na penumbra, Danielle não percebeu que o rosto de Arturo constantemente se contraía de dor. O braço ferido latejava e também começava a coçar. Ela nunca saberia que Félix havia limpado a ferida com uísque e fechado o corte com linha amarela da caixa de costura. Apesar de rústico, aquele "tratamento" havia representado um progresso. Houve um tempo, no Madalena, que os ferimentos eram suturados com a mesma linha usada para reparar as velas.

Ele a olhou de relance, reparando em sua felicidade de usufruir o frescor da noite. Ela observava o navio com interesse, registrando os mínimos detalhes que conseguia perceber no escuro.

Embora nunca tivesse estado no convés, era como se o conhecesse, graças às descrições de Pat. Não se surpreendeu ao ouvir o rufar das asas das galinhas nas gaiolas nem ao avistar um enorme porco, preso num engradado, quando se aproximaram do lado de sotavento do navio.

Ouvindo murmúrio de vozes, espiou o tombadilho e viu Pat ao timão fazendo perguntas sobre navegação a um jovem bonito que devia ser Narcisse. Ela mesma teve vontade de interrogar Arturo e saber mais sobre sua bela embarcação, mas a expressão de seu rosto não era muito convidativa.

Sentindo fortes dores, o pirata ansiava pelo relativo conforto da cabine de Jacques, e se apressou em escoltar Danielle até a porta de suas dependências.

— Virei buscá-la novamente amanhã depois do pôr-do-sol. Esteja pronta.

Feliz com aquela pequena trégua, Danielle entrou na cabine e, pela primeira vez desde que estava ali, dormiu feliz.

Nos dias seguintes, a vida da jovem Valmont passou a seguir uma rotina diferente. Sentindo-se mais livre, agora que podia passear ao anoitecer, entretinha-se com os livros ou com a costura com ânimo renovado. Com uma ansiedade quase infantil, aguardava a hora em que Arturo ia buscá-la para

caminhar. Feliz, ela recebia a reconfortante brisa noturna, e seus olhos se perdiam na imensidão do mar, embevecidos com tanta beleza.

Só lamentava que Arturo não fosse mais aquele homem descontraído e brincalhão que havia conhecido. Agora percebia que não gostava da fria indiferença, da formalidade com que a tratava. Por outro lado, também temia a avalanche de sensações que o mínimo toque de intimidade dele lhe provocava. Assim, nada fez para quebrar a distância que os separava.

Às vezes olhava-o de soslaio e percebia que Arturo a observava com uma expressão desolada. Todavia, bastava notar-lhe o olhar interrogativo para que desviasse a atenção.

Ficava então a imaginar que pensamentos povoavam a mente daquele homem tão diferente de todos que conhecera.

Algo o perturbava, disso não tinha dúvida.

Enquanto caminhavam no escuro, podia sentir-lhe a tensão do braço sob sua mão. -Seria raiva? Como ele havia desistido de cortejá-la, possivelmente agora a desprezava.

Porém, por mais que tentasse relevar as atitudes do capitão, não conseguia tirá-lo da cabeça. Ele era seu raptor, pretendia obter lucro com ela... era um patife! Seu coração, por sua vez, recusava-se a aceitar tal lógica. Contra todos os argumentos racionais, insinuava-se o desejo de reviver a paixão que havia conhecido nos braços de Arturo De Leon. Devia estar enlouquecendo, concluiu. Não podia se afeiçoar por um homem que só pensava em dinheiro.

E para surpresa de Arturo, algumas noites mais tarde ele descobriu que Danielle tinha um raro talento para conseguir dinheiro. Quando soube que ela aprendera a jogar cartas com o irmão, decidiu convidá-la para algumas partidas. Perplexo, viu-se diante de uma excelente jogadora que, em pouco tempo, transformou umas míseras moedas numa soma respeitável.

Embora ainda de forma acanhada, as sessões quase diárias de jogo acabaram por dissipar um pouco o mal-estar entre os dois. Mesmo perdendo quase todas as rodadas, Arturo mantinha o bom humor, jogando sem pressa, enquanto a adversária, num estilo agressivo, ia engordando os bolsos.

Naquela noite, estavam jogando o vinte-e-um, o favorito de Arturo, o que não o impediu de continuar perdendo. Danielle jogava com cautela, estudando a estratégia do parceiro.

— Este jogo é caro demais para mim — ele brincou quando ela lançou um par de rainhas contra seu rei e um oito. — Fiquei sem dinheiro. Desse jeito vou

acabar apostando as tábuas do Madalena.

— Seu navio não teria serventia para mim, a menos que o usasse para me levar de volta a Nova Orleans — ela replicou sorrindo. — E para isso você teria de jogar por sua tripulação também, pois eu não poderia navegar sozinha.

— Não creio que meus homens aceitassem que seus destinos fossem decididos num jogo — ele respondeu divertido, guardando as cartas.

— Que tal jogarmos mais uma? — perguntou Danielle, reunindo as moedas que havia ganho.

— Já lhe disse, querida, fiquei sem dinheiro. Jogaremos de novo amanhã.

— Poderíamos jogar por outra coisa que não dinheiro — ela sugeriu, desafiadora.

Arturo voltou a sentar-se, o interesse espantando o cansaço.

— O que tem em mente?

— Quero jogar por minha liberdade.

— Entendo. E quanto vai apostar? Acha que dinheiro vale o preço de sua liberdade? — Ele indicou com um gesto o monte de moedas de Danielle.

— Oui. E o anel de minha mãe. — Ela tirou a opala do dedo e a depositou sobre a mesa. — É muito valioso.

O pirata pegou a jóia e a examinou com olhar crítico.

— Não vale o risco de perdê-la, Danielle. Contudo, você tem algo bem mais valioso que poderíamos apostar.

— Meus brincos? — Ela os tocou sem entender.

— São meras bugigangas.

— O que então?

— Sua liberdade contra uma noite de amor comigo. A proposta a pegou desprevenida, fazendo-a corar profundamente. Apesar do embaraço, contudo, ela o encarou sem vacilar, inconsciente do quanto parecia jovem e vulnerável naquele momento.

— Uma noite? — ela perguntou, com voz contida.

— Uma noite de amor com total reciprocidade - ele se apressou a acrescentar.

— Entendo — respondeu Danielle, mantendo um longo silêncio enquanto considerava a proposta. Calculando que da maneira como vinha ganhando

suas possibilidades de perder eram muito remotas, decidiu aceitar o desafio. Afinal, conhecia os pontos fracos do adversário. Poderia batê-lo.

— Eu aceito — ela afirmou com segurança.

— Três bien. Gostaria de dar as cartas? — perguntou o pirata, com exagerada polidez.

— Obrigada. Pode fazê-lo você mesmo.

Depois que Arturo embaralhou as cartas, ela tirou uma rainha de copas, e ele, um dez de paus. Em seguida, o corsário tornou a embaralhar as cartas com uma rapidez que deixou perplexa a adversária que nunca o vira agir com tanta eficiência. Com incrível habilidade, ele trapaceou o jogo de tal forma que Danielle não percebeu.

Olhando para as cartas, um quatro e um cinco, ela decidiu tentar outra. Quando Arturo se ergueu, para passar de novo as cartas, declinando o direito de retirar mais uma na sua vez, Danielle sentiu um frio no estômago. Todavia, o ás que o pirata lhe passara a fez alcançar os vinte pontos. Estava próxima da vitória. Recostando-se na cadeira e relaxando, virou as cartas na mesa.

— Vinte — ela exclamou triunfante, desesperando-se em seguida quando De Leon mostrou as suas. — Vinte e um?! — Sua voz era um fio. — Você ganhou...

— Oui, ganhei — respondeu Arturo com um sorriso maldoso, embora seu tom de voz fosse inexpressivo

Pálida e abatida, Danielle teve de reconhecer a derrota. Apostara a honra em troca da liberdade, certa da vitória, e agora só lhe restava o orgulho, aquele mesmo orgulho que a obrigava a cumprir o prometido. Muito bem, ela o faria... só por aquela noite, sem pensar no amanhã.

Erguendo-se vacilante, sentiu as pernas fraquejarem e teve de se apoiar na mesa para não cair. Convocando todas as forças que possuía, começou a desabotoar o vestido, de cabeça baixa.

— Espere, ma chère, deixe que eu faço isso. — Arturo se levantou e caminhou até Danielle, postando-se a sua frente e passando a desabotoar-lhe o vestido enquanto murmurava palavras carinhosas.

Em segundos, abriu-o e deixou-o deslizar ao chão. Acariciou-lhe o pescoço, beijando suavemente a pele macia.

— Não tenha medo de mim, ma petite — ele sussurrou ao vê-la estremecer com o toque de seus lábios.

— Não estou com medo... — ela hesitou, determinada a manter o máximo

de dignidade.

— Claro que não — continuou ele com voz rouca, soltando-lhe agora os cabelos, que penteou com os dedos, deliciando-se com a fragrância e a textura sedosa dos cachos exuberantes.

Enlaçando-lhe a cintura, segurou-a a certa distância para que pudesse admirá-la de camisa e anágua, os cabelos soltos, o pescoço e os ombros nus iluminados pela fraca luz do lampião que lhe acentuava os contornos femininos, extremamente delicados.

— Você é linda, Danielle — ele suspirou, maravilhado —, tão linda!

Timidamente, quase contra a vontade, Danielle ergueu o rosto, encontrando os olhos azuis de Arturo cheios de inesperada ternura. Pela primeira vez, desde que o conhecera, não sentiu medo. Pelo contrário, observou-o, fascinada, enquanto ele se despia.

A atadura branca no braço contrastava com a pele escura de quem passa uma vida a trabalhar sob o sol. Da mesma forma, uma longa cicatriz logo abaixo do coração testemunhava que havia sobrevivido a terríveis dificuldades.

Quando voltou a se aproximar, abraçou-a e desceu vagarosamente as mãos pelo corpo de Danielle, hesitando em tirar-lhe as últimas peças que ainda cobriam sua nudez.

Como que hipnotizado, abriu um a um os botões da camisa fina e, quando libertou os seios, tocou-os quase com reverência, primeiro com as mãos, depois com os lábios.

Danielle estremeceu e fechou os olhos. Seu corpo reagia ao toque morno, todo seu corpo parecia incendiar-se de desejo. Ela mal percebeu como ele a livrou da anágua, apenas dando-se conta da própria nudez ao sentir o calor do corpo masculino que agora pressionava o seu com ardor.

Os lábios se encontraram com volúpia, extravasando a paixão que haviam reprimido até então. Sem afastá-la de si, Arturo foi conduzindo-a até a cama, fazendo-a deitar-se e deitando-se sobre ela.

Danielle gemeu sem se dar conta de que murmurava o nome de Arturo, sem se dar conta de nada além das sensações alucinantes que lhe revelavam um prazer desconhecido.

Assim, foi um choque quando ele se deteve, o rosto coberto de suor, subitamente transtornado.

— Meu Deus, o que estou fazendo? Sinto muito, Danielle.

O colchão cedeu abruptamente quando Arturo a ergueu, deixando-a aturdida, dividida entre o alívio e a decepção.

— Sente muito — ela repetiu, confusa — haver ganhado?

- Não ganhei nada — ele disse com rispidez, pegando a camisa e saindo da cabine.

inexperiente, Danielle encontrou apenas uma explicação para a repentina mudança de atitude dele: não conseguia despertar a paixão de Arturo. Com lágrimas nos olhos ficou a imaginar por que ele havia dito que a achava bonita, desejável... Só para humilhá-la mais, rejeitando-a. A brisa agora lhe pareceu gelada. Cobriu-se procurando aquecer o corpo e o coração. Sentia-se só, tão dolorosamente só...

CAPITULO X

Narcisse Duval suspirou satisfeito, as mãos acariciando o leme enquanto o vento lhe desalinhava os cabelos na noite enluarada.

Os companheiros roncavam em camas de palha e rolos de corda, buscando uma brisa. Para ele, não havia mais nada no mundo além da embarcação que guiava, a escuridão imensurável do mar e as estrelas brilhantes pelas quais se orientava.

Era um homem de sorte, feliz por fazer parte da tripulação de Arturo e pela vida livre e simples de marinheiro.

A sensação de bem-estar se desvaneceu um pouco quando De Leon apareceu no convés principal. Colocava a camisa e praguejava em inúmeras línguas, fitando o tombadilho onde ficava o timão.

Mesmo a distância, Narcisse reconheceu os sinais de perigo e permaneceu calado.

Ainda resmungando, Arturo se dirigiu à amurada, onde acendeu um charuto, mastigando-lhe a ponta com evidente nervosismo.

Lá ficou por um tempo, fumando em silêncio. Quando por fim jogou o resto do charuto por sobre a amurada num gesto de desalento, partiu para a cabine de Jacques.

Observando-o ir embora, Narcisse refletiu que a vida simples de marinheiro se tornava complexa quando nela entrava uma mulher.

Já tivera muitos relacionamentos, alguns alegres, outros tristes, e sabia

avaliar o tormento que assaltava o capitão.

Desde que levara a moça a bordo, Arturo não era mais o mesmo. Tentava protegê-la, escondê-la inclusive, mas toda a tripulação sabia da existência da cativa. Narcisse já a vislumbrara, em suas passagens em frente, à portinhola da cabine, mas só Jacques, Pat e Harry Hinson a tinham visto. O inglês dizia que era linda.

Para Arturo, bastante vulnerável ao encanto das mulheres, o fato de ela ser bonita dificultava a situação. Talvez pudesse ajudá-lo, se conseguisse fazer a garota se apaixonar também. Um romance discreto em alto-mar iria amenizar as tensões da viagem.

Cantando baixinho, em sintonia com o zumbido do cordame do navio, o timoneiro acabou desistindo das especulações para se concentrar em seu ofício.

No dia seguinte, Arturo estava simplesmente intratável. Assim que chegou ao tombadilho, deu mostras de seu péssimo estado de espírito ao brigar com todo o infeliz que lhe passasse peia frente. Os acontecimentos da noite anterior haviam azedado seu humor. Ele não se perdoava. Havia trapaceado nas cartas, chegado perto de deflorar uma virgem e, o pior, desconhecia a si próprio.

Não a possuía. Pela primeira vez na vida, agira de forma correta, mas não se sentia bem. Danielle era adulta o suficiente para saber ao que havia se proposto. Estava furioso com ela e consigo mesmo. Depois da infeliz aposta, acabava de perder a autoconfiança. Tinha de levá-la para Nassau e devolver-lhe a liberdade. Precisava livrar-se dela.

Até lá, Félix, Pat ou mesmo o mulherengo do Narcisse podiam acompanhá-la nos passeios noturnos. À lembrança do timoneiro, todavia, bateu o punho no corrimão. Só lhe faltava agora também ficar enciumado! Pensou então em evitá-la por completo, decisão que só durou até o pôr-do-sol.

— Mas eu pensei... — cumprimentou-o Danielle, surpresa.

— Pensou o quê? — ele a interrompeu com rispidez.

— Que não viria hoje, que não queria mais saber de mim. — Danielle suspirou e baixou o olhar, corando ao recordar a intimidade e a rejeição da véspera.

— Estou aqui, não estou?

— Oui, está — ela disse, acompanhando-o até o convés onde um vento forte ergueu-lhe a saia até os tornozelos, e por pouco não a fez perder o equilíbrio.

Como o mar estava bravo, Arturo decidiu ficar na casa-mestra do navio,

onde poderiam ter mais estabilidade. Uma vaga, entretanto, colheu a embarcação, jogando Danielle contra o pirata, que a amparou pela cintura para que não caísse.

Danielle sentiu o calor do corpo do capitão e, como que hipnotizada, fitou-o nos olhos. Devagar, Arturo ergueu uma das mãos e acariciou-lhe os cabelos revoltos. Preso pelo fascínio dos olhos que o fitavam, baixou a cabeça e cobriu-lhe os lábios entreabertos.

Abraçaram-se enquanto o vento lhes enfunava as roupas. Danielle acariciou os músculos fortes das costas, deslizou as mãos pelos braços de Arturo e então enlaçou-o pelo pescoço.

Embora tencionasse manter distância e o máximo de frieza em relação a Danielle, Arturo percebeu que a racionalidade o havia abandonado. Submergia em um desejo tão natural e incansável como aquele vento forte que os açoitava. Sentia-se afundando num mar de loucura.

De repente, lutando por ar e bom senso, ele se afastou, declarando toda sua perplexidade.

— Isto é loucura. Devia ter percebido antes.

— Realmente, devia — ela retrucou, ofegante, a expressão grave ocultando sua dor. Em suas longas reflexões chegara a ponderar que Arturo se afastara na noite anterior movido por um inesperado sentimento de nobreza. Agora, percebia que se enganara. Ele não podia suportar tocá-la. — Tarde demais para reivindicar a aposta de ontem, capitão.

— Nem poderia reivindicar coisa alguma, pois não ganhei nada — ele resmungou.

— Pelo menos é sincero sobre seus sentimentos — ela disse, a voz trêmula de emoção. — Permita-me agir da mesma forma. Nunca vou perdoá-lo. Você me roubou a liberdade, o orgulho, à honra...

— Não lhe tirei nada, Danielle. É isto que estou tentando dizer. Eu trapaceei.

— Você... trapaceou? — ela perguntou, pasma, apoiando uma mão na amurada. — Então encenou tudo aquilo só para rejeitar-me? Como deve ter achado divertido!

— Não é nada disso! — ele exclamou, pegando-a pelo braço e trazendo-a delicadamente para perto de si. — Escute-me.

— Não — ela protestou com voz estrangulada. — Não quero escutar nada.

Eu o odeio, capitão De Leon!

Desvencilhando-se, ela correu para a escotilha das cabines.

Arturo pôde ouvir a batida da porta em meio ao zunir do vento.

Por toda noite, ele permaneceu no convés, enquanto o Madalena passava por pequenas ilhas, escuras e desabitadas, seguindo o canal rumo às Bahamas. Entretanto, a paz que normalmente o acompanhava durante aquele trajeto o havia desertado. Desde que conhecera Danielle parecia acometido de uma febre que lhe turvava todos os sentidos, ou melhor, aguçava-lhe os sentidos que se voltavam unicamente para ela. Deus perguntava-se, quando voltaria a ser o mesmo? Quando voltaria a ter controle sobre si?

Na noite seguinte, Arturo permaneceu no tombadilho enquanto Jacques levava Danielle para o costumeiro passeio pelo convés principal. Mesmo a distância, pôde notar que estava abatida, com profundas olheiras.

Como se adivinhasse sua observação, ela, que a princípio não o notara, ergueu o rosto e o encarou com hostilidade. Não trocaram nem uma palavra.

De repente, contudo, ela se voltou para o imediato e, baixinho, disse-lhe alguma coisa, voltando em seguida para seus aposentos.

Jacques ficou observando-a, confuso e preocupado, mas Arturo pulou no convés abaixo e se postou no corredor que dava para as cabines, no momento exato da entrada de Danielle.

— Espere — ele ordenou, segurando-a pelo braço.

— Não temos nada para conversar.

— Pat me disse que não comeu o dia inteiro.

— Não é de sua conta.

— Como capitão, sou responsável pelo bem-estar de meus passageiros. Não quero nenhum bebe chorão tentando matar-se de fome.

— Não morrerei de fome. E creia-me, capitão, não vou chorar. — Ela soltou o braço que ele prendia e entrou na cabine, fechando a porta.

— Terra à vista!

Danielle saltou da cama ao ouvir o chamado um pouco depois do amanhecer. Mal podia crer no que escutara. Correndo para a portinhola constatou que não havia sonhado. Ao longe, uma ilha de vegetação luxuriante parecia flutuar no mar turquesa.

Quando o bergantim foi se aproximando, avistou muitos outros navios,

ancorados em uma grande enseada, em frente a um pequeno povoamento. No porto, homens de outros navios saudaram a tripulação do Madalena com vivas e umas, retribuídos à altura.

Ao longo da praia, uma faixa de brilhante areia branca separava o mar da pequena cidade, em cuja rua portuária se alinhavam construções pintadas em suaves tons pastel intercaladas por palmeiras e flores tropicais de cores vivas.

Quando a âncora foi lançada, Danielle mal pôde conter a excitação. Pela portinhola, observou os pequenos botes, mantidos no convés do Madalena, sendo baixados ao mar e ansiou por notícias sobre a escala.

Finalmente, após o que pareceram horas, Pat bateu na porta trazendo o café. Sem ao menos esperar que ele depositasse a bandeja sobre a mesa, bombardeou-o com perguntas. — Onde estamos? Por que paramos?

— Em Nassau, na ilha de New Providence, senhorita. Viemos às Bahamas para pegar água e suprimentos, e para reparar os danos causados pela tempestade...

— Quer dizer que corremos o risco de afundar todo esse tempo?

— Não, os danos são pequenos. Além disso, também paramos para que os homens possam ter um pouco de... liberdade, antes de partirmos de novo.

— Que bom. E todo mundo vai até a cidade? — ela perguntou, em tom casual.

— Não agora. Há muito trabalho para ser feito. Só Jacques e Félix já desceram para providenciar as provisões, além do capitão, que tem negócios na ilha.

— Então você está no comando, Pat? — ela brincou. Orgulhoso pela suposição, o rapaz respondeu:

— Não, infelizmente, senhorita. Narcisse, o timoneiro, está no comando.

— Entendo. E quando vocês, homens, irão todos para a terra?

— Hoje à noite, menos a tripulação de serviço o capitão.

— Entendo... — ela repetiu, pensativa, já tramando um plano de fuga. Como sua porta não permanecia mais fechada, teria chance de esgueirar-se pelo convés, à noite, e lançar-se ao mar; Precisaria nadar um bom trecho, mas, caso afundasse, poderia pedir por socorro, sendo certamente socorrida por algum marinheiro dos navios mais próximos.

Distraída, Danielle nem prestou atenção aos movimentos de Pat pela cabine. Usando a chave de Arturo para abrir o baú, retirou dali uma pequena mas

pesada caixa de madeira. Da mesma forma, só percebeu que partia quando ele lhe dirigiu a palavra.

— Desculpe, senhorita, mas o capitão solicita que permaneça em sua cabine como de costume. As monções soprarão direto sobre o navio, e ele espera que o calor não lhe cause muito incômodo.

— Ela não tem de sofrer em absoluto, mon ami — disse um homem, em tom jocoso, na soleira da porta atrás deles.

— Não, mas as ordens do capitão são para que ela permaneça longe da tripulação — respondeu Pat com relutância, voltando-se para encarar Narcisse.

— Daremos um jeito nisso. Mas, primeiro, Pat, apresente-me a senhorita.

— Sim... — o camaroteiro hesitou por um instante — Mademoiselle Valmont, gostaria de lhe apresentar Narcisse Duval.

— A seu serviço, mademoiselle. — O jovem tomou a mão de Danielle e a beijou, evidentemente encantado.

— E esta é mademoiselle Valmont, que se está sob a guarda pessoal do capitão De Leon — frisou Pat.

— Oui, já a tinha visto com Turo algumas vezes ao anoitecer. É ainda mais bela à luz do dia do que à luz do luar, mademoiselle.

— Merci, monsieur Duval — agradeceu a moça, analisando o homem que a galanteava tão polidamente. Baixo, mas esbelto, cabelos negros e encaracolados, rosto de tez bronzeada, Narcisse emanava poder e força. Os olhos negros e brilhantes pareciam transpirar sensibilidade e compaixão. Ali estava um homem a quem poderia apelar por ajuda.

— Pode chamar-me Narcisse, e eu a chamarei de Danielle, oui. — Danielle fez um aceno positivo com a cabeça e o timoneiro lhe indicou a porta. — Agora que já nos apresentamos, vamos até o convés onde é mais fresco. Siga na frente, Patrick.

De braço dado com o timoneiro, Danielle seguiu Pat convés acima, feliz em receber no rosto a brisa marítima, apesar do cheiro de piche usado pelos marinheiros para vedar as suturas do navio.

Olhando ao redor com interesse, deu-se conta de que sua presença já fora notada pelos marinheiros, que a mediam com indisfarçável admiração. Ficou feliz quando Narcisse a guiou na direção da amurada para evitar o mau cheiro do alcatrão.

Pararam para admirar a ilha, o timoneiro franzindo a testa por sobre os

ombros, num sinal de alerta para que os marujos continuassem o trabalho. Danielle sentia-se ferver dentro do vestido preto sob o sol escaldante, mas considerava qualquer alternativa de liberdade melhor que a cabine.

— A ilha é linda, não? — ela comentou, fazendo sombra para os olhos com a palma da mão.

— Não tão bela quanto a senhorita — elogiou Narcisse.

De repente, ela ficou consciente da proximidade do jovem cajun e, incomodada, afastou-se um pouco para continuar a contemplar a paisagem.

Vindo na direção do navio, um pequeno bole do Madalena flutuava entre outros tantos barcos de pesca, cheio de frutas e mantimentos.

Félix estava empoleirado sobre os engradados e costas, a perna de pau apoiada sobre uma enorme tartaruga, deitada de costas no fundo da embarcação, agitando os membros. Quando o cozinheiro reconheceu as pessoas na amurada do Madalena, apertou os olhos e acenou.

Danielle duvidava que ele conseguisse distingui-los e perguntou, impulsivamente:

— Narcisse, pode levar-me à praia?

— Não, a menos que Turo permita.

— Ele não permitirá.

— Então não será possível. — O marinheiro parecia divertido com a situação, embora recusasse as súplicas de Danielle com firmeza.

— Mas ele me raptou. Está me mantendo prisioneira. Narcisse deu de ombros graciosamente.

— Deve ter tido uma boa razão.

— Uma boa razão? — O espanto de Danielle era evidente.

— Não vamos discutir, senhorita. Vamos acabar estragando nosso passeio. Além disso, já estou me arriscando a atrair a ira do capitão ao trazê-la aqui.

— Tem razão, claro. Desculpe — ela sussurrou tristonha, disfarçando os olhos marejados ao olhar para outro barco que se aproximava. — Não quero lhe trazer problemas.

— Não se preocupe, mademoiselle. O prazer de sua companhia vale o risco.

— Ele é um homem terrível — resmungou ela, baixinho.

Tão absorta ficou em seus pensamentos que mal percebeu quando Narcisse

a levou para o outro lado do navio para escapar aos vapores que ameaçavam engolfá-los quando o vento começou a soprar mais forte.

— Turo não é um mal sujeito, apenas um pouco temperamental. — Narcisse riu. — Não gosto de falar bem de um rival, mas somos amigos há muitos anos.

— Rival?! — Danielle explodiu. — Não ia querer Arturo nem que o oferecessem numa bandeja de prata.

— Bom, então, que ninguém esteja me oferecendo. — A voz de Arturo, baixa e ameaçadora, cortou a conversa. Voltando-se rapidamente, o casal encarou o pirata com ar culpado.

— Ah, Turo — cumprimentou-o Narcisse, tentando parecer à vontade. — Não vimos que havia retornado.

— Estavam muito ocupados olhando um para o outro. — De Leon os fitou com o rosto sisudo. — Deixei-o aqui para comandar um navio, Duval, não para mimar esta mulher.

O timoneiro se empertigou e respondeu com formalidade.

— Tudo está sob controle aqui, capitão.

— Por quanto tempo está com Danielle, desfilando pelo navio diante da tripulação? — perguntou Arturo, voltando-se em seguida para Danielle, em tom frio e formal. — Devo pedir-lhe que volte a sua cabine imediatamente, mademoiselle. E não saia de lá até que eu o permita.

Por um instante, Danielle pensou em responder-lhe à altura, mas, com receio de prejudicar Narcisse, manteve-se quieta e obedeceu a ordem, batendo os pés em retirada. Já na cabine, permitiu-se praguejar contra De Leon. Como ele ousara acusá-la de exibir-se na frente da tripulação? Na verdade, aquele tirano simplesmente não queria que ela visse ninguém capaz de ajudá-la.

Durante toda a tarde, ela ouviu os ruídos produzido pela atividade frenética da tripulação, e, ao cair da noite, os sons das vozes foram ficando mais insossos, demonstrando o entusiasmo pela folga que teriam mais tarde.

Danielle pensou em fazer sinais para a ilha na esperança de obter socorro. Avistando um barco que se aproximava, tentou gritar, mas o som lhe morreu na garganta ao perceber que se tratava de Jacques, quatro extenuados remadores e seis pesados tonéis de água.

Desolada, largou-se na cama, escutando os gritos e baques vindos do convés enquanto os tonéis eram içados a bordo e colocados no devido lugar. Mais tarde, o burburinho no navio anunciava que os homens estavam prestes a ir à

cidade.

Voltando a espiar pela portinhola, Danielle observou a tripulação descer em botes rumo à praia, onde desapareceu na estrada que levava à cidade. Ela viu o último bote sair do Madalena e então ninguém caminhando nas areias prateadas de Nassau.

O sol mal acabara de se pôr por completo, quando ela decidiu que nadaria para a praia dali a pouco. Todavia, antes que conseguisse realizar seu intento, uma batida soou na porta.

Quem ela menos queria ver surgiu a sua frente.

— Gostaria que se dirigisse ao convés, s'il vous plait — ele solicitou com severidade.

— Para que desfile diante de sua tripulação? — ela o alfinetou.

— A tripulação está em terra, incluindo sua nova conquista, Narcisse.

— Você... você não o puniu? — perguntou Danielle com evidente alívio.

— Devia tê-lo jogado no porão — retrucou Arturo, os olhos tornando-se gélidos diante da reação de Danielle.

— Em vez disso, eu o encarreguei de tomar conta de Pat. Vai lhe atrapalhar os flertes, mas descobriremos se pode tomar conta do menino melhor do que tomou do navio hoje. Agora, você vem ou não?

Em silêncio, Danielle o seguiu, na expectativa do que a aguardava.

Longe, na direção da proa, o vigia caminhava fitando tristonho a praia imersa em sombras purpúreas. Arturo o olhou de relance, guiando Danielle para a popa, onde uma pequena mesa os esperava, posta para dois, com utensílios de cristal, prata e porcelana.

— Gostaria de um pouco de vinho? — ele perguntou, despejando o líquido em um delicado copo de cristal.

— Merci. — Ela aceitou a bebida, a custo escondendo a confusão que a súbita mudança no comportamento do pirata lhe causava.

Gratificado, Arturo contemplava o rosto agora relaxado de Danielle, imaginando como ela iria exultar dali a instantes com a notícia de sua libertação.

Seguindo para a amurada, ela bebericou o vinho, deleitando-se com a brisa perfumada que vinha da ilha. Naquela hora do dia, a rebentação turquesa se tornara verde-escura, e a espuma branca das ondas assumia o mesmo tom róseo do céu. De um navio próximo, vinha a música suave de uma cítara. Quase feliz, ela

suspirou, embalada pelo balanço do navio sobre o mar.

Arturo a observava fascinado. Danielle estava linda: a silhueta marcada contra a luz do sol, a palidez lhe realçando o tamanho dos olhos castanhos, o vento lhe colando as roupas junto ao corpo delgado e lhe desalinhando os cabelos dourados... Parecia uma visão irreal, de tão bela. Naquele momento, achou que não teria forças para manter a decisão de libertá-la.

Seria tão bom se todos seus instantes juntos pudessem ser serenos como aquele, sem a constante batalha verbal que o excitava e aborrecia ao mesmo tempo. De qualquer maneira, precisava lembrar-se do desprezo com que ela falara a seu respeito, à tarde com Narcisse, o manter a resolução tomada.

— Tenho algo para discutir com você, Danielle - ele disse abruptamente, aproximando-se dela na amurada.

— Sim? — Ela o olhou cheia de expectativa.

— Decidi fazer o que me pediu e libertá-la.

— Libertar-me? — ela perguntou insegura, as sobrancelhas erguendo-se de surpresa.

— Amanhã, antes da partida do Madalena, levarei você a terra e cuidarei para que se instale de maneira apropriada. Pedirei pessoalmente ao governador para que a proteja, não deixando ninguém incomodá-la. Eu lhe deixarei também fundos suficientes para que se instale em uma das hospedarias mais respeitáveis da cidade.

— Não quero seu dinheiro, capitão — ela replicou, voltando o rosto para o mar.

— Por que não? Pretende ganhar a vida jogando cartas?

Ela se virou bruscamente, os olhos fuzilando-o de raiva. Todavia, antes que pudesse falar, Arturo lhe tocou o ombro, apaziguando-a;

— Desculpe pelo que disse, Danielle. Quero apenas instalá-la em Nassau, com segurança, já que a tirei de Nova Orleans à revelia. Gostará da cidade. Uma mulher bonita e inteligente como você poderá construir sua vida aqui.

— Ou poderá reservar uma passagem no primeiro navio de volta a Nova Orleans — ela disparou, sem conter a raiva.

— Não a aconselharia a fazer isso, Danielle.

— Ainda quer me convencer que me raptou para meu próprio bem, capitão? Que foi para oferecer-me uma vida nova?

— Não vamos brigar esta noite, pequena — Arturo pediu com sinceridade.
— O que está feito, está feito. Não podemos nos despedir como amigos?

Sem esperar resposta, guiou Danielle novamente até a popa, onde um banco havia sido forrado com travesseiros para tornar-se um assento confortável. Em seguida, tomou uma cadeira e sentou-se em frente a ela, acendendo a lanterna sobre a mesa. Então, descobriu os pratos, um a um, apresentando-os à convidada.

Félix preparara um banquete, com sopa de tartaruga como primeiro prato, peixe cozido, pão fresco, bananas fritas e frutas tropicais. Entretanto, apesar da ceia suntuosa, eles comeram sem demonstrar o menor apetite. Apesar das palavras rudes que trocavam, das persistentes afirmações de que não se suportavam, a perspectiva da despedida os incomodava profundamente. Danielle sentia como se estivesse sendo abandonada. Arturo, como se o coração fosse lhe partir dentro do peito. A lua brilhava alto no céu quando terminaram o jantar, bebericando o vinho. De repente, uma voz grave, com um sotaque estranho, chamou-lhes a atenção.

— Alô, Madalena! De Leon, mostre a cara, seu patife!

— Oh, não. — Erguendo-se, Arturo olhou para baixo da amurada, avistando um pequeno bote com um homem que remava na direção do Madalena. — Quando vi o navio desse infeliz, rezei para que ele estivesse curando uma bebedeira de quatro dias em algum lugar da praia.

— Quem é? — perguntou Danielle, também vasculhando o mar. No escuro, não pôde distinguir as feições do recém-chegado, mas percebeu que se tratava de um homem forte e alto.

— É Turk, o pirata otomano. Que estará fazendo nestas águas? Danielle, não olhe pela amurada! — o capitão pediu, tentando escondê-la e intimamente amaldiçoando Narcisse por haver exibido a moça para todos os navios da redondeza.

— Então, é verdade o que ouvi — grilou o visitante para eles. — De Leon traz uma mulher consigo.

Arturo praguejou baixinho, antes de responder:

— Sim, é verdade. O que está fazendo em Nassau, Turk?

— Pegando suprimentos, como você. — Ele deu de ombros, puxando os remos para dentro do bote. — Então, De Leon, vai me deixar subir ou terei de abordar o navio com uma faca entre os dentes?

— Suba — convidou-o Arturo a contragosto, caminhando até a escada do piloto para jogá-la ao inesperado convidado. Embora já houvessem sido parceiros

algumas vezes, De Leon não apreciava o pirata. De qualquer forma, aquela não era boa hora de fazer inimigos.

— A subida não é tão longa quando o Madalena está bem imerso na água — declarou Turk, subindo ao convés. — Seu navio traz carregamento comercial, amigo?

Danielle engasgou ao se deparar com a figura imensa do homem. Descalço, pernas grossas como troncos, o tórax, as costas, os braços e até a cabeça raspada cobertos de tatuagens, e uma cicatriz, branca lhe cruzando um dos olhos oblíquos, constituía-se numa figura assustadora. Estava pesadamente armado. Na cintura envolta por faixa vermelha trazia uma cimitarra, uma adaga, uma faca e uma pistola.

— Acha que trabalharia nesse ramo? — Arturo respondeu com uma evasiva, fazendo uma careta quando o homem lhe deu um tapinha amigável no ombro ferido.

— Nunca soube que trabalhasse com isso, mas também nunca soube que costumava carregar mulheres a bordo — respondeu Turk, espiando Danielle atrás de Arturo. — E que mulher!

— Estávamos tomando vinho. Gostaria de um pouco, Turk? — De Leon tentou distrair-lhe a atenção sobre a moça.

— Rum, De Leon. Se devo pecar contra Alá, que seja com um rum forte, daqueles de trazer lágrimas aos olhos.

— Desde quando se tornou um bom muçulmano, Turk? — Arturo lhe dirigiu um sorriso amarelo.

— Não há bons ou maus muçulmanos, apenas crentes e descrentes — o homem replicou. — Mas não vamos perder tempo com assuntos religiosos. Minha garganta está seca.

Arturo fez um gesto para Danielle permanecer atrás dele enquanto lhe dizia gentilmente:

— Há uma garrafa de rum na cozinha. Pegue-a junto com uma caneca. E mantenha silêncio.

Embora desacostumada a receber ordens, dessa vez ela obedeceu sem protestar. Turk a incomodava. Enquanto ele caminhava de forma arrogante até a popa e tomava a cadeira de Arturo, ela desapareceu na cozinha, deixando os dois homens se entenderem.

O capitão sentou à frente do indesejado convidado e lhe ofereceu um

cigarro.

— Não — Turk declinou secamente. — Tenho minha própria essência de paraíso. Não fuma haxixe, não é?

— Não.

— Pois eu lhe digo. Nenhum tabaco pode relaxar um homem como isto — respondeu o otomano, acendendo um cachimbo que exalou um cheiro adocicado.

Após alguns momentos, como Arturo permanecesse calado, ele voltou a falar.

— Que pretende fazer com a mulher, De Leon? Ela seria uma fina aquisição para qualquer harém. Posso oferecer-lhe um bom preço por ela.

Na cozinha, Danielle engoliu seco. Aquele homenzarrão rude e barbudo queria comprá-la! Felizmente, a resposta curta e peremptória de Arturo a acalmou.

— Ela não está à venda.

— É uma passageira, então?

— Temporária, monsieur — respondeu ela, desobedecendo à ordem do capitão ao juntar-se aos dois e colocar uma caneca de estanho em frente ao convidado, que a encheu de rum. — Amanhã irei a terra.

Surpreso ao ver Danielle falar por si, costume limitado aos ocidentais com o qual nunca se acostumaria, Turk a princípio olhou-a com espanto. Depois, resolvido a dar-lhe uma lição de humildade, agarrou um cacho de cabelo e a puxou gentilmente em sua direção.

— Então, vai ficar em Nassau? — disse num tom sugestivo, enrolando os cabelos entre os dedos calosos. — Acho que vamos nos tornar bons amigos e apreciar muito a companhia um do outro.

Danielle não respondeu, mantendo o olhar gélido enquanto puxava a cabeça para livrar-se do toque indesejado.

Naquele momento, Arturo se inclinou e tomou-a pela cintura fazendo-a sentar-se sobre seus joelhos.

— Ela não vai ficar — ele anunciou enfaticamente.

— Mas você disse... — ela tentou protestar, mas se calou diante do aviso nos olhos do capitão.

— Estava zangado, minha querida. Quero que permaneça comigo no Madalena.

— Disse que a mulher não era sua escrava, De Leon — vociferou Turk, uma das mãos buscando a faca presa na cintura. — Vamos lutar por ela.

Dando-se conta da extensão do perigo, Danielle se aninhou no peito de Arturo e lançou um sorriso sensual para o pirata otomano.

— Não há por que lutar, monsieur. Seria a mais humilde das servas de Arturo, mas ele me prefere como sua amante.

— Então quer ficar com De Leon? — o homem bufou, incrédulo.

- Claro, monsieur. Vou aonde Arturo quiser — ela respondeu, tocando o queixo de Arturo, que respondeu tomando-lhe a mão e beijando-lhe a palma.

— Uma briga de amantes — ele explicou, dirigindo-se a Turk. — Dizemos coisas estúpidas nesses momentos.

Endireitando-se na cadeira, com expressão sombria, o homem retrucou, bebendo o último gole de rum:

— Não sabia que ela era sua mulher, De Leon. De qualquer forma — voltou-se para Danielle —, mulher, se cansar dele, será bem-vinda a bordo do Fátima.

— Lamento, monsieur, mas não poderia deixar meu belo capitão. Não depois de ele ter se arriscado tanto para realizar nossa fuga.

— Valeu todo o perigo, querida — murmurou Arturo, roçando os cabelos dourados numa carícia suave.

— Oh, monsieur Turk. Sua caneca está quase vazia — ela continuou, erguendo-se do colo do capitão, embora ele resistisse em soltá-la.

— Para onde está indo, De Leon? — Turk quis saber.

— De volta a Nova Orleans — mentiu Arturo distraidamente, os olhos fixos em Danielle que retornava com o rum.

— Pensei que tivesse acabado de chegar de lá.

— Sim, mas nos deparamos com um fino tesouro e teremos de voltar.

— Temos nos dado bem nesse negócio, você e eu — comentou Turk, casualmente, refletindo que ter uma mulher estava deixando Arturo mole. Nem sequer mentia direito.

Não precisava pressionar o capitão para saber o que o Madalena carregava e para onde ia. Com enorme prazer, após anos de busca, descobrira um informante entre a tripulação de Arturo.

— Preciso voltar à praia — anunciou o pirata, emborcando a caneca. — Já que não vai dividir sua mulher comigo esta noite, preciso arrumar uma. — Colocou-

se de pé e rumou, pesadamente, para onde o barco estava amarrado.

Juntos no convés, Arturo e Danielle observaram Turk remar para a praia e acenar-lhes de vez em quando.

— Vamos dar-lhe algo do que se lembrar — disse Arturo, puxando-a contra si e a beijando.

Danielle não protestou, talvez porque ele a tivesse protegido do perigoso pirata, talvez porque no dia seguinte ficaria na ilha, de qualquer forma, após a partida do Madalena, ou talvez ainda porque, contrariando toda a lógica, estivesse ansiando por aquele beijo.

A princípio, seus lábios se tocaram ternamente. Depois, tornaram-se ávidos, extravasando a paixão desesperada de amantes numa noite de despedida.

— Não creio que Turk possa nos ver mais — ela murmurou, afastando-se com certa relutância.

— Então este beijo foi algo para eu guardar de lembrança — disse Arturo, tentando sorrir com a costumeira descontração.

Mais tarde, deitada na cama da cabine, Danielle lutava contra as lágrimas. Em vão dizia a si mesma que não devia chorar por causa de Arturo. Por fim adormeceu, cansada de lutar contra os próprios sentimentos e tentando convencer-se de que no dia seguinte se sentiria feliz, afinal, seria livre outra vez...

CAPITULO XI

— Pronto para partir!

Os gritos dos marinheiros pareciam vir de longe. Bocejando e se espreguiçando, Danielle oscilou entre o sono e o despertar. Ergueu-se devagar, embalada pelos sons familiares do navio: o estalar das linhas, o chacoalhar da maquinaria, o rufar das velas enfundando ao vento. De repente, ela arregalou os olhos e sentou. Colocando uma das mãos no colchão, resmungou ao perceber que o navio estava em movimento. O Madalena zarpara. Saltando da cama, correu para a portinhola. Nassau não estava mais à vista. Só se enxergava agora o brilhante e profundo mar azul.

Deixando-se cair pesadamente sobre uma cadeira, refletiu sobre a situação. Por um lado, sentia-se aliviada por Arturo não tê-la deixado sozinha em New Providence; por outro, aflita por continuar confinada naquela maldita cabine

por tempo indefinido. Resignada, conteve a vontade de chorar e começou a vestir-se.

Pelo menos não fora deixada à mercê da atenção indesejada de Turk. Talvez Arturo houvesse decidido continuar no papel de protetor. Sem dúvida, ele o interpretara muito bem na noite passada, ela ponderou, enrubescendo ao recordar as carícias de Arturo e sua própria afirmação de que eram amantes.

De qualquer maneira, precisava ater-se a questões práticas. Seus problemas com o capitão ainda não haviam sido resolvidos, porém, como ele apresentara um desejo de libertá-la em Nassau, poderia ser convencido a fazer o mesmo em outro lugar. Talvez pudesse persuadi-la, levá-la de volta a Nova Orleans, quando a viagem terminasse. Satisfeita com essa solução, sorriu docemente para Pat ao vê-lo trazer o café.

— Desculpe o atraso, senhorita, mas a cozinha estava um pouco confusa esta manhã, com Félix tendo de experimentar de seu próprio remédio.

— Remédio?

— Sim, o preparado especial para ressacas. Ele, Narcisse e eu tivemos uma noitada e tanto ontem — gabou-se Pat, embora sua aparência não permitisse deduzir nenhuma bebedeira, a não ser pelos olhos vermelhos de pouco sono. O rapaz se Juntou a Danielle, beliscando os biscoitos enquanto descrevia a grande aventura que tivera na cidade.

Postado em frente à porta da cabine, Arturo ouviu as risadas dos dois, enquanto equilibrava grandes caixas cor-de-rosa nas mãos e preparava-se para o encontro com Danielle. Se ela fosse razoável, haveria de agradecer-lhe por não tê-la deixado em Nassau, mas isso era improvável. Por certo, devia estar enraivecida com a mudança de planos.

Bateu e escudou-se atrás da porta, enquanto espiava a cabine e lançava o mais jovial dos sorrisos para Danielle. Quase foi derrubado por Pat, que bateu em retirada.

— Bon jour, chère — ele a cumprimentou após certificar-se de que ela não iria atirar-lhe nada.

— Bon jour, capitão. Devo presumir que quebrou sua promessa e está me levando para o Marrocos? — ela perguntou diretamente, olhando de relance para os pacotes.

Abandonando a proteção da porta, ele entrou, depositando as caixas sobre a cama.-

— Seja razoável, querida. Preferia que eu a tivesse deixado para Turk? --

- Não, mas você prometeu que me libertaria.

— E será libertada quando voltamos de Tânger, se é o que quer. — Ele brindou-a com outro sorriso encantador. — Mas eu poderia fazê-la mudar de idéia.

Ela o encarou sem humor. — Duvido.

— Não me machuque, Danielle — ele declarou, em tom dramático. — Não podemos declarar uma trégua entre nós?

— Tudo bem — ela concordou rápida e surpreendentemente —, desde que se comporte como um cavalheiro.

— Tentarei sê-lo, se é o que deseja — ele concordou, estranhamente constrangido. — Enquanto isso, não quer aceitar um banho de banheira, como prova de minha estima?

— Oui, merci — ela aceitou, encantada.

— Há uma outra coisa.

— Sim?

— Receio que será forçada a usar água fresca. Só dessa vez. Comprei um tonel extra para você em Nassau, bem como algumas roupas. São presentes de despedida.

— Água fresca, realmente? — ela perguntou, entusiasmada. — E roupas novas?

— Sim.

— Bem, como não vou embora, estes não podem ser presentes de adeus. Deixe-me pagá-los. — Vasculhando os bolsos, Danielle tirou parte das moedas que havia ganho nos jogos de carta.

— Não — disse o capitão, fechando-lhe a mão em torno das moedas. — Não pode aceitar um presente meu? — Danielle notou a expressão aborrecida, e prontamente guardou o dinheiro.

— Merci, capitão De Leon — ela agradeceu com exagerada cortesia.

— De nada.

Estranhamente embaraçado, ele partiu, deixando-a sozinha à espera do desejado banho.

Animada, Danielle foi examinar o conteúdo das caixas, percebendo que o pirata não economizara nas compras. De tudo trouxera um pouco.

O vestido de musselina azul era elegante e bem trabalhado, ao mesmo tempo leve e simples. Havia também uma anágua de cetim, um par de meias de seda e uma roupa de baixo da mais fina cambraia. E para sua surpresa, um conjunto de camisola e pantalona, muito feminino e a última moda em Paris.

Na segunda caixa, encontrou um gracioso xale preto de franjas longas e sedosas e um par de vistosos chinelos vermelhos que, infelizmente, ficaram muito grandes para ela.

Por fim, Danielle desembrolhou um chapéu de abas largas, encimado com flores, penas e fitas, que, apesar de bonito, não a agradou. Que uso teria naquela viagem em que só deixava a cabine depois do pôr-do-sol?

Com um suspiro, depositou o chapéu na cama, ao lado das outras roupas, guardando depressa as peças íntimas. Pat já andava bastante embaraçado por ter de cuidar de seu banho. Se tivesse o mínimo vislumbre de toda aquela renda, ficaria vermelho até a raiz dos cabelos.

No convés, apressados, Pat e Félix praguejaram alto quando colidiram, e o balde de água que o cozinheiro levava virou derramando quase todo seu conteúdo nas tábuas de madeira. Embora cansado da noite na cidade, Félix aceitara a incumbência de carregar água, de bom grado, pois estava muito curioso para ver a passageira do Madalena.

Apesar dos elogios que ouvira a tripulação dispensar a Danielle quando foi vista com Narcisse, Félix a considerava uma mulherzinha perigosa. Ao conhecê-la., antes mesmo de trocarem qualquer palavra, percebeu que se enganara na avaliação. A moça crioula era adorável e de beleza indiscutível.

Inspirado pelo encontro, o homem entoou uma canção de amor caribenha, enquanto ajudava Pat a instalar a banheira na cabine de Arturo. Quando terminaram, Danielle timidamente lhes ofereceu algumas moedas para recompensar o esforço.

— Félix Fontaineau não aceita dinheiro de uma dama — replicou o velho, empertigando-se.

— Além disso — emendou Pat —, estamos obedecendo ordens do capitão.

— Bem, deve haver alguma forma de lhes retribuir a gentileza, cavalheiros — ela respondeu, os olhos se deparando com um buraco na altura do joelho na calça de Félix. — Não sou grande costureira, monsieur Fontaineau, mas talvez possa remendar-lhe a calça, se me emprestar novamente sua caixa de costura.

— Quando tirar esta calça — ele disse com os olhos míopes brilhando —, terei prazer que a remende, mademoiselle.

Sozinha na cabine, Danielle se despiu rapidamente e mergulhou na banheira até o pescoço, ameaçando derramar a água. Em seguida, esfregou o sal do corpo e ensaboou os cabelos com o perfumado sabão que Arturo lhe dera. Suspirou, feliz. Precisava encontrar uma forma apropriada de agradecer-lhe.

O navio mantinha a mesma distância desde o momento em que Arturo o avistou pela primeira vez, ao anoitecer do dia anterior. Munido de seu telescópio, ele tentava identificar a bandeira da embarcação, o que a distância muito grande se tornava impossível. A pirataria havia diminuído e quase já não existia; porém o capitão de um navio levando carga preciosa precisava ser cauteloso. 182

Preocupado, chamou Jacques.

— Lá está ele novamente — Arturo resmungou,, focando a vela da embarcação.

— Pode ser um navio de carga também.

— Duvido. Não está a toda vela como nós, contudo nos acompanha. Gostaria que se aproximasse para identificarmos se trata de amigo ou inimigo.

— Talvez o capitão de lá pense o mesmo sobre nós — sugeriu Jacques. — Quando mudamos de curso, ele desvia a direção para manter distância, como uma mulher nervosa, hein, Turo?

— Nesse caso, vamos observá-lo mais de perto, como faríamos com uma mulher.

— Perfeito, capitão — Jacques riu da comparação. Embora brincassem, não conseguiam evitar a tensão. De Leon e o imediato permaneceram no tombadilho desde a manhã até a tarde, tentando descobrir quem os seguia. Cada vez que o navio espião mudava de curso para acompanhar o Madalena, o humor de Arturo piorava um pouco mais.

Na cabine, ignorando a caçada marítima, Danielle esfregava com vigor o vestido preto na água do banho, antes de colocá-lo para secar.

Correndo a mão pela beirada da banheira, imaginou se o pirata a emprestaria novamente ou se aquele súbito agrado se constituía apenas numa forma de ele aliviar a consciência por ainda mantê-la presa. A despeito da trégua, não havia como negar sua condição de ainda prisioneira.

Uma prisioneira mimada, refletiu com ironia ao acariciar o vestido macio que lhe caíra como uma luva. Em frente ao espelho quebrado de Arturo, prendeu os cabelos em um coque. Depois, tirando o espelho do suporte, virou-o em vários ângulos a sua volta, apreciando a própria aparência. Pela primeira vez em meses se sentia bonita. Pena gastar tempo numa toalete tão caprichada e ficar

enfurnada naquela cabine. — Nossa, senhorita! — exclamou Pat quando foi retirar a banheira. — Sempre a achei bonita, mas agora está lindíssima! Quero dizer.... — O rapaz abaixou a cabeça, embaraçado.

— Entendo o que quer dizer, Pat — ela disse graciosamente. — Obrigada.

— Devo ir buscar o capitão? Ele vai gostar de vê-la assim.

— Ele deve estar ocupado, Pat. Além disso, vai me ver de qualquer forma, pois não vou a nenhum lugar.

— Tem razão. Bem, se há algo mais em que possa ajudá-la, srta. Dani, é só pedir.

Afoito para ajudá-la, Pat quase tropeçou nos próprios pés, enrubescendo até a raiz dos cabelos. Para disfarçar o embaraço, apressou-se para ajudar Félix a remover a banheira dali.

Danielle abriu a porta para deixar a brisa entrar. Então sentou-se e pôs-se a remendar a calça do cozinheiro. O pano ainda estava úmido, pois Félix insistira em lavar a peça antes de entregá-la.

Foi assim, a cabeça debruçada sobre o trabalho, que Arturo a avistou da soleira da porta, ao ir buscar o sextante. Não querendo perturbá-la, contemplou-a por uns instantes, completamente embevecido.

Sentindo-lhe a presença, Danielle ergueu a cabeça e brindou-o com um sorriso radiante.

— Bonjour, capitão, não quer entrar?

— Obrigado — ele aceitou, entrando e sentando-se em frente a Danielle. Tinha algum tempo de folga e não havia nada a fazer quanto ao navio que os seguia. Tirando a jaqueta, pendurou-a no assento. — Por favor, continue com o trabalho. De quem é essa calça?

— De Félix.

- O quê? — Ele riu com ironia. — Você realmente o impressionou como, aliás, o faz com todo mundo.

Danielle o olhou de relance para ver se tratava de um elogio ou um insulto. Para sua alegria, a expressão de Arturo era calorosa e gentil.

— Está encantadora, ma chère — ele elogiou, examinando-a com olhar admirado. O vestido azul servia com perfeição, combinando com os cabelos loiros e a tez clara. Embora discreto, delineava sensualmente as curvas dos seios e a cintura delgada.

— Fico contente que tenha gostado — ela respondeu, nervosa com a demorada avaliação. — O vestido é adorável. Tem excelente gosto, capitão.

— Tenho realmente.

— Para roupas, quero dizer.

— Naturalmente — concordou Arturo, sério, sufocando o riso diante do constrangimento dela.

— Estou feliz de vê-lo aqui, capitão — ela continuou, firmando a voz, disposta a mudar o curso da conversa. — Gostaria de agradecer-lhe por todas as gentilezas desta manhã.

— Poderia oferecer-lhe muitas outras. — A voz de Arturo era como uma carícia, agitando as profundezas da alma de Danielle.

Como ele podia provocar-lhe tal reação? Por mais que tentasse desviar o olhar, não o conseguia. Ficou quase grata quando picou o dedo e se viu forçada a voltar a atenção para o trabalho que realizava.

Inquieto, Arturo mudou de posição, arregaçando as mangas da camisa.

— Está quente demais aqui — queixou-se. - Não gostaria de ir ao convés?

— Agora, em pleno dia? — Danielle estava perplexa.

— A maior parte de meus homens já a conhece, mas, de qualquer forma, fique longe deles. Se permanecer na popa, poderá visitar Félix.

- Prometo que manterei distância deles — ela se comprometeu, o rosto iluminado de alegria. — Sua tripulação nem vai perceber que estou por perto.

— Isso é impossível, chère. Félix elogiou sua beleza e bondade para todo mundo disposto a escutá-lo, incluindo eu, que, naturalmente, já conhecia a adorável e bem-nascida dama crioula a bordo do Madalena, Danielle mordeu o lábio e fingiu ignorar o elogio. — Merci beaucoup, Arturo. De todos os presentes que me deu hoje, subir ao convés é o melhor deles.

Arturo esticou as pernas e cruzou os braços sobre o peito, sem saber se apreciava mais o agradecimento que recebera ou o som de seu nome nos lábios de Danielle. Em meio ao silêncio de agradável companheirismo, deixou-se ficar observando o trabalho de Danielle e apreciando a intimidade da cena. Alguns capitães levavam as esposas nas viagens marítimas, e, naquele momento, a idéia lhe pareceu perfeitamente aceitável.

Ter Danielle a seu lado, lavando e costurando-lhe as roupas, compartilhando de seu leito...

Caindo em si de repente, ergueu-se de um salto, derrubando a cadeira onde estava sentado e fazendo Danielle arregalar os olhos. Imagine só, ele, um lobo-do-mar, com tais pensamentos. Devia estar ficando louco.

Espantada, Danielle perscrutou o rosto anuviado do corsário.

— Algo de errado?

— Nada, nada mesmo — ele murmurou, puxando a jaqueta da cadeira e saindo apressado. — Vejo-a mais tarde.

Ela suspirou e sacudiu a cabeça. Não dissera ou fizera nada que o aborrecesse. Que estava acontecendo agora com o imprevisível capitão?

Depois do almoço, com uma tesoura, Danielle aparou as flores sobre o novo chapéu e, após vistoriar o trabalho no espelho, partiu satisfeita para o convés.

Lá chegando, parou ao lado da escotilha e piscou, desacostumada com a luz do sol. Ajustando o chapéu contra a claridade, vistoriou o navio com interesse. A maioria dos marinheiros, imersa no trabalho, não se deu conta de sua presença silenciosa. No tombadilho, ao lado de Jacques, Arturo inspecionava o horizonte com um telescópio. Ela olhou na mesma direção, mas nada viu além do mar.

Encontrou Félix sob um toldo próximo à cozinha, escolhendo feijões e cantarolando baixinho. Assim que se deparou com ela, o cozinheiro calou-se.

— Mademoiselle, o capitão sabe que está vagando pelo navio em plena luz do dia?

— Oui. Ele me deu permissão, desde que permaneça distante da tripulação. Posso sentar um pouco com você? Talvez possa ajudá-lo.

— Se tem certeza de que está tudo bem... — ele resmungou, deixando de lado os feijões. Ficou tão feliz de ter platéia nova para ouvir suas aventuras de quando ainda não perdera a perna, que falou por duas horas, parando apenas para tomar fôlego. Danielle ficou completamente envolvida.

Arturo finalmente deu-se uma folga, depois de ficar um longo tempo tentando iludir o navio que os perseguia, com a ajuda de Narcisse.

Ao contornar a área das cabines, deparou-se com Danielle sob o toldo com uma tigela no colo, escolhendo feijões. A sua volta, a tripulação de bombordo realizava os deveres, lançando-lhe constantes olhares curiosos que só cessaram com a chegada do capitão. Todos sabiam que De Leon andava irritado, desde a chegada da mulher a bordo, e ninguém queria provocar-lhe a ira.

Inconsciente da atenção que despertava, Danielle conversava animadamente com Félix que, de costas para Aryyro, gesticulava para ilustrar a

história que relatava. - Nem a garota nem o cozinheiro perceberam a aproximação do pirata que já se preparava para se anunciar quando notou que Félix chamava dois marinheiros.

Divertido, Arturo observou quando Dazet, o carpinteiro do navio, extremamente tímido em função da gagueira, e Falgout, o segundo piloto, de cara gorducha e maneiras amáveis, mas igualmente tímido com mulheres, apresentaram-se a Danielle.

Mesmo a distância, o pirata pôde perceber que a apresentação fora breve e formal, embora, para seu espanto, em pouco tempo o constrangimento inicial cedesse lugar a uma calorosa familiaridade, que provavelmente fora conseguida graças aos sorrisos charmosos dispensados por Danielle aos marujos. Em breve, eles disputavam a atenção da moça como se a conhecessem havia anos.

Nas sombras da seção de cabines, o capitão hesitava em intrrometer-se no alegre grupo, só aborrecendo-se quando Danielle voltou a cabeça para atender a uma voz que a chamava do tombadilho.

Tratava-se de Narcisse, debruçado na amurada, contemplando a popa e flertando com a moça, a despeito de estar em hora de serviço.

Foi naquele momento que Falgout olhou distraidamente para o convés e deparou-se com o pirata. Arregalando os olhos, cutucou Dazet que conversava com a jovem. O carpinteiro empalideceu. Junto com o amigo, cumprimentou De Leon e seguiu para o dever.

Curiosa, Danielle virou-se para ver quem era o recém-chegado. Vendo o corsário, sorriu-lhe, mas De Leon continuou sério. Intrigada, observou-o colocar-se à vista do tombadilho e fulminar Narcisse que, por sua vez, apressou-se em acenar um adeus a ela e rumar, de volta ao trabalho. Depois disso, sem uma palavra, Arturo seguiu adiante.

— Que há de errado com o capitão? -ela perguntou ao cozinheiro.

— Posso imaginar — resmungou Félix, observando o amigo partir —, mas não tenho certeza.

Antes que Danielle insistisse, o velho desviou o assunto para mais uma de suas histórias, retendo-a até o pôr do sol, quando foi para a cozinha preparar o jantar.

Alegre e bem-disposta, retornou à cabine, deparando-se no caminho com Arturo e Jacques, no convés principal, observando o mar. Esforçou-se para ver o que eles examinavam com atenção tão concentrada, finalmente conseguindo distinguir um outro navio bem longe no horizonte. Parecia um minúsculo e isolado

pontinho na vastidão do oceano, exatamente como o Madalena devia parecer-lhes também.

Um agudo sentimento de solidão a assaltou enquanto os olhos seguiam a vela rósea ao Pôr-do-sol. Após um momento, desceu para a cabine sem perturbar os homens na amurada.

Mais tarde, Danielle se surpreendeu ao deparar com Arturo na soleira da porta, pronto para acompanhá-la no passeio noturno.

— Celebramos uma trégua, lembra-se? — ele disse ao notar-lhe a hesitação.

— Oui, mas depois desta tarde, não pensei que quisesse mantê-la. — Danielle suspirou. — Nunca sei o que está pensando.

— Nem eu, às vezes, chère — ele respondeu com um sorriso melancólico, guiando-a até o convés.

A noite estava morna; a lua cheia e resplandecente. Apenas uma leve brisa refrescava o convés de onde o pirata perscrutava o mar como se buscasse avistar a embarcação desconhecida. Estava inquieto e preocupado, o rosto se retesando ainda mais quando uma estrela cadente riscou o céu.

- Danielle o olhou de relance, divertida ao constatar que o seguro capitão, sempre tão racional, acreditava na velha superstição crioula de que estrelas cadentes prenunciam a morte.

Pedindo licença, Arturo foi se reunir brevemente com Jacques e Narcisse em volta da bitácula.

De onde estava, ela pôde ouvir fragmentos da conversa, descobrindo que o Madalena, aproveitando a escuridão, mudaria de rumo ao mesmo tempo que diminuiria a velocidade numa tentativa de despistar o outro navio. Absorto no plano, Arturo voltou para junto de Danielle para prosseguir o passeio. Voltaram a caminhar, interrompendo o passo, de súbito, próximos à escotilha.

— Preciso dizer-lhe algo, chère — ele perguntou com expressão séria.

— O que é?

Danielle olhou-o com surpresa e ansiedade, e Arturo teve certeza de que suas palavras haviam sido mal interpretadas. Ela o fitava como se esperasse por um beijo... Deus do céu, um beijo de Danielle era tudo o que queria. Beijá-la, tomá-la nos braços... vivia com aqueles pensamentos na cabeça.

A custo, forçou-se a manter a frieza.

Caminhou até a amurada, onde se debruçou na esperança de recompor-se.

— Arturo, por favor, do que se trata?

O toque de Danielle em seu braço provocou-lhe um arrepio. Respirando fundo, virou-se para fitá-la, compreendendo que a alarmara sem necessidade.

— Não olhe para mim desse jeito — ele resmungou. — Não quis assustá-la. Desejo apenas desculpar-me pelo jogo de cartas da outra noite. Nunca pensei em ir tão longe.

— Lamento por aquilo também — ela aproveitou por esclarecer o assunto, aliviada por não se tratar de algo muito grave. — Nunca deveria tê-lo desafiado.

— Não tem importância — ele ponderou, tencionando finalizar o assunto com bom humor. — De qualquer forma, gostei do nosso encontro.

— Então, por que... ? — ela perguntou num impulso, detendo-se em seguida, enrubescendo violentamente. Apesar da penumbra, tinha a impressão de que ele podia ver-lhe o rosto tingido de vermelho.

— Por que não fiz amor com você? Não sabe a resposta, Danielle? — A voz suave de Arturo deixou-a tremula. Aproximando-se, a ponto de seus corpos quase se tocarem, ele declarou: — Desejo você, disso não tenha dúvida. Entretanto, quando a tiver, será porque você me deseja também, não pelo pagamento de alguma estúpida dívida de jogo. Agora, é melhor voltar para a cabine — ele falou, afastando-se e apoiando-se na amurada, agarrando com toda força o corrimão. — Vá, antes que não consiga cumprir a promessa de comportar-me como um cavalheiro.

Danielle obedeceu de imediato, deixando o convés como se algum fantasma a estivesse perseguindo. Entrando na cabine, fechou a porta e recostou-se nela, arfante, o coração quase saltando do peito.

Arturo a desejava. Devia sentir-se ofendida por ele só demonstrar interesse físico quando queria ouvir palavras de ternura e amor... No entanto, inexplicavelmente, sentia-se aliviada e feliz em saber que ele não a havia rejeitado, afinal.

Entre exultante e envergonhada reconheceu que, tanto quanto ele, estivera muita perto de quebrar o acordo que haviam feito.

CAPITULO XII

Não há nada de errado em estar feliz, ponderou Danielle, sentindo-se um pouco culpada ao saborear o café e deixar o sol lhe aquecer os ombros. Durante os últimos meses, esquecera o prazer de acordar com o coração leve.

Decidida a prolongar ao máximo aquela sensação de bem-estar, sentou-se fora da cozinha e tentou impedir que o humor opressivo da tripulação a contaminasse. Era um mal dia para os marujos que não desviavam a atenção do navio, agora visível a estibordo, bem mais próximo do que no dia anterior.

No tombadilho, Arturo ordenou o recolhimento das velas, tão preocupado que nem se deu conta da presença de Danielle. Ela acabara de se juntar a Félix para observar a misteriosa embarcação flutuando na linha do horizonte. Seguiu depois para a cozinha onde o velho lhe -serviu o mesmo desjejum dos marinheiros.

— Ah, senhorita. Desculpe por ter atrasado o café.

— Ela se voltou para encarar o camaroteiro afogueado, correndo em sua direção.

— Não se preocupe, Pat — ela disse sorrindo. ~ Encontrei algo para comer.

— E onde esteve, monsieur O'Reilly? — perguntou Félix com sarcasmo. — Turo costuma tomar sua segunda xícara de café agora. Vai fazer com que ele se irrite comigo.

— Não mais do que está irritado comigo — retrucou Pat, numa incomum crítica a seu herói. — Hoje, não há nada que possa agradá-lo.

Sem se deixar intimidar, Félix subiu ao convés, limpando as mãos no avental manchado.

— Está aborrecido porque não perdemos nossa sombra durante a noite, não é? — ele fez um gesto com a cabeça indicando o outro navio.

— Sim, é como se o outro capitão soubesse aonde vamos antes de irmos. Como se pudesse ler a mente do capitão De Leon.

— Não seja ridículo — censurou-o Félix. — Trata-se apenas de sorte, nada mais.

— O capitão De Leon acha que é mais do que sorte. Desconfia que o outro navio seja o Fátima.

— O Fátima — O cozinheiro estreitou os olhos para avaliar o perseguidor

ao mesmo tempo que proferia uma torrente de palavras, esquecido da presença de Danielle.

— Félix! A dama... — Pat inclinou a cabeça na direção de Danielle, vermelha até a raiz dos cabelos.

— Minhas desculpas, mademoiselle — murmurou Félix, embora não parecesse muito arrependido. — Bem, se é Turk, logo saberemos. Agora, só nos resta continuar com o trabalho. Você tem um convés para esfregar, não é, Pat?

Contente por poder trabalhar com Félix, Danielle ficou descascando batatas enquanto o cozinheiro lavava os pratos e lhe contava histórias sobre a infância de Arturo, fazendo-a imaginar o menino de cabelos pretos que como uma sombra seguia o famoso pirata La-fitte.

— Sempre atrevido como um mosquito, esse Turo — lembrou Félix.

De repente, um chamado vindo do mastro principal chamou-lhes a atenção.

— Ele está chegando mais perto, capitão! — um marinheiro gritou, gesticulando em direção ao navio que se aproximava velozmente.

— Enfim — resmungou Arturo, relaxando os músculos tensos. — Vejamos que cores carrega. .

A tripulação inteira se voltou na direção do navio que os perseguia, instintivamente assumindo posições de combate. Quando o navio finalmente emparelhou com o Madalena, De Leon exclamou:

— Eu sabia. É o Fátima. — Voltando o telescópio na direção da embarcação, inspecionou-a, detendo-se na figura arrogante de Turk que caminhava no convés.

Fervendo de raiva e frustração, ele avaliou o momento. Pesado pelo carregamento, o Madalena estava muito vulnerável. Nem de longe podia contar com a facilidade e a rapidez de manobra do outro navio!

— Desculpe, amigo — ele sussurrou, acariciando o corrimão polido da amurada do Madalena. — Se sairmos dessa, nunca mais levaremos carga comercial.

Arturo ordenou que içassem mais velas, numa tentativa inútil de fugir do adversário. Em poucos instantes, o Fátima os alcançava novamente, dando a Arturo a certeza de que só lhe restava lutar contra o otomano. A contragosto mandou a tripulação assumir os postos de combate e parar o navio.

— Vá para a cabine, mademoiselle — Félix pediu quando Jacques convocou todos para o convés.

Danielle não o questionou, obedecendo prontamente, ao passo que os

marinheiros da cobertura de proa desciam ao depósito de munições para guarnecer os canhões.

Ela alcançou a cabine no exato momento em que o Madalena parava com um solavanco. Conseguiu abrir a porta, tropeçando em direção à portinhola para espiar o outro navio.

O Fátima também havia parado, aproximando-se mais do Madalena, a ponto de já ser possível distinguir os rostos barbados dos marinheiros alinhadas nas amuradas. Era igualmente possível observar Turk acariciando o cabo da espada, impaciente pela batalha iminente.

Então ouviu Arturo saudar o outro navio.

— Alô, Fátima. O que quer, Turk?

— Estou feliz de tê-lo alcançado — gritou o pirata.

— Tenho uma queda por tabaco, melado e por mulheres também.

Naquele momento, Danielle teve a impressão de que Turk olhara para a portinhola de sua cabine. Afastou-se imediatamente dali para não ser vista, mas mantendo a atenção na discussão em curso.

— Que pena haver feito viagem tão longa por nada— respondeu Arturo, secamente. — Não pode ter minha carga, e a mulher eu deixei em Nassau.

— Não me diga que além de tolo também é mentiroso! — gritou Turk sem rancor. — Tomarei o que quiser, inclusive a mulher. Sei que a mantém com você. Entregue-a e deixe meus homens transferirem a carga. Então, quem sabe? Quem sabe não escapam com vida... e mesmo com o navio.

— Nunca! — gritou Arturo, ao que foi saudado com vivas pela tripulação do Madalena.

— Será uma vergonha mandar tão fina embarcação para o fundo do mar... mas já que Alá assim o deseja, preparem-se para a abordagem!

Novas aclamações se seguiram, desta vez da tripulação do Fátima, logo sufocadas pelo tonitruante som dos canhões do Madalena. Os tiros faziam o pequeno bergantim vibrar a cada salva.

Quase imediatamente, o inimigo respondeu ao fogo, atingindo a armação do Madalena e lhe estilhaçando o registro de proa.

Perdendo o equilíbrio, Danielle cambaleou para frente e para trás, acabando por cair na cama, esmagando o chapéu novo.

Puxando-o de debaixo do corpo, colocou-o de lado enquanto buscava a

pistola sob o travesseiro. Achando-a, guardou-a no bolso da saia. Oferecia pouca proteção, mas era melhor que nada.

Lutando para retornar à portinhola, ela observou enquanto o Fátima se lançava sobre sua presa como um falcão enfurecido. Entretanto, Arturo era um comandante habilidoso, e o bergantim parecia dançar sobre as ondas, mantendo-se fora do alcance do atacante. Turk atirou novamente, atingindo o mastro principal do Madalena, que se espatifou no convés.

Mesmo da cabine, ela pôde ouvir um grito apavorante.

Imediatamente, lançou-se pelo corredor e irrompeu pela escotilha, abaixo do tombadilho.

— Desça, Danielle! — gritou Arturo ao vê-la.

Ela se voltou e olhou para cima, fitando-o em desafio.

— Desça, droga! — ele repetiu asperamente.

— Não! Alguém está ferido. — E sem mais uma palavra, correu em meio ao tiroteio até a proa. Jacques estava prostrado entre cordames, a perna sob o mastro principal. Pálido e trêmulo. Pat estava ajoelhado ao lado do homem, clamando por ajuda para erguer o mastro pesado de cima do imediato.

Embora com o rosto contorcido de dor, Jacques não perdera a consciência. Quando os companheiros foram livrá-lo do mastro, orientou-os na tarefa.

Então Danielle assumiu o comando da situação, mandando Pat ir buscar água fresca. Depois de avaliar a extensão dos ferimentos do imediato, instruiu os marinheiros para que o recostassem sobre o cabitante.

Ajoelhando-se ao lado do ferido, pegou um pedaço viga derrubada e a usou como tala, atando-a à perna de Jacques com tiras feitas com pedaços da própria saia. Naquele meio tempo, Pat voltou com o balde de água, partindo em seguida e deixando Danielle às voltas com as outras contusões do imediato.

Tiros e mais tiros, alguns perdidos, outros atingindo as amuradas e o convés, continuaram a zunir por sobre a cabeça de Danielle que, concentrada em cuidar do ferido, parecia alheia à batalha, apesar dos rodopios enlouquecidos do bergantim quando era atingido.

De repente, sons metálicos soaram atrás dela, e o navio balançou, sendo arrastado em direção ao Fátima por ganchos lançados pela tripulação invasora contra as amuradas. Em instantes, ouviu-se o ruído do choque dos dois cascos e o grito de vitória dos atacantes que entraram, como um enxame, no convés principal do Madalena.

Depois disso, só se escutavam os sons metálicos das espadas que se cruzavam no ar, tiros e gritos dos feridos.

Assim que terminou os curativos, Danielle se ergueu para acompanhar a batalha. De onde estava, tinha uma visão privilegiada do sangrento embate. Na coberta de proa, viu homens lutarem e morrerem diante de seus olhos. Felizmente, as baixas eram menores entre a tripulação de Arturo que, embora em menor número, lutava brava e habilmente.

Dazet e Falgout, os amigos inseparáveis, lutavam lado a lado, próximos ao mastro de proa, afastando os atacantes. Abaixo dela, Narcisse se encontrava encuralado, perto do castelo de proa, enfrentando dois piratas de uma só vez. Furiosa e determinada a tornar aquela luta mais justa ela agarrou o pesado balde de madeira a seu lado e arremessou contra a cabeça do inimigo mais próximo que, com o baque, desmaiou, deixando Narcisse com apenas um adversário a sua frente.

Vitorioso, o belo timoneiro se deteve por uns instantes para agradecer a ajuda de Danielle com um sorriso e uma saudação graciosa com a espada.

— Não desça, mademoiselle — ele a aconselhou. — Estarei por perto. Ficará mais segura aí em cima.

— Onde está Arturo? — ela perguntou ignorando o conselho. — Viu Félix ou Pat?

Contudo, Narcisse não teve tempo para responder. Outro pirata de espada brilhante e olhar assassino começou a atacá-lo com selvageria.

De onde estava, Danielle correu o olhar pelo navio à procura dos três amigos, detendo-se somente quando uma sombra gigantesca se formou sobre ela. Olhando para cima, percebeu que um dos marinheiros de Turk, pendurado nos restos de cordame destruído, preparava-se para atacá-la.

Pulando na proa, o pirata resmungou entre os dentes amarelos algumas palavras numa mistura de inglês, espanhol e árabe, arrancando o balde das mãos de Danielle e arrastando-a para o convés. Ela resistiu bravamente, enojada pelas tentativas do homem de erguer-lhe a saia e pelo hálito azedo que exalava.

Subitamente perdendo a paciência, o bruto lhe esmurrou o rosto, atordoando-a e marcando-lhe a face. Perdendo a força, Danielle parou de lutar momentaneamente. Sorrindo, o pirata soltou-lhe o pulso e começou a desafivelar a calça.

Tomada de pânico, ela esqueceu a dor, bem como a arma no bolso. Pensava apenas na necessidade imperiosa de fugir à sina tão infame. Conjurando todas as

forças, emitiu um grito agudo e jogou-se contra o homem que, pego de surpresa, desequilibrou-se e caiu no chão.

Preocupada em manter-se a salvo do ataque, ela correu para a coberta de proa, postando-se atrás de Narciso se ao mesmo tempo que se esforçava para ver o combate no convés principal. Todavia, a fumaça negra e espessa lhe toldava a visão e lhe irritava a garganta. Só então deu-se conta de que o tombadilho estava em chamas.

— Mon Dieu — ela suspirou. — Arturo! Arturo! — o fio de voz foi se transformando num grito de angústia.

Narcisse tentava cegamente abrir caminho entre os combatentes. A coberta de proa estava quase coalhada de gente, e Danielle teve de livrar-se de outro pirata. Com um chute certeiro, conseguiu que o homem lhe soltasse o braço, dobrando-se de dor.

Quando finalmente atingiu a escada que dava para o convés principal, ela literalmente a escalou, só parando ao alcançar posição que lhe permitisse olhar tudo à volta. Desesperada, descobriu que os homens de Turk haviam tomado o convés.

Para piorar a situação,, não divisou sequer a sombra de Arturo.

Consciente de que se colocara bem no centro da batalha, afastou-se da escada, exatamente a tempo de se desviar de um homem que voou acima de sua cabeça e se estatelou pesadamente no convés de baixo.

Ainda mal refeita daquela visão aterradora, ela pensou ter ouvido seu nome sendo chamado em meio àquela massa humana. Ansiosa, vasculhou o tombadilho c, após muito esforço para enxergar entre a fumaça, conseguiu distinguir Arturo, duelando com um pirata.

— Danielle! — ele gritou, rouco. — Fique onde está. Já irei buscá-la. Com essas palavras, motivado pela visão de Danielle, O capitão arremeteu energicamente contra o adversário, derrubando-o em instantes no tombadilho em chamas.

No caminho, entretanto, para alcançar a moça, ainda estava repleto de inimigos cuja derrota obteve através do uso habilidoso da faca e da espada.

Apenas de um não conseguiu escapar. Girando uma pesada corrente acima da cabeça, Arturo parecia sequioso de sangue e determinado a eliminar qualquer um que o desfiasse. Não viu o inimigo que restara até que fosse tarde demais.

— Não! — Danielle gritou quando o capitão caiu.

Desesperada, investiu contra a multidão de combatentes que, compacta, a impediu de caminhar. Erguendo-se na ponta dos pés, ela procurou ver onde Arturo havia caído.

Atordado, ele se deixou ficar no chão por alguns instantes, levantando-se em seguida e levando a mão à cabeça, onde descobriu, para sua surpresa, que o golpe não o havia ferido tanto quanto imaginara. Produzira apenas um pequeno corte com pouco fluxo de sangue.

A surpresa cedeu lugar à estupefação: rápido como uma flexa, o atacante estava agora sobre ele, pronto para eliminar de vez seu oponente. Num gesto hábil, Arturo sacou da faca aproveitando o próprio impulso do inimigo, cravou-a em seu peito.

Levantou-se com dificuldade e, depois de retirar a arma do corpo do pirata, enxugou o sangue que lhe escorria sobre a testa. Ao erguer o rosto, deparou-se com os olhos ansiosos de Danielle. Sorriu e começou a atravessar o convés para tentar alcançá-la.

Mais uma vez, entretanto, seu caminho foi obstruído por um homem de Turk que se interpôs entre ele e Danielle. De costas para a moça, o pirata se agachou para saltar sobre o capitão, sem conseguir realizar seu objetivo.

Pressentindo o ataque, Danielle pegou uma malagueta da prateleira de peças e a girou, atingindo primeiro alguém às suas costas, depois o homem que atacava turo, a quem nocauteou.

— Dois de uma vez — anunciou o capitão surpreso quando, enfim, pôde se juntar a ela, olhando o segundo marinheiro atingido por Danielle, que segurava a cabeça com as mãos e gemia alto. — Estou contente de que esteja do nosso lado, chère.

Ela balançou a cabeça em silêncio, consternada com o dano que causara mesmo inconscientemente. Depois, tocando o bigode de Arturo, comentou:

— Você se queimou.

— Não, estou apenas chamuscado. Agora, vamos — ele ordenou —, o convés não é lugar para você. Precisa esconder-se na cozinha até que tudo tenha terminado.

— Não posso me esconder, não sabendo do que se passa por aqui.

— Prefere lutar? Admirável, minha cara, mas pense na refém valiosa que se tornaria nas mãos de Turk. Não quero entregar a carga e o Madalena para recuperá-la. Agora, vamos!

Puxando Danielle atrás de si, Arturo começou a abrir caminho em meio à confusão reinante, ignorando a cobertura que ela lhe dava, brandindo a malagueta contra qualquer um que mostrasse a intenção de segui-los.

De repente, uma risada louca e triunfante soou no convés enfumaçado. Turk saltou do tombadilho caindo bem em frente a eles. A cimitarra sibilando no ar, o pirata avançou contra Arturo, obrigando-o a recuar até a amurada, empurrando Danielle junto.

Ela sentiu o ar fugir dos pulmões ao ser prensada pelo corpo de Arturo, a malagueta lhe escapando da mão com o impacto.

No decorrer do combate, ela percebeu que escorregava pela borda da embarcação, ficando praticamente sobre o mar. Com o canto dos olhos viu o Fátima Vilançar sobre as ondas, perto, muito perto de onde estava. Se uma vaga mais forte jogasse o navio contra o Madalena, ela seria esmagada.

Sentindo uma terrível falta de ar, esforçou-se para agarrar o cordame e içar-se de volta ao convés. Ali Arturo lutava selvagememente para defender-se de Turk, piscando para afastar o sangue que lhe nublava a visão.

Danielle tentou inutilmente alcançar a pistola que trazia no bolso. A saia volumosa estava enroscada na amurada e só lhe restava desesperar-se ao ver o reforço que Turk acabara de receber.

Atacando pela direita, um outro pirata obrigou o capitão a dobrar o esforço de defesa. Já combalido, a resistência de Arturo foi sendo minada.

Sentindo a fraqueza do oponente, os atacantes intensificaram a investida, a vitória ao alcance da mão. Entretanto, no afã de derrotar Arturo, o marinheiro recém-chegado se tornou menos cuidadoso, dando oportunidade ao oponente de atacar-lhe o flanco desguardado, acabando por receber uma estocada no peito. Ao ver o companheiro assassinado, Turk arremeteu contra De Leon antes mesmo que este conseguisse sacar a espada do cadáver.

Atrás do capitão, Danielle quase tombou ao subitamente conseguir soltar-se. Em seguida, saltando para frente e, enfim, reequilibrando-se sobre o convés, sacou o revólver e apontou-o para Turk, rezando para acertar o alvo, pois havia apenas uma bala no tambor.

Em resposta ao tiro, os dois se voltaram para encará-la, bem como todos os homens que estavam em volta. Jorrou sangue do ombro de Turk que abriu a boca para dizer algo, mas não o conseguiu, desabando no convés.

Nesse momento, uma explosão sacudiu o Madalena, jogando Danielle nos braços de Arturo. Ao toque de alarme, os invasores retiraram-se rápida e

desordenadamente para o Fátima. As linhas entre os dois navios foram cortadas às pressas e, enquanto estes se afastavam, a tripulação de Arturo viu os inimigos correndo para fortalecer as bombas de sucção do navio.

— Que diabo aconteceu? — resmungou De Leon, trazendo Danielle com ele até a amurada. Estreitando os olhos, deparou-se com um buraco produzido por uma bala de canhão no casco do Fátima, bem na linha d'água.

— Estamos salvos, capitão! — gritou Falgout do tombadilho arruinado. — Alguém do Madalena disparou o canhão.

Enquanto observavam, o Fátima começou a ir a pique, deixando trilhas de fumaça atrás de si.

— Você está bem? — Preocupado, Arturo se voltou para Danielle, tomando-a pelos ombros e forçando-a a encará-lo.

— Oui — ela disse, com voz estrangulada, desviando o olhar do corpo inerte de Turk —, mas parece que matei um homem.

— Não com essa coisinha em sua mão — ele disse, apontando a pistola, enquanto usava o lenço do pescoço para estancar o sangue do ferimento na cabeça e se ajoelhava ao lado de Turk.

Erguendo o otomano e virando-o, De Leon franziu a testa, exibindo um ferimento resultante de um golpe de faca nas costas do homem.

— Ele foi esfaqueado.

— Mas como? Por quem?

— Não sei. Pode ter sido qualquer um no calor da batalha. Pelo menos, agora sabe que não foi você quem o matou.

Arturo se ergueu e tomou a jovem tremula nos braços, confortando-a:

— Está tudo bem agora, Dani. Venha, eu a levarei até cabine.

Por um momento, Danielle se deixou ficar aninhada pó peito de Arturo, seguindo depois na direção das cabines.

— Danielle! — exclamou Narcisse, pálido, aparecendo na escada, vindo da coberta de proa. — Quase morri de preocupação.

— Ela está bem — Arturo respondeu por ela, seco, um dos braços sobre seu ombro.

— Entendo — concordou o timoneiro, com um aceno de cabeça.

Entretanto, antes que qualquer outra palavra fosse dita, um viva soou da coberta de proa, atraindo os três sobreviventes.

Juntando-se aos demais, puderam ver Pat sendo içado do porão, ileso, a não ser por ferimentos nas mãos, que trazia frente ao peito. Seu rosto estava exultante.

— Ao que tudo indica, foi você quem atirou no Fátima, não é, Pat? — questionou-o o capitão.

— Sim, senhor — ele confirmou com orgulho. — Estava entre os conveses quando reparei que um dos canhões se encontrava desguarnecido. Então pensei: esta não é apenas uma oportunidade de afundar o inimigo, Patrick, mas um dever.

— Está muito ferido, companheiro?

— Não — ele replicou, embaraçado com a atenção que recebia. — Apenas um pouco queimado. O cano da arma já estava aquecido e acho que coloquei um pouco de pólvora a mais. Espero não ter estragado o canhão, senhor.

— Estou certo de que deve ter sobrado alguma coisa — riu Arturo. — Bravo, mon ami, bravo.

— Obrigado. Não creio que veremos o Fátima novamente, hein, capitão?

— Realmente não. Agora, por que não deixa Felix dar uma olhada em suas mãos? Félix! Onde está Félix?

Como o cozinheiro não aparecesse e ninguém soube se de seu paradeiro, Danielle se prontificou a ajudar rapaz, cobrindo-lhe as mãos com banha de porco enfaixando-as com tiras da própria saia. Em seguida, insistiu em também tratar do ferimento de Arturo.

— Não está tão feio, portanto, não vá pensando em praticar seu bordado em minha cabeça — ele a advertiu entre sério e gozador.

— Eu não desperdiçaria o fio — ela respondeu com ironia, satisfeita ao constatar que ele tinha razão. O ferimento não era profundo e estava limpo.

Arturo se sentou num balde emborcado, enquanto Danielle lhe esfregava rum sobre o corte e aplicava-lhe uma atadura. Sem paciência, ele se levantou antes que ela completasse o tratamento e também lhe passasse banha nos braços chamuscados.

Com um breve agradecimento, caminhou a passos largos pelo navio, inspecionando os estragos. Deteve-se no tombadilho destruído, onde Narcisse tentava guiar o bergantim danificado.

Lá, ouviu com alívio um relato sobre as perdas do Madalena. Apenas três homens haviam perecido, e os ferimentos da tripulação em geral não eram de maior gravidade, em sua maioria cortes e ossos quebrados.

Danielle decidiu ir ver Jacques e saber como estava passando até que pudesse ser removido da proa para a cabine. No caminho, foi desviando dos cadáveres que atulhavam a coberta de proa, procurando manter o olhar fixo a sua frente. Os corpos, agora, estavam sendo reunidos perto do mastro derrubado, formando uma cena dantesca.

Ao encontrar Jacques, contudo, novo choque a aguardava. Ao lado dele estava Félix com a cabeça ensangüentada.

Instantes de agonia precederam o exame que acabou velando que o ferimento do cozinheiro não era grave, tendo sido causado por um dos inúmeros cordames que despencaram. Rapidamente limpou o corte e o cobriu com uma atadura.

— Quase conseguiu um outro furo para costurar, mademoiselle — sorriu o velho, esquecido da dor.

— Se isso tivesse acontecido, não teria com o que se preocupar, monsieur Fontaineau — ela assegurou com um sorriso. — Nós o remendaríamos como a sua calça.

Nesse momento Danielle percebeu que a sua volta se formara um círculo de homens feridos, timidamente lhe requisitando cuidados. Prestativa, ela tratou de todos com carinho e eficiência, contente de que os ferimentos não passassem de cortes ou queimaduras.

Já escurecia quando Danielle fechou a improvisada enfermaria e rumou exausta para o convés principal. Estava tão cansada que nem percebeu Arturo, ao lado do mastro, supervisionando a tripulação. Seguindo-a com o olhar, o capitão ficou impressionado com a sua aparência.

O vestido estava em tiras; a anágua preta, agora visível, encontrava-se suja e endurecida de sangue. Manchas de pó preto e fuligem lhe manchavam o rosto; os cabelos, opacos pela fumaça, caíam-lhe desalinhados pelos ombros. Apesar da triste figura, a seus olhos ela estava magnífica.

Dando algumas instruções a Falgout e Dazet em relação aos reparos, o capitão foi ao encontro de Danielle, ansioso por confortá-la e demonstrar sua admiração pela coragem e desprendimento que ela demonstrara.

Ele a alcançou quando Danielle subia a escada em direção ao convés principal. Abalada pelo cansaço e pelas atrocidades presenciadas durante todo o dia, ela se sentiu fraquejar. Só não caiu porque Arturo a amparou erguendo-a nos braços e levando-a, semi consciente, para a cabine.

CAPÍTULO XIII

Danielle acordou, surpresa por se encontrar deitada na cama. Estivera no convés durante horas, depois do combate, mas não se lembrava de como havia chegado ali. Alguém a levara até a cabine e a despira.

Envergonhada, procurou pelo vestido que usara durante a batalha, encontrando apenas o antigo, junto com a anágua preta, cuidadosamente colocados em uma cadeira.

A cabine estava quente, e sua cabeça latejava. Sentiu o desagradável cheiro de fumaça que se desprendia de seus cabelos e, levando uma mão à testa, percebeu que o rosto estava preto de fuligem. Precisava lavar-se, mas primeiro...

Levantando-se, foi até a portinhola e a abriu, aspirando profundamente. Caía uma chuva forte, e o Madalena estava quase parado, vagando mansamente nas águas verdes.

E para sua surpresa, reinava um absoluto silêncio no convés.

Por certo, os reparos do navio ainda não haviam sido completados, pensou, sonolenta. Não podia haver dormido tanto.

Esvaziando o jarro na pia, lavou o rosto, a fuligem deixando a água preta. Suspirou, aborrecida por ter de se vestir sem antes tomar um banho. Sentia a pele coçar à simples idéia de colocar o vestido de luto sobre o corpo sujo. Conformou-se, contudo, procurando lembrar que naquele momento havia coisas mais importantes a considerar.

Ao olhar-se no espelho, porém, sua determinação, moreceu.

Estava longe de parecer uma dama crioula. Os cabelos emaranhados e opacos, o rosto inchado de sono e o queixo machucado lhe conferiam um aspecto péssimo. — Que diferença faz? — ela perguntou ao espelho. Afinal, depois de sobreviver a uma tragédia, não havia cabimento se preocupar se estava bonita ou não.

Vestindo-se depressa, sentou-se à mesa para um café, com queijo e frutas, logo descobrindo o quanto estava faminta. No entanto, mal iniciara a refeição, foi interrompida por uma batida na porta.

Pat, o rosto sardento radiante de alegria, espiou pela porta.

— Bom dia, senhorita — ele a cumprimentou, efusivo. — Como vi a portinhola aberta, deduzi que tivesse acordado e resolvi trazer-lhe algo para o desjejum.

Entrando na cabine, o rapaz lhe mostrou um pote de café que trazia nas mãos enfaixadas.

— Muito obrigada,. Pat. Quanta gentileza!

— De nada. Como está se sentindo? — ele perguntou, interessado. — Nos deixou preocupados ontem, desmaiando daquele jeito.

— Oh... eu desmaiei. Não se preocupe, sinto-me ótima — ela o tranquilizou. — E você?

— Logo estarei novo em folha — ele declarou com satisfação, erguendo uma das mãos, agora enrolada em gaze branca. — Mas, por favor, não diga a ninguém. Estou gostando muito desse papel de herói ferido. Assim não tenho de trabalhar tanto.

— Tudo bem. Não direi nada — ela prometeu sorriu do. — Onde conseguiu as ataduras limpas?

— Com Felix. Ele tratou de minhas mãos. Ela estremeceu ao lembrar da carnificina do dia anterior, rapidamente mudando de assunto. — Diga-me, Pat, Quem me trouxe para a cabine?

— O capitão. Ele a colocou na cama e deixou ordens para que ninguém a perturbasse.

— O capitão De Leon me colocou na cama? — ela repetiu, constrangendo-se com o pensamento.

— Sim, estava muito preocupado com sua saúde. Foi bom vê-la de pé, senhorita.

O rapaz se inquietou por um momento. Então, timidamente tirou um pacote, de dentro da jaqueta.

— Eu.. bem, Félix e eu temos algo para você, já que arruinou o vestido para fazer nossos curativos. — Pat enrubesceu ao lhe passar o pacote, embrulhado em um papel marrom.

— O que é? — Hesitante, ela examinou a anágua de flanela vermelha.

— Era para minha mãe — ele gaguejou —, mas não vou vê-la tão cedo. Pensei que podia lhe servir como uma saía. Espero que não fique embaraçada. Foi a única roupa de mulher que encontrei no navio, e olhe que o vasculhei de cima a baixo.

— Dará uma linda saia — Danielle agradeceu, comovida com o gesto.

— Félix disse que isto pode servir para prender a saia. — O rapaz lhe

apresentou uma faixa preta. — E calculamos que uma das camisas do capitão também poderá ajudar.

— Obrigada aos dois, Pat. Nem sei o que dizer diante de tanta generosidade.

— Não, senhorita, nós é que temos muito a agradecer. — O camaroteiro pegou os pratos com as mãos enfaixadas e se apressou em sair. — Como há muito trabalho hoje, não poderei trazer-lhe a banheira. Sinto muito, sei como deve estar ansiosa por um banho. Mar vou trazer-lhe mais água. Empertigando-se com orgulho, Pat terminou:

— Bem, agora tenho de ir avisar o capitão que a senhorita já acordou. Ele pediu para os homens trabalharem o mais silenciosamente possível, para não perturbá-la, mas há muito trabalho, como lhe disse, principalmente no tombadilho.

O garoto mal partira quando o barulho dos martelos começou a soar ininterruptamente. Momentos depois, outro ruído, desta vez na porta, chamou a atenção de Danielle.

Arturo entrou, parecendo forte e saudável, a despeito das olheiras que revelavam uma noite mal dormida. A cabeça não estava mais enfaixada.

— Bonjour, Danielle — ele a cumprimentou calorosamente.

Seguindo até a pia, pegou a toalha para enxugar o rosto molhado de chuva.

— Fico feliz que esteja bem.

— Mera — ela agradeceu, consciente de que sua aparência não era das mais agradáveis. Não quis, entretanto, dar a perceber nenhum constrangimento, oferecendo-lhe uma das duas xícaras de café que Pat, coincidentemente ou não, havia levado.

— Café?

— Merci. Devo dizer que estava magnífica ontem, chère — disse Arturo, sentando-se em frente a ela. — Não sei como lhe agradecer todo o cuidado que teve com a tripulação.

— Fiquei feliz em ajudá-los. A propósito, como esta monsieur Foucher?

— Dentro do esperado, considerando as circunstâncias.

— Considerando as circunstâncias? — Danielle registou os olhos, esperando uma má notícia. — Nada sério — ele a tranquilizou. — Demos muito rum para aliviar-lhe a dor e acabou ficando bêbado. — E quanto à perna? Gostaria de dar uma olhada nela.

— Talvez mais tarde. Félix cuidou dele esta manhã. Agora, o que é isso? — Ele pegou a anágua que Pat dera a Danielle e a examinou, dando uma imensa gargalhada. — Onde conseguiu isso?

Ela se apressou a defender o amigo.

— Foi Pat quem me deu. Uma atitude muito doce. Queria que tivesse algo mais para usar, além deste vestido de luto.

— Lamento pelo vestido novo, ma petite — desculpou-se o capitão com sinceridade. — Sabe, acho que tenho algo melhor para você usar do que esta anágua.

Tirando uma chave da jaqueta, ajoelhou-se em frente ao baú.

— Non, s'il vous plait...

— Psiu, nem sabe o que vou lhe mostrar.

Enquanto ele vasculhava o baú, Danielle viu de relance os vestidos que havia lhe oferecido anteriormente. Por fim, o capitão ergueu várias peças de tecido, duas delas bastante finas.

— Aceitará isto como prova de minha consideração? Com a ajuda da caixa de costura, creio que poderá improvisar alguns vestidos à altura de sua beleza.

— São lindos. Merci — murmurou Danielle, acariciando os tecidos.

— É o mínimo que posso fazer — ele disse sobriamente, empilhando as peças sobre a mesa e indo postar-se ao lado de Danielle. — Afinal, devo-lhe minha vida.

— Oh, non.

— Oh, oui. Turk teria me matado, se não houvesse atirado nele. Sua preocupação comigo foi bastante tocante. Na verdade, uma das lembranças mais caras que sempre levarei comigo será a de seu rosto banhado de lágrimas. — Tocou-lhe os cabelos e fez-lhe uma leve carícia. — Você chegou a afirmar que nunca choraria por mim...

— Eu não estava chorando!

— Estava sim.

— Bem, mas não era por você. Era por... por causa da fumaça.

— Ah, Danielle — ele deu um suspiro, puxando-a da cadeira —, sempre negando seus sentimentos. Por que não admite que é simplesmente louca por mim?

— Arturo De Leon... — ela começou, em tom de repreensão.

— Admita-o, ma petite. — Erguendo-lhe o queixo para que seus olhos se encontrassem, afirmou: — Você me ama.

— Não — Danielle negou rápido demais, desviando os olhos.

— Nem um pouquinho? — Ele se curvou para beijar-lhe o canto da boca.

— Não — ela sussurrou, dolorosamente consciente de que mentia.

Se não o amava, de forma alguma poderia negar sua paixão por Arturo De Leon. O arrogante patife que flertava com todas as mulheres bonitas que encontrava. Um homem que nunca fora sincero com qualquer uma. O homem que declarara o quanto a desejava, mas nunca falara de amor. Como, então, podia sentir-se atraída por ele?

Danielle se recusou a encará-lo, receosa de que as emoções turbulentas, que lhe assaltavam o íntimo transparecessem em seu rosto.

Não queria amá-lo. Queria odiá-lo. Mentalmente, tentou listar todos os defeitos na tentativa de desmerecê-lo.

Ele a raptara e a mantivera prisioneira em um navio rumo a lugares distantes. Controlava todos os seus passos a bordo, brincava com ela, primeiro bajulando-a, depois ajeitando-a, embaraçando-a sempre que tinha chance. Nunca poderia deixar que soubesse de seus sentimentos por ele... senão a humilhação seria completa.

— Não vai confessar sua paixão por mim? — ele a provocou, o hálito quente arrepiando-lhe a pele. — Posso oferecer algum encorajamento?

Baixou a cabeça e tocou-lhe os lábios, de leve a princípio para logo arrebatá-la com um beijo ardente, apaixonado. Danielle quase correspondeu, quase cedeu à vontade louca de entregar-se aos carinhos daquele homem de quem gostava, a despeito de todas as restrições que lhe fazia.

Respirando fundo, com o coração aos pulos e lágrimas aflorando nos olhos, ela se afastou.

— Solte-me.

— Como quiser — disse Arturo com voz igualmente trêmula. Deixando os braços caírem ao longo do corpo, o corsário tentou disfarçar o constrangimento. — Não pensei que fosse se incomodar se continuasse a encorajá-la, chérie. Por certo se renderá a meus encantos, mais dia, menos dia.

— Incomodo-me, sim. E se espera que eu me renda, espere sentado! — ela declarou, fulminando-o com o olhar. — E se quer saber, não vejo a menor graça em suas brincadeiras.

— Como sabe que estou brincando? — Ele a desafiou, encarando-a com os brilhantes olhos azuis.

Uma batida na porta salvou-a de prosseguir naquela batalha verbal. No corredor, com um sorriso acanhado e dois baldes de água de chuva, Dazet esperou que o deixassem entrar. Embaraçada, Danielle imaginou o quanto da conversa o rapaz escutara.

— Por que Pat não trouxe a água? — perguntou o capitão, lançando um olhar intrigado ao carpinteiro navio.

— Porque não pode carregar os baldes com as mãos, machucadas. Como os... suprimento de água é de minha responsabilidade, resolvi fazer o trabalho eu mesmo, c... capitão.

— Entendo — disse Arturo sem poder argumentar contra aquela explicação. De qualquer forma, não lhe agradava a idéia de que mais um marinheiro ficasse às voltas com Danielle. Ríspido, ordenou: — Coloque-o ali.

— E... esta é a primeira água da chuva — disse o marinheiro a Danielle, a gagueira agravada pelo nervosismo. — N... n... não poderíamos bebê-la mesmo. Mas v... vai lhe... lhe servir.

— Merci, monsieur Dazet, é muito gentil — agradeceu Danielle, abrindo um sorriso tão encantador que tirou o fôlego do jovem.

— Não tem de ajudar nos reparos, Dazet? — interrompeu Arturo, irritado.

— Oui c... capitão. — Ele obedeceu de imediato, apressando-se em sair. — B... bonjour, mademoiselle.

Danielle se voltou para o capitão, assim que o marujo saiu:

— Não tem de comandar o navio, senhor? Contrariado, Arturo marchou para fora, batendo a porta com força.

Quando Danielle terminou o banho, a chuva já passara, e o sol entre as nuvens incidia sobre o convés. Ela aspirava o cheiro do vento e da madeira nova usada nos reparos das amuradas. Estava muito quente, e ela sentia-se ferver dentro do vestido preto.

O Madalena se movia devagar, mas firmemente, impulsionado por uma brisa gentil que enfunava as velas. Na coberta de proa, sob a supervisão de Arturo, a tripulação içava a vela principal que fora remendada. A caminho da popa, ela foi saudada por Narcisse e outros marinheiros a quem havia tratado. Ao chegar à cozinha, encontrou Félix e Falgout, com protetores de couro na mão, cosendo uma

das últimas velas danificadas com enormes agulhas e grossos fios.

Ao vê-la, Félix sorriu e lhe indicou um assento.

Logo Falgout reuniu coragem para pedir a Danielle que fosse ver o ferimento do sobrinho, Achille Pleasance. O rapaz estava com uma lasca de madeira cravada na perna, que havia inchado muito desde a noite anterior. O marinheiro temia que a ferida infeccionasse.

— Será um prazer ajudar seu sobrinho, monsieur — ela concordou de imediato.

— E por que ele não me chamou? — indagou Félix, ressentido.

— Por que... ah... você lhe arrancou um dente.

— Entendo — concordou o cozinheiro. — Eu lhe darei remédios e pano limpo para a atadura, mademoiselle.

— Félix é excelente cozinheiro — afirmou Falgout quando o velho entrou na cozinha —, mas nada bom como médico.

Relutante, Achille foi levado à presença de Danielle. Apenas um pouco mais velho que Pat, foi fácil perceber por que ele ainda não procurara tratamento. Por puro pudor. Ficara horrorizado com a idéia de mostrar a perna para uma mulher. Todavia, não teve outra saída. Foi necessário rasgar a calça para que Danielle o examinasse. A ferida, bem acima do joelho, estava inflamada.

Limpando-a e apalpando ao seu redor gentilmente, ela localizou a lasca de madeira e a extraiu sem dificuldade, apesar dos resmungos do paciente que, nervoso, torcia o boné e recitava, de olhos fechados, o vigésimo terceiro salmo.

Assim que Danielle terminou de aplicar o unguento e a atadura, ele interrompeu o salmo e abriu os olhos!

— Posso ir agora?

— Sim, mas tente descansar o mais que puder.

— Obrigada. — Ele se levantou e colocou o peso na perna para testá-la. — Parece bem melhor. Não estava tão mal, estava, mademoiselle.

— Não — ela disse rindo, enquanto o rapaz ia se juntar aos camaradas que haviam ficado observando a pequena cirurgia. Em seguida, voltou a atenção para Félix, de quem trocou o curativo.

Quando, entretanto, perguntou sobre Jacques e pediu para vê-lo, o cozinheiro protestou.

— Não é uma boa idéia ir vê-lo agora, mademoiselle a não ser

acompanhada.

— Sei que está bêbado — ela respondeu, imperturbável.

— Então vá junto com Turo. Ele é o único que consegue lidar com Jacques quando ele está bêbado.

Embora não quisesse ver Arturo tão cedo, após a última conversa que haviam tido, viu-se coagida a concordar.

Quando o capitão chegou, percebeu que sua apreensão não era infundada. O rosto dele estava sombrio, e ao lhe dirigir a palavra, o fez com grosseria.

— Não vai parar de bancar o anjo da misericórdia? Só ouço falar em mademoiselle Danielle fez isso, mademoiselle Danielle fez aquilo...

— Como bem sabe, capitão — ela retrucou, sem se deixar intimidar —, neste calor, o perigo de gangrena é maior. Ele pode perder a perna.

— Tudo bem — ele resmungou, aborrecido por Danielle estar com a razão —, mas fique atrás de mim até eu descobrir como anda o humor do homem.

Eles pararam na porta ao lado da cabine de Arturo, onde Jacques, bem agasalhado, jazia na cama ninando uma garrafa de rum e entoando sempre o mesmo refrão

- É uma música popular.

— Turo, estou feliz de que esteja aqui — ele cumprimentou De Leon. — Não consigo lembrar o resto da canção.

— Agora não, meu amigo — respondeu Arturo, afastando-se da entrada para que o imediato visse Danielle.

Tentando, em vão, identificar a figura de negro, ele exclamou com voz enrolada:

— Onde arrumou essa freira, Turo? Se houvesse me dito que ela estava aí, não cantaria esse tipo de música na frente dela. Desculpe, irmã — ele se desculpou com um gesto largo, entrecortado por soluços. — Perdoe-me, sim?

— Não há por que se desculpar, monsieur Foucher — respondeu Danielle, controlando o riso e entrando na cabine que exalava o cheiro de suor e álcool. Examinando a perna do marinheiro, achou-a um pouco inchada, mas sem sinal de infecção. Porém, quando tocou sua testa, constatou que ardia.

— Está com febre. Precisa tirar essas roupas e tomar um banho com água fresca, além de beber muita água. Livre-se disto também, Danielle fez um gesto indicando a garrafa de rum.

- É para dor — argumentou o capitão defensivamente.
- Então misture com água.
- Ele não vai gostar.
- Tomarei qualquer coisa que a irmã mandar — Jacques falou, puxando a manga da camisa de Arturo —, mas, por favor, Turo, não deixe ela me ver sem roupa.
- Prometo — disse o corsário, voltando-se depois para Danielle.— Três bien, eu o despirei enquanto você pede para Achilíe trazer água. Ele pode dar banho em Jacques. Enquanto isso, vá visitar o resto dos pacientes anseiam por seus carinhos prestimosos.

Ignorando o sarcasmo, Danielle partiu para o convés onde realmente tratou de muitos ferimentos. Mais tarde, preparou uma xícara de água com quinino e pediu que Pat a levasse para Jacques.

O rapaz retornou logo para relatar que o imediato tomara até a última gota do remédio, queixando-se muito antes de virar-se de um lado e adormecer.

Feliz com o resultado daquela tarde de trabalho, Danielle emprestou a caixa de costura de Félix e voltou para a cabine com a intenção de costurar um vestido novo. Selecionando uma peça de algodão azul, cortou-a e começou a costurar, na mente a lembrança do lindo vestido que usara no baile da casa de Parker. Todavia, após espetar-se várias vezes com a agulha, concluiu que dificilmente conseguiria concluir seus sonhos.

O navio seguia a toda vela, na manhã seguinte, quando Danielle deixou a cabine, sentindo-se um tanto sem jeito vestida com uma das camisas de Arturo e a saia que Pat e Félix haviam lhe dado.

Durante o passeio, todavia, foi adquirindo confiança. Do convés principal, Pat lhe lançou um sorriso, e os outros marinheiros não pareciam dar-se conta de que ela vestia uma roupa de baixo como saia.

Passando pela coberta de proa, avistou Jacques e o cumprimentou de longe, pois a expressão carrancuda denunciava seu péssimo humor. Seguiu em direção da popa, mas, no caminho, foi interceptada por Narcisse.

— Bonjour, ma belle, gostaria de falar com você, mas não posso deixar meu posto — disse sem deixar de segurar o leme. — Junte-se a mim por um momento, oui!

— Tem certeza de que não causarei nenhum problema? — ela perguntou, lembrando-se das recomendações de Arturo para que se mantivesse distante da

tripulação trabalho.

— Acho que sim, só desta vez.

Ainda hesitante, Danielle subiu ao tombadilho. Assim que se aproximou de Narcisse, ele quis saber:

— Que houve com aquele lindo chapéu que Arturo lhe deu?

— Estragou durante a batalha.

— Foi o que imaginei. Por isso, se me permite... — Abaixou-se para pegar algo de um canto escondido, apresentando-lhe, em seguida, uma linda sombrinha. — Este sol deixará sua pele curtida, o que não fica bem para uma dama.

— Oh, Narcisse, é adorável — ela agradeceu, segurando a sombrinha. — Merci.

— Comprei-a para você em Nassau.

— É um caro amigo e também um péssimo mentiroso, Narcisse — provocou-o Danielle. — A etiqueta, no cabo desta sombrinha, diz Balliet, de Nova Orleans.

— Um bom amigo, o Balliet — divagou o marinheiro, sem se deixar abalar. — Bem, já que me pegou numa mentira, deixe-me contar-lhe a verdade. Eu comprei esta sombrinha para uma... ah... conhecida minha, mas acho que ela já terá me esquecido quando retornar a Tortuga, após esta viagem.

— Duvido — discordou Danielle cordialmente.

— Não importa. Agora, ela é sua, bem como meu coração.

Alegre, Danielle rodopiou com a sombrinha aberta, sorrindo para Narcisse. O sorriso, entretanto, desvaneceu-se quando percebeu que Arturo os observava com uma expressão de poucos amigos.

— Creio que devo pedir-lhe licença, monsieur Duval — ela murmurou, os olhos fixos no furioso capitão.

— Oui — concordou Narcisse de imediato —, parece-me o mais sensato.

Na cozinha, encontrou Félix cozinhando um frango acabara de sacrificar. Sem muito o que fazer, deixou ficar por lá, preguiçosa e entediada, até Dazet aparecer com uma ripa aparelhada para servir como vara de pescar.

— Pensei q... que poderia g... gostar de p... pescar para passar o tempo — ele sugeriu, cauteloso. — Poderá ter p... peixe fresco no jantar, se F... Felix cozinhar para você.

— Ah, très bien, Peixe fresco — O cozinheiro passou a língua nos lábios. —

Façamos um negócio, mademoiselle, O primeiro peixe que pegar é seu, o segundo, do capitão e o terceiro, meu. Certo?

Nem o cheiro de peixe vindo da cozinha, nem o vento a favor do Madalena, nem os reparos no navio, que o haviam deixado quase como novo, conseguiam alegrar Arturo De Leon. Desde que Danielle Valmont chegara a bordo, sua vida estava de cabeça para baixo, ele refletia, emburrado.

Vestida com a extravagante anágua e guardada pela ridícula sombrinha que Narcisse lhe ofertara, ela podia ser vista todos os dias, pescando na popa do navio, sob os olhares indulgentes da tripulação.

Esta, a bem da verdade, apaixonara-se pela jovem que cuidara de todos com tanto desvelo, depois da batalha.

Como prova de gratidão, os marinheiros viviam lhe deixando presentes anônimos na cabine: fitas para os cabelos, broches, sabonete com perfume de rosas e até uma pequena caixa de doces, oferecida por Achilles, cujo conteúdo derreteria em função do calor e da viagem prolongada, mas que a moça tratara como a mais fina das iguarias.

Só Jacques, bom companheiro, pensou Arturo, era imune ao charme da moça, cumprimentando-a cor- mente, mas evitando conversas ou aproximações desnecessárias. Pelo menos alguém ali não se comportava como um garoto de colégio!

Mas a implicância de Arturo era pura rabugice. O encanto que Danielle exercia devia-se a sua simpatia. Sempre que possível ela dispensava um sorriso ou dizia uma palavra amável aos marinheiros, mantendo, contudo, uma distância prudente apenas do capitão, principalmente durante as caminhadas ao entardecer.

Não era rude, em absoluto. Apenas recusava-se a aceitar os flertes que a levavam sempre aos braços do pirata. Durante as últimas semanas, ela se transformara de menina mimada em uma mulher serena e confiante.

Agora que a via emergir da cabine, vestida de azul e girando a sombrinha sobre o ombro, sorrindo-lhe com simplicidade, sentiu o ar lhe faltar subitamente. A custo, cumprimentou-a formalmente enquanto a observava caminhar até a popa.

Ao chegar na área das cabines, ela deparou com uma cena peculiar. Debruçado sobre a amurada, a perna de pau traçando círculos no ar, Félix ameaçava um mergulho arriscado. Largando a sombrinha, correu para segurá-lo pelo cinto, trazendo-o de volta a uma posição segura. O cozinheiro praguejou furioso, só melhorando de humor ao verificar quem o puxara.

— Olhe, mademoiselle, olhe para eles! — Ele apontou em direção do mar.

Aproximando-se da amurada, ela viu um bando de golfinhos ao lado do navio, pulando e fazendo acrobacias no ar. Ajoelhou-se no banco da popa e se inclinou quase da mesma forma que Félix fizera, rindo quando o velho chamou os animais.

Graciosos, os animais davam um verdadeiro show, parecendo saber o quanto agradavam a inesperada platéia.

A pele lisa brilhava ao sol quando se erguiam fora da água.

— Veja, Félix. Eles estão nos convidando a dar mergulho!

De repente, a alegria esfuziante de Danielle desvaneceu ante a sensação de que alguém a observava. Virou-se, irrequieta, certa de que iria deparar com Arturo. Como não o viu, percorreu o convés com o olhar. No mastro principal avistou Harry Hinson que a cumprimentou com um aceno de cabeça. Era dele o olhar lascivo que parecia despi-la, perturbando-a. Simulando uma calma que não sentia, ela mudou de lugar de modo que o mastro a protegesse daquela intromissão.

Nos últimos dias, a cara lúbrica do inglês parecia estar em todos os lugares por onde andava. Algumas vezes, ele ia praticar tiro ao alvo com uma faca no mastro da popa, lançando olhares sugestivos a ela ao retirar a arma cravada na madeira.

Uma tarde, quando a tripulação descansava na cobertura de proa e Danielle seguia para a cabine, após haver ajudado Félix na cozinha, Hinson a interceptou no convés deserto, obstruindo-lhe o caminho.

— Tarde adorável, não, senhorita? — ele falou em tom baixo para não chamar a atenção de Narcisse, que estava no tombadilho bem acima deles.

— Adorável — ela concordou entre os dentes, procurando desviar-se.

— Não vá, senhorita. Fique e faça companhia para um marinheiro solitário. Já que somos companheiros de navio, poderíamos nos conhecer melhor.

A sugestão soou obscena em seus lábios lascivos.

— Não posso ficar.

— Não pode ou não quer? — Com o rosto ficando vermelho de raiva, agarrou-lhe o braço com rudeza.

— Deixe-me ir, monsieur — replicou Danielle, mantendo com esforço a compostura. — De jeito algum — ele sussurrou, o hálito quente no Ao dela. — Tenho pensado em você desde que aquele capitãozinho a trouxe a bordo. Não vai

me recusar um beijo, não é?

Embora fosse baixo, Harry mostrou que Danielle não devia subestimar sua força. Num golpe rápido e doloroso, dobrou o braço dela atrás das costas ao mesmo tempo que a pressionava contra a borda do convés com o próprio corpo.

— Solte-me — ordenou Danielle, exasperando-se — ou o capitão De Leon será informado sobre seu comportamento!

— Será? Você o mantém com rédeas curtas, não é? Bem, não pode fazer o mesmo comigo, senhorita.

Eles lutaram silenciosamente no convés escuro até que Hinson conseguiu beijá-la. Apavorada, Danielle emitiu um grito abafado.

Em seu desespero, buscou ao redor algo com que pudesse atingir aquele infame agressor. Foi quando viu Jacques apoiado em muletas aproximando-se, o rosto sombrio de ódio.

— Ah, assim é melhor — murmurou Harry, confundindo o suspiro de alívio de Danielle com anuência. Concentrado na própria luxúria nem se deu conta do marinheiro que avançava em sua direção. — Agora, como estava dizendo...

O inglês não pôde completar a frase, atingido nas costas pela muleta de Jacques. Com um grito de dor, sacou da faca e voltou-se para enfrentar o adversário. Deteve-se ao reconhecer Jacques.

— Jack, meu caro, pensei que éramos amigos — ele cumprimentou o imediato.

— Vá andando, Harry — disse Jacques em tom ameaçador.

— Que há de errado, companheiro? Eu e a garota catávamos apenas conversando um pouco, não é, senhorita? — O marinheiro olhou para Danielle em busca de confirmação.

Como não ouvisse nenhuma, empertigou-se e, balançando a faca, declarou:

— Certo, eu vou porque não sou do tipo que ataca um homem ferido. Você é um sujeito de sorte, Jack... só por hoje.

Com este aviso, partiu, deixando o imediato e Danielle sozinhos a refletir sobre que providências deviam tomar.

— Merci, monsieur Foucher — agradeceu ela, suspirando de alívio e esfregando o pulso dolorido.

— Depois do que fez por mim, mademoiselle, isto não foi nada — ele declarou, formalmente. — Eu é que tenho de lhe agradecer.

— Fico feliz em poder ajudar, senhor — ela disse, sorrindo enquanto ouvia os passos inconfundíveis de Félix aproximando-se.

— Salvou minha perna e talvez minha vida — replicou Jacques, erguendo a voz para que o cozinheiro escutasse. — Se não estivesse aqui, não sei o que teria sido de mim. Só porque sabe cortar peixe, Félix pensa que é cirurgião.

— Vai ver se o ajudo de novo, Jacques Foucher — retrucou o cozinheiro, retornando à cozinha, esquecido do barulho que o havia levado até ali.

Rindo, o imediato esperou que estivessem a sós novamente para continuar a conversa.

— Queria desculpar-me pelo meu comportamento, senhorita. Disse a Turo que não deveríamos tira-la de Nova Orleans, mas ele não me ouviu. Quer você e insiste em levá-la para Tortuga. Talvez ainda possa fazer com que esta situação fique a seu favor, mas vai precisar ter paciência.

— Por favor, não diga nada do que ocorreu aqui ao capitão — pediu Danielle, receosa de que Arturo a continuasse novamente na cabine.

- Não — concordou Jacques. — Mas mantereí Harry sob vigilância e a aconselho a fazer o mesmo.

- Merci. Monsieur, antes que vá...

— Pode chamar-me de Jacques, mademoiselle.

— Muito bem, Jacques. Harry disse alguma coisa sobre um jogador haver me trazido a bordo. Bem, não foi Arturo quem me raptou?

— Não, mademoiselle.

— Quem, então?

— Um americano de má aparência.

— Um americano? — repetiu Danielle, tentando avivar a memória. Subitamente, uma imagem lhe veio à mente com clareza. — Agora me lembro. Estava no pátio da casa de monsieur Soulé, na cidade, quando um homem saiu das sombras e me tapou o rosto com um lenço que cheirava esquisito. Ele disse alguma coisa com um sotaque americano. Era Jack Lynch! Mas por quê?

— Não sei.

— O que aconteceu a ele? — Teve de aprender a nadar, quando Turo o jogou no rio — disse o imediato com um sorriso irônico.

— Quer dizer que Arturo tentou matar um homem por minha causa?

— Ele não corria real perigo. Turo só fez o que era necessário. Tirou você

de Nova Orleans para salvar-lhe a vida, mas agora não quer deixá-la partir. Creio que a ama.

Arturo chegou na área das cabines exatamente a tempo de ouvir a última declaração do amigo.

— Bem, aqui estão vocês trocando confidências — ele os cumprimentou com fingida amabilidade. Voltando-se para o imediato, disse asperamente: — Mesmo ferido, pode fazer coisas melhores do que se intrometer em minha vida, Jacques.

— Desculpe-me, capitão — resmungou o marinheiro, obedecendo à ordem implícita, embora seus olhos não escondessem o ressentimento pelas palavras duras do capitão.

— Pensei que havia entendido quando lhe pedi para manter distancia da tripulação — ele declarou friamente para Danielle. — Agora, deixe-me acompanhá-la até a cabine, antes que seja abordada por outro marinheiro.

Ela olhou Arturo de relance enquanto permitia que a pegasse pelo braço e a levasse para a cabine. Não estava mais irritado do que de costume, portanto não havia presenciado o ataque de Harry.

Quando atingiram a escotilha, ela interrompeu o passo, abruptamente.

— Arturo, por favor, há algo que preciso saber. Por que me tirou de Nova Orleans?

— Jacques não lhe disse?

— Disse que foi para salvar minha vida porque Jack Lynch tinha me raptado. Mas não entendo. O que ele pretendia?

— Planejava vendê-la para recuperar um pouco do que seu irmão lhe devia.

— E você me comprou dele?

— Eu a tirei dele, atitude de que me arrependo profundamente.

— Então, por que me manteve com você?

— Ouvi Jacques lhe dizer — replicou Arturo, sarcástico. — Porque a amo, lembra-se?

Abalada, Danielle o encarou para confirmar o desprezo que percebera na voz. Imediatamente se recompôs e respondeu, com o máximo de frieza de que foi capaz:

— Claro, como poderia me esquecer? Contendo as lágrimas, Danielle desceu o corredor e desolada, entrou na cabine.

CAPÍTULO XIV

O navio estava quieto quando Arturo, perambulando perto da popa, acendeu um charuto. Deu uma longa tragada e massageou a nuca. Estava cansado, mas satisfeito com o progresso do Madalena. Se o vento continuasse a favor, logo alcançariam o Marrocos.

Ao avistar Danielle mais adiante no convés vazio, estreitou os olhos, cuidando para não chamar atenção. Absorta em pensamentos, ela observava os últimos vestígios do sol poente, o vento lhe agitando a saia e a franja do xale que usava para proteger-se do frio.

De repente, pressentindo a presença de alguém, Danielle olhou na direção do capitão que a cumprimentou com um aceno de cabeça, retribuindo a mesura com a mesma formalidade. Em seguida, bateu em retirada e desapareceu da vista de Arturo. Praguejando, o pirata mordeu a ponta do charuto e deu as costas para o lugar de onde ela acabara de sair.

Na cabine, Danielle se jogou na cama, massageando as têmporas com mãos trêmulas. Pela milésima vez perguntava-se se devia tentar esclarecer a situação entre ela e o inflamado capitão. Como nas outras ocasiões, acabou concluindo que não.

Seu orgulho não permitia que se expusesse a outra situação constrangedora. Ainda trazia viva na memória a lembrança da expressão de escárnio do corsário quando ele lhe dissera que a amava. Precisava esquecê-lo! Mas como? A simples presença de Arturo fazia seu coração disparar... todo seu corpo reagir ansiando pelas carícias dele.

Para não ceder ao desejo, decidira evitá-lo, por difícil que fosse cumprir essa determinação.

Conseguia levar adiante seu intento, mantendo-se distante, embora estivessem confinados nos limites do navio. Nos passeios noturnos, passara a ser acompanhada pelos oficiais do Madalena, cuidando para revezar a companhia de modo a não atrair a fúria de Arturo sobre ninguém, especialmente sobre Narcisse, de quem se tornara boa amiga.

Numa cinzenta manhã de novembro, ela teve de se esforçar para levantar da cama. Para se animar um pouco, colocou o novo vestido amarelo, que havia terminado de costurar. Logo Pat batia a sua porta para trazer o café.

Quando o rapaz entrou, Danielle esqueceu a depressão. Preocupado em

mimá-la, o marinheiro ofereceu-lhe uma laranja e um dos raros e preciosos ovos que a tripulação tinha em suas provisões.

— Félix só conseguiu guardar este ovo — explicou Pat — porque usou o resto para fazer isto. — Com um floreio, o marujo descobriu o prato com pãezinhos doces cobertos de passas.

— Que delícia! — exclamou Danielle, feliz pela inesperada demonstração de afeto.

— Ele quis que você tivesse algo especial esta manhã — informou-a o rapaz. — Afinal, é seu aniversário.

— Como sabe? — ela perguntou, surpresa.

— O capitão nos contou, senhorita.

— O capitão? — Ela ficou confusa, por um momento, até lembrar-se do dia -longínquo em que Arturo a acompanhara galantemente em sua visita a Baratária.

Interrompendo-lhe o devaneio, Pat declarou:

— Felicidades, srta. Danielle. Este é meu. — Orgulhoso, ele lhe estendeu um pequeno pacote, embrulhado em papel amassado. — Eu mesmo fiz. Desembrulhando o presente, ela encontrou um colar simples, mas meticulosamente trabalhado com intrincados nós de corda.

— É lindo, Pat!

— Fico contente que tenha gostado — ele disse, encolhendo os ombros, acanhado.

— Merci beaucoup. Sabe, temos um costume em minha família. Todo mundo que dá um presente de aniversário recebe um beijo de boa sorte. — Inclinando-se, ela beijou suavemente a face do rapaz que, arregalando os olhos e enrubescendo, retirou-se apressadamente.

Félix reagiu com a mesma surpresa quando ela agradeceu o café especial com um beijo. Afogueado e mais tagarela que nunca, o cozinheiro lhe ofereceu outra xícara de café e pediu que sentasse em um banco ao lado da cozinha.

Logo um grupo animado cercou Danielle, cumprimentando-a e trazendo-lhe presentes. Dos oficiais de Arturo, apenas Jacques não se aproximou, aparentemente muito ocupado na proa. Os inseparáveis Dazet e Falgout deram a Danielle, respectivamente, um pequeno porta-jóias de madeira e uma bolsa feita com a pele de um tubarão, içado a bordo havia um par de semanas. A cabeça do devorador de homens se encontrava agora na proa como um aviso para outros da mesma espécie.

Encantada, Danielle agradeceu aos rapazes, surpreendendo-se quando estes ofereceram as faces para os merecidos beijos, os olhos brilhando de alegria. Dando-se conta de que o costume da família Valmont já se espalhara pelo navio, ela riu e aplicou os devidos créditos nos dois marinheiros que, em seguida, retiraram-se corados e felizes.

Do tombadilho, Arturo observava a cena com evidente mau humor. E quando viu que Jacques também se aproximava da moça, quase explodiu de raiva.

— Posso lhe falar um momento, mademoiselle perguntou polidamente o homenzarrão de Barataria.

— Naturalmente. — Pedindo licença, a jovem seguiu o imediato até a amurada. — É bom vê-lo sem a muleta, Jacques — ela disse com um sorriso.

— Oui, estou completamente curado — ele respondeu, ficando alguns instantes em silêncio, como que à procura das palavras certas. — Sei que, apesar dos risos e beijos, não está tão feliz quanto merece, por isso queria lhe dar algo para tentar melhorar seu espírito. Feliz aniversário, ma petite. — Então, o imediato lhe deu um pequeno saco de fumo.

Dentro havia um medalhão de marfim, onde se encontrava esculpido um navio singrando o mar revolto. A embarcação parecida com o *Madalena*, desafiava uma tormenta, superando vagalhões que se quebravam na proa e um vento violento a ponto de querer arrancar-lhe as velas.

— É o entalhe mais lindo que já vi! — ela exclamou com sincera admiração.

O velho marinheiro abaixou a cabeça, acanhado.

— Achei que precisava tê-lo. Você é como esse naviozinho e, como ele, vencerá a tempestade, certo?

— Sim — ela concordou com um aceno de cabeça, as lágrimas aflorando-lhe aos olhos. — Merci, mon ami. — Imediatamente prendeu o medalhão no colar que Pat lhe dera. — Fica lindo, não, Jacques?

— Très jolie, Danielle — disse o marinheiro, os olhos brilhando de emoção quando a moça o abraçou, voltando em seguida à cozinha, para mostrar o mais novo presente.

Apesar das inúmeras demonstrações de carinho, inclusive algumas duvidosas como as de Harry Hinson. Ela não conseguia sentir-se verdadeiramente feliz. Arturo se furtava a cumprimentá-la. E quando percebeu que ele a observava com olhos frios, ela correu para refugiar-se na cabine.

Durante o jantar, Pat a acompanhou, mas não se deteve muito, percebendo

sua pouca disposição para conversas ou jogos de carta.

Inquieta, ela foi passear no convés principal quando a noite já caíra por completo. Contente por encontrá-lo vazio, seguiu até a amurada onde ficou contemplando o mar, iluminado fracamente pela lua minguante. Ao som de passos, voltou-se preparada para enfrentar Arturo, mas sorriu ao perceber que se tratava de Narcisse.

— Ah, Danielle, estive procurando você.

— Bonsoir, Narcisse. Pensei que estivesse em serviço esta noite.

— Mais tarde — ele declarou, juntando-se a ela na amurada. — Achille está no meu posto. Vim para lhe dar algo. — O timoneiro tirou um finíssimo lenço de renda do bolso, sem dúvida comprado para ser oferecido a uma de suas muitas conquistas. — Com meus cumprimentos para a mais adorável passageira deste navio.

— Diz isto a todas as mulheres que encontra num convés enluarado — ela o provocou.

— Não acredita nos homens, mademoiselle — Ele recuou teatralmente.

— Não em você, seu patife — ela retrucou brincando, acostumada aos galanteios do belo cajun, a quem aprendera a apreciar. Admirando o lenço de linha e renda, acrescentou, séria: — É lindo, Narcisse. Merci.

— Feliz aniversário, Danielle — ele disse com voz macia, inclinando-se levemente sobre ela.

Alarmada pelo ardor nos olhos negros do amigo, Danielle percebeu que não deveria beijá-lo nem no rosto. Cautelosa, estendeu-lhe a mão.

— Merci beaucoup, mon ami.

— Ainda só um amigo? — Ele suspirou- melodramático e se endireitou imediatamente, tomando-lhe a mão? e beijando-a. — Mas um bom amigo, certo? Capaz de perceber que não está feliz como deveria. Não quer me contar a razão dessa tristeza?

— Por certo não acredita que eu ficaria triste em meu aniversário, não é? — ela replicou em tom brincalhão.

— Sei que tem tentado esconder esse estado de espírito, mas eu já o notei há vários dias. Não sei o que se passou entre você e o capitão, porém talvez possa intervir a seu favor.

Danielle puxou a mão.

- Não, por favor.
 - Ora, vamos. Turo é esquentado e orgulhoso, mas não creio que queira deixar as coisas confusas entre vocês.
 - Ele tentou se desculpar, mas eu não permiti.
 - Deve ter sido um choque para ele. — Narcisse riu baixinho. — Costuma ser muito bem-sucedido com mulheres.
 - Já ouvi falar — ela respondeu friamente.
 - Hum, agora entendo — disse o timoneiro, segurando Danielle pelos ombros e fitando-a nos olhos. — Está apaixonada por ele!
 - Não — ela protestou, alarmada, tentando desvencilhar-se. Como ele não a soltasse, olhou-o desesperada e sussurrou: — Ah, Narcisse, está assim tão óbvio?
 - Só para quem conhece as mulheres... e eu sou desse tipo — ele se gabou, com um sorriso triste, soltando-a e voltando-se para a amurada. — Sabe, não pode continuar assim, chère. Deixe-me falar com Turo.
 - Não! Por favor, não lhe diga nada.
 - Como quiser, Dani. Sabe que lhe prestarei qualquer favor.
 - Merci, você é um bom amigo. — Equilibrando-se na ponta dos pés, ela lhe beijou a face, retornando à cabine em seguida.
- O jovem a observou descer a escada rumo a cabine, feliz de que a escuridão lhe ocultasse a total desolação. Estivera flertando com Danielle e até se divertindo com o ciúme de Arturo, mas não havia imaginado que os dois se amassem. Esse fato mudava seus planos e agora só lhe restava impedir que Danielle sofresse.
- Imerso nesses pensamentos, o timoneiro não percebeu que De Leon o espiava do tombadilho. Ele havia acompanhado o encontro com Danielle, vira o beijo e... chegara a conclusões erradas. O capitão não podia culpar o velho amigo por flertar com a moça, que passara o dia distribuindo beijos entre a tripulação. Porém queria saber o quanto os dois estavam envolvidos.
- Saltando para o convés principal, o pirata não suportava mais amargar seu tormento. Decidido, resolveu tirar a história a limpo.
- Preciso falar com você — abordou Narcisse abruptamente.
 - Bonsoir, Turo — cumprimentou-o o timoneiro com polidez, ignorando-lhe a expressão carrancuda.

- Quero saber o que está acontecendo entre você e Danielle.
- Um pequeno flerte de minha parte — ele respondeu, dando de ombros — e nenhuma reciprocidade da parte dela, para minha tristeza...
- Narcisse Duval, eu deveria... — Arturo ergueu os punhos, ameaçador.
- Acha que pode intimidar-me como tem feito com Danielle? — retrucou o jovem cajun, sem arredar pé.
- Que quer dizer?
- Quero dizer que tem humilhado a moça desde que a tirou de Nova Orleans. Você a raptou, aprisionou, gritou com ela e, agora, finge ignorá-la, embora esteja sempre vigiando tudo que faz.
- Tenho de zelar pela tranquilidade do navio. E não mude de assunto. O que ela significa para você? — avançou um passo sobre o companheiro.
- Por um instante, Narcisse vacilou entre a raiva e o respeito devido ao capitão. Controlou-se e acabou dizendo com muita calma:
- Fique tranquilo, Turo. Sabe que nunca me colocaria entre você e sua mulher.
- Ela não é minha mulher — respondeu o pirata rispidamente. — É apenas um monte de problemas. Só quero saber o que ela está tentando fazer comigo.
- Os olhos de Narcisse brilharam de fúria.
- Disse a Danielle que você não queria deixar as coisas confusas, mas vejo que me enganei redondamente — ele declarou, afastando-se em seguida com passos duros, para perplexidade de Arturo.
- Não conseguindo elucidar suas dúvidas com o timoneiro, só havia uma alternativa: falar com Danielle.
- Desceu a escada que dava para a cabine e parou em frente à porta.
- Danielle Valmont, quero falar com você — disse, nada gentil.
- O que você quer? — Ela entreabriu a porta, vendo o rosto contrafeito de Arturo. — Não podemos conversar amanhã, capitão? Já ia dormir.
- Não, não posso esperar até amanhã — insistiu ele, forçando a passagem.
- Acabei de vê-la no convés com Narcisse.
- Estava me espiando? — Os olhos escuros de Danielle faiscaram de indignação.
- Se expõe sua intimidade no convés, não pode esperar privacidade — ele

resmungou, andando pela cabine.

— Como ousa? — ela o acusou, seguindo-lhe os passos. Virando-se subitamente, Arturo a encarou.

— O que está tentando fazer comigo, Danielle?

— Como assim? — Ela estava no limite da paciente.— Primeiro dá a entender que minha presença o desgosta, depois me culpa por estar tentando evitá-lo? Não estou com nenhum plano mirabolante na cabeça.

— Ah, está sim — ele retrucou, prendendo-a pelos pulsos e trazendo-a para perto de si —, desde o primeiro dia em que a vi.

— Não pode negar que, nas últimas semanas, procurei não incomodá-lo, deixando-o sozinho — ela argumentou, procurando em vão soltar o braço.

— Sim, sozinho com meu desejo de companhia. É o seu jogo, não é, Danielle?

— Não — ela sussurrou, cessando de lutar, o olhar fixo no rosto atormentado de Arturo.

— Parecia a luz do sol esta manhã com aquele vestido amarelo, mas cada vez que me olhava, era com uma expressão fria. Poderia derreter esse gelo, Danielle, não fosse a promessa que lhe fiz de não forçá-la. Todavia, eu lhe aviso: estou prestes a esquecer esta tolice de cavalheirismo. Você me provoca, mulher!

— Eu não...

— Não mesmo? — Abraçou-a e olhou-a bem dentro dos olhos. — Eu a vi beijando Narcisse.

— Foi um beijo no rosto — ela murmurou, sem fôlego pela força do abraço.

Mas Arturo estava cego de ciúme para ouvir qualquer explicação.

— Diga-me... ele faz com que se sinta assim? — ele exigiu, tomando-lhe os lábios num beijo carregado de desejo e desespero. Quando se afastou, disse, traindo seu ressentimento: — Hoje, eu a vi flertar com toda a tripulação... e tratar-me com desdém. Quero saber por quê.

— Você não entende. — Ela balançou a cabeça em desalento, e então indicou os presentes sobre a mesa.

— E você quem não entende — ele a corrigiu com tristeza. — Pensa que pode me abandonar, mas isso é impossível. Está sempre comigo, Danielle, em meu sangue, noite e dia. Deixou de ser minha prisioneira quando me prendeu com seus encantos. Eu te quero, mulher, como nunca quis a outra.

— Desejo, Arturo, sempre e apenas desejo. — Ela suspirou, desviando os olhos para que ele não visse seu desapontamento.

— E por que não? — ele perguntou asperamente. — Desejo abraçá-la, tê-la comigo para sempre... desejo amá-la e ser amado.

— Amor? — ela perguntou incrédula.

— Sim, amor — afirmou o pirata com a voz carregada de emoção. Acariciou o rosto de Danielle, sorrindo ao ver-lhe a surpresa. — Sempre a amei. Já faz um tempo que me dei conta disso, só não quis admitir.

— É tão horrível de admitir? — ela perguntou com um sorriso radiante. — Percebi que me importava com você quando o vi ferido na batalha e... também não quis acreditar.

— Isso quer dizer que você me ama? — ele indagou, os olhos azuis cheios de esperança.

— De todo o coração. — Ela enlaçou o pescoço forte e brincou: — Não foi você mesmo que disse que eu sou louca por você, meu capitão? Não disse que eu o achava irresistível?

— Lembro disso, mas não pensei que estivesse ouvindo. — Com um sorriso exultante, ele a tomou nos braços e rodou com ela na cabine. — Sabia que me faz o homem mais feliz do mundo?

A resposta veio num beijo doce e demorado que falava de ternura e afeto, que fazia as promessas tornarem-se dádivas reais. Aos poucos, a chama do desejo crescendo eles abraçaram-se com mais força, ávidos por sentir e transmitir as emoções à flor da pele.

— Eu quero ser sua — ela murmurou, plenamente ciente das implicações de suas palavras.

Arturo se deteve, deixando acalmar o clamor da paixão para agir de acordo com seus princípios. Jamais havia forçado uma mulher, e não queria se aproveitar da vulnerabilidade de Danielle.

— Você sabe o que está me propondo, Danielle?

— Eu disse que te amo e quero viver esse amor agora... — ela disse com toda a determinação de seus sentimentos, segurando-lhe a mão e guiando-a para que abrisse o primeiro botão do corpete.

Ele aceitou o convite e começou a despi-la com vagar, beijando-a enquanto as mãos deslizavam pela pele suave do colo, dos seios... à medida que as roupas iam caindo no chão. Quando finalmente Danielle ficou completamente nua, Arturo

afastou-se para contemplar sua beleza, extasiado.

— Se a Lua descesse à Terra, eu poderia jurar que havia escolhido você para se apresentar em forma de mulher. Você é linda, Danielle.

— E você é o sol que eu preciso — ela murmurou, aproximando-se e, hesitante, começando a abrir a camisa de Arturo.

Quando se deitaram sobre a cama, não havia nenhuma barreira a separá-los. Nenhuma dúvida de que partilhavam de um momento mágico e importante de suas vidas.

Danielle entregava-se a ele sem reservas, sentindo o delicioso e intenso despertar da sensualidade. A excitação, a tomava de assalto em ondas cada vez mais intensas, enquanto os lábios de Arturo se moviam sobre seus seios, sugando os mamilos e fazendo-a gemer de tanto prazer.

Ela o envolveu com as pernas, instintivamente pedindo que satisfizesse aquela vontade louca de se unirem. mas Arturo não a atendeu. Ela precisava estar pronta para recebê-lo, ele tinha de tomar todo o cuidado para não machucá-la.

Dizendo-lhe palavras doces e preparando-a para o momento da penetração, Arturo deixou de lado a própria urgência e, com o máximo de delicadeza e carinho, conseguiu que o prazer superasse a dor quando finalmente liberou o próprio gozo dentro dela.

Mesmo sem conhecer os mistérios da paixão, Danielle pôde sentir que aquele homem que povoava seus sonhos e incendiava seu corpo agora a tomava com amor. Paixão e amor... Seu coração não havia se enganado.

Era a primeira vez que Arturo se relacionava sexualmente com uma mulher virgem. Ele sempre considerou que isso só aconteceria quando se casasse. Agora Danielle era sua mulher, e o fato o divertia tanto quanto o assustava. Pertenciam um ao outro, e nada no mundo os separaria.

Abraçado a ela, adormeceu, por fim, aconchegado ao corpo macio da mulher que amava. Foi a primeira noite de sono realmente tranquilo desde que deixara Nova Orleans.

Horas mais tarde, ela acordou sobressaltada, estranhando ter Arturo a seu lado, ressonando suavemente. Numa fração de segundo, a noite passada lhe veio à mente. Corando violentamente, não teve coragem sequer de se mexer.

Deus, como iria encará-lo quando ele acordasse? Ela não podia ter se abandonado ao próprio desejo, não devia ter feito declarações tão comprometedoras! Suspirou profundamente, cheia de pudor e receios.

— Então está acordada — ele disse, interrompendo-lhe as divagações.—
Bonjour, mon coeur. — Bonjour — ela respondeu, hesitante, movendo a cabeça delicadamente para soltar os cabelos que estavam presos sob a cabeça de Arturo. Ele se apoiou em um dos cotovelos e a observou.

A pouca iluminação da cabine a impedia de ver a expressão no rosto de Arturo. Seria de censura ou de zombaria? De qualquer forma, não havia como mudar os fatos. Na noite anterior, quando estivera tão certa sobre tudo, entregara-se de corpo e alma a Arturo De Leon. Deus, como vencer a terrível insegurança daquela manhã? Engoliu seco, sabendo que teria de encará-lo cedo ou tarde. Tomando coragem, suavemente afastou-se dele o máximo possível no colchão estreito e fitou-o.

Arturo lhe acompanhava os movimentos, mas a expressão amorosa foi substituída pelo aborrecimento de vê-la , afastar-se.

Insegura, ela interpretou mal a reação dele:

— Algo errado?

— Ia lhe perguntar o mesmo. Está arrependida?

— Não — ela afirmou categórica, achando-o extremamente atraente com os cabelos revoltos e a barba por fazer.

— Não gostaria que estivesse triste, Danielle, pois me fez muito feliz.

— Fui... fui uma completa devassa, não é? — ela perguntou, ansiosa por saber como ele interpretava seu comportamento.

— Completa — ele concordou com um sorriso preguiçoso, contornando-lhe os lábios com a ponta dos dedos. — E estou ansioso por conhecer todos os mistérios desta minha encantadora pervertida.

O ar brincalhão desapareceu quando Arturo notou o olhar acabrunhado de Danielle.

— Querida, ainda não acredita que eu a amo? Pensa que menti quando lhe falei de amor ontem à noite?

— Não — ela suspirou, apoiando o rosto no peito Arturo. Torcia para que ele não percebesse o imenso alívio que lhe desanuviava o espírito. Mais uma vez havia duvidado dele e felizmente se enganara.

— Escute-me, chère — exigiu Arturo, pegando-lhe o queixo e obrigando-a a encará-lo. — Amo-a hoje mais do que a amei ontem. E acredite que ontem já me sentia bastante tolo de tanto amar você. Amanhã, então, serei um completo idiota.

— Um idiota? — Ela riu, abraçando-o. — Mas se isso acontecer, fique tranqüilo que continuarei gostando de você.

— Pelos deuses, como está bonita esta manhã — ele murmurou, afagando-lhe os cabelos.

As preocupações se dissiparam, e os dois puderam se perder novamente no ritual do amor recém descoberto. Havia tanto a partilhar, e a alegria dessa descoberta levou-os a saborear a felicidade de cada instante, o delicioso significado de cada gesto de paixão.

Mais desinibidos e certos de que podiam desfrutar do prazer sem culpa, galgaram às alturas estonteantes do êxtase. Nada mais importava, a não ser a felicidade de estarem juntos e transformarem-se num só.

— Terra à vista!

O grito acordou os amantes, horas mais tarde, fazendo Arturo pular da cama e espiar o convés pela portinhola.

— Não vejo nada— ele disse, baixinho. — É melhor eu descer para verificar o que está acontecendo.

Ao virar-se, contudo, avistou Danielle apoiada no cotovelo, os seios cobertos precariamente pelo lençol. Seu olhar era de pura ternura.

— Pensando bem — ele brincou —, a vista é melhor daqui.

— Curvou-se para beijá-la, antes de lavar o rosto sob o olhar fascinado de Danielle. Vestiu-se depressa e, ao colocar a jaqueta, sentiu um pequeno volume no bolso.

- Ah, antes que eu me esqueça — ele disse, pegando as duas presilhas de cabelo, de prata, e entregando-as a Danielle.— Feliz aniversário, querida. O meu presente... um pouco atrasado, para você.

— Pretendia entregá-las mesmo quando estávamos brigados?

— Sim, ficaram comigo o dia inteiro. Só não sabia se teria coragem de entregá-las.

— Oh, são lindas! — ela exclamou, encantada, imediatamente colocando-as na cabeça, mesmo não dispondo de espelho. Ao erguer os braços, porém, fez com que o lençol deslizesse para baixo, deixando à mostra os seios alvos e firmes.

— Cubra-se, Danielle — ordenou Arturo com um gemido—, ou não conseguirei deixar esta cabine.

— Oh, desculpe — ela murmurou com um sorriso maroto, apressando-se a

cobrir-se.

— Lamento ter de sair agora. — Arturo se despediu, beijando-a. — Vejo-a mais tarde, chère. Temos muito que conversar.

— Oui — ela concordou, observando a porta se fechar. Levantou-se relutante e recolheu as roupas espalhadas pelo chão. Enquanto se vestia foi pensando na nova realidade que o destino lhe apresentava. Apesar de agora ter certeza do amor de Arturo, não sabia se ele a pediria em casamento.

Na noite anterior, ele lhe dissera que a queria para sempre... o que não significava obrigatoriamente que fosse se unir oficialmente a ela.

Talvez a quisesse como esposa, talvez apenas como amante. Esta última alternativa a desagradava bastante, porém... amava-o tanto que estava disposta a viver com ele, fossem quais fossem as condições.

Se necessário, aprenderia a pensar só no presente, sem a promessa de um futuro a dois.

Mas do fundo do coração esperava não ter de pagar este preço para ter um pouco de felicidade.

CAPÍTULO XV

O sol estava alto no céu límpido quando o Madalena entrou no estreito de Gibraltar. Às margens de uma baía que desembocava no Atlântico, estendia-se a ensolarada cidade de Tânger.

Juntos no convés, o vento forte agitando seus cabelos, Arturo e Danielle contemplavam a exótica paisagem. Pequenos botes chegavam e partiam do agitado porto, singrando as águas de um inacreditável tom de turquesa.

Nas docas, grandes navios de diferentes bandeiras encontravam-se ancorados e alinhados com armazéns e galés lotadas de escravos que aguardavam transporte para deixar o norte da África, ou que haviam acabado de chegar ali e esperavam a determinação de seu destino.

— Precisa descer agora — disse Arturo quando chegaram próximos o suficiente para distinguir trabalhadores de turbante na zona portuária. — Lamento, mas pode ser perigoso se a virem.

— Eu sei — suspirou ela, lamentando não poder continuar observando aquele lugar tão diferente de tudo que já havia visto.

— Sei que gostaria de ver Tânger, mas terá de se contentar em apenas conhecer um marroquino. — Ele sorriu. — Diego Montera logo virá a bordo.

Na cabine, Danielle seguiu as ordens de Arturo, mantendo-se cuidadosamente fora de vista enquanto espiava pela portinhola.

Antes mesmo que o barco atracasse, mercadores e mendigos já convergiam para o cais e erguiam as vozes na direção do navio, numa língua incompreensível.

No meio da multidão, um homem esperava próximo, à doca, sentado numa velha poltrona. Um escravo o abanava. Gordo, sonolento e barbudo, ele observava as manobras no cais com enfado. Quando a prancha de desembarque foi colocada no lugar, ele se ergueu, disse algo aos empregados e rumou para o navio.

Conhecido pelos vizinhos como Muhammad ibn Francisco ai Montera, Diego impressionava pelo seu porte. A prancha de desembarque balançou e rangeu quando ele a galgou, um sorriso claro sob o turbante branco quando avistou Arturo que já o esperava no convés.

— Bem-vindo, Diego — cumprimentou-o Arturo.

— As sallam alaykum, efêndi. A paz esteja contigo

— disse o mercador com sua voz trovejante, encostando a cabeça na de Arturo e estendendo seu braço de modo que batessem palmas de acordo com os costumes muçulmanos. — Agora, você responde: Wa alaykum as salaam. Ou seja, e contigo também.

— Wa alaykum as salaam — repetiu o corsário, sendo imediatamente recompensado com um abraço demolidor.

— Sei que não tenho muita dignidade — colocou o mercador, beijando o amigo em ambas as faces —, mas, ah, mi amigo, estou feliz de vê-lo novamente. Bem-vindo a ai Maghrib ai Aqsa, no Extremo Ocidente.

— Gradass, Diego... ou devo chamá-lo Muhammad?

— Arturo perguntou, animado com a calorosa recepção do mercador.

— Me chame como quiser, em seu navio — respondeu o homem, com um aceno de mão, ao mesmo tempo olhando ao redor. — É bom estar num convés novamente. Meus navios gastam mais tempo velejando pelos mares do Oriente do que aqui. De qualquer forma, consigo manter-me a par do movimento no porto.

— Sabia que nos encontraria logo. Sempre foi muito inteligente. Agora vamos descer para conversar melhor. — Ótimo! E aproveito para pedir-lhe algumas de suas preciosidades de bordo: um vinho francês, um pouco de carne, ou talvez frango. Diga-me, aquele velho patife do Félix ainda está com você?

— Naturalmente. — O capitão sorriu.

— Então, ele poderia nos preparar um delicioso frango ensopado. Também apreciaria um fino charuto cubano. Pode arrumar-me estas coisas.

— Tem certeza de que não quer mais nada? — indagou Arturo com uma risada sonora.

— Está bom para começar — respondeu o homem, imperturbável.

— Pensei que sua religião o proibisse de beber álcool ou...

Diego silenciou o companheiro com um olhar enviesado.

— Quando estou em terra, sou um bom muçulmano, mas quando num navio, deixo por conta de Alá o julgamento de minhas transgressões. Com certeza, serei perdoado da próxima vez que for à mesquita.

— Sem dúvida — replicou Arturo, contendo o riso.

— Além disso, há algumas coisas de que realmente sinto falta, como presunto, toicinho defumado...

Arturo interrompeu o enfadonho relatório.

— Diego, antes de descermos, preciso avisá-lo que tenho uma mulher a bordo. Em minha cabine, melhor dizendo. Ela não usa véu. Você se incomoda com isso?

— Não faz diferença para mim, mas não sabia que costumava trazer amantes — replicou o mercador de maneira afetada.

— Danielle Valmont é uma dama, e, como lhe disse, está em minha cabine — corrigiu-o Arturo, levemente irritado:

Diego ergueu as sobrancelhas em surpresa, a testa quase desaparecendo sob o turbante. A mulher era importante para De Leon. Estava claro.

— Vamos agora — insistiu Arturo. — Ela está nos esperando. Disse-lhe que, se viesse a bordo, eu o levaria para conhecê-la.

— Turo, essa Danielle... é bonita?

— Linda.

— Bueno, sempre aprecio mulheres bonitas. Aliás, deve saber que muçulmanos podem ter até quatro esposas se tratar a todas com justiça.

— Todavia, você só tem uma.

— Sim, só uma, graças a Alá. Embora, enquanto muçulmano, não deva falar dela nem de minhas filhas em público, creio que, como estamos a sós, não fará

diferença.

— Quantas filhas tem?

— Cinco, e ainda nenhum menino. Inshalla, Alá assim o quis. Pense só no quanto gasto em jóias e roupas. Se tiver outra filha, morrerei na miséria.

Gargalhando, o mercador seguiu De Leon pelo estreito corredor que dava na cabine. Lá chegando, surpreendeu-se com a beleza e a graça de Danielle, uma dama perfeita, apesar da tenra idade. Estava vestida em seda rosa, que realçava a pele cor de marfim levemente tingida pelo sol. As faces e os lábios mostravam-se frescos do ar da viagem marítima. Ela havia prendido os cabelos dourados e brilhantes em um coque com um par de lindas presilhas prateadas.

Contudo, mais do que a beleza da jovem, impressionou-o a ternura extrema que demonstrava toda vez que seus olhos pousavam no capitão. Sem dúvida, estava perdidamente apaixonada.

Danielle os cumprimentou com um sorriso encantador e solicitou que sentassem. Em seguida, mostrou a graça de uma delicada anfitriã servindo-lhes vinho tinto em copos de cristal.

Diego aceitou o copo, inspirando o buquê do vinho antes de prová-lo. Depois, degustou-o calmamente, estalando a língua de prazer, um brilho de satisfação nos olhos. Antes que pudesse fazer algum comentário, Félix entrou na cabine, carregando um prato com frango frio.

— Félix, seu velho demônio, chegou para salvar minha vida — cumprimentou-o alegremente o mercador.

— Como se meia galinha pudesse salvar-lhe a vida, Montero — replicou o cozinheiro, com um sorriso desdenhoso, embora, ao sair, se deleitasse constatando a gula do visitante ao atacar o prato.

O muçulmano devorou rapidamente o frango, rejeitando depois um charuto que Arturo lhe ofereceu.

— Agora não, amigo. No momento, quero apenas saborear o vinho.

Danielle encheu o copo do visitante mais uma vez, sentando-se na cama e observando os dois homens levarem a conversa para o âmbito dos negócios.

— Que trouxe com você, Turo? — perguntou o mercador.

— Açúcar e tabaco.

— Muy bien! Eu o aliviarei dessa carga. Agora, diga-me, gosta de fazer carregamentos?

— Comércio legal não é passatempo para um corsário ou seu navio — respondeu Arturo, acabrunhado.

— Poderia se acostumar com o negócio e ficaríamos sócios — bajulou-o o muçulmano. — As viagens são mais seguras nestes dias em que os piratas quase desapareceram.

— Há um a menos, inclusive — respondeu Arturo. — Fomos atacados por Turk, há três dias de Nassau. Ele morreu durante a batalha, mas creio que a tripulação escapou.

— Turk, hein? Nem sabia que ainda navegava. Bem, não era meu amigo. Você o matou, Turo? - perguntou Diego, sem esconder a curiosidade.

Arturo ouviu Danielle inspirar profundamente atrair, dele.

— Não, ele caiu ao solo no calor da batalha. Não sei quem o atingiu. De qualquer maneira, a experiência foi suficiente para me tirar da rota comercial.

— Que fazer? — O mercador suspirou resignado. — Na verdade, amigo, é difícil fazer negócios no norte da África. Meus lucros diminuem diariamente, pois tenho de pagar propinas em cada porto. O suborno aqui pode levar um homem à falência. Mesmo assim, é melhor do que a pirataria, neste momento. Até os piratas bárbaros estão sendo expulsos do Mediterrâneo. Pergunto-lhe onde este mundo vai parar.

Neste instante, antes que a nostalgia se apossasse dos dois homens, Pat bateu à porta e entrou sem pedir licença.

— Jacques mandou avisar que guardasse o vinho, senhor — ele declarou, guardando todas as evidências de degustações alcoólicas no armário. — Alguns cavalheiros estão chegando e parecem irritados,

— Deve ser Khalid ai Hammid, comandante da polícia do sultão aqui em Tânger. Não demorou a nos encontrar — resmungou Diego. — É um árabe poderoso, servindo temporariamente como inspetor de alfândega.

— Tratarei disso — acalmou-o o capitão. — Não fique nervoso.

Não demorou muito para que o arrogante representante do sultão muçulmano entrasse a passos largos na cabine do corsário.

Diego se levantou com incrível agilidade e fez uma mesura, dando a entender, com um discreto movimento de mão, que Pat e Arturo deviam fazer o mesmo. Em seguida, posicionou-se de forma a que o imenso corpanzil tirasse Danielle de vista.

— Tenha um bom dia, Khalid ai Hammid — ele cumprimentou o oficial em

árabe. — Tenha um dia bom e abençoado — replicou o homem, com formalidade.

— Estamos honrados com sua presença, senhor, como se o próprio sultão estivesse a nossa frente — continuou Diego humildemente.

Khalid concordou apenas com um leve aceno de cabeça, mantendo-se um pouco para fora da cabine, como se o contato com o "infiel" capitão pudesse contaminá-lo.

Mais alto e forte do que seus homens, o árabe mantinha a mão no cabo da espada, os olhos frios e cruéis parecendo algo alienados no rosto esguio e moreno.

— Quem é o capitão do navio? — perguntou a Diego.

— Arturo ai De Leon, um grande guerreiro e comandante em seu próprio país.

— E que país é esse?

— Na América, do outro lado do oceano.

— Nunca ouvi falar. Ele é um infiel? — o comandante perguntou com desdém.

— Sim, mas tenho certeza de que algum dia entenderá a sabedoria do Profeta. Inshallah.

O oficial ergueu a sobrancelha, cético.

— Nem todos os infiéis são civilizados o suficiente para falar francês. E quanto a esse?

Quando Diego respondeu positivamente, com um aceno de cabeça, Khalid se dirigiu a Arturo num francês fluente.

— Bem-vindo a Tânger, capitão De Leon. Sou Khalid ai Hammid, chefe de polícia e inspetor da alfândega. Será necessário que inspecione sua mercadoria antes de descarregá-la. É apenas uma formalidade, mas não podemos despachar nada sem primeiro fazer uma vistoria.

— A entonação do homem não lhe escondia o aborrecimento com os procedimentos de praxe.

Como se quisesse animá-lo, o navio se moveu ligeiramente, deixando Danielle, sentada na cama, avista. Perplexo pelo fato da mulher não usar véu nem tentar! esconder o rosto ao fitá-lo, o árabe arregalou os olhos.

Fascinado, não conseguia desviar a atenção da moça e do vestido rosa. Mashalla. Como era bela. Uma jóia feita para um harém, onde seria a favorita.

Todavia, ela era atrevida, podia perceber isso só de olhar; precisava ser domada. Estremeceu de prazer imaginando-a sob seu jugo.

Arturo apressou-se a interromper as fantasias de Khalid, e lhe fez uma pergunta sobre a vistoria.

— Quem é a mulher? — exigiu o comandante, impaciente, ignorando o capitão. — Uma escrava?

— Não — respondeu Diego, lançando um olhar de advertência para o casal amigo. — Ela é uma mulher livre na América. Está aqui apenas porque serve ao capitão De Leon.

— Não me importaria se o capitão trouxesse todo um harém. O problema é que ela não está vestida apropriadamente. Nessa terra de bárbaros, América, as mulheres não usam véus, como manda o profeta?

— Não, eles são cristãos, nasranis.

— Sei o que são cristãos — replicou o comandante rispidamente —, mas, no Marrocos, todas as mulheres precisam usar véus.

— E ela o usará, se for a terra — prometeu Diego ao inflamado muçulmano. — Cuidarei disso pessoalmente.

— Cuide pessoalmente para que ela nem sequer apareça no convés. Mantenha-a fora de vista — ordenou o oficial bruscamente. — Agora, capitão, deixe-nos inspecionar seu carregamento.

Khalid deixou a cabine com seus homens, não sem antes lançar um olhar entre fascinado e aborrecido a Danielle.

Quando a inspeção terminou e Arturo e Diego puderam voltar à cabine, não encontraram Danielle. Temeroso de que houvesse sido raptada por algum espião do navio, Arturo saiu gritando seu nome pelo corredor, quase trombando com ela.

— Onde estava? — ele esbravejou. — Não lhe disse para não ir ao convés?

— E não fui. Estava em sua cabine, aguardando que voltasse. Achei que seria mais seguro, com esse tal de Khalid rondando por aí.

— Mais seguro? Não deixaria que nada lhe acontecesse a bordo do Madalena.

— A moça tem razão em ser cautelosa. — interferiu Diego, sério. — Não viu como ele olhava para ela? Além de linda, é uma mulher branca, de cabelos claros, em pleno norte da África. Isto pode ser perigoso. Para sua segurança, deve manter-se só no navio. Agora, quanto a você, Turo, espero vê-lo esta noite, no fundo onde estou alojado. Lá poderemos ter um excelente jantar árabe e

fumo Djebeli. Mandarei um criado pegá-lo, e o aconselho a não usar o lenço verde. Essa cor é sagrada para os muçulmanos.

Então dirigiu-se a Danielle, um tanto constrangido.

— Lamentavelmente, senhorita, não poderei entretela. Creio que entende — ele concluiu, visivelmente aliviado quando ela concordou de pronto com um gesto de cabeça. — Então, bom dia, Danielle Valmont. Que Alá a proteja em sua viagem.

Ela ouviu as vozes dos homens desaparecerem no convés, sendo substituídas pelo lamento de um muezim chamando os muçulmanos para as orações.

Mais tarde, Arturo dispensou a tripulação, só mantendo alguns vigias no navio e Félix, que preferiu ficar de livre e espontânea vontade, pois se sentia cansado.

Ao anoitecer, Arturo apareceu na porta da cabine de Danielle para desejar-lhe boa noite.

— Lamento deixá-la, chère, sabendo o quanto detesta ficar confinada — ele se desculpou —, mas é muito perigoso.

— Eu sei. — Ela suspirou. — Só gostaria de aprender alguma coisa sobre este mundo antes de partir.

— Venha aqui um momento. — Ele a guiou até a portinhola e apontou para a zona portuária quase deserta. — Agora os muçulmanos estão orando, mas ainda dá para lhe mostrar um pouco do que aprendi com Diego. Parece que todo mundo, no Império Otomano, pode ser identificado pelas roupas. Vê aqueles homens de marrom? São cristãos. Aquele outro de preto e branco? É um berbere das montanhas. O amarelo representa o zoroastrismo. E aquele outro todo de preto e com um solidéu é um judeu.

— Torna tudo tão simples, não é? — comentou Danielle secamente.

— Realmente. — Arturo riu. — Aqui termina a lição de hoje. Por favor, lembre-se do que Diego disse. A propósito, o que fará para passar o tempo?

— Acho que vou costurar. Ainda tenho uma peça de brocado para trabalhar. Tentarei fazer um vestido de baile, embora o Madalena não me pareça um lugar apropriado para festas dançantes.

— Você poderá usá-lo quando voltarmos a Nova Orleans... como um vestido de noiva, talvez. — Ele a fitou cheio de expectativa.

— Quando voltarmos a Nova Orleans? Um vestido de noiva? — perguntou

Danielle, sem acreditar no que ouvira.

— Oui. Algo de errado? Pensei que depois de ontem à noite quisesse se casar comigo. Não sou um homem rico. O Madalena e Désir du Coeur, minha pequena fazenda, são tudo que possuo. Sei que está acostumada a uma vida de luxo, mas... eu a amo e quero casar com você. Não, não responda agora. — Ele lhe colocou um dedo sobre os lábios, impedindo-a de falar. — Peco-lhe apenas que pense sobre o assunto e me dê uma resposta pela manhã.

— Arturo De Leon! — ela protestou. — Por que esperar até amanhã para lhe dizer o que já sei? Claro que eu quero casar com você! — Exultante, abraçou-o.

Passado o susto pela reação de Danielle, Arturo a ergueu do chão e a beijou apaixonadamente.

— Você casará comigo? Eu a farei feliz, querida. Juro.

— Capitão. — A voz de Pat se fez ouvir atrás da porta. — O criado do sr. Montera está aqui para acompanhá-lo pela cidade.

— Já estou indo — respondeu o pirata, olhando ternamente para a mulher em seus braços. — Devo voltar tarde, portanto, não me espere. Amanhã virei acordá-la com um beijo.

— Bonsoir — desejou Danielle, feliz, quando ele a soltou. — E tome cuidado. Diego disse que Tânger pode ser uma cidade perigosa.

— Nem mesmo um exército de árabes pode nos separar agora.

— Contente por ela preocupar-se com ele, Arturo partiu com um sorriso nos lábios.

Os fiéis ainda estavam ocupados em suas orações, quando Harry Hinson percorreu as ruas estreitas de Tânger à procura de um bar suspeito que um marujo havia lhe descrito como ponto de encontro do mercador de escravos Omar ai Nasr.

Ao localizar o lugar em uma das aléias da casbá, entrou na sala enfumaçada que recendia a café e suor.

Reclinados em grandes almofadas sobre o chão sujo, homens com a vestimenta branca da cidade ou a o colorido da das tribos dos desertos conversavam animadamente.

Nervoso, Hinson se sentou em uma mesa baixa ao lado da porta, perguntando por Omar ao serviçal que, atendeu.

Em silêncio, o homem lhe apontou um sujeito, vestido com a roupa vermelha

dos mercadores de escravos, sentado em uma mesa.

Imediatamente,, o inglês se ergueu para ir abordar o homem de aparência lustrosa num francês canhestro.

— Perdoe-me, você é Omar ai Nasr?

— Oui — respondeu o árabe, perscrutando-o. — Deseja fazer negócios comigo?

— Sim, senhor,

— Então, sente-se. — Omar indicou-lhe a almofada a sua frente. — Duas xícaras de keshreh — ordenou ao serviçal.

Feito das cascas dos grãos de café e temperado com canela e cravo-da-índia, o keshreh era uma bebida saborosa que Harry tomou lambendo os lábios, e pedindo para repetir a dose.

Com um olhar desaprovador para as maneiras do estrangeiro, Omar chamou o serviçal, solicitando mais uma xícara da bebida. Então, bebericando o café, perguntou ao inglês:

— Disse que quer fazer negócio comigo, efêndi. Pretende comprar ou vender?

— Fala inglês, Omar? — perguntou Harry, desejando facilitar a negociação.

— Em minha profissão é necessário falar várias línguas — respondeu Omar em inglês. — Francês é apenas a segunda língua do Marrocos.

— Ótimo — exclamou Hinson, mais confiante. — Estou vendendo uma mercadoria muito especial, talvez nunca tenha visto; uma mulher branca.

Omar ergueu uma das sobrancelhas, não parecendo muito impressionado.

— Ela é européia?

— Americana. Mas isto não faz muita diferença, não ?

— Tem cabelos claros?

— Dourados, e a pele é branca como creme. Vocês gostam muito disso, eu sei.

Ornar tentou aparentar indiferença, mas seu interesse estava evidentemente aguçado. Mulheres brancas e ainda de cabelos claros se constituíam em mercadoria rara no norte da África, portanto, eram muito valiosas.

— Qual a idade dela?

— Dezenove ou vinte, e linda como um quadro.

— É virgem?

O marinheiro fingiu-se ofendido.

— Naturalmente.

— Onde está? Gostaria de vê-la.

— Está no meu navio, mas preciso dessas roupas que as mulheres usam por aqui para poder trazê-la até você.

— Eu lhe fornecerei um véu — ofereceu Ornar. -Vamos até minha casa.

Os homens saíram do bar e enveredaram pelas ruas tortuosas da cidade, detendo-se em frente a uma construção de dois andares. Ao entrarem pela porta estreita chegaram a um pátio ornado com canteiros de flores e uma fonte no centro.

Um eunuco apareceu e retirou-se tão rapidamente quanto havia surgido para cumprir as ordens de seu senhor. Ornar não convidou o marinheiro para entrar em casa, permanecendo com ele no pátio, aguardando o eunuco trazer o yashmak. Momentos depois, o criado estava de volta com a roupa volumosa cuidadosamente dobrada em uma imensa cesta.

— Yasir o acompanhará até o navio, depois o guiará de volta — disse o mercador.

— Muito gentil de sua parte, Omar.

Harry deu um tapinha nas costas do marroquino. As coisas estavam correndo melhor do que esperara. Valera a pena matar Turk para impedi-lo de levar a moça!

— Vamos então, Yasir. Não vamos deixar seu senhor esperando.

Omar observou o par ir embora, dirigindo-se posteriormente à fonte, onde lavou os braços. Podia não ser um muçulmano devoto, mas não suportava o toque de um infiel.

Deixando o escravo nas sombras do cais, Harry subiu a prancha de embarque para executar seu plano.

O vigia o observou subir, mas não disse nada, acostumado às variações de humor do marinheiro, às vezes amigável e falante, às vezes soturno e fechado.

Naquela noite, Hinson estava comunicativo.

— Bonsoir, Harry. Divertiu-se na cidade? Vejo que trouxe um presente. O que é? — perguntou o vigia.

— É para minha mãe — respondeu o inglês, em tom sentimental. — Procuro comprar algo para ela em cada porto.

Paul balançou a cabeça em sinal de aprovação enquanto Harry passava.

— Um homem precisa lembrar-se da mãe. De minha parte, sempre compro presentinhos para meus seis filhos. Eles...

Atingido na cabeça por um porrete que Hinson guardara dentro da cesta, o vigia desmaiou no convés.

O inglês então foi em busca do outro vigia, Jean, que acabou encontrando no tombadilho, lutando contra o sono recostado na amurada. Foi fácil chegar por trás e derrubá-lo.

Com os dois vigias fora do caminho, ele rumou para as cabines, seguindo na ponta dos pés até a porta de Danielle e abrindo-a de mansinho. Pela fresta, pôde ver a moça cortando um tecido brilhante sobre a mesa.

Depositando a cesta no chão, o marujo tirou um frasco do bolso e encharcou um lenço com o conteúdo. Entrou sem fazer o menor ruído.

Como estava de costas para a porta, Danielle mais pressentiu do que ouviu a presença de alguém entrando. Olhando por sobre o ombro, deparou-se com o inglês que vinha em sua direção com um lenço na mão.

Por instantes, lutou para que ele não conseguisse fazê-la respirar a droga de odor adocicado, cuja lembrança ainda trazia bem vívida na mente. Desvencilhando-se, correu para a cama em busca da pistola sob o travesseiro, mas foi agarrada pelo pescoço, sendo lentamente sufocada. Antes de desmaiar, porém, atingiu Harry com a tesoura no dorso da mão.

Gritando de dor, o homem a soltou, e Danielle caiu no chão. Segurando a mão, tentou deter o fluxo de sangue que caía em gotas por toda a cabine. Encontrando uma toalha, estancou o sangue antes de verificar o estado de sua vítima.

Rolando-a no chão, constatou que estava apenas desmaiada, em parte por causa do ópio, em parte pelo estrangulamento. Manchas escuras já lhe apareciam no pescoço. Ele só esperava que esse detalhe não lhe diminuísse o valor.

Retirando a cesta do corredor, pegou o véu e o colocou sobre as roupas de Danielle, sem saber se a posição estava certa ou não. Em seguida, ergueu-a sobre o ombro e a carregou para fora.

Ao cruzar o convés, em direção à prancha de desembarque, deparou-se com Félix, que vinha da popa. Apesar da miopia, o cozinheiro percebeu que algo de errado estava acontecendo por ali.

— Ei, você — ele chamou. — O que está levando aí?

O inglês esperou que o velho se aproximasse mais e, com a mão livre, sacou de uma faca e atirou-a, certa, bem no meio do peito do homem. Com um gemido e um olhar de perplexidade, Félix desabou no convés.

Em seguida, Harry levou a carga preciosa para o eunuco que aguardava nas sombras. Juntos, abraçaram a moça, e meio carregando-a, meio obrigando-a a caminhar, sumiram pelas ruas escuras de Tânger na direção da casa de Omar,

CAPITULO XVI

Com um sorriso, Arturo ouvia as entusiasmadas descrições que Pat fazia da vida noturna de Tânger enquanto retornavam ao Madalena. Encontrara o rapaz e Jacques no caminho para o navio, e agora seguiam juntos em clima de camaradagem.

Ao avistar a portinhola da cabine de Danielle e ver a luz acesa, teve a feliz certeza de que ela o aguardava.

Sua alegria durou pouco, cedendo imediatamente à apreensão quando nenhum guarda os saudou à subida da prancha de embarque.

Inquieto, chamou pelo vigia, quase tropeçando em seu corpo enquanto escalava apressado a prancha, com Pat e Jacques em seus calcanhares.

— Pat, fique com ele — pediu, depois de constatar que Paul estava vivo. — Jacques, tente achar Jean.

Um pressentimento funesto o fez disparar em direção à escotilha.

— Danielle! — gritou desesperado.

Quando Arturo entrou na cabine, constatou que suas piores suspeitas se confirmavam. Danielle fora raptada. Os indícios eram claros: a tesoura ensanguentada no chão, manchas de sangue pelo assoalho e sobre a peça de tecido, uma estranha cesta em um canto da sala.

De repente, um grito de angústia vindo do convés levou-o a interromper as investigações.

— Venha rápido, capitão. Alguém matou Félix — soluçava Pat, ajoelhado ao

lado do cozinheiro nas sombras do tombadilho, quando Arturo o encontrou. — Por que alguém quereria matá-lo? — perguntou o camaroteiro, choramingando.

Arturo também se ajoelhou ao lado do homem, colocando-lhe os dedos no pescoço, constatando com alívio que ainda respirava.

— Está vivo. — Cuidadosamente, o capitão puxou a faca do peito do cozinheiro e estancou o sangue, gritando por Jacques.

— Aqui, Turo. — O imediato os alcançou, a preocupação estampada no rosto.

— Encontre um médico.

— Oui, imediatamente.

Erguendo com cuidado o cozinheiro nos braços, Arturo o levou até sua cabine, onde o acomodou na Cama.

— Mademoiselle Danielle — ele disse com esforço.

— Sumiu — respondeu Arturo, angustiado.

— Harry... a levou, Turo. Precisa encontrá-la.

— Nós a traremos de volta, mon ami. Descanse agora. Um médico logo estará aqui.

— Um estrangeiro — ele suspirou com desaprovação, mas desmaiou em seguida.

Arturo ordenou a Pat que permanecesse com Félix até a chegada do médico, dirigindo-se depois ao convés.

Junto à prancha de desembarque, a tripulação começava a se reunir pouco a pouco ao retornar da cidade. Ao perceber a expressão contrafeita do capitão, Narcisse foi ter com ele, afastando-se do grupo que agora resmungava entre si.

— E verdade que Danielle sumiu, como Jacques nos contou?

— Félix disse que Harry Hinson a levou — respondeu Arturo com voz grave.

— Está saindo para procurá-la? — perguntou o timoneiro alvoroçado.

— Sim, embora não saiba o que posso fazer a essa altura da noite.

— Irei com você — anunciou Narcisse, enfático.

— Eu também — disse Falgout, aproximando-se.

— E... eu idem — gaguejou Dazet, ao lado do inseparável amigo.

— Bem — começou Arturo, avaliando a equipe de resgate e lutando contra o pavor que o entorpecia —, Falgout e Dazet, busquem Hinson e o tragam aqui, se puderem. Mas não se separem, em hipótese alguma. Narcisse, você vem comigo. Jacques ficará no comando do Madalena quando voltar com o médico.

Preocupados, os marujos seguiram para a zona portuária para indagar junto aos habitantes sobre o paradeiro de Danielle ou de Hinson.

Já era quase manhã quando Arturo e Narcisse voltaram da busca infrutífera. Aguardando-os na prancha de desembarque, Jacques não precisou fazer perguntas para perceber, pela expressão dos homens, que Danielle continuava correndo perigo.

— Segundo o médico, Félix sobreviverá — informou o imediato tentando melhorar os ânimos.

Falgout e Dazet também não trouxeram boas novas. Ao avistarem o capitão sacudiram as cabeças, pesarosos, e rumaram para o castelo de proa.

Depois de algum tempo, só Arturo permaneceu no convés, andando para cima e para baixo, refletindo que só lhe restava a alternativa de encontrar Hinson e espancá-lo até que revelasse o paradeiro de Danielle. Estava resolvido, a trazê-la de volta de qualquer forma, nem que fosse necessário vasculhar Tânger, revistando casa por casa.

Danielle acordou sedenta e com uma terrível dor de cabeça. Encontrava-se num lugar escuro, pequeno e abafado, e onde se aglomeravam cerca de trinta mulheres. Algumas dormiam; outras, agrupadas, choravam e se lamentavam em árabe. Apenas uma, Layla, uma persa que falava um pouco de francês, se aproximou de Danielle, informando que quem a havia comprado fora o mercador de escravos Ornar ai Nasr.

— Não posso ser comprada ou vendida — ela esbravejou. — Sou uma mulher livre.

— Talvez fosse livre antes, mas não é mais, mademoiselle — disse alguém com voz rouca e feminina. — Tente aceitar seu destino. Será melhor assim.

Danielle se voltou e examinou o homem de olhos escuros e lacrimejantes que a encarava.

— Sou Yasir, chefe dos eunucos de Omar ai Nasr. Não há nada a temer aqui.

— Nada além da escravidão!

— Mas, mademoiselle — ele ponderou com ar indulgente —, uma mulher de

sua beleza não será uma escrava comum. Na verdade, meu senhor planeja vendê-la para um agente matrimonial. Será uma grande sorte.

- Gostaria de falar com seu senhor — ela pediu friamente,
- Se insiste. Mas ele não a escutará.

Quando o mercador apareceu, Danielle imediatamente lhe dirigiu a palavra, apesar da enorme repulsa que lhe causava a aparência suja e desdentada do homem;

— Bonjour, monsieur Omar ai Nasr. Deve ter havido algum engano. Não sou escrava.

Omar a encarou com desprezo. Comprara uma mulher atrevida, cuja ousadia nenhum véu conseguiria ocultar. De qualquer maneira, agora precisava tirar o máximo proveito da mercadoria.

— Seu antigo senhor me disse que você diria isto, mulher traiçoeira — ele retrucou asperamente. — Não vai lhe adiantar de nada. Agora me pertence e me obedecerá sem discutir.

— Não sou propriedade de ninguém — ela o desafiou e ergueu o queixo, para espanto das outras mulheres que, embora não entendessem francês, podiam deduzir o teor da conversa.

— Mulher inútil! Malditos sejam seus pais! Não use esse tom comigo — explodiu Ornar, tocando a adaga que usava na cinta — ou pessoalmente aplicarei bastonadas nas solas de seus pés! Depois de dez aplicações da vara, asseguro-lhe que irá cooperar.

Layla se aproximou, sussurrando:

— Contenha-se, mademoiselle. Ouvi dizer que a bastonada é terrivelmente dolorosa.

— Ouviu certo. — Omar assegurou com uma careta. — Agora, infiel, fique aqui, e mostre o devido respeito a todos que encontrar até meu eunuco vir buscá-la.

Arturo vagava pelas ruas de Tânger, massageando os músculos tensos do pescoço. Depois de conversar com vários marinheiros e não obter nenhuma informação útil, dirigia-se agora ao prédio da polícia do sultão. Tivera de encontrar o lugar sozinho, pois Diego Montera, a quem enviara um bilhete pedindo ajuda, já havia partido da cidade durante a madrugada.

Na porta em que batera havia uma pequena abertura através da qual o porteiro comunicou-se com ele, de mau humor. Segundo o homem, só haveria

alguém ali para recebê-lo pela manhã, antes das orações do meio-dia. Dito isto, fechou a pequena janela na cara de Arturo.

Sem rumo, o capitão vagou pelo labirinto de ruas estreitas, passando por residências onde as pessoas estavam acabando de acordar e mesquitas cercadas de mendigos adormecidos àquela hora. Por fim, entrou no bairro judeu, o millah, onde encontrou por acaso um mercador que se preparava para começar o trabalho.

Gideon ben Amasa, cambista e vendedor de óleo de oliva, vinho e frutas, estava sentado num banco coberto por um tapete, bebericando café e tomando sol à espera do primeiro cliente. Observando o estrangeiro com interesse, fez um gesto convidando-o a ir beber com ele.

Ao saber que Arturo falava inglês, francês e espanhol, o judeu ficou feliz de poder exercitar-se nos três idiomas. Logo, os dois homens, apesar da diferença de idade e cultura, dialogavam como velhos amigos. E foi no curso da conversa que Gideon soube das razões de Arturo para estar em terra,

— Receio, capitão De Leon, que não vá conseguir muita ajuda de ai Hammid — avisou o mercador. — Ele dirá que problemas ocorridos no Madalena são de sua inteira responsabilidade. O representante do sultão tem outras preocupações mais importantes... como coletar propinas.

— Está querendo dizer que devo tentar suborná-lo?

— Não faria mal. — O velho deu de ombros. — Deve tentar de tudo, embora não saiba se no caso de ai Hammid tal expediente adiantará muito. Ele não gosta de infiéis. De qualquer maneira, gostaria de colaborar com você. Procurarei saber, no millah, se alguém ouviu falar da moça. Se voltar ao amanhecer, eu lhe direi o que descobri.

— Merci, Gideon, merci beaucoup.

O sol estava alto quando Arturo voltou ao quartel da polícia, sendo atendido por um ajudante de Khalid, que o levou até a sala de recepção, partindo, em seguida, para avisar o comandante da presença do estrangeiro.

Do outro lado da saia, alguns velhos, sentados em divãs, interromperam a tagarelice quando o capitão entrou, só retomando as conversas ao perceberem que ele se sentara quieto num travesseiro, aguardando sua vez.

Passou-se mais de uma hora e ninguém foi chamá-lo.

Cansado de esperar, Arturo se dirigiu ao pátio do quartel, para refrescar a cabeça, imaginando se Khalid o atenderia, afinal. Recostando-se em uma laranjeira, olhou distraidamente as pessoas na rua através das grades do portão.

— Então, aí está o senhor, capitão De Leon. O que quer de mim? — indagou ai Hammid, da soleira da porta, num tom desdenhoso.

— Bom dia, comandante. Obrigado por haver decidido me atender — respondeu De Leon, com fina ironia. — Preciso de sua ajuda. A moça que trazia comigo foi raptada.

— Avisei-lhe dos perigos que uma mulher sem véu corre em Tânger — ele replicou friamente.

— Ela não veio a terra — retrucou Arturo, a custo controlando a raiva. — Foi raptada do navio por um dos marinheiros que contratei para esta viagem.

— Que Alá nos proteja de servos desleais — exclamou Khalid, erguendo os olhos para o céu. — De qualquer forma, não entendo que tipo de ajuda está querendo de mim.

— Quero que organize uma busca.

O comandante inclinou a cabeça para trás, numa sonora gargalhada.

— Acha que eu ou você conseguiríamos encontrar uma mulher em Tânger? Precisaríamos de um exército para vasculhar toda a cidade. Além disso, a moça já deve ter sido transferida para algum harém no Cairo ou Damasco. Nunca a encontrará.

— Talvez — ponderou o capitão, sentindo uma pontada no peito com as palavras do árabe —, mas com sua ajuda pode haver uma chance de localizá-la.

— Muito bem — disse Khalid, suspirando com enfado. — Mandarei alguns de meus homens perguntarem aos proprietários das grandes casas de leilão de escravos se a viram. Porém, fora isso...

— Agradeço por sua bondosa assistência — cumprimentou-o Arturo, com sarcasmo. — Eu a encontrarei sozinho. — Dando meia-volta, saiu do quartel, deparando-se com Jacques que o esperava na rua.

— Ele nos ajudará, Turo?

— Mandará os homens darem uma busca no mercado de escravos. Mais nada.

— O que faremos agora?

— Vamos à casbá — decidiu o capitão. — Perguntaremos no bazar e em toda a parte da cidade, se conseguirmos. Se Danielle estiver em Tânger, nós a encontraremos.

Da casa de Farhan ibn Sa'íd no topo de uma montanha, Danielle podia ver o

Madalena ainda atracado no porto, embora já devesse ter partido. Sabia que Arturo estava a sua procura, mas não tinha idéia de como poderia encontrá-la num país onde as mulheres usavam roupas que as cobriam dos pés à cabeça. Como ele a localizaria em um dos inúmeros haréns do mundo muçulmano?

Examinando o luxuoso apartamento que lhe servia de prisão, suspirou desesperançada.

Embora estivesse sendo bem tratada por Farhan, ela só pensava em sua liberdade. O agente matrimonial lhe propiciara comida em abundância, banhos requintados, roupas suntuosas e até mesmo escravos para servi-la. Tudo isso, porém, não mudava sua condição.

De qualquer maneira, não havia chorado nem lamentara seu destino, comportando-se com silenciosa dignidade. E fora esse seu comportamento que conquistara a simpatia de Abdul, chefe dos eunucos de Farhan.

Apesar do papel de carcereiro, o servo tratara-a com extrema gentileza desde o primeiro dia em que chegara à casa de Farhan.

— Não tenha medo, mademoiselle — dissera-lhe Abdul ao levá-la à presença de seu senhor, impressionado com o porte altivo de Danielle. Só podia ser uma princesa em seu próprio país, refletira o eunuco, pois apenas a nobreza dotava as pessoas de força para encarar a adversidade com tanta elegância. A estrangeira era mesmo uma pérola de grande valor.

Quando ela se viu frente a frente com o homem de meia-idade e de aspecto cansado, manteve a cabeça erguida, a despeito das instruções do eunuco em contrário.

Examinando-a atentamente, Farhan começou a entrevista.

— Meu nome é Sidi Farhan ibn Sa'id, seu senhor por ora. Como se chama?

— Danielle Marie-Christiane Valmont, da América.

— Como era o nome de seu pai?

— Laurent Valmont — ela hesitou, surpresa com a pergunta.

— Muito bem, então, Danielle bint Laurent, filha de Laurent. Sei que tem boa saúde, graças a Alá. Todavia, sei também que não é mais virgem.

— Como... como sabe?

— Omar a examinou enquanto estava inconsciente — ele respondeu, impassível. — Agora quero saber se já teve filhos.

— Não — ela sussurrou, horrorizada com a invasão de sua intimidade.

— Inshallah! — exclamou Farhan desapontado, pois uma boa parideira alcançaria melhor preço no mercado. — Não importa. Você é jovem e dará muitos filhos a seu marido.

— Por favor... Já estou prometida em casamento. Deve soltar-me.

Farhan franziu a testa, aborrecido.

— Alá é quem decide nosso destino. Agora, dispa-se — ordenou o agente, fazendo um gesto negligente com a mão.

Embora Abdul já a tivesse preparado para aquilo, Danielle sacudiu a cabeça em negativa, o rosto pálido como cera.

— Não desejo machucá-la, mas preciso ver o que comprei. Se não remover a roupa, pedirei a Abdul que o faça por você.

— Obedeça, mademoiselle — o eunuco sussurrou-lhe da soleira da porta.

Relutante, Danielle obedeceu a ordem. Desabotoou o caftã dado pelo eunuco e permitiu que a roupa deslizasse por seu corpo, indo formar um monte a seus pés. Embora envergonhada, manteve o olhar fixo em Farhan, apenas uma veia pulsando forte no pescoço evidenciando-lhe a tensão.

— Você é adorável — ele comentou, satisfeito, observando os seios firmes, as curvas sinuosas das pernas, a cútis perfeita. — Eu lhe encontrarei um marido rico e poderoso, Danielle bint Laurent, de modo que seus filhos venham a ser leões do deserto. Agora, pode vestir-se. Abdul a acompanhará de volta ao quarto.

Com o fim abrupto da entrevista, Danielle obedeceu à ordem do agente e partiu, abalada por ser vista apenas como urna mercadoria.

— Hayya ala s-sala, venham para as orações. — O chamado do imã soou pela cidade, mas Falgout quase não o ouviu, andando nervosamente pelo convés do Madalena, pressentindo a hora em que Diego Montera apareceria a sua frente para reclamar a partida do navio. O bergantim estava carregado de especiarias à espera apenas da ordem do capitão para levantar as velas.

Entretanto, agora Arturo estava dormindo em sua cabine, assim como Jacques, após vários dias de busca infrutífera. Era como se a moça houvesse sido engolida pelas estreitas e hostis aléias de Tânger. Por quanto tempo ainda permaneceriam tentando resgatá-la era uma pergunta para a qual Falgout não conseguia imaginar uma resposta.

Como se tivesse subitamente vindo para acalmar suas inquietações, Arturo emergiu da escotilha, a aparência fatigada.

- Como está Felix? — perguntou o capitão a Pat.
- Descansando, mas louco para voltar a andar de lá para cá — respondeu o garoto com um sorriso. — Posso lhe trazer café, 'senhor?
- Não. Já perdi muito tempo. Por que ninguém me acordou?
- Porque eu disse para que não o fizessem — respondeu Narcisse, da proa.
- Desde quando você dá ordens por aqui? — esbravejou o capitão.
- Eu e Falgout apenas concordamos que precisava dormir e... comer, não é, Falgout? — ele disse em voz alta.
- Oui — respondeu o segundo oficial, bastante contrafeito. — Pat., vá pegar algo para o café do capitão.
- Não vai ajudar Danielle em nada, se ficar doente — argumentou o timoneiro com sensatez.
- Preciso encontrá-la. Mas como? — Arturo resmungou distraidamente, indo até a amurada de onde contemplou a zona portuária como se pedisse para que alguém lhe desse alguma resposta.
- Turo — disse Narcisse, com hesitação —, tenho esperado inutilmente por notícias de Danielle todos os dias no quartel da polícia. Odeio dizer isto, mas acho que a perdemos para sempre, amigo.
- Vai desistir sem lutar? — retrucou Arturo, furioso.
- Mostre-me um inimigo e eu o enfrentarei — respondeu Narcisse à altura. — Porém você a tem buscado, dia e noite, sem descansar sequer quando o sol está a pino. Os árabes dizem que está louco. Por isso, não "-... o ajudam.
- Também não me fazem mal — respondeu o capitão secamente.
- É verdade. Dizem que dá má sorte molestar um homem louco.
- Preciso encontrá-la, Narcisse — resmungou De Leon. — Não teria sido raptada se eu não a tivesse tirado de Nova Orleans, se não a deixasse aquela noite, se a tivesse protegido...
- Se, se, se — repetiu Narcisse, suspirando. — Se não a amasse, poderia partir com a próxima maré, hein, mon capitaine!
- Você a ama também — disse Arturo baixinho.
- Oui — replicou o timoneiro com tristeza —, mas ela lhe pertence, e eu o

ajudarei a encontrá-la.

— Três bien. Voltarei ao quartel da polícia, e você continuará a busca. Somos ambos loucos.

Fortalecido pelo sono e a comida improvisada de Pat, Arturo deixou Jacques dormindo e, antes de ir à polícia, foi visitar Gideon, o que já se tornara um hábito a cada manhã. Depois do entardecer, também voltaria em busca de notícias.

Àquela altura dos acontecimentos, toda a família do homem, incluindo primos, sobrinhas e sobrinhos, havia se envolvido na busca desesperada do pobre homem. Principalmente Zared, sobrinho do mercador, recém-casado com uma moça cristã, o que lhe causara inúmeros problemas. Depois de ter enfrentado muitas dificuldades por amor, o rapaz mostrara-se determinado a ajudar o capitão. Disfarçando-se de homem do deserto, foi à zona portuária tentar melhor sorte que a de Arturo, mas nada obteve.

Até o neto de Gideon, Isaac, procurou ajudar De Leon, misturando-se aos garotos de rua que ficavam zanzando fora das casas de banho, tentando ouvir a conversa dos mercadores. Foi inútil.

Arturo estava prestes a interromper a busca até depois das orações noturnas, quando localizou as presilhas prateadas de Danielle em uma barraca de jóias na calçada.

— Onde conseguiu isto? — ele vociferou, agarrando as jóias e encarando o amedrontado comerciante,

O homem, um armênio, recuou tão depressa que acabou batendo a cabeça no topo da tenda. Esfregando a cabeça, respondeu defensivamente num francês bastante precário:

— Eu as comprei, efêndi. Não as roubei. Alá é testemunha de que sou um comerciante honesto.

— Tenho certeza disso. Mas, por favor, diga-me — solicitou o capitão, lutando para conter a ansiedade —, de quem as comprou?

— De outro efêndi.

— Não sabe o nome dele?

— Apenas fizemos negócio. Era um estrangeiro. Não somos amigos. Veio com alguém que conheço.

— Quem? — Arturo manteve a voz em tom baixo com muito esforço. — Pode dizer-me quem era?

— Yasir, servo de Omar ai Nasr, o mercador de escravos — respondeu o comerciante com evidente hesitação. Em toda Tânger corriam histórias sobre o capitão meio louco, com seu blasfemo lenço verde ao pescoço, procurando informação sobre uma mulher branca que fora raptada por um membro de sua própria tripulação. Quem sabia o que poderia fazer se soubesse como ele e Yasir haviam conspirado para enganar o insuportável estrangeiro no assunto das presilhas? Eles as haviam comprado por uma bagatela para vendê-las depois a um preço exorbitante.

— Onde vive esse Omar?

Silenciosamente, o armênio estendeu a palma da mão, provando o que Diego dissera a respeito do Império Otomano.

Propinas... Podiam ser a ruína financeira de qualquer homem que tentasse fazer negócios por ali. De cara amarrada, Arturo depositou uma moeda de prata na mão estendida.

— A casa de Omar aí Nars fica próxima ao South Gate. Pergunte a algum dos mendigos das redondezas quando chegar ao portão.

— Mera — resmungou o capitão. Lembrando das presilhas que ainda trazia entre os dedos, perguntou: — Quanto custam?

Como havia planejado, o comerciante cobrou um preço exorbitante que o capitão pagou sem pestanejar. Americanos tolos! O armênio sacudiu a cabeça, impressionado.

Após distribuir propinas entre os mendigos perto de South Gate para descobrir o endereço do mercador de escravos, o corsário finalmente alcançou seu destino. Batendo no portão da casa de Omar, foi atendido por um escravo.

— Preciso ver seu senhor — declarou Arturo em francês. — É muito importante.

— Isto não é possível — respondeu o homem, espiando pela porta entreaberta.

— Você é Yasir?

— O que quer com Yasir? — indagou o eunuco, cauteloso.

— Acho que ele sabe algo sobre a mulher que usava isto. — Arturo mostrou as presilhas.

— Se esse Yasir tivesse a informação que deseja, pagaria o quanto ela vale?

Em silêncio, o capitão tirou um punhado de moedas do bolso.

— Eu sou Yasir — admitiu o escravo após uma breve avaliação das moedas.

— Desconfiei que sim. Bem, onde está a mulher?

— Realmente, efêndi, você tem a chave que abrirá a porta da verdade. — Sem pudor, Yasir estendeu a mão, fazendo-o ainda várias outras vezes até passar toda a informação desejada.

Exasperado, Arturo foi depositando moeda após moeda a cada frase obtida.

— Ela foi vendida para Farhan ibn Sa'id, hakim, o agente matrimonial.

— Agente matrimonial! — Arturo quase engasgou. — Onde posso encontrá-lo?

— Efêndi, terei prazer em levá-lo pessoalmente até lá se devidamente recompensado — respondeu o escravo, chacoalhando as moedas que já tinha na mão.

— Cobra tanto para trabalhar como guia quanto para dar informações? — perguntou o pirata, depositando uma moeda de ouro na palma de Yasir.

— Não, monsieur, apenas uma pequena peça de prata. Mas vamos, precisamos nos apressar.

Olhando de relance por sobre o ombro, ele se esgueirou pelo portão e avançou rua abaixo.

Após longa caminhada, subiram uma colina íngreme e pararam em frente a uma casa enorme.

— Aqui mora Farhan ibn Sa'id, efêndi, mas não vejo os guardas. Não creio que vá encontrar a moça aí.

— Nunca saberei, se não perguntar. — Arturo começou a bater nas portas duplas, com toda a força.

— Não pode bater na porta assim. Este é um dos bairros mais ricos da cidade. Vai atrair a polícia ou os guardas de Farhan contra nós.

— Que venham todos! — exclamou Arturo, continuando a bater.

— Devo dizer-lhe adeus, monsieur — apressou-se Yasir. — Preciso voltar para a casa de meu senhor.

O capitão não respondeu nem olhou para o jovem eunuco que partia em desabalada corrida colina abaixo.

Por fim, uma das portas na lateral da casa se abriu. Um velho eunuco apareceu, espiando com ar desconfiado o americano persistente.

— Que quer? — ele exigiu em árabe.

— Procuro por monsieur Farhan ibn Sa'id. Você fala francês?

— Oui — concordou Abdul, embora não abrisse a porta para o estrangeiro. Seu senhor e a maior parte dos guardas haviam acabado de partir com várias mulheres para um funduq, onde as mulheres seriam mantidas até a venda no dia seguinte. — Farhan ibn Sa'id é meu senhor. Que deseja dele?

— Sou o capitão Arturo De Leon e procuro uma moça...

— Veio ao lugar certo, então. — O velho sorriu de forma insinuante.

— Não, não qualquer garota. Essa é americana, de cabelos loiros e olhos castanhos.

Então aquele reles infiel estava atrás da princesa, pensou Abdul, examinando Arturo com olhar crítico.

— Não há nenhuma mulher aqui, senhor.

— Não, espere! — O corsário segurou a porta desesperadamente quando o homem se preparava para fechá-la.

— Alá me guarde do demônio — gritou o eunuco, em pânico. — Vá embora, maldito! Vá antes que chame os guardas!

— Por favor, só quero encontrar a moça. Deixe-me falar com seu senhor.

— Ele não está, efêndi — retrucou Abdul, sentindo uma pontada de remorso diante da angústia do homem. — Além disso, se ele a comprou, já a vendeu. Ouça meu conselho e desista da busca. Nunca a encontrará dentro das paredes de um harém — concluiu o eunuco, batendo a porta.

— Não desistirei — praguejou Arturo, embora seu ânimo começasse a fraquejar.

Volte para seu mundo, rapaz, pensou o eunuco depois que Arturo foi embora. A mulher que procura agora pertence a meu mundo. Aqui ela será melhor servida. Eles a chamarão de emir, mãe de príncipes.

Abdul suspirou e voltou ao dormitório das mulheres para ver se a princesa estava precisando de algo.

Depois da discussão com o eunuco de Farhan, Arturo rumou para a casa de Gideon, onde encontrou, além da família reunida, quatro de seus oficiais: Jacques, Narcisse, Dazet e Falgout.

— Capitão, espere até ouvir as novas! — saudou-o Isaac.

— Que estão fazendo aqui? Têm novidades? — Arturo se dirigiu primeiro

a seus homens.

— O rapaz está tentando lhe dizer. — Jacques fez um gesto com a cabeça na direção de Isaac, que gesticulava impaciente para o americano.

— Acalme-se — disse Gideon com um sorriso indulgente — e diga o que sabe.

— Um leilão particular vai ser realizado amanhã num funduq perto do porto. Farhan ibn Sa'id oferecerá dez mulheres em casamento. Entre elas, há três brancas: uma de cabelos escuros; outra, ruiva e uma loira. Esta última, dizem, de excepcional beleza. Será vendida no final.

— Danielle — suspirou Arturo, afundando na cadeira ao lado de Gideon.

— Acreditamos que seja — o velho afirmou com cautela.

— Estava na casa de Farhan todo o tempo! — rugiu o corsário.

— Esteve lá?

— Sim, e o eunuco me disse que ela não estava. Devia ter forçado a entrada.

— Os guardas o teriam matado. Farhan possui um pequeno exército.

— Então vamos todos nós — propôs Narcisse, inflamado.

— Não poderão com nós cinco.

— Seis — acrescentou Zared. — Ofereço minha espada.

— Sejam razoáveis, rapazes — ponderou Gideon. — Não podem invadir uma casa que mantém tantos guardas. Além disso, mesmo que conseguissem recuperar a mulher, não conseguiriam levá-la até o navio. Há uma grande distância entre a casa de Farhan e o porto.

— Mas preciso tentar — insistiu Arturo, desesperado. — Danielle é tudo para mim. Não posso deixá-la.

— Já amei uma mulher dessa forma — comentou o velho Gideon, compassivo — e o entendo. Só acho que devemos tentar outra forma de resgatá-la. Conheço um árabe que me deve um favor. Talvez ele consiga obter um convite para o leilão de amanhã. Direi que é para um de meus clientes árabes. Então, poderemos tirar a moça de lá bem debaixo do nariz de Farhan, se planejarmos bem nossa estratégia.

Reunidos em volta da mesa, as cabeças próximas umas das outras, os homens teceram um plano ousado. Mahalah, mulher de Zared, ia e vinha trazendo comida e bebida, lançando olhares preocupados na direção do marido.

— Será perigoso para você e sua família, Gideon — objetou Arturo.

— Não. — O velho sacudiu a cabeça grisalha com confiança. — Depois de assegurado o convite, minha parte no plano estará encerrada.

— E Zared?

Todos procuraram convencer Arturo de que o jovem era o mais indicado para passar pelo filho de um xeque em busca de uma esposa.

— Mahalah e eu planejamos partir para a Espanha na semana que vem. Agora, partiremos um pouco mais cedo, — O jovem deu de ombros. — Além disso, não sou conhecido por aqui. Posso me misturar à multidão antes que se dêem conta da ausência de Danielle. Não corro risco. E você e sua tripulação que precisam pensar numa forma de voltarem ao navio e partirem antes que consigam detê-los. Não será fácil.

— Estamos perdendo tempo nos preocupando uns com os outros — interrompeu-os Gideon, impaciente. — Precisamos colocar o plano em ação, — Olhou direta-mente para Arturo que, imerso em preocupações, não respondeu.

Foi a voz suave de Mahalah que conseguiu despertá-lo dos devaneios:

— Não hesite por minha causa, capitão. Zared disse que não há perigo, e eu acredito nele. Mesmo porque aprecia tanto o perigo quanto o amor. Não gostaríamos que perdesse a alegria da vida de casado. Para isso, precisa resgatar a mulher de seu coração.

— Está decidido, então — sentenciou Gideon, com um suspiro, quando Arturo concordou, com um gesto de cabeça. — Vou agora fazer minha parte.

Erguendo-se, o velho mercador foi procurar Ibn ai Mahsín, o cliente cuja inadvertida assistência poria o plano em ação.

CAPÍTULO XVII

Logo após as orações do meio-dia, o jovem e belo "senhor do deserto" e sua comitiva saíram do pátio do estábulo de Ibn ai Mahsin, que tivera a honra de assegurar-lhes a entrada no' leilão de escravos daquela tarde.

Montado no lombo de um burro, seu escravo pessoal o seguia impaciente, os olhos azuis brilhando sob o kaf-fiyeh, o típico lenço de cabeça dos árabes nômades. Arturo desaprovava o plano de Gideon, que transformara Zared em Turkia bin Ali, filho de um xeque do deserto, e ele e Isaac em escravos do nobre. Por ele, simplesmente resgataria Danielle do leilão, à força, com ajuda de seus

homens. Gideon, porém, garantira-lhe que essa era a única forma de serem bem-sucedidos.

Se dependesse da interpretação de Zared, o plano, sem dúvida, daria certo. Empertigado sobre o ligeiro pônei do deserto que o tio lhe arrumara, conversava com o árabe a seu lado como um verdadeiro nobre. Sua experiência com os muçulmanos o ajudava muito.

Por sua vez, Ibn ai Mahsin estava tão encantado de poder ajudar o filho de um xeque a conseguir casamento que não parecia suspeitar de nada. Esperava-se que o efeito fosse o mesmo no leilão.

Para completar o quadro, os três ferozes "soldados" de bin Ali, Falgout, Dazet e Narcisse, com os cabelos e olhos negros e a tez bronzeada, representavam bem os papéis que lhes haviam sido designados. Mesmo o pequeno Isaac encarnava sua parte com a devida seriedade, caminhando ao lado de Zared e gritando:

— Abram caminho, abram caminho!

Ao chegarem ao funduq, uma pequena multidão os aguardava, atraída pelas novas de que um nobre viria ao leilão. Os homens de Farhan, vestidos com uniformes brancos, zelavam pela segurança fazendo um cerco em torno da estalagem onde se realizaria o leilão.

O agente matrimonial e o hospedeiro da estalagem logo apareceram, mostrando-se igualmente excitados com a idéia de terem ali a presença do filho de um xeque.

Avaliando o jovem de alto a baixo, Farhan ponderou que, além de um grande anel de rubi, da adaga incrustada e de um raro servo branco, este não ostentava riqueza. Concluiu, contudo, após um olhar apreciativo para a bolsa recheada do nobre, que homens do deserto não costumavam mesmo demonstrar poder, apresentando suas posses apenas no momento oportuno. E, nestas condições, o jovem parecia qualificado o suficiente até para comprar Danielle bint Laurent.

A lembrança da jovem irritou o mercador. Trancada no andar de cima, a moça só aceitava receber Abdul, a quem enfeitiçara.

Felizmente, havia conseguido fazê-la beber o vinho drogado que lhe dera. Drogar escravos era costume em leilões, e se tornara necessário no caso da rebelde estrangeira. Se ela começasse a protestar na hora da venda, seu preço despencada. Que Alá o protegesse! Ao notar a careta de irritação do mercador, Arturo suou frio, supondo que haviam sido descobertos. Felizmente, porém, o homem os cumprimentou com grande cordialidade.

— As salaam 'alaykum, Ibn ai Mahsin.

— Wa 'alaykum as salaam, Farhan ibn Sa'id — respondeu o corpulento comerciante. — Deixe-me apresentar-lhe Turkia bin Ali.

— Seja bem-vindo, sua nobreza. — Farhan fez uma mesura.

Zared retribuiu o cumprimento gentilmente.

— Que Alá abençoe seu dia e muitos outros por permitir minha presença neste leilão, ibn Sa'id.

— Bondade sua, meu senhor. A honra é minha. Não quer desmontar? Meus empregados levarão os cavalos para o estábulo.

— Meus homens tomarão conta deles — declarou Zared imperiosamente. — É meu desejo que esperem aqui fora.

Zared desmontou primeiro, seguido de Ibn ai Mahsin, e, depois, fez um gesto brusco para Arturo, incitando-o a fazer o mesmo.

Obedecendo imediatamente, o pirata procurou manter a cabeça baixa para passar despercebido.

Enquanto pajem, Isaac seguiu à frente do cortejo, abrindo caminho para seu senhor que vinha ladeado pelo mercador de escravos e pelo comerciante, seguidos a certa distância por Arturo. Ele, por sua vez, ouvia os cavalos dos marujos relinchando, ao passo que os últimos desmontavam e encaravam os guardas de Farhan com desconfiança.

A sala onde entraram era longa, de teto baixo, com uma plataforma erguida na frente. Zared parou com as mãos na cintura e lançou um olhar arrogante por todo o recinto, em especial para os árabes sentados nas mesas baixas. O silêncio caiu sobre o lugar quando Farhan os guiou até uma mesa perto do tablado, especialmente reservada para acolhê-los.

Zared tomou o melhor assento, e Ibn ai Mahsin, regozijando-se com o tratamento diferenciado, o outro. Isaac permaneceu atrás do "amo", agitando freneticamente um leque para refrescá-lo. Parecia estar se divertindo muito com a farsa.

Arturo também se postou atrás de Zared, examinando cada detalhe do local. À direita da plataforma existia uma arcada estreita onde se podia divisar uma escada, aparentemente dando para o segundo andar. Pelo enorme eunuco que a guardava, as mulheres deviam estar lá em cima.

Havia cerca de cinquenta árabes na sala, alguns da cidade, outros do deserto, e até mesmo outros agentes matrimoniais dispostos a pagar o preço de

Farhan por uma mulher branca que lhes renderia o dobro em regiões remotas da Arábia. Todos olhavam de relance para Zared que mantinha postura ativa e inacessível.

Como se estivessem apenas esperando por eles, o leilão começou de imediato, exibindo mulheres que se revezaram na plataforma, visivelmente drogadas, enquanto os lances se sucediam.

Tendo indicado sua preferência por uma mulher branca, Zared se mantinha em silêncio, a não ser por algumas observações apreciativas sobre a "mercadoria" à venda.

Após a última mulher árabe ser vendida, podia-se sentir a expectativa da platéia pela entrada das moças brancas. Zared se inclinou para frente na cadeira, ordenando a Isaac que se afastasse. Dava a impressão de que o leque o incomodava. Fingindo desapontamento, o garoto se distanciou do amo, encostando-se na parede perto da porta.

Naquele momento, todos os olhos se voltaram para a mulher na plataforma, uma jovem morena e curvilínea, vestida num conjunto verde-esmeralda, que olhava estupidificada para os homens a sua frente como se não compreendesse onde estava.

Com as atenções voltadas para a moça, ninguém, a não ser Arturo, percebeu a saída sorrateira de Isaac que alcançou as ruas e, em disparada, rumou para o cais. Quem o visse correndo, iria supor que se tratava de um criado levando um recado para seu senhor. O menino, porém, sabia que sua missão era mais importante; o plano do capitão De Leon dependia dele. Quando fizesse um sinal, do cais, os canhões do Madalena começariam a atirar, criando confusão suficiente para que os americanos pudessem escapar, e ele e Zared sumir em meio à multidão.

Ao atingir a pequena praça onde o mercado fora construído, Isaac inalou profundamente, sentindo o cheiro do oceano. As docas estavam bem à frente, embora ainda não pudessem ser vistas por causa da multidão.

Enveredando por uma rua, percebeu que o trânsito de pedestres e animais ia ficando cada vez mais congestionado, parando de vez em quando. Parecia que um dos camelos de um negociante se rebelara e empacara no meio da rua estreita. Por mais que o homem fizesse, o animal não se movia.

Angustiado, o menino voltou à praça e tomou outra rua em direção às docas, na esperança de não haver perdido muito tempo.

— Mashallah — resmungou Zared quando a ruiva foi levada para o tablado.

— Seus cabelos são como um fogo que faz meu sangue ferver. Preciso tê-la — anunciou em voz alta para Ibn ai Mahsin.

O comerciante o mirou um tanto constrangido enquanto o mercador de escravos, de seu posto no tablado, abaixou a cabeça supondo que ninguém concorreria com o filho de um xeque. Entretanto, a beldade valia a pena, e logo um agente matrimonial deu um lance, ao qual Zared respondeu. Em seguida, outro homem se juntou aos dois, seu lance sendo igualmente coberto pelo suposto filho do xeque.

No alvoroço que se seguiu à saraivada de lances disparada pelo jovem nobre, Arturo aproveitou para

esgueirar-se na direção da arcada, guardada pelo imenso eunuco, cuja atenção parecia cada vez mais presa ao leilão.

Todavia, era necessário aguardar a salva de canhões para tentar subir as escadas e resgatar Danielle. O som dos tiros distrairia o eunuco, dando chance ao capitão de realizar o plano. Contudo, os canhões não atiravam. O que estaria acontecendo?

Nesse ínterim, para espanto geral, Zared lançou não só uma bolsa de ouro como também um raro e valioso camelo treinado por tuaregues, em troca da moça. Perplexo, o agente matrimonial se retirou do leilão, restando apenas o outro contendor.

Encantado com a audácia do falso nobre, o eunuco se afastou da porta para ver a bolsa que este depositara na mesa com um baque.

Era a oportunidade que Arturo esperava. Não podia aguardar mais pelo sinal do Madalena. Sacando da adaga que levava à cintura, subiu as escadas, alcançando um corredor onde várias portas se alinhavam, todas semi abertas, com exceção de uma. O pirata não teve dúvidas de que ali encontraria Danielle.

Tentou abrir a porta, mas, como imaginara, estava trancada. Não podia arrombá-la, a não ser que os canhões disparassem, distraindo os guardas. Teria acontecido algo a Isaac? Nunca deveria ter confiado tarefa tão importante a um menino! O som de passos subindo a escada alertou o pirata, que se refugiou nas sombras do corredor. Abdul surgiu no topo, encaminhando-se para a porta fechada. Devia ter estado observando o leilão da entrada da casa e agora retornava às suas responsabilidades.

Quando o eunuco se aproximou do quarto, Arturo saltou das sombras, agarrando-o antes que pudesse gritar pelos guardas. Colocando a ponta da adaga na garganta do homem, De Leon lhe sussurrou ao ouvido:

— Abra a porta.

— Prefiro morrer primeiro, maldito infiel — replicou Abdul que, antes de ser atacado, reconheceu Arturo sob o disfarce de árabe.

— Não me provoque — retrucou o capitão, espetando a pele do escravo e fazendo verter gotas de sangue.

— Nunca escapará, infiel — insistiu Abdul, embora tateasse a cintura em busca da chave do quarto. — Há guardas em cada porta. Morrerá se levar Danielle bint Laurent.

— Não poderei viver se não levá-la.

Abdul ergueu as sobrancelhas, surpreso, e virou os olhos na direção do pirata.

— Diga uma coisa, antes de matar-me, efêndi. Minha princesa... terá um lugar de honra em seu harém? Será sua primeira esposa?

— Será a única — replicou Arturo, aplicando, em seguida, um golpe com o cabo da adaga na nuca do escravo. Depois, vendo-o desmaiado, depositou-o gentilmente no chão.

— Descanse, velho — ele resmungou.

Estava na hora! Danielle prendeu a respiração ao ouvir vozes abafadas no corredor em frente à porta de seu quarto. Seria sua única chance de escapar. Segurando o pesado lampião de argila que escolhera como arma, correu para atrás da porta.

Ao contrário do que Farhan pensara, ela não tomara o vinho drogado, jogando-o disfarçadamente pela janela. Agora, segurando o lampião acima da cabeça, esperava que o mercador entrasse para poder apagar-lhe o sorriso presunçoso.

O homem que entrou, contudo, era alto e forte, usando roupas de um árabe do deserto, provavelmente um dos mercenários de Farhan. Teria de aplicar um golpe forte e certo se quisesse incapacitar inimigo tão formidável.

Ela baixou o lampião com toda força na direção da cabeça do intruso que, entretanto, desviou-se rapidamente, e, num átimo de segundo, segurou-lhe o pulso com um aperto de ferro.

O lampião caiu da mão de Danielle no solo acarpetado com um baque surdo, respingando óleo em sua trajetória.

Com um grito frustrado, Danielle atacou o homem selvagememente, lutando para alcançar a saída que acabara de ser fechada. O oponente, contudo, era

muito forte e a prendeu contra a porta com o corpo, imobilizando-lhe os braços acima da cabeça.

Determinada a não entregar os pontos, Danielle dobrou a perna, e com o joelho aplicou um golpe no adversário em suas partes mais sensíveis.

— Calma, mulher! Quer arruinar nossas chances de constituir família, se sairmos daqui vivos?

Quando a voz grave e terna de Arturo venceu o torpor causado pelo pânico, ela parou imediatamente de lutar.

— Danielle, meu amor, não me reconhece? — Ele manteve os braços dela presos com uma das mãos, enquanto que com a outra puxava o kaffiyeh da cabeça.

— Arturo?! — balbuciou perplexa. — Você veio me buscar!

— Claro que sim. Eu te amo — ele respondeu simplesmente.

Soltando-lhe as mãos, tomou-a nos braços. Com um grito abafado de alegria, Danielle o abraçou comovida, e eles se beijaram entre lágrimas.

— Você está bem? — ele perguntou emocionado. Dando um passo atrás contemplou-a, fascinado. A túnica de cetim dourado mal lhe cobria os seios, e a calça de tecido diáfano e transparente apenas realçava as pernas e as guias. — É pena que não tenhamos muito tempo, chère — ele disse com a voz rouca de desejo. — Mas agora precisamos descobrir um jeito de sair daqui.

O que haveria acontecido com os malditos canhões? Das escadas podia ouvir precariamente a voz de Zared, já começando a soar desesperada.

Assim que se encerrasse a venda da ruiva, os guardas iriam buscar Danielle.

Entretanto, se por um lado era perigoso esperar, por outro, sem o ribombar dos canhões que lhes garantiria cobertura, tornava-se impossível fugir. Todas as escadas estavam guardadas.

Arturo cruzou o quarto na direção da janela e dali avistou um pequeno jardim murado, deserto no momento por causa do leilão. Ali havia uma porta que dava para a rua. Era a sua única esperança.

Vistoriando o quarto, seguiu para o divã e, com a adaga, começou a cortar os lençóis em tiras. Prendendo-a umas às outras com nós de marinheiro, formou uma corda extensa o suficiente para permitir-lhes descer pela janela até o jardim abaixo. Após testar a resistência da corda improvisada, retirou o manto e a faixa que usava passando-os para Danielle.

— Precisa se disfarçar — ele explicou rapidamente. — Haveria uma revolução se a vissem vestida desse jeito.

O manto engoliu a figura esguia de Danielle, mas Arturo o enrolou em volta dela e o prendeu com a faixa, sobre a qual deixou o pano excedente transbordar. Em seguida, cortando o que restara dos lençóis em tiras grossas, enrolou-as na cabeça dela, criando um rude turbante. Apesar da precariedade do traje, quando Arturo terminou, ela poderia ser confundida com um pequeno e pálido garotinho das ruas, usando as roupas do irmão mais velho.

Recolocando o kaffiyeh, o capitão declarou:

— Se Deus quiser, agora não vamos chamar atenção. Logo o casal seguia para a janela, por onde De Leon desceu a corda.

— Acha que pode fazer isso?

— Sim — ela acenou com a cabeça, o turbante trinando-se perigosamente.

Ele a ajudou a subir no parapeito da janela, instruindo baixinho:

— Quando alcançar o chão, fique próxima da parede até eu descer.

— Sim, meu capitão — ela respondeu com um riso nervoso, beijando-o e, em seguida, pendurando-se cuidadosamente na corda.

Arturo conteve a respiração, certo de que ela seria notada a qualquer momento. Todavia, nem o alarme nem o muito esperado som dos canhões se fez ouvir. Quando Danielle alcançou o chão e recostou-se na parede, o pirata também desceu, juntando-se a ela.

Tomando-lhe a mão, ele a guiou até a saída do jardim, onde se detiveram por um momento, avaliando a perigosa jornada que tinham pela frente. Com apenas a garantia do disfarce, a fuga não seria fácil.

Entretanto, como em resposta a seus desesperados apelos, os canhões do Madalena começaram a soar do porto, onde o bergantim soltara as amarras do cais e se mantinha no lugar, preso apenas pela âncora. Isaac conseguira avisar a tripulação do navio!

Determinado a usar o momento a seu favor, Arturo abriu a porta e avançou em direção aos cavalos que os oficiais mantinham em prontidão, arrastando Danielle com ele. Mesmo a distância, pôde ver o alívio nos olhos dos marujos.

Enquanto se aproximavam dos cavalos, entretanto, os convidados do leilão começaram a ir para a rua, atraídos pelos tiros dos canhões. Farhan estava entre eles vistoriando a multidão em busca da valiosa escrava que havia sido roubada, como constatara quando subira para buscá-la, e se deparara com Abdul

inconsciente e o quarto vazio.

Quando o mercador de escravos vislumbrou a calca dourada de Danielle sob o manto que ela havia suspenso para facilitar a corrida, apontou a dupla em fuga e vociferou:

- Walhi, minha escrava está sendo roubada!

No mesmo instante, Dazet e Falgout flanquearam o casal, sacando as espadas. Narcisse também brandiu sua lâmina no ar, passando as rédeas dos cavalos para um cios primo de Gideon, disfarçado de árabe

O homem sorriu e levou os animais para trás da estalagem onde Zared já aguardava.

Turo! — exclamou Narcisse, passando-lhe um saorejiue arrancara de um passante.

— Merci - gritou o capitão, erguendo a arma para examiná-la. Embora não estivesse em boas condições teria de funcionar.

Formando um grupo, os americanos iniciaram a retirada pela mesma rota anteriormente tomada por Isaac. Precisavam atravessar a cidade a pé.

Do jardim por onde o casal escapara, um enorme eunuco saiu e, reconhecendo Danielle sob o disfarce de garoto, tentou agarrá-la, conseguindo apenas reter-lhe o rude turbante. Agora, com os longos cabelos loiros esvoaçando no ar, ela seguia de mãos dadas com Arturo. Na esquina da estalagem, o cortejo interrompeu a fuga, e ela percebeu que se encontrava no centro de um círculo. De um lado, Arturo enfrentava dois guardas com a espada e a faca; do outro, Narcisse, Dazet e Falgout lutavam contra os homens do mercador e uma horda de árabes irados.

Na soleira da porta ao funduq, Ibn al-Mahsin buscava o nobre Turkia bin Ali. Aproveitando-se da confusão, as duas outras mulheres brancas, companheiras de cativeiro de Danielle, encetaram uma fuga, seguindo em direções opostas.

O pirata desarmou dois dos guardas que o atacavam, brindo um e fazendo-o abandonar a perseguição, e detendo o outro por alguns momentos. Em seguida, em fuga desabalada pelo labirinto de ruas com os demais fugitivos, seguiu acenando para que a multidão lhes desse passagem. Dada a correria, num primeiro instante, os passantes não conseguiam atinar com o que estava acontecendo; porém, ao se darem conta da situação, uniram-se aos guardas na perseguição aos infiéis.

Mãos pareciam surgir de todos os lados arrancando o kaffiyeh da cabeça de Arturo e puxando os cabelos chamativos de Danielle.

Ao irromperem praça adentro, o guarda que os perseguia retomou a luta com o capitão, quase ao mesmo tempo da chegada de Dazet, Falgout e Narcisse, perseguidos de perto por Farhan e outros de seus homens.

O combate e o ribombar intermitente dos canhões criaram um pandemônio na praça, com mulheres gritando e camelos zuindo, empinando, derrubando barraquinhas e esmagando cestas.

Quando Dazet, com um rugido intimidador, ergueu uma gaiola com frangos e a lançou sobre os adversários, foi a gota d'água. Ao cair ao solo, a gaiola se quebrou, espalhando aves e penas para todos os lados, gerando ainda mais tumulto.

Em meio à confusão, vendo os protetores de Danielle ocupados, Farhan avançou sobre a valiosa escrava. Ela, porém, correndo para uma barraca de cerâmicas até então ainda intacta, agarrou uma tigela e a atirou contra o perseguidor.

O dono do artesanato, ao ver sua mercadoria sendo usada de modo indevido, também avançou contra Danielle aos berros. Sem pensar duas vezes, ela jogou um pote na direção do comerciante e, a partir de então, bem suprida de munição e em posição privilegiada, bombardeou os atacantes repetidamente, sempre mantendo um olho no pirata.

Este, após árdua batalha, logrou enterrar a adaga no peito do inimigo. Em seguida, de espada em punho, vasculhou ao redor em busca de Danielle, encontrando-a às voltas com vários atacantes que a cercavam.

Disparando ataques à direita e à esquerda, Arturo empurrou Farhan de lado e agarrou a mão dela. Juntos, dispararam na direção do porto, sendo, contudo, bloqueados pela aparição repentina de mais um eunuco corpulento, carregando uma imensa cimitarra.

Vagarosamente o casal recuou, entrando num corredor que dava para uma tenda de corantes, movendo-se entre os labirintos multicoloridos formados pelos tecidos pendurados para secar.

Com um grito furioso, o eunuco os perseguiu, brandindo a cimitarra no minúsculo espaço, cortando varais de tecidos finamente tingidos.

Correndo abaixados, os fugitivos alcançaram uma pequena clareira no fim do corredor onde o dono da tenda fervia as tinturas. Até então escondido atrás de uma pilha de tecidos dobrados, à espera do fim do tumulto, ao vê-los, ele

deixou de lado as precauções. Agitando os braços, gritou por socorro. Em seguida, investiu contra Danielle, sendo, porém, contido em sua tentativa pela própria tenda, cujas cordas de sustentação foram cortadas pelo eunuco enfurecido.

Enquanto o árabe era engolido por metros e metros de tecido brilhante, o casal conseguiu escapar a tempo, deparando-se com Narcisse que os cumprimentou com um sorriso.

— Parece bem, mademoiselle Danielle — ele disse, ofegante. — Que tal agora partirmos daqui? Já perdemos tempo demais nesta cidade, não, mes ami !

— Oui — respondeu Arturo solenemente —, vamos imediatamente ao Madalena.

Entretanto, antes que o trio pudesse escapar, uma risada triunfante fez-se ouvir atrás deles. Livre da tenda, o corpulento eunuco, resfolegando, avançou contra Arturo e Danielle.

De olhos fixos no guarda, o pirata esticou o pé e emborcou um pote de tintura fervente. O eunuco deu um grito agudo quando o líquido atingiu seu pé e salpicou de lilás o uniforme branco.

Os fugitivos aproveitaram para iniciar nova corrida de volta à praça, agora em ruínas. A maior parte dos homens de Farhan estava fora de combate, e o próprio gemia perto de uma fonte, alisando um galo na cabeça. O número de combates havia diminuído, e a população contemplava os estragos da luta, tropeçando em corpos inconscientes espalhados pelas ruas.

Dando três assobios, Arturo conseguiu convocar Falgout e Dazet, embora também obtivesse a atenção dos árabes.

— Eles vão fugir — gritou um mercador nervoso.

— Vamos pegá-los! — bradou um outro.

— Por aqui, efêndis! Por aqui — um par de jovens chamou os estrangeiros, gesticulando muito.

Arturo se voltou e reconheceu Isaac e o primo mais jovem, Nathan. Imediatamente, o grupo de americanos deu meia-volta e seguiu os meninos por ruas tão estreitas que mal passavam dois homens lado a lado.

A multidão que os perseguia foi se dispersando no decorrer do trajeto, mas a avidez dos que restavam em agarrá-los aumentava. Estavam cada vez mais próximos quando os americanos atravessaram um cruzamento, logo em seguida obstruído por uma carreta de duas rodas puxada por um burro.

Dirigida por um fazendeiro, um ancião alquebrado, a carreta estava carregada com um barril de vinho, um imenso vaso de óleo de oliva e inúmeras cestas de laranja. A carga era mantida firme no lugar por uma mulher vestida dos pés à cabeça, que segurava o jarro de óleo com o braço.

Com os gritos dos pedestres e o retumbar dos canhões, o burro estancou de repente, projetando a carreta para frente, de tal modo que a deixou entalada na rua estreita. A mulher gritou, assustada, e largou o vaso de óleo para poder se segurar.

A carga acabou tombando da carreta, espalhando centenas de laranjas aos pés dos transeuntes, bem como o conteúdo do barril e do vaso que se quebraram na queda.

Desconcertado, o velho não sabia o que fazer primeiro. Assobiou e gritou com o burro, logo se desculpando junto às pessoas que acompanhavam a cena. A lamuriosa mulher também teve de ouvir uma torrente de imprecções.

A carreta se moveu alguns centímetros para frente, outros tantos para trás, mas permaneceu entalada. Seu dono não conseguia movê-la, e assim ficou ainda por um bom tempo.

Quando, enfim, foi possível livrar o veículo, os americanos já estavam fora de vista, e a maior parte da multidão desistira da perseguição, retornando à praça para avaliar os estragos do tumulto.

— Você está bem? — perguntou o velho fazendeiro para a mulher, agora sentada em silêncio no fundo da carreta.

— Sim, tio Gideon — respondeu Mahalah com uma risadinha. — Acha que eles conseguirão escapar?

— O destino deles está nas mãos de Jeová. Vamos voltar para casa. Fizemos o que podíamos para ajudá-los.

CAPITULO XVIII

— Atirem acima das cabeças deles! — gritou Jacques, do tombadilho. — Não desejamos matar ninguém, só assustar.

— Sim, claro — responderam os homens do pequeno destacamento, debruçados sobre as amuradas apontando pistolas e mosquetes contra os turcos que se aproximavam em três botes a remo.

A estratégia deu certo, para alegria da tripulação.

Os botes rodopiaram violentamente quando seus ocupantes se jogaram na água para fugir ao ataque.

Na varanda coberta de uma casa de banho da zona portuária, Khalid ai Hammid observava lufadas de poeira se erguendo do solo quando pedaços de rocha caíam na árida clareira a sua frente. No meio da baía, o bergantim ancorado longe dos outros navios lançava pesadas cargas de pólvora e pequenos pedaços de rocha ao ar, produzindo uma chuva de pedras sobre o cais.

Dos fundos, na construção onde estavam presos os escravos, o chefe de polícia podia ouvir os gritos de pânico e desespero.

Idiotas, pensou Khalid, com impaciência. Não havia perigo.

De fato, não havia perigo em lugar algum, mas a zona portuária, geralmente apinhada de trabalhadores e mendigos, estava deserta. Marinheiros e navios mercantes procuraram docas mais abaixo do local do tumulto, e até o vendedor de água havia fechado desnecessariamente sua tenda que ficava bem protegida por enormes ramos de uma árvore de acácias.

Por que os americanos estavam fazendo aquilo? Por que atiravam sobre a cidade, se a intenção não era matar ou destruir? Estreitando os olhos em meio à chuva de pedras, ai Hammid observou, humilhado, os danos causados aos barcos que enviara para atacar o navio? Mais da metade da tripulação pulara na água, e os demais remavam desesperadamente de volta à praia.

Irritado com a incompetência dos homens, com o maldito posto em Tânger, e principalmente com o capitão americano que ousara intimidá-lo, o chefe de polícia só pensava em pôr as mãos em De Leon.

Não podia aceitar tal humilhação. Quando os reforços chegassem, mandaria um destacamento para disparar o canhão, situado no alto de uma das colinas da cidade, contra o navio daquele insolente, afundando-o de uma vez.

Sorriu ante o pensamento, mas logo se deu conta das implicações políticas desse ato. Se por um lado não podia permitir que americanos disparassem canhões sobre a cidade otomana, por outro, se afundasse os infiéis, o sultão por certo teria problemas com o presidente do país dos marinheiros desaforados.

Se ao menos pudesse capturar o capitão, faria com que pagasse por aquela afronta.

De repente, um grupo de pessoas entrou na praça do mercado e avançou pelo cais deserto. Em segundos, Khalid reconheceu Arturo liderando o cortejo, protegendo a mulher loira a seu lado com o imenso corpanzil. Como se Alá tivesse lhe ouvido as preces, o maldito infiel vinha correndo em sua direção! O americano

haveria de ser um oponente à altura. Estava na hora do ajuste de contas.

Quando os marinheiros do Madalena reconheceram os companheiros, cessaram imediatamente os tiros de canhão. Um silêncio súbito se abateu sobre o porto, quebrado apenas pelo som dos pés dos fugitivos rumo a um pequeno bote amarrado no cais. Ao perceber para onde se dirigia o grupo, o chefe de polícia se apressou em postar-se em seu caminho. Quando Arturo o viu, endireitou-se e diminuiu o passo, os olhos azuis fixos no árabe que sacou da espada e o cumprimentou com uma saudação irônica.

O pirata se deteve. Aceitou o desafio com um gesto de cabeça e um sorriso sarcástico. Gentilmente, entregou Danielle aos cuidados de Narcisse.

— Se eu perder, tome conta dela — instruiu o amigo. — Não o deixe tomá-la.

— Eu morreria primeiro, antes de permitir isso — tranquilizou-o Narcisse. — De qualquer forma, não tenha medo. Vai ganhar. Tem muito pelo que viver.

— Está certo, amigo. — Arturo sorriu para Danielle, lívida, o amor transbordando de seus olhos. Em seguida, avançou para encontrar Khalid.

— Não, por favor — sussurrou Danielle —, estamos tão perto de escapar.

— Venha, chère — convocou-a o timoneiro, puxando-a. — Temos de ir para o bote. Turo se juntará a nós quando terminar a luta.

Ela não argumentou, mas sentiu as pernas fraquejarem ao entrar no barco. Aflita, viu os dois homens tomarem posição no meio da clareira, em frente aos armazéns.

As lâminas das espadas brilharam ao sol quando começaram a andar em círculo, cruzando os metais lentamente, testando a força e a habilidade um do outro.

— Que encontro mais auspicioso, capitão — ironizou o árabe, — De alguma forma, sabia que ele ia acontecer cedo ou tarde.

— Também ansiava por ele, pode estar certo — disse Arturo, perigosamente calmo.

Khalid se recolheu para atacar e, em seguida, investiu ferozmente. Arturo, porém, estava pronto para rechaçar as estocadas, mantendo a distância entre eles, os olhos azuis ansiando pela mais leve abertura na guarda do oponente.

De repente, a oportunidade surgiu e o pirata arremeteu contra o árabe, cortando-lhe um pedaço da camisa bufante. Quando puxou a arma, notou que Khalid o fitava com admiração.

Precisava reavaliar o adversário, pensou o comandante. Era melhor espadachim do que imaginara, com mão leve e pulso ágil. Com estas qualidades, seria um prazer ainda maior derrotá-lo.

— Vejo que resgatou a mulher — ele retomou a conversa como se não estivessem em luta.

— Disse-lhe que o faria. Não acreditou em mim?

— Tinha minhas dúvidas. Embora percebesse o quanto a queria, não imaginei que fosse um posseso,

— Você me subestimou. — Arturo avançou, procurando melhorar a posição enquanto ai Hammid continuava falando.

— Não há limites para um louco. — O comandante deu de ombros.

Arturo não se deu ao trabalho de responder. Pressionou o adversário de encontro aos prédios que se alinhavam no cais. Khalid apertou os olhos e silenciou, à medida que o combate recrudescia em violência.

Danielle estremeceu quando o árabe tentou levar Arturo para a beira da água. Temendo distraí-lo com seus gritos, mordeu os lábios e apertou as mãos. Por um instante, o corsário oscilou à beira do embarcadouro, conseguindo, contudo, conter o ataque e recuperar o equilíbrio. No calor da batalha, os homens avançaram e recuaram selvagememente no cais.

— Está ficando cansado — instigou Khalid, ofegante mas feliz ao obter sucesso em uma das estocadas.

— A manhã foi muito corrida — replicou Arturo, seco, não dispensando mais do que um olhar de relance para o ferimento no braço esquerdo. Um fio de sangue foi rapidamente absorvido pelo tecido da roupa, tingindo-a de vermelho.

Embora exausto pela fuga, o pirata sabia que não podia aparentar muito cansaço. De qualquer forma, precisava acabar depressa com o combate. Olhando por sobre o ombro de Khalid, vislumbrou a tenda do vendedor de água, armada sob a árvore de acácias. Renovando o ataque, pressionou o árabe em direção à barraca, decidido a restringir-lhe a mobilidade.

Por seu lado, Khalid parecia resolvido a conversar, por certo para distrair a atenção do inimigo.

Olhando de relance para o fim do embarcadouro onde Danielle assistia à luta, apoiada por Narcisse, declarou, enquanto atacava o flanco de Arturo:

— Sua mulher é adorável, capitão. Talvez a tome para meu próprio harém depois de tirá-lo do caminho.

— Primeiro, teria de matar a mim e a meus homens também. — Arturo ignorou a provocação que o incitava a atacar num momento inadequado.

— Não me incomodo com os outros, mas será lamentável matar você, estrangeiro — disse Khalid, arfando. — Daria um excelente criado.

— Teria de matar-me para ter Danielle — repetiu o corsário, redobrando os esforços e surpreendendo o árabe com um golpe quando este baixou a guarda. — E nem dessa forma se livraria de mim. Eu voltaria em espírito para assombrá-lo.

As últimas palavras sobressaltaram o supersticioso muçulmano que, ao dar-se conta, já estava prensado contra a barraca de água. Brandindo a espada, viu-a prender-se no teto de couro da tenda, a ponta curva cortando-o como se fosse gaze.

Então o pirata lançou-se num ataque fulminante, obrigando o rival a mergulhar na tenda, onde derrubou jarros, de água e perdeu o turbante. Quando conseguiu emergir do outro lado, o americano estava bem atrás dele.

Em volta da árvore, os homens cruzaram os sabres com intenso clamor, suando e pingando no calor do sol da tarde.

Arturo lutava como louco, confirmando as suspeitas de Khalid, a quem encurralou no enorme tronco da árvore.

Naquele momento, quando o americano investiu, o comandante arregalou os olhos e desviou-se da estocada no último instante, escorregando no chão lamacento por causa da água dos vasos. Tropeçou nas cordas da tenda, e a espada do capitão passou zunindo por sua orelha, atingindo a árvore e quebrando-se depois.

— Droga! — gritou Arturo frustrado, fitando, incrédulo, a arma partida.

Recuperando o equilíbrio, Khalid caminhou vagarosamente até o inimigo, de espada em punho.

— Realmente não gostaria de matá-lo, capitão — ele disse com suavidade. — É um inimigo de valor. Entretanto, parece que sua batalha vai terminar antes do previsto.

— Ainda não — exclamou o americano, jogando-se ao solo para pegar a vara que apoiava um dos cantos da tenda. Em seguida, rolou para um lado e se colocou de pé, segurando a arma improvisada com as duas mãos e avançando contra o árabe com um grito.

Uma sombra de apreensão perpassou os olhos cinzentos de Khalid que

agitava vigorosamente a espada, procurando em vão defender-se do ataque inimigo. Aquele homem era mesmo louco! De súbito, praguejando em várias línguas, o capitão agarrou uma das pontas da vara com as duas mãos e começou a usá-la como um cajado, girando-a no ar.

A tática deu certo. Irritado pela oscilação da arma e pelas palavras ininteligíveis ditas pelo americano, o comandante recuou, sentindo medo pela primeira vez na vida.

No instante seguinte, seus dedos foram atingidos pelo porrete do adversário e, com muito custo, manteve a espada na mão, defendendo-se como pôde de uma saraivada de golpes até ser prensado contra a parede de uma casa de banho.

Quando quis prender melhor o cabo da espada com os dedos tão doloridos que só podiam estar quebrados, o árabe foi desarmado com um golpe certeiro. O sabre lhe voou das mãos, indo aterrisar no solo, fora de seu alcance.

Desesperado, olhou na direção da arma, mas não conseguiu se mover. O porrete do lunático estava pressionado contra sua garganta, prendendo-o de encontro ao muro enlameado. Uma simples pressão a mais e ele lhe quebraria o pescoço.

— Vamos, acabe logo com isso — disse Khalid com voz rouca.

— Poderia matá-lo facilmente, de fato — replicou Arturo, ofegando muito —, mas não o farei.

— Vai deixar um inimigo vivo para que ele o ataque outro dia?

O americano respirou fundo e diminuiu a pressão do cajado.

— Não haverá outro dia para nós, ai Hammid. Além disso, como disse, não há limites para o que um homem louco pode fazer.

Recuando, Arturo saudou o árabe com um meneio do bastão que usara como arma. Então, jogando-o ao chão, deu meia volta e caminhou a passos largos para o bote que o aguardava, sem mesmo dar um olhar para trás.

Apoiado no muro, Khalid ouviu os gritos de alegria dos americanos à medida que o capitão deixava o campo de batalha, caminhando com confiança, apesar dos ombros caídos denunciarem sua prostração e de um d&s braços continuar sangrando.

Pelo menos o capitão ficara bastante enfraquecido, pensou Khalid tentando amenizar a sensação de derrota. De qualquer forma, embora odiasse admitir, fora vencido em combate pela primeira vez em muitos anos.

O comandante também observou quando Danielle saiu do bote e se postou na ponta do embarcadouro à espera do vencedor.

Como era linda, refletiu o árabe, enquanto também caminhava na direção da beira da água. Sem véu, os cabelos dourados brilhando ao sol, ela abria um sorriso radiante para De Leon, que se aproximava. Uma mulher feita para o amor... e que pertencia ao capitão americano.

Uma forte inveja assaltou Khalid quando Danielle correu para os braços de Arturo, o grito de júbilo contido num fervoroso abraço. De mãos dadas, caminharam até o bote e remaram de volta ao navio.

Quando o casal se aproximava do bergantim, o comandante da polícia do sultão foi até a ponta do embarcadouro e se sentou num barril, interrompeu sua contemplação ao ouvir as vozes de seus homens que dobravam a esquina. Vinham da cidade armados de sabres, liderados pelo ajudante Mustafá, o único homem da companhia que usava armas de fogo.

Ao constatar que os americanos haviam escapado, o jovem otomano correu para junto de Khalid, ajoelhou-se e fez pontaria nas costas de Arturo. Mas antes que atirasse, foi impedido pelo toque frio da espada de seu superior em sua garganta.

— Não, Mustafá — ordenou o comandante. — Se matar o estrangeiro, a má sorte o perseguirá até o fim da vida e mesmo depois dela. O homem é louco... possuído

- Por um gênio de cabelos dourados. — O que fazer então, oh, senhor? — gaguejou o ajudante. — Eles estão escapando.

— Deixe-os ir. Na verdade, cuide para que saiam do porto sem incidentes. Tânger precisa se livrar desses indesejáveis intrusos o mais rápido possível.

Dito isso, Khalid ai Hammid partiu,, deixando o jovem soldado a imaginar se o exaltado comandante de polícia também não estaria possuído por algum espírito maligno.

O som do muezim soou, vindo das mesquitas, enquanto Danielle era levada a bordo do Madalena por mãos amigas. No convés, rostos queimados de sol, iluminados por largos sorrisos, davam-lhe as boas-vindas. Tomada de emoção, ela sorriu, tremula, e enxugou as lágrimas de alegria.

— Já estava na hora de Turo trazê-la de volta — anunciou Félix, ainda pálido, mas bem-humorado.

— Sim — concordou Pat, fitando seu herói com admiração. — Bem-vinda, srta. Dani. É bom vê-la novamente.

— Sim! — exclamaram vários marinheiros em uníssono.

— Mademoiselle sabe que estamos felizes com sua volta, sã e salva — interrompeu o imediato, a voz embargada de emoção —, mas podemos deixar as boas-vindas para depois. Agora precisamos partir.

— Jacques tem razão — afirmou Arturo que acabara de pisar a bordo, o braço ferido numa tipóia improvisada com tiras do kaffiyeh de Falgout. — Precisamos levantar âncora! Vamos partir já!

Imediatamente, a tripulação se preparou para navegar.

Tomando a mão de Danielle, Arturo a guiou pela escada para conduzi-la ao tombadilho. No caminho, porém, Danielle parou subitamente.

— Não deveríamos descer? Para ver o corte em seu , braço — ela acrescentou rapidamente, notando o olhar malicioso de Arturo.

— Está pensando em recompensar-me pela vitória? — Ele suspirou dramaticamente.

— Talvez, mon cher... depois de cuidar de seu ferimento.

— Cuidaremos do ferimento e da recompensa quando tivermos deixado o porto de Tânger — ele prometeu, puxando-a para o tombadilho.

Da coberta de proa, o casal supervisionou as atividades de partida enquanto Narcisse tomava seu lugar ao timão. Depois, a um sinal de Jacques, a tripulação começou a içar as velas.

— Olhe, capitão — o imediato chamou-lhe a atenção quando o Madalena já deixava o porto. Na linha do horizonte já se podia distinguir os contornos de outro navio que se aproximava. — É o Clara Corey. Nós ganharemos esta corrida, não é?

— Sem dúvida ganharemos — confirmou Arturo, olhando para as velas que o vento inflava.

A última vista do Marrocos foi um pequeno pedaço de praia se estreitando na direção das águas azuis do Atlântico.

De repente, um vulto com a túnica esvoaçando ao sabor do vento surgiu sobre um magnífico cavalo branco, galopando em direção à ponta da praia. Colocando as mãos em volta da boca, ele gritou, a plenos pulmões para o navio que partia:

— Efêndi! Consegue me ouvir? — A voz de Khalid soou distante.

— Sim, ai Hammid! — Arturo foi até a amurada acompanhado de Danielle.

— É um adversário de valor, mas não deve voltar a Tânger. Seria muito arriscado.

— Não se preocupe. Não lhe causarei mais problemas — Arturo gritou de volta. Rindo, estreitou Danielle nos braços.

— E no futuro... — a voz de Khalid estava se tornando imperceptível à medida que o Madalena seguia para mar aberto — veja se toma mais cuidado com sua mulher!

— Asseguro-lhe que ela nunca mais sairá do meu lado — murmurou o pirata, olhando-a com ternura. — Nunca mais a perderei, eu juro!

— Nunca mais — ela repetiu, o coração repleto de felicidade.